This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

STANFORD UNIVERSITY
LIBRARIES

PANTHEON MARANHENSE

PELO

DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL

TOMO II

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1874

PANTHEON MARANHENSE

II

PANTHEON MARANHENSE

ENSAIOS BIOGRAPHICOS

DOS

MARANHENSES ILLUSTRES JÁ FALLECIDOS

PELO

DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL

... nam domesticis exemplis abundamus: cogitasse quidquam putamus indita sibi explendum nisi quid laudabile esse, et preclarum videratur?

(CICER. PARAD.)

TOMO II

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1874

F2571
H37
v.2
~~Locked~~
Stack

VI

O BRIGADEIRO

FELICIANO ANTONIO FALCÃO

VII

O SENADOR

JOAQUIM FRANCO DE SA

VIII

O SENADOR CONSELHEIRO

JOAQUIM VIEIRA DA SILVA E SOUSA

IX

O SENADOR CONSELHEIRO

JOÃO PEDRO DIAS VIEIRA

X

O DOUTOR

JOAQUIM GOMES DE SOUSA

XI

ANTONIO JOAQUIM FRANCO DE SÁ

XII

O CONSELHEIRO

JOÃO DUARTE LISBOA SERRA

XIII

TRAJANO GALVÃO DE CARVALHO

XIV

BELLARMINO DE MATTOS

XV

O SENADOR CONSELHEIRO

FRANCISCO JOSÉ FURTADO

ADVERTENCIA

Agradecendo o bom acolhimento que teve o primeiro tomo d'esta obra tanto de meus comprovincianos, como do jornalismo, e assim tambem as benevolas expressões de pura cortezia e animação usadas nas cartas com que honraram-me alguns distinctos cavalheiros, cabe-me dar razão de mim quanto ao reparo de não ter apresentado os retratos de todos os biographados. Não foi á falta de esforços, porém vi baldadas minhas instantes e iterativas diligencias para obtel-os, talvez por se não haverem alguns d'elles nunca deixado retratar. É esse tambem o motivo porque de dez biographias que vão n'este tomo, são apenas seis acompanhadas das respectivas gravuras, e ainda assim foi a de João Duarte Lisboa Serra approveitada de uma imperfeita miniatura a lapis feita

por um seu condiscipulo quando frequentavam, em 1838, a universidade de Coimbra.

Se acharam em geral traçados com fiel imparcialidade os perfis dos illustres biographados, não foram os escrupulos e criterio com que procedi n'esses trabalhos parte para que deixasse d'incorrer nas censuras dos filhos de José Gonçalves Teixeira, cujo character tive de avaliar; por isso que prendia-se a um dos factos mais salientes da vida de José Candido de Moraes e Silva.

São por mim venerados esses melindres, e tomei em tanta consideração os argumentos por elles produzidos, que tracto com todo o empenho de descubrir onde está a verdade, e creiam que terei immensa satisfação se chegar um dia a declarar que n'este ponto cahi em êrro com meus informantes, aliás mui chegados a José Candido, e por isso mesmo tão competentes e verdadeiros; e que as notícias dos jornaes da epocha, que compulsei e confrontei com tão diversos apontamentos, eram apaixonadas.

Importa por derradeiro fazer brevissimas considerações tendentes a justificar minhas intenções mal apreciadas por um illustre confrade. Disse o sr. conego dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro,

1.º secretario do Instituto Historico e Geographico do Brasil, no relatorio appresentado na sessão magna d'essa corporação scientifica e litteraria, realisada a 25 de dezembro de 1873 (*Jornal do Commercio* de 30 do mesmo mez e anno) o seguinte, ao communicar aos nossos consocios o recebimento de um exemplar do primeiro tomo do *Pantheon Maranhense.*

«Recebemos no derradeiro dia de sessão ordinanaria um exemplar do *Pantheon Maranhense* devido á laboriosa e patriotica penna do nosso consocio o sr. dr. A. Henriques Leal. No volume que acaba de sahir da imprensa nacional de Lisboa, lêem-se as biographias de Manuel Odorico Mendes, João Ignacio da Cunha (visconde de Alcantara), Francisco Sotero dos Reis, José Candido de Moraes e Silva e Antonio Pedro da Costa Ferreira (barão do Pindaré). Faltou-me tempo para detidamente apreciar tão substanciosa obra; mas o seu simples titulo e exposição do plano, foram bastantes para entristecer-me, julgando descobrir n'ella tendencias autonomicas e um certo *particularismo* que muito desejava ver banido da nossa recente litteratura.»

Bem longe estava eu de suspeitar que no recinto

ver as vidas de tantos brasileiros insignes sem que cahisse em graves erros de datas e de apreciações de factos, e em omissões de nomes que pareceriam, clamorosas, senão injustas e apaixonadas exclusões por mais cuidado que empregasse em tornar copiosa a collecção.

Ao conceber esta publicação, esperançava-me a fagueira idéa, e applaudia-me de que iria com ella estimular outros obreiros a emprehenderem em suas respectivas provincias obras identicas a esta, para aproveitarem depois a quem, melhor aquinhoado nos dons da intelligencia e fecundo no produzir, architectasse um dia o nosso *Pantheon Brasileiro*. Prézo talvez em demasia a missão de escriptor, e por isso não supponho cousa de pouco momento serzir alheios retalhos, inventar factos e datas, abusando assim do público, sem se embaraçar quem o faz com o remordimento da propria consciencia e o stygma de improbidade litteraria com que os contemporaneos lhe marcarão o nome sem porvir.

Lisboa, 3 de maio de 1874.

VI

O BRIGADEIRO FELICIANO ANTONIO FALCÃO

Quem na lide mais intrepido,
Quem mais sisudo no plano,
Quem no vencer foi mais rapido,
Na victoria mais humano,
Que tu, genio do Brazil?

TRAJANO GALVÃO — *Tres lyras*, pag. 39.

I

Entre o general afoito, que, confiado na bravura e na sua boa estrella, compromette um exercito em acções duvidosas e arriscadas, em que periga o futuro do seu paiz, e aquelle a quem assiste a previdencia no planear, a prudencia no obrar, e a paciencia no esperar, prefiro este. O primeiro, tendo só em mira a glória e o engrandecimento do seu nome, tudo sacrifica a elles sem se lhe importar que seja seu pedestal formado de hecatombes humanas. Este busca servir sua terra, poupando vidas, obedecendo ás leis, attendendo ás menores circumstancias e eventualidades, com o espirito reflexivo que pesa e calcula tudo. Só dá combate depois de prévio exame, e quando empenhado n'elle, esforça-se por evitar grandes perdas. Nos lances ainda os mais criticos e temero-

sos conserva o sangue-frio e a imperturbabilidade precisos para descobrir e desfazer os obstaculos que emerjam e possam sustar a marcha dos acontecimentos. Aquelle importa-se unicamente dos prós — tem por norma um dos principios cardeaes dos jesuitas applicado á guerra. — A invasão da Russia não foi menos fatal aos exercitos de Napoleão do que a sua retirada, emquanto que a dos dez mil honra até hoje a memória de Xenophonte.

Um antepõe a glória a tudo — é o egoismo na bravura, é ter a propria fama por alvo de suas acções; o outro tem por unico norte a patria — o homem e o patriotismo enchem-lhe a alma.

Estas eram as virtudes militares do brigadeiro Feliciano Antonio Falcão, que á muita probidade alliava respeito ás leis, espirito eminentemente disciplinador, e affecto paternal a seus soldados. Isento de todo o pensamento interesseiro, era alheio ás paixões e ás luctas politicas, conservando nos quarteis a imparcialidade e a placidez que tanto o distinguiam no acampamento e nas refregas. Se era notavel por essas qualidades, não o era menos pela resignação nos soffrimentos e a serenidade com que conformava-se ás injustiças que por vezes o feriram.

Seus soldados eram-lhe filhos que estremecia, que protegia e acariciava, sem comtudo deixar de applicar os castigos regulamentares aos que se transviavam do bom caminho. Era tambem d'ahi que originava-se essa confiança illimitada que todos tinhamos no seu batalhão, cuja disciplina, boa ordem, luzimento, arreganho militar

e comportamento exemplar tornavam-n'o sempre um dos mais distinctos entre todos os do nosso exercito. Reflexo do seu commandante, que se identificára com elle, constituiam ambos um todo concreto.

II

Nasceu Feliciano Antonio Falcão a 31 de maio de 1810 nos quarteis do Campo d'Ourique da cidade de Sam' Luiz do Maranhão. Seus paes, o brigadeiro Manuel Antonio Falcão, e a esposa d'este, D. Maria do Carmo Monteiro, ahi residiam com a familia em virtude do posto e do encargo que tinha aquelle no exercito portuguez.

Sentindo D. Maria do Carmo proxima a hora de dar á luz, mandou logo o sollicito esposo recado á parteira. Tardava esta e já se manifestavam os symptomas de que estava por instantes o termo do parto. Na sua ância e temor não sabia já o esposo dar-se a conselho, porque via em perigo duas vidas que lhe eram tão charas. Dirigiu-se então a um grupo de soldados que lhe acercavam a porta, inquirindo se algum d'elles se atrevia a receber a creança e a pençal-a. Apresentou-se um d'elles, latagão reforçado e corpulento, que recebeu em seus braços o futuro brigadeiro Falcão. Só parece que a sorte lhe propiciára aquelle primeiro berço e circumstancias de nascimento como para indicar-lhe qual a carreira que lhe estava assignalada e encheria sua existencia.

Quantas vezes não ouvi ao tostado barqueiro Antonio,

depois teve ensejo de mostrar no motim de 19 de novembro os quilates de seu valor. Notando a frouxidão do commandante das fôrças, apresentou-se no conflicto com o seu piquete primeiro que qualquer outro corpo, declarando-se a favor das authoridades constituidas. Não limitaram-se ahi seus prestantes serviços — impediu, tambem, ainda com risco de vida, que as tropas aquarteladas no Campo d'Ourique cedessem aos appellos dos amotinados e confraternisassem com elles, como já o referi em outra parte d'esta obra. (*Biographia de José Candido*, tom. I, pag. 231.)

Creada na capital da provincia a companhia de guardas municipaes permanentes, onde assentaram praça muitos filhos das principaes familias, foi-lhe conferido o commando d'ella (desde 22 de janeiro de 1832 até 21 de junho de 1836). A elle deveu esse corpo a boa reputação de que gozava, por sua exemplar organisação e instrucção.

As necessidades sempre crescentes da provincia exigiam um corpo mais desenvolvido, e que tivesse a seu cargo o policiamento de toda ella. Decretada pela assembléa provincial essa medida, tão reclamada, ninguem por certo estava mais bem talhado para formar e dirigir esse batalhão do que o illustre official maranhense, e nem cabia nas rectas intenções e zêlo do presidente Costa Ferreira (depois barão de Pindaré) fazer outra escolha; e assim foi aquelle capitão nomeado por portaria de 23 de junho de 1836 para commandal-o. Desde esse dia até 30 de novembro de 1841 esteve Falcão á frente d'essa fôrça provincial, que podia servir de modêlo em todos os sen-

tidos, e nem invejava ao melhor corpo de linha. Era uma garantia e segurança para todos, um auxiliar poderoso no descobrimento de criminosos, na execução das ordens do govêrno, na manutenção da tranquillidade pública. Todas as horas d'este brioso militar, todas as suas vigilias, cuidados e cogitações empregava-os nos negocios d'esse batalhão, que creára, organisára e instruíra. Sem embargo de ser seu filho mimoso, nem por isso o tractava com mais indulgencia e vigiava menos para que não descahisse um apice sequer. Tudo passava por suas vistas e mãos, e de tudo cuidava—do rancho, do fardamento, do soldado na molestia: attendia ás queixas d'elles e ás dos particulares, e ai do que incurria no seu desagrado por quebra de disciplina, por abusos ou por frouxidão; que não havia dobrar o justiceiro commandante para que alliviasse o delinquente do castigo que lhe marcava! Quem não viu ou não soube que Falcão, nas noites escuras e tempestuosas, por baixo de chuva e descalço, a fim de que não o presentissem, rondava as ruas da cidade para observar se as sentinellas estavam a postos e as rondas nas suas diligencias? D'ahi tambem ganhou esse corpo tamanha confiança e fama que ninguem se atrevia a affrontar as leis em presença de um soldado de policia, e era bastante um ou dous para que qualquer ajuntamento de povo se contivesse nos limites da ordem ou se dispersasse quando lhe era isso intimado.

Que distancia immensa não vae do corpo de policia commandado por Falcão do que foi elle depois!? Que de transformações se têem operado n'elle de então para cá!...

III

Eram frequentes as sublevações no tempo da regencia: contavam-se os motins pelos annos — ora esta, ora aquella provincia insurgia-se contra o govêrno estabelecido. As paixões estavam em ebullição e referviam por toda a parte. Bastava o menor choque para que viessem á flôr em conflicto pronunciado e os animos não estavam menos irrequietos e apprehensivos no Maranhão do que no Pará e Rio Grande do Sul. Veiu aggravar esta situação da nossa provincia a compressão e a violencia das authoridades subalternas, a quem o presidente Camargo armára com a lei dos prefeitos, mal recebida da população. Essa rede policial, que tolhia em suas malhas a liberdade, com flagrante transgressão do pacto fundamental, estendeu-se por toda a provincia, irritando a maioria, e exaltando as classes menos favorecidas de fortuna e de instrucção, as quaes por isso mesmo eram as que soffriam principalmente os abusos d'essas authoridades.

Preparada assim a mina, bastou a mais tenue faísca para produzir-se a explosão. Não foi preciso mais do que o recrutamento arbitrario de uns populares na villa da Manga do Iguará, para que rebentasse essa revolta, que teve a principio por chefe o mulato Raymundo Gomes, a quem veiu depois reunir-se *Balaio*, tambem homem de côr, e que transmittiu seu appellido a esse movimento popular. A *balaiada* engrossou ainda muito mais

com a juncção dos troços de Cosme, cuja côr preta serviu para aliciar os da sua laia e dar a ella proporções mais tremendas com os bandos de escravos que desertavam das fazendas de seus senhores e acolhiam-se ás fileiras rebeldes, imaginando que d'este geito adquiririam a liberdade.

Essa revolta plebéa, que não foi fomentada por nenhum partido, e nem aconselhada e mantida por nenhum homem de posição ou de fortuna, assolou comtudo a provincia e só pôde extinguir-se no fim de dois annos, por meio da mais ampla amnistia, concedida pela magnanimidade do Imperador aos revoltosos, já cançados e dizimados das continuas assaltadas e derrotas.

Substituiu a Camargo na administração da provincia Manuel Felizardo de Sousa e Mello (depois conselheiro, senador, etc.), e foi a este que coube o trabalho mais penoso e difficil d'esta campanha — o de levantar e organisar as fôrças, expedil-as, e crear os meios com que depois foram desbaratados os rebeldes. Conhecendo elle quanto valia Falcão, nomeou-o a 13 de março de 1839 commandante das operações, e depois, a 7 de agosto do mesmo anno, o encarregou de dirigir o primeiro batalhão da brigada pacificadora.

Que de bravura e de sangue-frio não desenvolveu Falcão nos recontros com os rebeldes? que de paciente e infatigavel vigilancia nos acampamentos, por que nada faltasse a seus subordinados, por que se aperfeiçoassem no manejo das armas, por que as munições de guerra e de bocca não escasseassem?! Por quantas dolorosas decepções não passou elle, ao encontrar os abusos e deleixos

dos fornecedores apadrinhados, dos seus companheiros de armas, seus pares e superiores em postos, que lhe frustravam os planos, por malicia e relaxismo ou covardia e impericia, ou já por não hombrearem com elle e nem comprehenderem o que era a patria e o culto que lhe é devido?!

De todas as acções em que entrou n'esta lucta civil, nenhuma o illustrou mais e exalçou tanto os bons creditos de Falcão como o combatte das Areias.

A duas leguas da villa do Monim acampavam-se as fôrças rebeldes, escolhendo para isso uma eminencia chamada *Areias,* onde a estrada forma um cotovêllo. Ahi fortificaram-se, construindo umas trincheiras de páu a pique, com tres pés de altura, revestidas de espêsso folhiço e circumvalladas externamente por um fosso. Logo que tiveram aviso de que as tropas legaes aproximavam-se, agacharam-se por traz d'essas paliçadas e aguardaram silenciosos o accommettimento. Foi porfiada a peleja do dia 9 de dezembro de 1839, e vivissimo o fogo dos inimigos, recebendo as tropas ao mando de Falcão em cheio e a descoberto os tiros certeiros dos *balaios;* mas apesar do inesperado e mortifero da acção, acompanharam os soldados ao seu commandante na bravura. Ficaram na primeira descarga cerca de trinta fóra de combatte, nem por isso desmaiou Falcão, senão que fez avançar sempre sua gente. «O estoico major, diz testemunho imparcial, não recuava apesar de já tropeçar entre mortos e feridos apinhoados no caminho. Quiz a vanguarda retroceder, tão desalentada estava; mas elle conteve-a e for-

çou-a a nova investida» *(Obras* de D. J. G. de Magalhães, tom. VIII, cap. IX, pag. 43 — *Hist. da Rev. do Maranhão* I). Teria de certo triumphado d'essa sangrada refrega, se o covarde official a quem incumbiu de flanquear os rebeldes e attacal-os pela retaguarda, tivesse executado suas ordens.

Ficaram n'esta acção feridos e mortos perto de mil homens, pondo afinal termo á peleja e afugentando os rebeldes os reforços frescos, que sob as ordens do intrepido alferes Antonio de Sampaio (depois morto em brigadeiro na campanha do Paraguay), vieram accudir ao major Falcão. Foi n'esse dia memoravel que o bravo militar maranhense recebeu o baptismo de sangue, cobrindo-se de louros e de feridas recebidas com denodo, calma e desprêzo da vida, como quem estima o brio e a patria mais do que tudo, e do que já dous dias antes havia dado sobeja prova em uma escaramuça.

Foi, entretanto, esse heroico attaque que serviu de thema á inveja para querer tisnar o merito do joven militar! Attribuiu-lhe a malevolencia o mau exito d'este dia, deixando incolume o coronel Sergio, a cujas ordens elle obedecia, e que estava com o grosso do exercito em lugar de onde ouvia o som da mosquetaria e das cornetas, sem mandar tropas em auxilio da guarda avançada que estava a sacrificar-se!

Ainda bem que um escriptor desprendido inteiramente de affeições e resguardos pelo distincto maranhense, escrevendo a história d'essa revolução, vingou a memória de Falcão. O ex.^{mo} sr. dr. Domingos J. G. de Magalhães

(hoje barão d'Araguaya), que então servia de secretario e andava nos segredos do general (duque de Caxias), testemunha quasi que occular dos factos e por cujas vistas passavam todos os documentos officiaes, demonstrou na sua *Memória historica da revolução do Maranhão,* com argumentos e provas irrecusaveis, que a culpa recahia tão sómente no cobarde official que não auxiliou seu bem concebido plano, e sobretudo no commandante da brigada que deixou-se ficar na mais criminosa inacção sem ao menos enviar para alli uma partida de seu exercito! Veja-se a citada memória *(Obras* de D. J. G. de Magalhães — tom. VIII, pag. 43 a 45, ou o n.º 11 da *Revista Trimensal* — tom. III, da 2.ª serie), na parte relativa ao attaque das *Areias,* que se ficará convencido da innocencia de Falcão, e sua reputação, em vez de nodoada, reivindicada, como a justiça o exige.

«E o nobre militar foi posto á margem desde então até que o novo presidente e commandante das armas, coronel Luiz Alves de Lima (duque de Caxias), o foi arrancar de tão injusto ostracismo.» Referindo-se, depois o mesmo ex.mo sr. dr. Magalhães a este facto, prosegue n'estes termos: «Fez o presidente marchar quinhentas praças sob a obediencia do major Feliciano Antonio Falcão, que desde o desastroso attaque das *Areias* ficára sem ser empregado, por intrigas de que foi victima, sendo aliás official moço, honrado e severo de costumes, postoque não experimentado, por ser esta a primeira guerra que fazia: o presidente, porém, que se não deixava illudir por insinuações, descobrindo as boas qualidades da sua pes-

soa, o tirou do esquecimento, quasi da morte, e lhe quiz dar esta occasião de restabelecer seu credito *(Ob. cit.*, pag. 81).»

Se o favoreceu a fortuna e o acompanhou até o posto de capitão, desamparou-o depois, e por mais serviços e por melhor fé d'officio, nem por isso adiantou-se na carreira até que afinal, a 9 de outubro de 1839, foi promovido a major. Chamado a 7 de março de 1840 para servir ás ordens do presidente e commandante das armas do Maranhão, o coronel Luiz Alves de Lima (hoje general e duque de Caxias), reconheceu este que o tecto seguro de uma secretaría de guerra não era lugar asado onde se expandisse o genio guerreiro do bravo major, e d'ahi ha dois dias o dispensou d'essa commissão, passando Falcão a 19 do mesmo mez a tomar conta do acampamento da Vargem-Grande, cujas paragens eram mui infestadas de rebeldes. A 13 de agosto (1840) estava no commando da terceira columna em operações, gosando desde 17 d'esse mesmo mez da effectividade do posto de major, sendo tambem condecorado com o officialato da Imperial Ordem da Roza pelos serviços prestados á pacificação da provincia: nunca houve galardão concedido com mais justiça, nem peito onde resplandecesse com mais fulgor uma vénera. Foi-lhe por esse tempo conferido tambem o habito de S. Bento d'Aviz por contar mais de vinte annos de serviço.

Tornado á capital do Maranhão, não se ficou no remanso do ocio que pedia sua saude deteriorada na campanha. Foram reclamados seus serviços pelo presi-

dente, que a 15 de março o nomeou prefeito de policia, e de que só a 20 de novembro (1841) conseguiu ser exonerado, depois de muito instar por isso. Já era desde 18 de julho graduado em tenente coronel, em cuja effectividade foi confirmado a 7 de setembro de 1842.

Foi-lhe confiado o commando do batalhão 7 de caçadores (de 16 de dezembro de 1841 até 31 de janeiro de 1843), e como tal passou-se de novo a commandar a guarnição de Caxias. Não terminou, porém, o anno de 1843 que não fosse em 1.° de dezembro empossado no commando do 5.° de fuzileiros, cuja direcção só deixou no posto de brigadeiro.

Identificado com este batalhão, reorganisou-o e elevou-o a um tal apuro de disciplina e de bom proceder, que em toda a parte onde apparecia Falcão com seu corpo, nas cidades como nos campos de batalha, deixavam de si bom nome e tornavam-se sympathicos ás populações, ao mesmo tempo que os desordeiros e malfeitores os temiam, e os potentados e influencias eleitoraes os respeitavam; porque eram de todos conhecidos os brios do 5.° de fuzileiros e sabía-se que seu commandante não transigia com as parcialidades politicas e nem contravinha ás ordens legaes emanadas da authoridade competente.

D'isto temos um exemplo bem notorio e no proprio local em que contava Falcão parentes e amigos, e onde os laços de affeições tão charas poderiam fazel-o torcer ou minguar d'aquella rigidez de character que ninguem n'elle desconhecia.

Desde 1846 que as paixões politicas, acirradas pelos odios de familia, se desbocavam na imprensa, terreno commum de atrocissimas e injuriosas retaliações.

Com a nova administração de um maranhense illustre e atilado que soube conciliar os espiritos, chamando a si muitos homens, aliás respeitaveis e importantes por sua illustração e posição social, mas que se achavam, uns retirados da vida pública desgostosos da marcha e tendencia dos negocios politicos, outros perseguidos e arredios por amor de seus principios. Arvorou Franco de Sá a bandeira dos melhoramentos moraes e materiaes e da conciliação, em que veiu dentro em pouco alistar-se a maioria da provincia, creando-se assim um partido forte, cheio de crença e enthusiasmo, e que com o nome de *Liga* prestou grande auxilio a esse presidente laborioso e patriota.

O grupo, que foi apeado do poder, entre os expedientes de que soccorreu-se para fazer opposição ao novo partido foi o de impedir que os da *Liga* passassem a 7 de setembro pela rua onde aquelle tinha uma illuminação; dado que as passeatas politicas estivessem no costume de a percorrerem nos dias de festividade nacional, quando os interêsses lembram-lhes de commemorar feitos passados.

Animados os chefes do grupo decahido de idéas subversivas, muniram-se ás occultas de projectis guardados em certas casas onde a rua se estreita, armaram alguns de seus parciaes de cacetes e punhaes, e assim esperavam os contrarios que, sem suspeitarem intenções tão

hostis, vinham inermes e bem dispostos, ainda que em número muito superior e sufficiente para em um conflicto desbaratarem e pôrem em fuga quaesquer aggressores. Ao aproximarem-se do largo de San'João, eis senão quando são arremessados de todos os lados fundos de garrafas, e arremettem grupos armados e furiosos contra as primeiras filas dos *ligueiros*.

Sem embargo da surpreza e do inopinado do attaque, procuram estes repellil-o armando-se ás pressas com achas de lenha que alguns estabelecimentos commerciaes mais proximos lhes forneceram: a lucta ía travar-se e parecia imminente um terrivel conflicto de mui graves consequencias, quando apparece o 5.° de fuzileiros com o seu commandante, e este por sua energica attitude, por seu circumspecto e cordato procedimento conseguiu restabelecer a ordem, volvendo os espiritos á razão e á calma.

IV

Contava Feliciano Antonio Falcão perto de quarenta annos de edade, e nunca tinha ainda sahido da sua provincia natal. Ahi recebeu o seu aprendizado militar, exercitou-se nas armas, e fez sua primeira campanha, que desde logo o tornou distincto entre os bravos.

Em 1848 entrára pela primeira vez para os conselhos da corôa, como ministro da guerra, Manuel Felizardo de Sousa e Mello, que fez desde logo transferir o 5.° de fuzileiros para a provincia de Pernambuco. Foi isso um

acontecimento que consternou demasiado os habitantes da provincia do Maranhão, sendo baldados os esforços que alguns d'elles empregaram para que o ministro cassasse similhante ordem. Veiu tal insistencia na remoção do commandante do 5.º de fuzileiros como que dar corpo á suspeita de vingança em satisfação da antiga rixa e da inveja que lhe ficára desde os brilhantes feitos de Falcão na arriscada expedição contra os *balaios*. Não procurarei averiguar o que ha de real ou de falso n'este boato; mas o que é certo é que elle correu sem contestação quando o 5.º de fuzileiros e seu commandante foram removidos para Pernambuco, sem que o serviço público ou a boa disciplina o houvesse exigido, ficando de mais a mais desfalcada de tropa de linha a provincia do Maranhão, e os cofres publicos das grossas quantias que acarretam sempre comsigo os movimentos de tropas, onde os transportes são caros; postoque d'esta vez não foram elles de todo perdidos como o vieram confirmar os futuros successos.

Com a revolução de fevereiro de 1848 e a proclamação da republica em França, os espiritos menos reflectidos alvoroçaram-se, e essa agitação, sem embargo de fraca e indecisa, abalava de algum modo as instituições do nosso paiz. Na provincia de Pernambuco, mais enthusiasta que as outras, e onde as paixões crescem e tumultuam com mais impeto e facilidade, não ficaram os animos exaltados só em vagas aspirações, senão que tentaram pôr por obra suas idéas.

Nos dias 26 e 27 de junho amotinou-se a plebe, alte-

rando por momentos a ordem e segurança pública com o criminoso fito de invadir o bairro commercial do Recife, onde os mal intencionados pretendiam, segundo era voz, commetter roubos e outros excessos.

Encontraram, porém, os amotinados a ponte que dava livre entrada para o Recife occupada pelo 5.º de fuzileiros, que não só a deffendeu com muito valor e tenacidade, como tambem os destroçou. Foram estes os preludios da tremenda revolução, conhecida pelo nome *Praieira,* que se desencadeou sobre a bella e rica provincia de Pernambuco e talou-a por mais de dois annos.

Se foi êrro e crime n'aquelles que ergueram o grito da rebellião, maior êrro e crime mais imperdoavel foi o d'aquelles que deliberadamente a provocaram, comprimindo esse partido, exacerbando-o e precipitando-o no desesperado e sempre calamitoso recurso da resistencia armada! Não a desculpo, mas hei de sempre deplorar os dois martyres que n'esse periplo de sangue marcaram com sua morte as duas phases mais salientes d'elle: — Nunes Machado no maior auge da revolta e quando ella parecia triumphar, e Pedro Ivo na decadencia d'ella, quando se compunha quasi que de guerrilhas. Aquelle morto traiçoeiramente no fervor da contenda, este fria e calculadamente encerrado nos carceres de uma fortaleza com deshonra do proprio pae que o attrahira a essa cilada com fallazes promessas de perdão! Corra-se, porém, espesso véu sobre essas paginas negras da nossa história contemporanea, e apontemos apenas os feitos de armas em que se distinguiram o bravo maranhense e o seu batalhão

composto de comprovincianos nossos. Foi o primeiro d'elles a parte mui activa que tomou Falcão no attaque de Curangy (20 de dezembro de 1848).

Despartidos os rebeldes, depois do desbarato de 2 de fevereiro em dous corpos, refugiou-se um, com o dr. Felix Peixoto de Britto, hoje nosso consul em Hespanha, á sua frente ao norte da provincia, e outro, de que era cheffe Pedro Ivo, ao sul d'ella. Encarregado Falcão de dirigir as operações do norte, sob as ordens do marechal de campo Coelho, foi um de seus primeiros feitos na perseguição d'esses sublevados o da occupação da villa do Limoeiro.

D'ahi passou-se com o seu brioso batalhão para o sul da mesma provincia, percorrendo de 16 de janeiro até 6 de fevereiro de 1849 o territorio que permeia a villa do Rio Formoso da povoação de Panellas de Miranda. De 10 de fevereiro a 12 de março vêmo-lo no commando da columna em operações, e foi com ella que ganhou o combatte de 13 de fevereiro no engenho Páu-Amarello, e a 21 o da cidade do Brejo-d'Areia, rechaçando os revoltosos, que internaram-se nos mattos, como seguro refúgio. Foram estas duas victórias memoraveis pelo encarniçamento da lucta e ainda mais por seus resultados, que deram profundo e mortal golpe n'essa rebellião, e contribuiram efficazmente para a pacificação da provincia de Pernambuco, como o proprio presidente d'ella o declarou no relatorio apresentado no seguinte anno á assembléa provincial, fazendo com isso inteira justiça ao nosso valente comprovinciano. Ainda ahi estão bem frescas as

memórias das gentilezas de valor que praticou Falcão nos attaques de Páu-d'Alho, da Escada, de Nazareth (30 de novembro de 1850), e das mattas de Maricotas e de Catucá, onde commandava a vanguarda. Foram estas por sem dúvida as mais disputadas e sanguinolentas de todas as pelejas d'esta campanha fratricida, e tambem as em que o 5.º de fuzileiros e seu commandante primaram, avantajando-se aos demais corpos empenhados n'ellas.

Não foi tambem parco o govêrno imperial em premiar o valor e a dedicação do intrepido commandante do 5.º de fuzileiros. A 5 de maio de 1849 teve a mercê do officialato da imperial ordem do Cruzeiro, e de commendador da da Roza, e a 18 de novembro do mesmo anno foi elevado ao posto de coronel por distincção.

V

Ainda não de todo cicatrizadas as feridas abertas pela guerra civil que assolou Pernambuco, vimo'-nos obrigados a entrar em campanha contra as republicas do Prata para reprimir-lhes as demasias e desaggravar nossos brios, menoscabados pelas invasões do territorio do imperio, e damnos causados a nossos concidadãos, sem attenção ás promptas reclamações do govêrno. Os rio-grandenses cansados de esperar as decisões da tortuosa diplomacia, tomaram por suas mãos desaffrontar-se de tantos vexames. O barão de Jacuhy, um dos que mais soffriam em sua fazenda, apresentou-se em campo com numerosos

bandos armados, e tomou por suas mãos a desforra, fazendo por sua vez uma correria na republica do Uruguay. Depois d'isto só havia dois extremos a escolher, ou passar o govêrno brasileiro pelas forcas caudinas de Oribe, curvando-se submisso ás suas exigencias, e entregando-lhe os aggressores, ou erguendo altivo a fronte e reptando o insolente dictador da banda oriental para o campo da honra. Escolheu o Brazil em boa hora este último e applaudido alvitre.

Reuniu as fôrças disponiveis, que estacionavam ainda em Pernambuco e as dispersas pelas differentes provincias, e com um exercito e esquadrilha soffriveis sulcámos as aguas do Prata. Reforçado o nosso exercito com os troços de Urquiza, governador de Corrientes, rebellado contra D. Manuel Rosas, e com os que se oppunham na campanha oriental ao dominio oppressivo de Oribe, foi essa guerra um triumpho ininterrupto, em que, cabendo aos nossos os maiores perigos, foram-lhe, comtudo, aguarentados os louros pela má fé dos alliados. Aniquilado o poder de Oribe, nossas armas voltaram-se contra Rosas, que offerecendo maior resistencia, tiveram por isso de ser mais rijos os combattes travados em Buenos-Ayres.

Á nossa marinha e fôrça de terra pertenceram os postos mais arriscados e o maior quinhão de glória em todos elles, tornando-se ahi mui notado o soldado brasileiro por sua bravura, resignação, honradez, instrucção e organisação militar.

Entre os batalhões que acudiram ao reclamo do govêrno, achava-se o 5.° de fuzileiros, que no sólo estran-

geiro nunca desmentiu o conceito que já havia adquirido, e a confiança que n'elle depositava o coronel Falcão, seu commandante, a quem acompanhou nas mais perigosas emprezas, ajudando-o assim a aureolar cada vez mais a brilhante corôa que lhe cingia a fronte e o exalçava acima os primeiros bravos. De todas as acções em que entraram elle e seu batalhão, foi a mais célebre, a de Monte-Caceros, que ainda hoje commemoram seus antigos companheiros d'armas.

Commandava elle a segunda brigada da divisão brasileira, e na posição temerosissima da vanguarda, era o primeiro na peleja, arremetendo furioso com a espada em punho contra os aguerridos inimigos a repettir aos seus: — avança 5.º, avança! Foi o resultado de tantos esforços e denodo a mais estrondosa victória.

Como é sabido, os exercitos brasileiros sahiram triumphantes d'esta gloriosa campanha, e o dictador Rosas, desbaratadas suas fôrças e rendido até o derradeiro baluarte, procurou na fuga escapar ao merecido castigo que os desgraçados argentinos lhe infligiriam de certo.

Foi o galardão encontrar o bravo maranhense ainda nos campos de suas façanhas: — a 3 de março de 1852 elevado ao posto de brigadeiro, a 14 de junho do mesmo anno recebeu a dignataria da imperial ordem do Cruzeiro e as medalhas que assignalavam os bravos que assistiram a esta campanha do Rio da Prata.

Desoppressas as republicas cisplatinas d'esses tyrannetes, e desaffrontadas ao mesmo tempo a honra e a dignidade do Brasil, estabeleceram-se n'ellas governos regu-

ares, não oriundos do terror, mas do voto nacional extreme de imposições. Terminada, pois, a missão dos exercitos brasileiros, voltaram aos lares com os louros e os trophéus ganhos tão brava e honrosamente.

Com elles tambem veiu o 5.° de fuzileiros, viuvo de seu cheffe; que a alta patente que occupava o brigadeiro Falcão lhe não consentia mais o commando de um batalhão, incumbindo-lhe commissões mais importantes e elevadas.

Sem esse guia vigilante, sem esse conselheiro e solerte instructor, que o arregimentava, que o continha nas regras da boa disciplina, que tanto o admoestava quanto o protegia, foi o 5.° de fuzileiros perdendo os brios e com elle o prestigio e consideração que tivera, decahidos dia a dia até manchar-se com o labéu de covarde que mereceu nos campos de Paraguay, onde pela primeira vez fugiu ante o inimigo! Hoje o que resta d'elle? O casco informe do antigo 5.° de fuzileiros, desorganisado, diminuido e quasi dissolvido, onde se alista o refugo d'officiaes incapazes e de cadetes e soldados insubordinados e desordeiros. Nem vestigio do que foi apparenta essa mescla de outros corpos que estaciona de novo na capital do Maranhão!

Desligado portanto Falcão do corpo a que dera tamanha nomeada, sigâmo-lo nos diversos encargos que preencheu d'ahi em deante. A 6 de dezembro de 1852 foi nomeado director do arsenal de guerra da côrte, e a 17 do mesmo mez e anno membro do conselho de administração para fornecimento do mesmo arsenal, funcções estas

que exerceu por pouco tempo; porque sua presença ahi contrariava os especuladores agaloados e seus protectores.

O arsenal de guerra da côrte, verdadeiro tonel das Danaides, sorvia os dinheiros publicos de um modo assombroso, e as delapidações eram tão escandalosas, e mancumunavam-se tão ás claras os fornecedores e funccionarios para as praticar, que já não havia quem as ignorasse. Veiu dar-lhes ainda maior vulgarisação as denúncias formaes que em pleno parlamento apresentou o deputado dr. Mello Franco, documentando-as com os proprios objectos fornecidos, que eram as mais eloquentes peças d'esse corpo de delicto. Causou essa discussão pasmo e animadversão geraes, e foi por muito tempo o thema obrigado dos jornaes e das censuras particulares. Só as linhas que se consumiram ali em um anno, os sapatos, cujas solas tinham apenas quatro pontos, e a grosseira baeta qualificada de pano fino, fallavam bem alto contra tão desenfreados abusos.

Foi n'este estado de desmoralisação, de relaxismo, e descarada ladroagem que Falcão tomou conta do arsenal de guerra. Se foram innumeros os obstaculos que encontrou, soube-os vencer um a um, sem que se lhe entibiasse o ardente e incansavel empenho d'extirpar tantos e tão enraizados cancros. As contrariedades, as intrigas, as queixas dos delapidadores assoberbavam e enredavam incessantes o brigadeiro Falcão. O homem incorruptivel, probo e excessivamente zeloso de sua reputação e de tudo quanto era do seu paiz, arcou, porém, palmo a palmo com po-

derosos inimigos que só procuravam feril-o ás occultas e pelas costas; mas nem por isso esfriou no plano encetado. Conforme seu hábito, tudo corria-lhe pelas mãos, tudo via e examinava e reformava, fazendo aqui a ablação de uma excrescencia, ali applicando o cauterio a um vicio e corrigindo-o; ajunctava á correcção a este empregado, o premio e o louvor ao que procedia bem, ao que lhe parecia approveitavel.

Não tinham tambem limites os clamores dos interessados na continuação do inveterado latrocinio, e como entravam nas lucrativas especulações contra a fazenda pública grandes e pequenos, não lhes convinha tanta vigilancia e rigidez de principios, nem tão extremado zêlo dos dinheiros publicos. Taes manejos empregaram, que ganharam o pleito no cabo de quatro mezes, e Falcão foi exonerado a 11 de abril do seguinte anno d'essa commissão; mas para que não se tomasse como castigo esse acto de desconsideração, rebuçaram-n'o com fingidas mostras de apreço a seus serviços, nomeando-o commandante das armas da provincia de Pernambuco. A 11 de maio d'esse anno (1853) tomou posse do seu novo cargo.

Levava Falcão o culto do dever a tal acume, caprichava tanto em cumprir as obrigações que lhe compettiam, era tão medido e ponctual em todos os seus actos, que já passavam para alguns taes qualidades como defeito. Assim como era pondonoroso, tambem dava-se por offendido em seus melindres ao menor reparo ou advertencia. Se em outras occasiões nunca se lhe manifestou ou irrom-

peu violento esse sestro, que não era nem amor proprio demasiado ou vaidade, senão muito brio, deu-se infelizmente um ensejo para isso quando elle já estava tão accrescentado em honras e posição. Contrariando os planos politicos do presidente de Pernambuco uma medida do commandante das armas, reprovou-lh'a elle no dia 19 de junho com muita aspereza. Doeu-se Falcão da immerecida censura, e a colera concentrada e comprimida abalou-o tanto que d'ahi resultou-lhe n'esse mesmo dia uma congestão cerebral tão grave e funesta em seus effeitos, que em poucas horas veiu a succumbir d'ella.

Víctima de seus principios e de seu character, expirou este bravo guerreiro, legando a pobreza a suas irmans, a quem sempre serviu de arrimo. Modesto, recolhido, solitario e pobre, serviu a patria até o último arranco com muito amor, e com exemplarissima dedicação. Seu maior elogio está no valor e sangue frio com que arrostava os maiores perigos sem fazer arruido nem ostentação de seus actos de bravura, e na serenidade com que aparava os botes da malevolencia e da injustiça, confiado em sua innocencia e em que o vingasse o tempo. Sem procurar riquezas, sem desviar em nenhum tempo ou occasião um ceitil sequer dos dinheiros do estado, da caixa do seu corpo, em proveito proprio; e ainda que pobre e vivendo de seus soldos, sua bolsa estava sempre aberta para os necessitados, accudindo com diligencia e boa sombra ás miserias das familias de seus camaradas, até mesmo dos simples soldados, que cahiam na desgraça: muitas vezes mitigou mais de um infortunio, e enxugou as lágrimas

da viuva e dos orphams, dando-se por bem pago de taes sacrificios com as alegrias que espalhava.

Conservou-se sempre solteiro, não que o coração fosse indifferente ao amor e ás delícias da familia, mas por julgar-se na obrigação de manter o legado de seus paes — seus irmãos necessitados e orphams como elle.

Como os de Odorico Mendes, Gomes de Sousa, e como os de outros benemeritos maranhenses que morreram longe do torrão natal, procurareis em balde os restos mortaes de Feliciano Antonio Falcão em qualquer logar sagrado da cidade de San'Luiz do Maranhão, que os não achareis ahi! Repousam em Pernambuco, onde o valente commandante do 5.º de fuzileiros acabou seus preciosos dias, e passaria mesmo desapercebido tão triste acontecimento se o intelligente e patriotico negociante João Pedro Ribeiro, no seu enthusiasmo por seu illustre comprovinciano, lhe não commemorasse o passamento, mandando fazer-lhe no dia 16 de agosto de 1855 um pomposo funeral na egreja de San'João[1].

Fatal coincidencia! No logar onde ceifou os mais viçosos louros, onde a fama do seu nome começou a vulgarisar-se no imperio, achou elle a sepultura!

E que exemplo de militar completo em todas as suas partes não deixou elle á nossa geração? Alheio inteiramente ás dissenções politicas, nunca se lhe rastreou in-

[1] Veja-se na nota A, in fine, uma tocante poesia que recitou Augusto dos Reis Rayol n'essa solemnidade. Na pagina 39 das *Tres Lyras*, collecção de poesias, ha uma outra de Trajano Galvão de Carvalho de que vae um trecho como epigraphe d'esta biographia.

clinação alguma a esta ou áquella parcialidade, relacionando-se e estimando em muito todos os cidadãos que por suas qualidades moraes lhe mereciam as sympathias; obedecendo a seus superiores sem restricções mentaes ou sombra de reluctancia ou abuso; amando seus soldados como a filhos; desempenhando todas as suas obrigações em tempo de paz, ou de guerra, com a mesmidade de sentimentos, com a placidez, a reserva e a constancia do homem que confia em si e tem consciencia de seus actos. Homens assim fadados levam á posteridade o nome bemquisto e applaudido que tiveram entre os contemporaneos, e conservam indelével memoria de seus feitos na terra que se vangloria de ser seu berço.

Quando qualquer de vossos filhos, ó maranhenses, dedicar-se á carreira das armas, apresentae-lhe o brigadeiro Falcão como espelho em que se mire, como modêlo que elle copie, regrando suas acções pelas de tão insigne e respeitavel varão.

Joaquim Franco de Sá.

VII

O SENADOR JOAQUIM FRANCO DE SÁ

AO

Dr. FILIPPE FRANCO DE SÁ

... depois da morte vem a justiça e começa a immortalidade das famas honradas.

(*Obras* DE GARRETT, tom. XXIII, pag. 112.)

I

Administrar nossas provincias não é só mister muito laborioso e difficil por suas intrincadas e variadissimas attribuições, pelas emergencias inesperadas que surgem a cada passo, senão tambem pelo pendor ao arbitrio a que se inclinam em geral os presidentes, e a que os arrastam as lisonjas que os embriagam, desvairam e obcecam. Feliz do que tem forças e bom senso para as desprezar!

Ninguem creia que um talento superior, traquejado na politica e provado na direcção de uma repartição pública, na magistratura, no professorado, ou no commando de um regimento, esteja por isso habilitado para governar com acêrto e approvação dos povos nossas provincias. Para similhante encargo são requeridas qualidades mui especiaes, um dom que se não adquire com o estudo, nem com a práctica de outros ramos administrativos.

Dos presidentes póde dizer-se com justificada razão que nascem predispostos para esse encargo, e senão examinem a longa lista de administradores que tem tido a provincia do Maranhão desde a nossa independencia até 1868, que encontrarão entre esses cincoenta e nove nomes oito, se tanto, de quem seus habitantes podem ter gratas recordações.

Affastem-se d'essas poucas e honrosas excepções, que não ha preferir entre uns que por fracos, vacillantes ou indolentes e ignorantes, foram cegos instrumentos de vindictas politicas, outros, meros rubricadores do expediente preparado na secretaria, e já não é pouco quando limitam-se a isso; porque a mór parte vegetam na mais vergonhosa inercia, ou escravisam-se á influencia extranha que os dirige. Se um ou outro foi encaminhado para o bem, não tem succedido o mesmo com os que, entregues ás facções, ou desafrontados d'ellas, são espiritos maleficos, atrabilarios, e a um tempo truanescos, desperdiçadores inconscientes da substancia da provincia. Taes authoridades, contumazes n'esse proceder infrene, só parecem dominadas, como Macbeth, pelas feiticeiras que as despenham na perdição e no crime. Por entre os desvarios d'esses aleijões administrativos destacam amiudados dislates que dão pasto á imprensa zombeteira para se desenfastiar com elles.

Joaquim Franco de Sá, a despeito de ser uma das poucas excepções da enfiada de presidentes de ridicula memória e sem virtudes administrativas, dos muitos beneficios que fez ao Maranhão no limitado tempo que o

governou, do seu sincero patriotismo, confirma-se n'elle o proloquio de que ninguem é propheta na sua terra; accrescendo mais que levantou-se contra elle uma opposição energica, tenaz e inquieta, como nunca houve desde a marcha regular entre nós do govêrno constitucional.

II

Alcantara, berço de fr. Custodio Alves Serrão, sabio naturalista, de Costa Ferreira (barão de Pindaré), do poeta Antonio Franco de Sá e de Augusto Olympio Gomes de Castro, vigoroso talento fadado para grandes commettimentos na via do progresso, foi tambem o ninho do senador Joaquim Franco de Sá, vergontea das illustres familias Costa Ferreira e Sá, por seus paes, o coronel de milicias Romualdo Antonio Franco de Sá e D. Estella Francisca Costa Ferreira.

Quando em 1807 vestia-se de gallas e era toda jubilos a christandade para commemorar com demonstrações de regosijo, como é de uso consuetudinario, o nascimento do Redemptor da humanidade, veiu ao mundo n'aquella cidade o futuro senador Joaquim Franco de Sá.

Segundo um distincto biographo, o sr. dr. Fabio Alexandrino de Carvalho Reis, talento modesto e cuja penna está sempre aparada para louvar e assoalhar as boas obras de seus comprovincianos, para aconselhar o bem e vulgarisar o que póde ser util á patria [1], foi elle, ainda

[1] Veja-se o n.º 95 do *Progresso* de 6 de dezembro de 1851. (Maranhão, *Necrologia.*)

envolto nas fachas maternaes confiado aos cuidados sollicitos e affectuosos de sua tia paterna, D. Anna Francisca de Sá, cuja casa do Largo do Palacio, viveiro onde se crearam e desenvolveram-se muitos de seus parentes, serviu ao mesmo tempo de hospitaleiro refúgio aos que vinham de Alcantara a negocios ou recreio, ou por motivo de saude.

Na desveladissima companhia de sua tia, onde viveu na cidade de San'Luiz do Maranhão até os dezoito annos, applicou-se com muito approveitamento ás primeiras lettras, aos estudos secundarios, como tambem á musica, que cultivava com apurado gôsto e singular talento, tornando-se tão eximio no piano, que era notado tanto no Maranhão como em Pernambuco, pela correcção e mestria da execução e pela paixão e delicadeza, com que feria as notas do teclado, sahindo debaixo d'aquelles dedos ageis os sons tão puros, claros e destacados que só parecia que o instrumento fallava, transmittindo-lhe Franco de Sá suas idéas e sentimentos.

«Esse bello talento, diz o sr. dr. Fabio, que na edade viril levantou monumentos que eternisam sua memória, despertou na infancia com tamanho brilho, que ainda hoje permanece na lembrança dos que o viram. Nas escholas primarias distinguiu-se entre todos os seus condiscipulos, e quando ainda era tão pequeno, que mal chegava ao teclado do piano, já vibrava as cordas do instrumento com tanta pericia e graça que encantava os professores mais escrupulosos.»

Veiu em 1826 para Lisboa, onde concluiu seus estudos

de humanidades, indo pouco depois matricular-se na faculdade de direito da Universidade de Coimbra. Estava no seu segundo anno, quando a ferocissima reacção de 1828 manietava Portugal, extinguindo-lhe completamente o frouxo clarão de liberdade que dous annos antes entreluzira. Era n'essa epocha nefasta um crime ter idéas liberaes, e o joven maranhense, em cujo peito germinavam ellas com todo o vigor que lhes infunde o sol fecundante da America, achou prudente retirar-se para Pernambuco, onde frequentou a Academia de Olinda, graduando-se n'ella em 1832 de bacharel em leis. Foi portanto da primeira turma que sahiu d'essa academia de recente creação. «Aqui foi theatro em que suas nobres faculdades tomavam o desenvolvimento a que eram destinadas, e certo ninguem teve uma mocidade mais radiante e mais victoriada.

«O estudante Franco de Sá brilhava nas aulas por sua intelligencia, verbosidade e applicação, conquistando os premios destinados aos benemeritos nas lides litterarias; resplendia nos salões do Recife por sua cortezania, amabilidade e graça, como pelo talento musical que lhe dava o primeiro lugar entre os pianistas da cidade; e quando as trombetas da guerra civil davam signal dos perigos da patria, tão frequentes n'essa epocha, era o primeiro a trocar os livros pela espingarda, e as harmonias de Rossini pelo estrondo da artilheria.» *(Necrol. cit.)*

III

Realisada a formatura de Franco de Sá, tornou-se elle ao Maranhão em dezembro d'esse anno (1832) e oito mezes depois, a 17 de agosto de 1833, entrava no exercicio de procurador fiscal da fazenda nacional [1], cargo que desempenhou com irrefragaveis provas de sua alta capacidade e honradez, até que a 2 de janeiro do seguinte anno foi nomeado juiz de direito da comarca da capital, por occasião de ser promulgado o codigo do processo criminal [2].

Coube-lhe portanto iniciar entre nós o julgamento por jurados, pronunciando por occasião da abertura do jury na nossa provincia um notavel discurso, em que demonstrava a transcendencia d'esse systema judiciario, seus fins e objecto, explicando ao mesmo tempo os deveres dos juizes de facto, o modo práctico de exercel-os; a influencia propicia e efficaz d'essa bella instituição sobre a liberdade politica; a sua excellencia com respeito á segurança e liberdade individuaes. Desenvolvia depois essas theses com aquella brevidade e clareza que não enfastiam a quem as escuta, accommodando suas phrases e argumentos á comprehensão dos menos instruidos, e fa-

[1] Foi nomeado a 16 de agosto pela presidencia, segundo o decreto de 4 de maio do mesmo anno.

[2] Foi nomeado por decreto de 1.º de outubro de 1833 e carta imperial de 4 do mesmo mez e anno; mas só tomou posse do lugar a 3 de fevereiro de 1834.

zendo sentir a todos o elevado e generoso pensamento que teve o legislador no outorgar esta garantia ao povo.

Em 21 de janeiro de 1836 fundou o *Americano* [1], no proposito de diffundir as idéas liberaes e de deffender e auxiliar por igual a administração do senador Costa Ferreira, seu tio e amigo. Ía n'esse empenho hombro a hombro com o *Echo do Norte* de João Francisco Lisboa, que se não envergonhava de ter por companheiro tão brioso athleta. Tomado, porém, de escrupulo, por entender que o mister de jornalista não se compadecia com o de juiz, abandonou dentro em breve a empreza e retirou-se da liça; postoque houvesse da parte do sr. major Ignacio José Ferreira, administrador d'essa typographia, todo o cuidado em cobrir o nome do redactor, tanto que recebia os originaes da mão do dr. Franco de Sá, e uma vez compostos os artigos, lh'os restituia com o mesmo recato. Aos poucos que entravam n'este segrêdo e instavam pela

[1] O *Americano*, de que sahiram apenas doze numeros, era hebdomadario e impresso na typographia de Lisboa & Abranches, em duas columnas e em papel almaço commum. Trazia no topo da primeira página e por baixo do titulo a seguinte epigraphe, tirada do *Contracto Social* de João Jacques Rousseau: «Não se deve confundir a vontade de um povo com os clamores de uma facção».

Alem dos artigos principaes em defeza da administração do senador Costa Ferreira, todos da penna de Franco de Sá, como bem se conhece do estylo, ha tambem d'elle outros sobre politica geral, verberando os motins do Pará e do Rio Grande do Sul, e o célebre programma de reacção denominada pelos seus proprios sectarios de *regresso*. Apresenta elle n'esses escriptos as doutrinas de um verdadeiro liberal, mas esclarecido, cordato e tão inimigo do absolutismo como da demagogia.

continuação do jornal, objectava que poderiam os adversarios improperar algum dia de parciaes suas sentenças, se pela ventura manifestasse abertamente suas opiniões e se interessasse com demasiado calor por cidadãos que houvesse algum dia de julgar. É por isso que desde 9 de abril deixou de apparecer o *Americano*.

Estava ainda o senador Costa Ferreira na presidencia quando o dr. Franco de Sá deu a 5 de setembro de 1835 a mão de esposo a D. Lucrecia Rosa Costa Ferreira, filha d'aquelle[1].

Retirando-se, porém, o presidente para a côrte em 25 de janeiro de 1837, succedeu-lhe Franco de Sá na qualidade de vice-presidente.

Com ser uma interinidade de quatro mezes, bastou para denunciar seus altos dotes administrativos, fazendo justiça sem olhar a partidos ou a desaffectos, examinando e dando remedio a tudo. Entre outros planos que então concebeu convem apontar o da creação de uma companhia de barcos a vapor para navegarem os rios da provincia, e tel-a-hia de certo levado a effeito, a despeito de ser ainda recente a introducção d'este maravilhoso invento no Brasil, se lho não embargasse a vinda do presidente effectivo. Em mal da provincia; porque se desde esse tempo fossem exploradas suas vias de nave-

[1] Teve d'este primeiro casamento 6 filhos:—Antonio, Romualdo, Amando, Rosa, Filippe e Estella, dos quaes falleceram Estella, Amando e Antonio, Romualdo perdeu a razão desde 1858 e D. Rosa casou com o sr. Antonio Carlos de Sá Ribeiro, filho do finado Antonio Onofre Ribeiro, coronel de guardas nacionaes. Tem 6 filhos.

gação por linhas de vapores que lhe facilitassem e abreviassem os meios de communicação e de transporte, que de beneficios não teria resultado para ella, e a que fastigio de prosperidade não teria ella chegado! Teve elle como gratificação por estes esforços e bons serviços as sympathias e bençams de seus conterraneos, que nunca tiveram motivos para mudar de aviso.

Entendendo que seus interêsses o chamavam a Alcantara, obteve ser transferido para essa comarca por troca que fez em 29 de dezembro de 1836 com o juiz de direito Raymúndo Filippe Lobato. Empossado n'esse cargo, dedicou-se com todo o esfôrço e independencia ao estudo dos males de que padecia esse fôro que muito lhe deve: reformou os erros introduzidos ali, regularisou a marcha dos processos, sem que deixasse por isso de concorrer para o progresso da provincia com o seu conselho, alvitres e opiniões como membro da assembléa provincial, onde exercitou suas faculdades oratorias revelando-se desde a estreia um orador prudente, estudioso, bom argumentador e fluente, de cujos labios manavam faceis os termos adequados como os raciocinios vigorosos e frisantes.

Tinha dado os primeiros passos no plano inclinado da politica, que o affagava com suas enganosas promessas, e assim não houve para elle parar e ainda menos retroceder. Com a morte de Cajueiro em 1841, foi chamado a tomar assento na assembléa geral legislativa, como primeiro supplente, e desde então nunca mais deixou de fazer parte da deputação geral por nossa provincia até que

entrou para o senado. «Dotado de talento superior, diz a citada necrologia, d'espirito recto e perspicaz e de character nobre e grave, reunindo a estas eminentes qualidades grande fôrça de vontade, muita illustração, amor ao trabalho e facilidade não vulgar em exprimir-se, era ouvido com attenção e prazer nas discussões mais importantes do parlamento, e viu-se bem depressa classificado entre os homens d'estado de primeira plana».

IV

Depois da revolução de Minas-Geraes, ascendeu em 1842 ao poder o partido liberal, e com elle o ministerio de 2 de fevereiro, de que era cheffe Manuel Alves Branco (depois marquez de Caravellas), um dos nossos mais doutos, intelligentes e sagazes estadistas.

Sem embargo do prestigio e fôrça de que dispunha, não corriam serenos e normaes os negocios na provincia da Parahyba do Norte. Os animos truculentos de uma opposição exaltada ameaçavam perturbar ali a ordem. N'esta melindrosa conjunctura, em que os perigos emergiam com a recrudescencia, demasias e difficuldades que nasciam a cada momento dos odios, das intrigas, das contendas e retaliações de toda a especie, importava pôr na direcção do govêrno um homem que reunisse a um juizo prudencial e demasiado atilamento muita illustração e maneiras brandas e conciliatorias, emparelhadas com energia na acção e tenacidade nos emprehendimentos. Re-

cahiu por isso a escolha no dr. Franco de Sá, que foi nomeado presidente da Parahyba por carta imperial de 25 de maio de 1844.

Qualquer outro mostrar-se-hia exigente attentas as difficuldades, ou poria embargos e condições, aproveitando-se da opportunidade para obter accrescentamentos como retribuição antecipada de serviços ainda não realisados em tão espinhosa missão; mas o patriotismo do dr. Joaquim Franco de Sá não se conformava com taes manejos, antes pelo contrário, mostrou grande satisfação com similhante incumbencia e acceitou-a do melhor grado, sendo o primeiro a reconhecer a urgencia de sua presença n'aquélla provincia, tanto que não querendo esperar pelo dia de partida do paquete a vapor onde iria com mais segurança e confôrto, embarcou-se logo na fragata *Paraguassú*, que o govêrno imperial poz á sua disposição até Pernambuco. Na viagem enfermaram gravemente a mulher e dois filhos; e por isso chegados á cidade do Recife, tiveram de demorar-se ahi.

N'esse entrementes, o partido conservador, que estava na Parahyba de posse das posições officiaes e tinha por si o dr. Agostinho da Silva Neves, que administrava a provincia, não se descuidava de preparar as cousas a seu geito. Sabendo que seu successor demorar-se-hia em Pernambuco, cuidou de accelerar á sua feição o processo das qualificações de votantes para a eleição de deputados, que estava para mui breve. Logo, porém, que se restabeleceram os filhos, e a mulher entrou em franca convalescença, entendeu Franco de Sá que os deveres do seu

cargo e mais que tudo o procedimento irregular das mezas qualificadoras o chamavam com instancia á Parahyba. Tractou por conseguinte de partir, deixando a familia aos cuidados de pessoas que lhe eram affeiçoadas e em quem depositava plena confiança, e com o coração travado de serios receios e tristes presentimentos, aventurou-se em um pequeno barco a vapor que o transportou do Recife. Aportou felizmente ao seu destino e no dia 22 de julho d'esse anno já tinha prestado juramento perante a camara municipal e entrado em exercicio.

Resoluto e expedito em seus actos, quando a madura reflexão lh'os aconselhava, sabendo que era chegado de vespera o novo cheffe de policia, dr. Miguel Joaquim Ayres do Nascimento (hoje fallecido como dezembargador da relação do Maranhão), que emprehendêra por terra a viagem do Ceará á Parahyba, defferiu-lhe n'esse mesmo dia o juramento, empossando-o no cargo. Substituiu em seguida o commandante do corpo de policia e o ajudante de ordens por officiaes que trouxera d'antemão já com esse designio. O seu ajudante de ordens, o capitão Antonio Pedro d'Alencastre, é hoje brigadeiro e já serviu de presidente de Matto-Grosso.

Não havia muitos dias que estava na direcção dos negocios e todo preoccupado em tomar assumpto d'elles, quando enluctou-lhe o coração a inesperada noticia de que a esposa, que deixára com melhoras tão lisonjeiras, achava-se ás portas da morte, tendo-se-lhe aggravado a molestia por um d'esses insondaveis caprichos da sorte.

Succumbiu o homem forte com o abalo de tão imminente desgraça, e lucta ingente e dolorosa travou-se então no seu espirito entre o dever e responsabilidade do cargo e as saudades e affectos d'esposo! Venceram por fim estes, e resolvido a partir quanto antes, passou as redeas da administração ao vice-presidente e fez entrar em exercicio o secretario do govêrno, o sr. dr. Felizardo Toscano de Brito, cuja carta de nomeação tinha trazido, sem que até ali a houvesse appresentado. N'essa mesma tarde caminhava por longas e pessimas estradas, que a qualquer tornavam mui incommoda e penosa a jornada, sobretudo a quem era de constituição debil e valetudinaria. Apezar de tudo isso venceu com tamanha celeridade o trajecto que distanceia as duas cidades, que achou ainda com vida a moribunda esposa e teve ao menos a triste consolação de receber-lhe o último adeus, finando-se ella mui poucas horas depois que era elle ahi chegado.

Passados os dias de nojo, metteu-se o desolado presidente da Parahyba com seus filhinhos em uma jangada, e n'essa fragil e desabrigada embarcação aventurou-se no oceano, logrando chegar sem nenhum contratempo á povoação de Timboú, a pouco mais de legua da capital da Parahyba, e onde seus amigos já o esperavam com os meios de conducção.

Ninguem melhor do que o sr. dr. Toscano de Brito, testemunha occular, nos póde referir este lance da vida do senador Franco de Sá: — «Era mister presencear o estado de consternação em que ficou o presidente Franco de Sá com a morte de sua cara esposa, para avaliar-se a

energia d'alma d'esse homem, que com o coração retalhado de dôres, cercado de seus innocentes filhinhos que choravam e conclamavam por sua mãe, não descurava dos deveres do alto cargo que occupava, e cuja missão era então bem difficil e espinhosa, cortando com tino e prudencia os embaraços e difficuldades que encontrou, e que reproduziram-se depois com insistencia.»

De quanta agudeza e habilidade não usou o dr. Franco de Sá para desarmar as calamidades que escureciam os horisontes politicos d'aquella provincia! Com o tino e lenidade, que sempre o distinguiram, pôde em pouco tempo accalmar os odios e a furia dos partidos e fazer abortar a sublevação que um d'elles tramava. Para lograr tão magnificos resultados não houve recorrer a outras armas que as da moderação e da justiça, fazendo apenas uma ou outra mudança insignificante nos cargos policiaes e approveitando-se com demasiada sagacidade dos proprios elementos que encontrou. Em vez dos promettidos tumultos, correu placido e legal o pleito eleitoral, embora disputado pelos partidos com muito calor. Triumpharam os liberaes que tinham por si a maioria; mas em vista da absoluta abstenção do poder executivo em interferir no suffragio a favor de qualquer dos lados contendores, não se deram os vencidos por escandalisados, a não ser um minguado grupo sem outra importancia senão a do phrenesi e intolerancia com que ostentava suas opiniões, e esse mesmo era insufflado pelos candidatos que viram seus esforços perdidos e mallogradas as suas esperanças, grupo que se affastava do pensar uni-

forme dos parahybanos, dando na imprensa expansão ao despeito e vergonha da derrota.

Não soffria a hombridade do dr. Franco de Sá o predominio de ninguem, nem se esquecia de seus deveres, para favorecer os interêsses, ou submettor-se ás velleidades caprichosas dos partidos; por isso na sua curta administração de cinco mezes, que findou a 17 de novembro com a sua partida para o Rio de Janeiro, onde o reclamava o parlamento, cujo membro era, se não conquistou d'essas dedicações que se grangeiam com favores do poder, teve a satisfação e legitimo orgulho de ver-se apoiado pela parte cordata do partido conservador, merecendo ao mesmo tempo a confiança dos liberaes que lhe deram inequivocos testemunhos de estima e consideração, como o affirma o sr. dr. Toscano de Brito nos apontamentos que tenho ante os olhos.

Entre outras medidas administrativas que tomou n'essa provincia, apontarei a resolução de 10 de dezembro de 1844, dando novo regulamento á repartição fiscal, para o que estava authorisado por lei. Guiado pelo espirito da mais restricta justiça em todo esse aparcelado negocio, houve-se n'elle como experimentado piloto, de modo que evitando os escolhos que o cercavam, e sem prejudicar os direitos dos empregados das rendas provinciaes, reformou e reorganisou ponto por ponto essa repartição.

«A presidencia da Parahyba, diz o dr. Fabio, é um dos mais bellos florões da corôa civica de Franco de Sá. O tino e fortaleza com que conteve as furias das paixões politicas, e temperou as iras de um povo até ali comprimidas;

o talento e sabedoria com que reorganisou as finanças e outros ramos de administração pública; e a longanimidade com que venceu tamanhas difficuldades, entregue como se achava ao dominio da dôr, são memórias que se não apagam da lembrança grata dos parahybanos.»

V

A administração da provincia do Maranhão foi o cadinho onde se afinaram os predicamentos e meritos administrativos, e o theatro onde as vistas largas e arrojadas e o espirito elevado do senador Franco de Sá desenvolveram-se em toda a sua amplitude.

Era n'essa quadra a situação da provincia sobre lastimosa desgraçadissima e embaraçosa.

Que espectaculo miserando e torpe não apresentavam os partidos, se tal nome mereciam esses bandos de occasião, formados pelos infecundos e reprovados interêsses de localidades, de familias, de individuos, eivados de odios, de inveja e de todas as ruins paixões que depravam o sentimento nacional! As leis não eram respeitadas; a segurança individual e o direito de propriedade convellidos; os mananciaes da riqueza pública mal explorados e desviados de seu curso e quasi estagnados pela rotina esteril e myope, pela desidia, imprevidencia e immoralidade; a desorganisação cahotica nas repartições fiscaes, as finanças provinciaes ameaçadas de banca-rota; as instituições livres enfermas e contaminadas do mal que tudo

infeccionava; a imprensa, immergida em nojento lodaçal e revolvendo-se n'elle com o delirio da mais desenfreada licença, a despeito dos eloquentes protestos de Francisco Sotero dos Reis e de João Francisco Lisboa, e dos exemplos que davam na *Revista* e no *Publicador Maranhense*. Servia ella então não de vehiculo da civilisação e da moralidade pública, instruindo, aconselhando e guiando o povo, senão de esgotos estercorarios das mais pestilentas exsudações que a depravidade humana póde emanar de si [1].

Por toda a parte a ruina, o desbarato, a confusão, o cahos: era esse o estado da decadencia e abatimento a que tinha descido o Maranhão em 1846, não pela indole e costumes de seus habitantes, mas por culpa e influição de administradores incapazes, ou frouxos, como tambem pelos interessados no predominio de facções sem principios, sem idéas e sem patriotismo, que substituiam todos estes nobres e sagrados sentimentos por suas individualidades, e que desde 1840 comprimiam os dous grandes partidos, em que até então se dividira a provincia—*cabanos* e *marrecos* ou *bem-te-vis genuinos*—que correspondiam na capital do imperio—aquelle ao conservador e este ao liberal.

Só o muito civismo e denodo de um ânimo tão bem temperado como o do senador Joaquim Franco de Sá o instigaria a emprehender a audaciosa tarefa de contra-

[1] Veja-se biographia de Francisco Sotero dos Reis da pagina 48 a 50 do 1.° tomo do *Pantheon Maranhense*.

restar e depois mudar uma situação tal qual acabo de descrever, senão com todas as cores de tão hediondo quadro, certo com a mais religiosa e imparcial fidelidade.

A patria, o amor d'aquelle seu torrão que tanto amava, teve n'elle mais poder do que considerações pessoaes.

Comprehendeu que para regenerar a provincia e reerguel-a ao fastigio de outr'ora, era forçoso dar golpes tremendos para extirpar tantos vicios fundamente radicados, ferir interêsses mal cabidos, pretenções exhorbitantes, e não patrocinar poderosos habituados a serem servidos, ambições protegidas até 'li sem exame nem contestação, e o que se tornava ainda mais difficil, contrariar tambem alguns amigos e parentes. Elle que sopesára todas estas difficuldades, sondára o terreno, e calculára os perigos, acceitou com tudo isso a missão de administrar sua provincia, com a boa vontade, a intelligencia e sollicitude que lhe impunha seu dever de bom cidadão.

Nomeado presidente do Maranhão, chegou á cidade de San'Luiz e tomou posse da presidencia em 27 de outubro de 1846. Dirigiu em seguida circulares a todas as authoridades da provincia significando-lhes que o programma do seu govêrno e por que havia de empenhar todos os seus cuidados e cogitações — era justiça e progresso — e de feito assim o executou, desfraldando bem alto o explendoroso lábaro onde escrevêra o fecundante moto — *melhoramentos moraes e materiaes.*

Vieram arrolar-se sob tão promettedor pendão todos os homens de boa vontade, aggremiando-se em um só pensar e congraçando-se muitos dos diversos bandos em

que estava retalhada a provincia e d'ahi teve origem a *Liga-liberal-maranhense*. Foi como que uma scentelha electrica que, transcorrendo por todo o Maranhão, fez reviver nos animos desalentados a fé no presente e a esperança no futuro.

E que radiosos e largos horisontes se não descortinavam n'essa luz de redempção que fazia antever a ordem, a moralidade, e transfundia nova seiva de vida n'esse corpo inanido e moribundo!

Enuclearam-se e tomaram a direcção d'esse partido os verdadeiros liberaes, os homens que professavam principios, e que desde 1840 se tinham separado dos que, entendendo que a politica é veniaga, transigiam com todos os presidentes, adoptando os candidatos ao parlamento que lhes eram impostos, com tanto que se conservassem nas posições officiaes e fossem attendidos em suas abusivas pretenções. Vieram engrossar-lhe as fileiras os *cabanos*, ha tantos annos arredados das luctas, e os indifferentes desgostosos da marcha que no Maranhão tinham tido até ali os negocios públicos. Organisado que foi tão importante e numeroso partido, appareceu na imprensa o seu orgam.

No dia 2 de janeiro de 1847 começou a ser publicado *O Progresso*, primeiro diario que teve a provincia, e primeiro jornal tambem na variedade e boa escolha dos assumptos, na celeridade com que colhia e transmittia as notícias, não só forasteiras, como nacionaes e especialmente locaes. Redigido pelos srs. drs. Fabio Alexandrino de Carvalho Reis, Theofilo Alexandre de Carvalho Leal e

Antonio Rego, seus fundadores e proprietarios, não teve n'essa quadra rival no jornalismo maranhense, e por muito tempo outro que com elle competisse, e menos se lhe avantajasse ou aproximasse em todas estas excellencias. Foi por ahi que principiou esta nova era de regeneração. Desappareceram os periodicos ephemeros e de pequeno formato, refugindo ás espeluncas de onde nunca deveriam ter sahido.

No relatorio apresentado pelo presidente Franco de Sá á assembléa provincial em 3 de maio de 1847 acham-se consignadas suas idéas administrativas, podendo servir essa peça official de modêlo no seu genero, pelo methodo e clareza da exposição, pelo muito substancial d'elle, sem sobejidões nem lacunas, ao passo que enumera todas as necessidades e examina com proficiencia e individuação todos os ramos de serviço público, indicando remedio aos que os estavam a reclamar, e propondo medidas largas, beneficas, productivas. Teve tambem a satisfação de as ver adoptadas, e decretado um orçamento pautado por suas vistas financeiras e sob seu immediato influxo.

Com todos esses meios de acção postos pela assembléa provincial á disposição do dr. Franco de Sá, viu-se em menos de um anno transformada a provincia. Desde então entrou a figurar nas nossas leis financeiras uma importante verba sob a rúbrica—*obras públicas*—, que era de antes desconhecida. Foi tambem creada uma repartição de obras, á qual deu organisação e regulamento, e que com um pessoal d'engenheiros, podia estudar e traçar projectos das vias de communicação que merecessem

abertas para dar sahida e incremento ás riquezas naturaes e facilitar as permutas do commércio e da lavoura em todos os pontos, por mais remotos. A arrecadação das rendas provinciaes foi outro assumpto que mereceu-lhe particular e cuidada attenção, e como isto, tambem outras instituições e ramos de serviço. Deu regulamento e organisou o thesouro provincial, de tal maneira, que tem servido d'estudo aos administradores de outras provincias e de modêlo a mais de uma repartição congenere. E assim, o thesouro provincial, que tinha um enorme alcance, sem nem ao menos poder satisfazer em parte seus compromissos occorrentes, e cujo balanço apresentava todos os annos *defficits* cada vez mais crescidos, em menos de um anno, pela rigorosa fiscalisação e escripturação mais simplificada e expedita, pela imposição de tributos sobre generos de producção que estavam sem motivo desculpavel isentos d'elles, devendo-os no entanto pagar, não só conseguiu o dr. Franco de Sá grande augmento nas rendas a ponto de ficar o thesouro desapressado de dividas, como o que é ainda mais digno de admiração e louvor, com um saldo nos seus cofres para o acoroçoar ao commettimento da abertura do canal do Arapapahy, d'essa obra monumental, sonho dourado das gerações que se succediam desde 1776, de todos nós, e sobretudo do dr. Franco de Sá.

Antes de dar principio a ella quiz fazer um ensaio com outras de muito menos vulto, e por isso incetou, como seu preliminar, a abertura do canal do Carvalho, em Alcantara. Em 1.º de fevereiro de 1848 affrontou este es-

forçado administrador empreza tão grandiosa quão fecunda em seus resultados, e pela quinta vez depois que o governador Joaquim de Mello e Povoas a iniciára, o alvião do operario rasgou aquelle sólo. Foi na agricultura o propagador incançavel e perseverante do plantio da cana d'assucar e fabrico d'esse producto, que nos primeiros tempos da nossa colonisação fôra quasi que a grande cultura a que se dedicava a população, até que a abandonou pelas do arroz e algodão. Franco de Sá, observador sagaz e intelligente, penetrou que o definhamento e atrazo da indústria agricola na provincia provinha principalmente de estarem os nossos generos de producção ás rebatínhas nos mercados europeus. N'esse presupposto tomou a peito reformar a cultura, não sómente alcançando de alguns de seus parentes e amigos que se voltassem para o plantio da cana, como que, apostolo enthusiasta d'esse melhoramento, não descançou até que viu realisado seu pensamento, «e assim teve a glória, diz o sr. dr. Fabio, de fazer á fôrça de razão, uma revolução agricola na provincia e de ver rebentar a cana viçosa e bella nos terrenos abandonados por estereis[1]».

Quem collacionar despreoccupado e attento outras administrações mais favorecidas com esta que obrou tanto no meio da pressão e do afôgo de tão renhidas contendas politicas, empenhadas com o phrenesi e o desprimor de uma opposição que se via esbulhada da posse inveterada do paiz official e do dominio tão dilatado da provincia,

[1] Vej. a necrologia alludida, escripta pelo sr. dr. Fabio A. de Carvalho Reis.

ficará tomado de enthusiasmo e não menos reconhecido que admirado acatará de bom grado a esse patriota que alliava á energia e cordura na práctica do serviço uma intelligencia cultivada e sincero estremecimento á provincia natal; que de outro modo tambem se não poderá explicar o muito que fez com tão apoucados recursos e exiguidade de tempo.

Facil é pois imaginar o quanto não faria elle e a que alteza não havia de exalçar a provincia do Maranhão, se o deixassem por alguns annos no govêrno d'ella, com o prestigio e a fôrça moral que deram a outros! Pôde, porém, mais a intriga no ánimo do ministerio do que tamanhos e tão importantissimos serviços a bem da provincia, e em 1 de abril de 1848 foi elle exonerado, dando-se-lhe successor.

Foi logo resentido o effeito d'essa mudança nos trabalhos da abertura do canal do Arapapahy, que íam activos e em bom andamento, e d'ahi afrouxaram, servindo essa obra de coudelaria eleitoral e do mais vergonhoso documento dos desperdicios, incuria e immoralidade que desgraçadamente tem predominado em algumas das nossas obras públicas, até que em julho de 1858, depois de se terem dispendido infructiferamente n'ella centenares de contos de réis, deixaram-n'a em ruinoso abandono. Se eu não protestasse contra similhante vandalismo, embora persuadido que minha debil voz clamava no deserto[1], tenho

[1] Vejam-se os n.os 42 e 54 da *Imprensa* de 1858, e as *Locubrações* (1874) de pagina 60 a 71, onde tractei largamente d'este assumpto tão vital para nós.

que ninguem registraria no jornalismo o desamparo d'aquella obra quasi em termos de conclusão, rasgado já o terreno na sua extensão, e dependendo apenas do serviço de uma draga para aprofundal-o de modo a virem encontrar-se as aguas do Arapapahy com as do Bacanga. É pouco todo o sacrificio que se faça para rematar esse canal que viria a dar mais vida ao commércio e abastecer a nossa faminta cidade, offerecendo passagem abrigada e franca aos barcos de toda lotação atestados dos productos do rico e populoso territorio banhado pelas vertentes que desaguam na bahia do Itibiry. Seriam assim transportados a salvo os fructos do trabalho do rico fazendeiro e do pobre operario que só tem a sua canoa e linhas de pescar. Foi tal medida refinada selvageria que nunca hão de os vindouros perdoar a seus authores.

Se eram incapazes os administradores d'essa obra, substituissem-n'os por pessoas idoneas e laboriosas, se por desidia ou negligencia deixavam correr os trabalhos á revelia, processassem-n'os muito embora; mas não levassem o patronato ao escandalo de paralysar essa obra, já que a opinião pública se pronunciava reclamando voz em grita pela mudança de seu pessoal. O meio de decepar o mal com a perda total d'ella e dos dinheiros já gastos é, senão criminoso, quando menos extravagante e excepcional expediente: é matar um individuo para vencer a enfermidade, como já o disse algures, portanto doutrina contra a natureza, antes rematada loucura.

Virá talvez ainda outro administrador de idéas tão agigantadas, e ânimo tão esforçado e emprehendedor que

realisará esse *desideratum* [1], e quando as grandes embarcações, ricas de productos e fazendas, e as mesquinhas pirogas do povo humilde singrarem esse canal, recordar-se-hão todos por certo de Joaquim Franco de Sá para bemdizerem e glorificarem a memória do illustre maranhense que quiz dotar nossa provincia com esse melhoramento de incalculaveis vantagens.

A gratidão de seus comprovincianos não foi tardia, pagando-lhe essa divida com a sua inclusão na lista triplice senatorial, e S. M. I. o Sr. D. Pedro II, tão justo e munificiente quando conhece do mérito e serviços de seus concidadãos, gratificou-lh'os, escolhendo-o senador por carta imperial de 31 de março de 1849, e nomeando-o dezembargador da relação do Maranhão por decreto de 9 e carta imperial de 14 de janeiro de 1851.

Não chegou elle, porém, a exercer este último cargo por lh'o impedir a molestia. É seguramente para sentir-se que quando estava tão laborioso e prestadio cidadão no remanso e commodos que se disfructam em uma capital populosa e abundante de todos os recursos da vida intellectual e material, desoppresso de receios e sem dependencia dos favores populares, fosse prostrado no leito de dor e inhabilitado para trabalhar! Em 31 de agosto do anno anterior (1850) passára no Rio de Janeiro a segundas nupcias, recebendo por esposa a ex.ma snr.a

[1] A assembléa provincial, na sua legislatura de 1866-1867, proporcionou na lei n.º 809, de 25 de junho de 1857, os meios para qualquer administrador intelligente levar ao cabo essa utilissima obra, e oxalá que chegue esse tão almejado dia!

D. Belmira Candida Ferreira, filha do capitão de fragata da marinha nacional, Rodrigo José Ferreira [1].

Desde então não logrou mais saude, tomando maior incremento as enfermidades que o minavam de muito. Rarissimas vezes pôde comparecer no senado, e ainda assim fez ouvir ali sua eloquente e authorisada voz em deffeza dos bons principios, pronunciando-se a favor da independencia da magistratura e dos interêsses da administração da justiça, e da colonisação europea; sendo todos estes discursos muito notaveis, sobretudo o da sessão de 27 de julho, que versava a respeito de terras devolutas e meios de attrahir a corrente emigradora para o nosso paiz.

Discutia-se n'essa occasião o parecer de uma commissão externa nomeada pelo govêrno para estudar o assumpto, e fôra elle quem, como um de seus membros, redigíra esse trabalho. Impendia-lhe, pois, a obrigação de a deffender, se já não o attrahisse por si mesmo o objecto, por sua magnitude, por entender tão de perto com o futuro engrandecimento do Brasil, por ter elle feito da materia seus estudos especiaes e incessante preoccupação. Ostentou n'essa discussão a profundeza de suas vistas e quanto havia amadurecido suas investigações n'essa importante questão [2].

[1] Teve d'esta senhora duas filhas, Candida, já fallecida, e Belmira, que vive na côrte em companhia da mãe, que é já viuva, pela segunda vez do senador Jeronymo José de Viveiros.

[2] Os poucos discursos pronunciados no Senado pelo dezembargador Franco de Sá foram: — na sessão de 4 de julho de 1850 op-

Aquelles que estavam afastados do Rio e ignoravam o mau estado da saude do senador Franco de Sá, picados de malevolencia e inveja, envenenaram seu silencio e ausencia do corpo legislativo, attribuindo-os sem mais exame, a transigencia com suas doutrinas politicas, ou pelo menos a censuravel tibieza, quando a enfermidade sem remedio veiu na madrugada de 10 de novembro d'esse anno (1851) desmentil-os, deixando a patria sem um de seus mais videntes e laboriosos operarios, e na orphandade seus filhinhos que haviam de um dia honrar-lhe o laureado nome.

«O paiz, diz ainda o snr. dr. Fabio, perdeu n'elle um consummado estadista e um magistrado probo, o partido liberal um alliado prestimoso, e o throno um amigo sincero da monarchia constitucional.»

pugnando em segunda discussão o projecto de classificação de commarcas, e nomeação e remoção de juizes de direito, e que no emtanto foi convertido em lei (decreto n.º 550, de 28 de janeiro de 1850); bem como na primeira discussão o que tirava ao jury o julgamento de certos crimes para conferil-o aos juizes de direito: foi n'esta discussão ainda mais vehemente e rigoroso, demonstrando com ponderosissimas razões que eram taes medidas infestas á liberdade e independencia dos magistrados. São hoje leis do imperio (decreto n.º 562 do 1.º de julho de 1850 e lei n.º 601, de 18 de setembro de 1850). Importa aqui não esquecer que entre os mais luminosos e bellos discursos que proferiu na camara temporaria, são reputados como melhores, o que versava sobre a questão da fusão obrigatoria ou facultativa, e depois o sobre a lei de 3 de dezembro, em deffeza de um parecer por elle apresentado.

VI

Reportado em seus actos, comedido em suas palavras e maneiras, não se deslisava das normas que o faziam respeitado e amado dos que tinham a fortuna de entreter relações com elle. Affigura-se-me por vezes que o estou a ver; pequeno d'estatura, sêcco de carnes, tez clara, physionomia doce e mobil, feições regulares em um rosto magro, mas realçado por fronte elevada e illuminada pelos reflexos de uns olhos vivos, e que retratavam os sentimentos e idéas que concebia e sazonava n'aquella bem organisada e intelligente cabeça.

Polido e agasalhador de todos, sem todavia descambar para a familiaridade trivial, escolhendo os assumptos de sua conversação conforme o entendimento de seus ouvintes, insinuante a arrebatar corações e vontades, persistente na realisação de suas idéas, apresentava-as pelo prisma de seu espirito scintilante, sem as impor, nem obrigar a que as acceitassem com offensa dos melindres alheios; mas procurando convencer e recuando aos primeiros impetos de resistencia para voltar de novo com mais perseverança até vencer com o raciocinio e a paciencia. Entregando-se com ardor a trabalhos de gabinete, que eram o seu prazer e contínuo alimento, não confiava a ninguem o que lhe cumpria fazer. Zelando, como depósito sagrado e inviolavel, suas attribuições, respeitava na mesma conformidade as leis, e temia-se da responsabilidade dos cargos que exercia, com aquella consciencia do

dever de quem se antemura no amor da patria. No exame dos negocios não se pagava só das generalidades: espirito synthetico e analytico a um tempo cavava fundo, para depois abranger o todo na sua perspicua comprehensão. Traçava seus planos como general e os esmiuçava como sargento—concebia um projecto e assentava as bases primordiaes do seu regulamento, como habilissimo cheffe de repartição, que conhece na sua totalidade o serviço d'ella; concertava com a mesma exacção e segurança de vista as partes e determinava as mais insignificantes obrigações, como um empregado subalterno sabedor do mister nas suas menores particularidades.

No gabinete, expedito e firme em dar ordens, em decidir dos negocios por mais graves e difficeis, em resolver dúvidas e em cortar por difficuldades; no parlamento preparado para entrar em todas as discussões com aquelle criterio e conceito de quem as comprehende e estuda com meditada reflexão, era efficassimo auxiliar e guia seguro em qualquer emergencia ou para qualquer emprehendimento. Reconheciam-lhe tanto esses notabilissimos predicados que lhe incumbiam em uma e outra casa do parlamento as mais importantes e trabalhadas commissões[1],

[1] Considerado, como era, na camara temporaria, fazia parte n'ella das commissões mais importantes, e sendo em 1845 membro da de justiça, foi-lhe incumbida a tarefa de redigir o parecer que offerecia modificações á ominosa lei de 3 de dezembro de 1841. O projecto apresentado por Franco de Sá alterava profundamente essa lei, como o expoz o senador Theofilo B. Ottoni no Senado em sessão de 14 de setembro de 1869 (*Diario do Rio de Janeiro* de 22 de setembro de 1869 n.º 259).

sobresahindo n'ellas aos mais na applicação e seriedade com que trabalhava, no juizo prudencial, na lucidez e presteza em formular seus pareceres.

Franco de Sá não era só notavel como parlamentar, como politico e administrador, mas festejado na boa sociedade, em cujos salões era bem vindo das damas. Cortez sem descahir no ridiculo, tinham taes seducções e enlêvo sua conversação, seus ademanes e compostura, que merecia as attenções e obsequios onde quer que apparecia.

Nem a falta de saude nem a edade lhe fizeram perder o sestro de conquistador, e tres annos antes do seu fallecimento nenhum rapaz o vencia ou offuscava em galanteios e preito ao sexo amavel.

Entre seus eminentes dotes de administrador tinha em subido grau o de se não deixar suffocar pelos incensos da lisonja, ou seduzir pelos encantos d'essa perfida conselheira que tem sido a ruina de tantos outros presidentes, cuja vaidade tem ella sabido insufflar, attacando-os pelo ponto vulneravel até aparvoal-os de todo em todo e tornal-os automatos obedientes a Sejanos sem consciencia; ou o motejo da população por suas puerilidades, quando não são por ella praguejados pelos arbitrios e inepcias que praticam levados por cupidas suggestões das mediocridades que os obcecam, ennovelam e precipitam.

Pelos seus assignalados serviços, pela moralidade e justiça com que soube governar no meio das gritas e feros de uma opposição facciosa, por tantas e tão excel-

lentes qualidades que consigno aqui de corrida, ha de ficar gravado no coração agradecido de seus conterraneos o afamado nome do senador Franco de Sá para quem parece terem sido escriptos estes versos de Trajano Galvão de Carvalho:

Calai-vos, pois, calumniadores sordidos,
Que disputaes aos vermes seu cadaver;
Gemonias são p'ra vós a Historia,
Para elle o Pantheon!...[1]

[1] Vej. *Trez Lyras*, pag. 26.

VIII

O SENADOR

CONSELHEIRO JOAQUIM VIEIRA DA SILVA E SOUSA

... profecto nihil est aliud bene et beate vivere, nisi honeste et recte.

CICER. — *Parad. I.*

I

Nos primeiros dias d'este século tão fertil em maravilhas e progressos a beneficio da humanidade em que o maldigam praguentos reaccionarios e philosophos piegas, viam o coronel de milicias, Luiz Antonio Vieira da Silva, e sua esposa D. Maria Clara Gomes de Sousa abençoada sua felicidade conjugal com o nascimento de um filho, que no dia 12 de janeiro recebeu na pia baptismal da freguezia do Rosario o nome de Joaquim.

Desvelaram-se os paes em imbuir-lhe os sanctos preceitos de moral e religião, que cultivavam, e em dar-lhe esmeradissima educação como lhes requeriam seus haveres, e aconselhavam a avantajada posição social e vigilante ternura. Destinaram-n'o desde menino á carreira scientifica de sua eleição, e logo que chegou aos dezeseis annos o mandaram para Portugal na galera *Imperador da America*, que tendo sahido do porto do Maranhão a 11 de

junho de 1816, chegou emfim a Lisboa a 7 de agosto. D'ahi passou-se logo o joven estudante maranhense para Coimbra.

Trazia já alguns estudos preparatorios, fazendo os que lhe faltavam no Collegio das Artes com tanto aproveitamento e occupada devoção que em novembro de 1817 achava-se matriculado no primeiro anno juridico da Universidade. Faceis e desimpedidos correram-lhe os annos exigidos para o curso d'essa faculdade; vendo sua justificada reputação d'estudioso e intelligente retribuida em cada acto com a approvação plenaria, de modo que em 21 de junho de 1822 terminou seus estudos universitarios com o grau de bacharel formado em direito.

Preenchida, pois, sua missão distante da patria, cujas saudades e amor podiam mais com elle que a estima dos conimbricenses e dos lentes e condiscipulos, que todos lhe eram affeiçoados e o prezavam em muito, não houve demorar-se alli, e a 7 de agosto se partia da metropole, que bem cedo seria para elle terra estrangeira.

II

Madrugaram em Joaquim Vieira as idéas de liberdade e emancipação da patria: não era só nos soliloquios do mancebo enthusiasta que, nos passeios solitarios pelas margens e campinas do formosissimo Mondego, scismava na autonomia e engrandecimento do Brasil; como tambem nas palestras intimas e nas discussões da sociedade

Jardineira, fundada por alguns estudantes brasileiros com o fim apparente de promoverem entre si o gôsto e cultivo de flores, para assim desviarem d'ella e illudirem a incessante e desconfiada espionagem dos verdiaes e das authoridades de Coimbra. N'esse cenaculo juvenil insitiavam-se e contendiam com toda a soltura e alacridade propria de mancebos sobre as mais adeantadas e parodoxaes theorias sociaes, applaudidas e abraçadas por isso mesmo pelas imaginações exaltadas dos verdes annos; mas á volta das discussões sobre as doutrinas do *Contracto Social* e da *Encyclopedia,* suggeriam alvitres ácerca da nossa alforria, que era o pensamento predominante d'essa associação. Se todas essas idéas e projectos evaporaram-se com a rapidez egual á violencia com que irrompiam das mentes escandecidas de seus authores, ficaram comtudo as sementes que um dia levariam comsigo esses inexperientes apostolos para as lançarem no solo virgem da patria.

Não era o estudante Joaquim Vieira da Silva o membro menos devoto e crente d'essa sociedade clandestina e perigosa quando recolhido ao torrão natal, e já bacharel formado, se não descuidou d'apostolar seus conterraneos, iniciando-os na boa nova.

Com a revolução liberal de 24 de agosto de 1820 na metropole, transplantaram-se para a colonia os germens da nossa independencia, conspirando as medidas oppressivas decretadas pelas côrtes portuguezas para apressal-a na rasão directa do rigor de tão iniquo proceder.

Deplorava no emtanto o dr. Joaquim Vieira a conten-

ção dos membros da juncta que se esforçavam por desconceituar o movimento independente, já calumniando, já mettendo á bulha e vituperando na sua imprensa assalariada os mais conspicuos patriotas e o proprio principe real, como tambem procurando incutir no espirito dos maranhenses, que a emancipação era um mal e a ruina de suas fortunas. Por outro lado não descuravam elles de premunir-se de recursos para suffocar de prompto qualquer symptoma de sublevação, ordenando aos commandantes geraes a mais vigilante espionagem, e tambem instando que de Lisboa lhe enviassem fortes meios de resistancia. Não podia por muitas vezes conter-se o dr. Joaquim Vieira ao saber de taes manejos e dos preparativos de opposição armada ao movimento nacional, que se não abrisse com aquelles dos membros da juncta provisoria de quem era affim, reprovando-lhes abertamente essas manifestações mal entendidas de fidelidade e obediencia ao rei e ás côrtes, quando era indeclinavel e sancta obrigação de todo o individuo, que nascêra no solo americano, antepôr a quaesquer interesses e affeições o amor da terra do seu nascimento, e sacrificar por sua emancipação todos os demais sentimentos e vantagens até os da propria conservação.

A tão isentas opiniões reunia o exemplo; por isso tambem tornou-se suspeito á juncta, que entrou a observar-lhe os passos e a tel-o na conta de adversario perigoso e infesto á causa da mãe-patria, ameaçada de tão imminente desbarato.

Ao chegar o bacharel Joaquim Vieira da Silva e Sousa

ao Maranhão a 5 de outubro de 1822, já não encontrou alli o governador Silveira, que antes de partir da provincia havia confiado o govêrno a uma *juncta* eleita a 15 de fevereiro d'esse mesmo anno em virtude do decreto de 24 de setembro do anno anterior emanado das côrtes constituintes.

Era composta essa juncta do bispo diocesano D. fr. Joaquim da Nazareth, como seu presidente, do brigadeiro Sebastião Gomes da Silva Belfort (secretario), do cheffe d'esquadra Filippe de Barros e Vasconcellos, do dezembargador João Francisco Leal, do thesoureiro da fazenda Thomaz Tavares da Silva, do coronel Antonio Rodrigues dos Santos e do tenente-coronel de milicias Caetano José de Sousa. Via elle portanto parentes e amigos ao serviço das côrtes, e na direcção dos negocios da provincia; mas não foi isso impedimento para que desistisse ou mingoasse no seu empenho patriotico de promover a independencia da sua provincia, senão que affrontou com muita hombridade e denodo as iras e perseguições que seu procedimento foi despertar nos zelosos adeptos do absolutismo e da escravidão.

Ás noticias dos acontecimentos extraordinarios que se iam succedendo no Rio de Janeiro, na Bahia e em outros pontos do Brasil onde chegava a resolução tomada no Ypiranga pelo principe Duque de Bragança, vieram para exaltar ainda mais o espirito do dr. Joaquim Vieira juntar-se as de haver o seu antigo condiscipulo, o dr. João Candido de Deus e Silva, juiz de fóra de S. João do Parnahyba, conseguido proclamar alli a Independencia, para

exaltar ainda mais o espirito do dr. Joaquim Vieira da Silva. Ardia em desejos de o imitar, já que o distanciára na execução dos planos que haviam ambos por tantas vezes concertado em seus colloquios escholares.

Isto ainda mais o animára no seu proposito e continuava a ter activa correspondencia com os do Rosario e de Alcantara que compartilhavam suas idéas, empregando para isso traça tão bem concebida que não foram nunca descobertas suas cartas. Não o satisfazia, comtudo, esse meio de propagar seus principios e de alentar esperanças; desejava conferenciar com os amigos, e para isso valeu-se de uma solemnidade religiosa que ia effeituar-se em Alcantara a 8 de março, para, com o pretexto de assistir a ella, dirigir-se para alli com os bachareis Leocadio Ferreira de Gouvêa Pimentel Belleza e Francisco Corrêa Leal, e o cidadão José Francisco Belfort Leal. Íam com o pensamento generoso de attrahir proselytos á causa da independencia, animar os consocios na empreza de libertar a provincia e combinar com elles nos meios de realisarem seus planos. A juncta desconfiou do motivo real d'este passeio, e o governador das armas, de accôrdo com ella, expediu ordem ao coronel Brochado, commandante geral d'aquelle districto, para que os não perdesse de vista e espreitasse todos os seus passos, e no caso de deterem-se alli além dos dias consagrados á festa, os prendesse a fim de que fossem remettidos para Lisboa. O commandante geral, querendo fazer praça de mais zeloso e obediente á metropole, passou alem do que lhe haviam determinado, prendendo-os immediata-

mente e recambiando-os para a cidade, onde foram soltos por intervenção do desembargador Leal, secretario da juncta e pae de um dos compromettidos.

Nem esta violencia, nem as amiudadas ameaças e advertencias que lhe fizeram alguns dos membros da juncta o atemorisaram ou lhe entibiaram o patriotismo; e se, por não ser affeito ás armas, não correu para ir enfileirar-se nas phalanges do movimento nacional, que tomava incremento no Brejo, em Caxias, no Itapecurú-mirim, com mais ou menos feliz éxito, não deixava comtudo de trabalhar no desbravamento do terreno onde cedo havia de germinar viçosa a semente da liberdade.

III

A antemanhan do suspirado dia da emancipação da nossa provincia alvorecia já explendente e risonha nos triumphos obtidos pelas fôrças independentes no Itapecurú-mirim e no Brejo: Caxias estava em termos de render-se, e todas essas notícias eram rebates que alvorotavam os animos da população de San Luiz que anciava por quebrar tambem as pesadas ferropeas que lhe agrilhoavam os pulsos, quando no dia 26 de julho de 1823 entrou á bahia de San Marcos a esquadra do victorioso e feliz almirante lord Cochrane com o estandarte auri-verde desfraldado com galhardia, annunciando aos povos que eram cidadãos livres, e veiu ovante afferrar no nosso ancoradouro. Dois dias depois já estava proclamada a

independencia, sem que da parte do almirante houvesse de mister empregar outros meios que não fossem a presença d'essa pequena fôrça para que as authoridades portuguezas se submettessem, e deixassem os habitantes do Maranhão desoppressos para fazerem explosão dos sentimentos que já mal podiam soffrear em seus peitos: a adhesão á causa da independencia era pois um facto para cuja consummação aguardavam só o impulso externo, que lhes chegaria dentro em breve do Itapecurú-mirim, se o não houvesse antecipado a esquadra brasileira.

Não podiam os maranhenses esquecer-se da constancia e desassombro com que o dr. Joaquim Vieira da Silva e Sousa pugnára pelo nosso alforriamento; e por isso quando a 13 de agosto d'esse mesmo anno foram convocados para eleger os membros da *juncta governativa* e os da primeira camara municipal brasileira da cidade de San Luiz, foi elle nomeado pelos suffragios de seus concidadãos um dos membros d'essa corporação, e já no seguinte mez de setembro era secretario do commandante das armas Rodrigo Salgado, que n'este cargo substituira a José Felix de Burgos.

Ponhamos de parte o periodo anarchico que succedeu á proclamação da independencia no Maranhão até que, passado o difficil e desordenado noviciado da liberdade, produzisse a constituição todos os seus salutares effeitos, pois que não vem ao assumpto senão referir os serviços que n'essa quadra vertiginosa prestou o dr. Joaquim Vieira da Silva e Sousa á causa pública e aos vencidos.

A camara municipal, ou geral como era appellidada n'essa epocha, para cortejar a plebe e tel-a por si, ou porque a maioria d'essa corporação pensasse como ella, que em seus delirios queria exercer vindictas, a verdade é que tomou medidas violentas contra os que lhe eram desaffectos, chegando até a propor em uma de suas sessões a deportação de certos portuguezes e a decretação do imposto de 6$400 sobre os que obtivessem d'ella licença para residir na provincia. Como estas, outras medidas havia que não destoavam d'ellas em injustiça e iniquidade; mas que seriam indubitavelmente approvadas, se o dr. Joaquim Vieira não as oppugnasse com valor e insistencia, chamando ao mesmo passo seus collegas á razão e fazendo-lhes sentir os perigos e opprobrio que d'ahi dimanariam, e quanto lhes seria mais honrosa, e applaudida pelos homens sensatos de todas as condições e pareceres politicos a generosidade, do que esses meios que só delatavam o rancor e a vingança que as tinha dictado e a baixeza de sentimentos e pouco civismo de seus authores. Conseguiu elle com seus conselhos e pelo ascendente e preponderancia, que soube exercer n'aquella corporação, desistissem de tão loucos e desconformes alvitres.

Achava-se em 1824 como juiz de ausentes da comarca da capital, quando aportou de novo a ella lord Cochrane com a criminosa pretensão de fazer-se pagar por suas proprias mãos da quantiosa importancia que allegava pertencer-lhe das prezas que fizera e cujo prompto reembolso exigia. Para que as cousas corressem á medida

de seus desejos, destituiu no dia 25 de dezembro d'esse anno o presidente legal, a quem suspendeu e prendeu a bordo, investindo do poder a outro de sua feição, e assim pôde a seu salvo saccar de todas as repartições de arrecadação os fundos que achou em seus cofres. Este attentado, a que não ousou oppor-se nenhuma repartição fiscal, encontrou no juiz dos ausentes uma forte barreira! O dr. Joaquim Vieira protestou contra similhante extorsão, e desobedecendo á intimação do lord, recusou entregar-lhe os dinheiros confiados á sua guarda, sem quebrantarem-lhe esta inabalavel e honrada resolução as ameaças do almirante inglez de que o mandaria prêso para o Rio de Janeiro.

Esse energico e louvavel proceder foi tão apreciado pelo govêrno imperial que em maio de 1826 despachou-o juiz de fóra da cidade da Fortaleza, capital da provincia do Ceará, e depois, em 1829, o promoveu a ouvidor da mesma comarca.

Antes, porém, de partir para o seu destino recebeu a 16 de julho de 1827 como esposa, a sua prima, a ex.ma sr.a D. Columba de Sanct-Antonio de Sousa Gayoso, que ainda vive e de quem teve tres filhos [1].

Havia dous annos que estava alheio aos negocios publicos e inteiramente entregue a estudar processos, e a com-

[1] São o ex.mo sr. senador Luiz Antonio Vieira da Silva, que nasceu a 2 d'outubro de 1828, sua irman D. Columba, casada com seu primo o sr. José Gomes de Sousa Gayoso, e D. Ritta, já fallecida e que foi casada com seu primo o sr. José Vieira da Silva, coronel da guarda nacional.

pulsar a legislação e os praxistas para repartir justiça com toda a equidade, quando os acontecimentos que seguiram-se á revolução de 7 de abril o vieram despertar e revocar de sua vida remansada de magistrado. O partido, que appoiava o monarcha decahido, tinha fundas raizes em parte da população da provincia do Ceará, e não podendo accommodar-se á idéa da abdicação de D. Pedro I, sublevou-se e pretendia depôr o vice-presidente, que estava por essa occasião na administração da provincia. Deu o ouvidor Joaquim Vieira a mão á authoridade, que estava a pique de ceder á intimação dos amotinados, alentou-a com o seu pronunciamento audaz, e soccorrendo-se ao expediente de proclamar, no dia 19 de maio, o govêrno do sr. D. Pedro II, accendeu o enthusiasmo nos habitantes indifferentes ao movimento revolucionario e d'esta sorte acobardou os insurgentes, que viram os seus planos burlados e desistiram de sua criminosa tentativa.

IV

O socegado e methodico exercicio de magistrado ia ser interrompido para elle pelas funcções de administrador de provincia, tão affanosas e cheias de responsabilidade. Nomeado presidente do Rio Grande do Norte por decreto imperial de 2 de setembro de 1831, tomou posse d'esse cargo a 22 de fevereiro do seguinte anno.

Se o ouvidor da Fortaleza conseguiu apaziguar os espiritos de seus comarcões e chamal-os á ordem e obe-

diencia ás auctoridades legítimas, foi menos feliz o dr. Manuel da Rocha Bastos, ouvidor do Crato. Alli amotinou-se a 14 de dezembro o coronel de milicias Joaquim Pinto Madeira, e á voz da restauração viu-se dentro em pouco com fôrças tão crescidas que pôde ameaçar o Ceará e Rio Grande do Norte, derramando o terror entre as populações d'estas provincias.

Foi n'estas mal propicias circumstancias que o dr. Joaquim Vieira da Silva e Sousa tomou as redeas do govêrno, e desde logo emprehendeu formar um cordão de tropas nos limites da provincia, que administrava, para assim não só impedir as frequentes correrias dos revoltosos no interior d'ella, como auxiliar o general Labatut na perseguição e aniquilamento da revólta. Não havia, comtudo, na provincia tropas, e repugnava ao ânimo liberal e humano do presidente recorrer ao prompto, dado que despotico e cruel, expediente do recrutamento forçado, que desgraçadamente tem sido o recurso de quasi todos os nossos governantes quando carecem de completar nossos exercitos. O processo empregado até hoje entre nós, sobre ser iniquo e atropellador, torna-se por vezes em um ou outro lugar uma verdad eira caçada de homens e contri buo não raro para o triumpho eleitoral de potentados antipathicos, impostos pelo terror á manifestação da vontade popular, e para o desfôrço de authoridades subalternas sem prestigio pessoal nas suas localidades. Mas elle, que tinha sentimentos não vulgares para projulgar seus administrados por si, soccorreu-se a um meio desconhecido no Brasil, e convidou seus concidadãos a pegarem vo-

luntariamente em armas e deffenderem a causa que era de todos. Não foi baldado seu appêllo, apezar da novidade, tanto que «á invocação patriotica, como diz o orador da Academia Imperial de Medicina [1], correspondeu o povo, o enthusiasmo propagou-se por todas as camadas da sociedade, e a ponto tal que os mesmos sexagenarios, incapazes de suster o pezo das armas, vinham do interior da provincia á capital offerecer ao govêrno seus proprios filhos.

«Joaquim Vieira conhecia, senhores, que o amor da patria brota voluntariamente no coração do homem livre, que o serviço forçado das armas, similhante ao captiveiro, produz sempre enfezados fructos, e que os Leonidas, que nos desfiladeiros das Thermopylas se oppunham ao exercito do poderoso Xerxes, se deixavam esmagar levados tão sómente pelo sentimento espontaneo de deffender a honra nacional.»

Compete, portanto, ao dr. Joaquim Vieira não só a glória de ter aberto o exemplo demonstrativo de que póde mais em cidadãos livres o dever do que o temor, bastando que a patria perigue para que os brasileiros voem em sua deffensão, como tambem a de ter contribuido poderosamente para debellar esse levantamento que já ia tomando graves proporções.

Querendo a regencia recompensar tão assignalados serviços, e collocal-o em lugar onde podesse desenvolver com mais amplitude suas faculdades administrativas, no-

[1] Discurso proferido pelo orador da Academia Imperial de Medicina por occasião de commemorar na sua sessão magna os socios fallecidos no decurso do anno.

meou-o a 13 de outubro de 1832 presidente da sua propria provincia natal, considerada até alli a quarta em importancia, prosperidade e civilisação.

No dia 20 de novembro achava-se elle no exercicio d'esse cargo, cumprindo as funcções d'elle, então mais difficeis já por ter de as desempenhar depois do ex.mo sr. dezembargador Araujo Vianna (marquez de Sapucahy) que bem governára, e era geralmente estimado e louvado, e já por se haverem ingerido alguns estrangeiros nos negocios politicos da provincia incitando a tal ponto os odios e malquerenças de alguns parciaes, que nem a cordura, nem a lenidade ou a imparcialidade do justo, precavido e prudente dezembargador Araujo Vianna fôra bastante para extinguir ou ao menos amortecer esses ruins sentimentos.

Representava-se a muita gente sensata que aggravar-se-hia agora ainda mais a situação, visto como era filho da provincia o actual administrador e assim mais ou menos inclinado a uma das parcialidades pelos vinculos de parentesco e amisade que o prendiam a algumas das influencias do partido denominado *brasileiro*.

Desvaneceram-se bem depressa esses apparentes receios; que os actos e opiniões do presidente convergiam todos a congraçar a familia maranhense e a fazer desanuviar-se a nossa atmosphera politica. A maçonaria, hoje fulminada pelos raios do Vaticano e perseguida pelo fanatismo intolerante de dois prelados brasileiros e dos reaccionarios, apezar de quantos beneficios tem ella feito á humanidade, foi o instrumento de que se serviu o dr. Joa-

quim Vieira da Silva e Sousa para extinguir o mal, de que tanto enfermavam seus administrados, e n'esse empenho promoveu a creação de lojas por toda a provincia [1], e influiu para que muitas pessoas distinctas se filiassem n'ellas. O resultado de tão bem concebida traça foi o restabelecimento da paz e da harmonia entre os habitantes do Maranhão. Alem de outros serviços, que prestou á provincia nos dezesete mezes que a dirigiu, soube manter-se com tanta imparcialidade e tal lisura, que o melhor testemunho que ha de tão digno e honesto procedimento é que em todo esse discurso de tempo nunca foi molestado ou censurado por nenhum dos periodicos que se publicavam n'ella, e o ter deixado da sua presidencia tão saudosas recordações, como as que sempre manifestaram os riosgrandenses que, de agradecidos, não cessavam de elogial-a e até publicamente, como em uma representação dirigida a seu successor, Basilio Quaresma Torreão, onde á volta de outras benemerentes expressões vinha consignada a seguinte mui honrosa phrase: — «Feliz v. ex.ª se seguir as pégadas do dr. Vieira da Silva!»

Honrado com o suffragio espontaneo de seus comprovincianos, não desmentiu na legislatura geral de 1834 a 1837 o bom conceito que tinha sabido grangear, e por isso adquiriu os bem cabidos fóros de um dos mais importantes parlamentares d'essa legislatura.

Ameaçada a regencia dos perigos que por toda a parte

[1] Ainda em 1855 e até 1858, quando foi eleito senador do imperio, conheci-o dirigindo os trabalhos da loja Vera Cruz, como seu veneravel.

a cercavam tornando até em alguns pontos duvidosa a integridade do imperio, tractou de organisar um ministerio que podesse contrastar e nullificar tão deleterios elementos, e foi com esse intuito que offereceu a pasta do imperio ao deputado dr. Joaquim Vieira que a recusou, allegando seu mau estado de saude; mas apertaram tanto com elle João Paulo dos Santos Barreto, ministro da guerra, e o da justiça Alves Branco (marquez de Caravelas), que por fim cedeu, e acceitou-a, e fez parte do gabinete de 20 de janeiro de 1835.

«Como ministro, diz o discurso a que atraz me referi, foi o conselheiro Joaquim Vieira reputado sempre um dos mais independentes, verdadeiro amigo do throno: se procurou cercar o monarcha com todo o prestigio devido á realeza, julgou tambem necessario dar accesso até elle a seus semanarios e a todas as pessoas que o quizessem ver e comprimentar, seguindo o pensamento do eximio e illustre marquez de Caravelas, que tinha por verdadeiro prejuizo a opinião erronea d'aquelles que consideram o throno totalmente separado da communhão do povo, e que por isso accreditam vel-o baquear ao menor sacrificio do poder, ainda que d'ahi resulte o maior bem da sociedade.»

«O ministerio do conselheiro Joaquim Vieira foi o último da regencia permanente; pela sua prudencia, imparcialidade e desinterêsse soube chamar ao gremio social os animos desvairados, fixando a ordem e creando a estabilidade, e empregando tambem inauditos esforços para que o illustre padre Feijó não recusasse o lugar de primei-

ro magistrado do paiz, para o qual tinha sido eleito, e assim tirou todo o pretexto a uma premeditada conflagração geral.»

Entre outras medidas que tomou o conselheiro Joaquim Vieira da Silva e Sousa, como ministro do imperio, importa commemorar o decreto de 8 de maio de 1835, creando a Academia Imperial de Medicina, que veiu dar tanto realce e importancia á sciencia.

Não se mostraram comtudo seus comprovincianos tão reconhecidos a quem estava tornando o nome de sua provincia benemerito por seus honrados feitos. É preceito constitucional que o deputado, que entra para os conselhos da corôa, perde o direito á cadeira na camara temporaria, sendo de novo consultada a vontade de seus mandatarios, que costumam com dobrada razão reelegel-o. Não succedeu assim ao conselheiro Joaquim Vieira que foi preferido por outro candidato, desculpando-se seus comprovincianos de tão extranha acção e vergonhosa incoherencia, com servirem d'este modo a dois— a um, que como ministro já se achava bem aquinhoado, e a outro que merecia tambem retribuidas suas canceiras politicas! Não se deu, todavia, o conselheiro Joaquim Vieira por magoado d'este, quando menos, offensivo desprimor; porque não o offuscava a ambição e a vaidade, como d'ahi a pouco teve ensejo de o testificar nas renúncias intencionaes de posições elevadissimas.

Morto João Braulio Moniz, regente do imperio, e ausente Costa Carvalho (depois visconde de Mont'Alegre), que se recolhêra acinte á provincia de San' Paulo para

desquitar-se dos negocios publicos, competia pelo acto addicional o exercicio interino da regencia ao ministro do imperio. Não quiz o conselheiro Joaquim Vieira occupar essa pasta a despeito das vehementes instancias de amigos e da solemne promessa do marquez de Paranaguá, cheffe da maioria parlamentar, de dar-lhe nas camaras appoio firme. Sem que lhe embriagassem o espirito a alteza e brilho do encargo, (admiravel desapêgo!), não houve demovel-o de sua inabalavel resolução, allegando em favor de sua obstinada recusa o ter para si que os actos, que emanassem d'esse poder, seriam illegaes: por isso que havia ainda um regente, alem de estar proxima a apuração do novo effectivo, e ser imprudente uma tal precipitação, que serviria só para excitar ambições, dissidios e a effervescencia politica, que se approveitariam de tudo isso para fazer explosão com mais furia e arrastar a nação á borda do abysmo que já lhe haviam ellas. cavado.

Tanta abnegação e tal civismo não era para ficar só nos fugazes louvores do jornalismo: procedendo-se pouco depois, na provincia do Espirito-Sancto, á eleição de um senador, foi seu nome contemplado na lista triplice; mas o conselheiro Joaquim Vieira apressou-se a declarar que não tinha a edade legal, antes que a lista subisse á escolha do Monarcha.

Estas duas renúncias revelam por si sós e despidas de todo e qualquer encarecimento, os nobilissimos e superiores sentimentos do conselheiro Joaquim Vieira, se todos os outros actos de sua vida pública não os afirmas-

sem e dessem eloquentes e irrefregaveis testemunhos de sua probidade, rectidão e patriotismo.

Subindo ao poder o regente Feijó, retirou-se o ministerio, como a politica o aconselhava, e desde esse dia despediu-se o conselheiro Joaquim Vieira da Silva e Sousa dos negocios publicos, resolvido a viver vida retirada, cuidando de sua lavoira. N'esse designio recolheu-se desde 1836 á sua fazenda de Pirangy, na margem direita do Itapecurú e quasi fronteira á villa do Rosario. Vieram, no entanto, seus comprovincianos remir de motu proprio uma grave culpa, dando-lhe nas eleições de 1838 seus votos; e sem que elle cooperasse para isso, sahiu deputado geral na legislatura de 1838–1841. Não teria, comtudo, quebrado seu firme proposito de deixar-se ficar em sua fazenda sem tomar assento na assembléa, se a revolução que assolava a provincia desde 1839 não o arrancasse d'esse retiro, que tanto se compadecia com suas modestas inclinações. Confrangiam-lhe, porém, o coração a ruina e desolação em que ia decahindo sua provincia natal e resolveu por isso ir á côrte do imperio para ahi do alto da tribuna e nas secretarias de estado, reclamar efficazes e energicas medidas que salvassem o Maranhão, restituindo-lhe em breve a paz e a segurança pública. Não foram inuteis os seus esforços, e uma vez satisfeitas essas reclamações, retirou-se para nossa provincia no fim da sessão.

V

Representava o paganismo a justiça — deusa vendada, sopesando de uma das mãos a balança do julgamento e da outra a espada nua da sentença, e a ella erigia templos, em cujas aras sacrificava. Acabou o christianismo com esse culto todo exterior das virtudes moraes, para recalcal-as e radical-as no foro intimo, infiltrando no nosso peito desde a infancia os sãos dictames, que acham dentro em nós o verdadeiro templo onde adoral-as e servil-as. A manifestação da justiça está nas leis, seu breviario nos codigos e seu sacerdocio na magistratura. É fôrça, pois, que o mister de juiz seja cercado de quanto prestigio e meios o possam manter na mais absoluta independencia, tanto dos que elle tem de julgar, como dos que o teem de premiar, e por isso convem primeiro que tudo pôr os magistrados a coberto de necessidades e afastal-os completamente da politica militante e activa.

Foi com esse pensamento decoroso que o conselheiro Joaquim Vieira da Silva e Sousa reassumiu em 2 de dezembro de 1839 as funcções de magistrado, acceitando a nomeação de dezembargador da Relação do Maranhão. Entendendo que um juiz deve despir-se, quanto possivel, de paixões, e que nada tanto as excita como a politica, deixou de tomar n'ella parte ostensiva, não o vendo ninguem d'ahi por diante em reuniões eleitoraes, e tão pouco appresentou-se candidato a nenhum cargo. Por seu temperamento moderado propendia para as idéas conser-

vadoras; mas nem por isso applaudia o advento d'ellas ou estreitava relações com os caudilhos ou adeptos d'essa doutrina, recebendo bem e convivendo com os homens de um e outro credo, que lhe mereciam estima por seu illibado proceder. Consagrando-se inteiramente ao apensionado exercicio de julgador, só d'elle levantava mão para distrahir-se com a familia e os parentes, ou quando o estado ou a provincia reclamava-lhe os serviços.

Quando se tractava de organisar na cidade de San' Luiz o Banco Commercial, encontraram seus fundadores decidido e vigoroso appoio n'elle. A *Sociedade Philomatica,* creada por elle e outros benemeritos cidadãos em 1845, para propagar os conhecimentos uteis, e a de Agricultura fundada annos depois que aquella extinguiu-se e cujas ephemeras existencias não pôde prolongar, mau grado a assiduidade e disvelo com que as presidia, attestam sua boa vontade de cooperar para a prosperidade e futuro da provincia do Maranhão. Era egualmente um conselheiro leal e prudente com que os administradores da provincia podiam contar, como tambem um zeloso protector que teve a Sancta Casa da Misericordia em todo o tempo que serviu de seu vice-provedor.

«Cultor das lettras, accrescenta ainda o discurso já alludido, o conselheiro Joaquim Vieira da Silva e Sousa protegia quanto lhe era possivel o desenvolvimento das associações que modestamente espalham por entre o povo o maná quotidiano que nutre as intelligencias e forma os corações, pertencendo por este motivo ao pequeno nú-

mero dos homens d'estado, que prestam mais aprêço ás idéas grandiosas dos corpos puramente scientificos, do que ás mesquinhas considerações da enganadora politica.»

Se bem que esse laborioso e integro juiz não procurasse alargar o ambito de suas aspirações, seus merecimentos foram devidamente avaliados pelo govêrno supremo e por seus concidadão: elevado em 1854 á presidencia do tribunal a que dera tanto lustre com seu exemplar procedimento, já em 1864 era chamado para occupar o lugar de ministro do Supremo Tribunal de Justiça.

Embora arredio dos partidos que se degladiavam na provincia, vieram os suffragios dos maranhenses incluil-o em 1859 na lista triplice senatorial, designando-o á munificencia imperial que deu-lhe assento no Senado Brasileiro. Não me consta que occupasse nunca a tribuna da camara vitalicia; mas nem por isso foi menos util a sua presença alli, pelos trabalhos de commissão que preparou, e por seu voto consciencioso e independente. Nem sempre anda o dom da palavra ligado ás virtudes civicas. Com serem grandes Sully e Colbert não tinham o condão oratorio, e a Chateaubriand e a Cormenin faltava presença d'espirito e não podiam concertar discursos em uma assembléa. De si confessa João Jacques Rousseau que bastava uma reunião de meia duzia de pessoas para o fazer enfiar devéras e não poder exprimir a mais simples phrase que tivesse geito.

Não desfructou, todavia, por muito tempo cargos tão

elevados e remunerativos. Vindo á provincia, onde tinha sua residencia habitual, adoeceu gravemente. Passava eu na noite de 23 de junho de 1864 pela casa da rua dos Remedios, onde morava o conselheiro Joaquim Vieira da Silva e Sousa com sua familia, quando acercou-me um amigo d'ella, reclamando meus soccorros medicos para o illustre enfermo, na ausencia do facultativo que o assistia. Subi com soffrega anciedade a escada e dirigi-me logo ao quarto onde encontrei o conselheiro Joaquim Vieira prostrado no leito da agonia a debatter-se nos paroxismos da morte. Rodeavam-n'o a familia e amigos debulhados em pranto. Abeirei-me com respeito e compunção d'aquelle venerando moribundo, de quem, agradecido, conservava as mais agradaveis recordações de quando eu e poucos mancebos mais reuniamo'-nos em palestras nocturnas com seu filho, que orça por nossa edade. Não se desprazia elle de vir por vezes seroar comnosco, mostrando-nos a todos benevola affectuosidade. Examinei-o: já não dava accôrdo, e o alento de vida d'ahi a pouco se lhe despediu do todo!

Falleceu aos sessenta e quatro annos e meio, conselheiro honorario, senador do imperio, ministro do Supremo Tribunal de Justiça, cavalleiro fidalgo, commendador da Ordem de Christo, e membro honorario da Academia Imperial de Medicina.

Concluindo estas notícias, a que não pude dar o desenvolvimento, que desejava e ellas pediam, visto virem-me demasiado tarde os apontamentos, rematal-as-hei com as seguintes palavras do illustre orador da Academia Imperial de Medicina:

«Probo e honrado, o conselheiro Joaquim Vieira não fazia monopolio d'estas nobres qualidades, e attento e reflectido jámais menosprezou a reputação alheia para firmar o seu pedestal de juiz recto e illustrado.

«Finalmente, senhores, se o desinterêsse, maneiras affaveis, consummada prudencia, illustração e zelo infatigavel na execução de seus deveres fizeram com que o nosso consocio captasse o respeito dos contemporaneos, estamos convencidos que com esses mesmos titulos seu nome conquistará a veneração da posteridade.»

IX

O SENADOR

CONSELHEIRO JOÃO PEDRO DIAS VIEIRA

Pour juger quelqu'un avec impartialité il faut se mettre, non pas à notre place, mais à la sienne.

CORMENIN — *Liv. des orateurs.*, vol. I, pag. 315

I

Ainda bem que são passados os tempos de obscurantismo e servidão, em que o accidente do nascimento era um privilegio ou um desdouro! A verdadeira nobreza, que legitíma as ambições e impõe respeito — é a do talento e a do trabalho honrado. Se os gosos materiaes são partilha da plutocracia a quem curvam-se as turbas e rendem preito, nas regiões do espirito sobrelevam de muito aos argentarios aquelles que se distinguem por seu saber, intelligencia e activo e util emprêgo de suas horas. O systema monarchico representativo de commum com o republicano dilatam-lhes horisontes em que se enaltecem e ampliam-se, tendo, sós como limites os bafejos e vontades populares. Em um regimen onde todos são eguaes perante a lei, quer puna, quer recompense, e onde gozam dos direitos revelados ao homem desde a fecundissima revolução de 89, todos dependem do povo e

só por elle se nobilitam, subindo de degráo em degráo até o último fastigio do poder.

Na propria Inglaterra, com ser a aristocracia um poderoso elemento nacional que se firma desde seculos no luzimento da origem e do espirito cultivado, tornando-se simultaneamente por taes titulos benemeritos da nação, ahi mesmo rompe a miudo esse cerrado circulo o homem do povo que se avantaja em faculdades intellectuaes e moraes: assim vemos Canning, filho de uma pobre actriz de pessimos costumes, Robert Peel, de pae operario, lord Brougham, Lindshurt e tantos outros sobreexcederem á alta prosapia do sangue e do dinheiro e trazel-a atrelada ao seu carro triumphal, impendendo de seus favores.

Quem foram no nosso paiz o visconde de Cayrú, o conselheiro Baptista de Oliveira, o visconde de Mont'Alegre, cujos progenitores regaram com o suor de seu rosto os instrumentos de trabalho que os ennobreceram? D'egual estirpe veiu o senador conselheiro João Pedro Dias Vieira, nascido na villa de Guimarães a 30 de março de 1820. Nem por seu pae, o capitão de milicias, Manuel Ignacio Vieira, ou por sua mãe, D. Dyonisia Maria Dias Vieira herdou bens da fortuna e influencia que lhe dessem importancia ou predominio politico na sua provincia natal; porque simples fazendeiros de poucos haveres, contentavam-se com uma mediania obscura e recolhida. Só aos seus merecimentos e talentos é que deveu, portanto, a avantajada posição a que chegou.

Mandado de pequeno para a cidade de San' Luiz do Maranhão, ahi estudou primeiras lettras, e ahi passou de-

pois a frequentar as aulas públicas de humanidades onde teve por professor de latim o respeitavel philologo Francisco Sotero dos Reis.

Dotado de intelligencia superior e de grande memória, contava quatorze annos escassos quando já havia completado os estudos preparatorios.

Entrou em 1837 para a academia d'Olinda, onde foi desde logo tido por um dos primeiros alumnos do seu curso. Não lhe valeram, porém, os creditos escholares para poupal-o a uma injusta nota no seu acto de terceiro anno.

Redigiam por esse tempo o *Argos Olindense,* orgam de doutrinas liberaes, os estudantes Fabio Alexandrino de Carvalho Reis, Antonio Borges Leal Castello Branco, Carvalho Moreira (hoje barão de Penedo) e Francisco José Furtado, e de collaboração com elles João Pedro Dias Vieira. Julgaram-se offendidos com isso os lentes de credo contrário; e como se envergonhassem de reprovar os que estavam a terminar o curso, desfecharam a mão tente seus botes contra o terceiranista. Em vista de tão censuravel desforço, não quizeram Furtado e Carvalho Moreira expôr-se á mesma sorte, e foram para San'Paulo, e com elles João Pedro Dias Vieira. Ahi não desmereceu este do bom conceito d'estudante talentoso que havia adquirido em Olinda, obtendo boas notas em todos os actos até que a 8 de novembro de 1841 tomou o gráu de bacharel formado em direito.

II

Chegou o futuro conselheiro João Pedro Dias Vieira em principios de 1842 ao Maranhão, onde já o precedia a fama de seus talentos e clara intelligencia, assaz provados em nossas academias de direito, e no Rio de Janeiro, em cujo fôro practicára, sob a direcção de um de seus mais habeis advogados, tanto que, tornado de Guimarães, onde estivera com os paes, foi nomeado promotor público de Alcantara [1], e antes que entrasse em exercicio d'esse cargo, transferiram-n'o para o da capital, de que tomou posse [2] dois dias depois da primeira nomeação.

Bem parecido e sympathico, maneiras distinctas, voz cheia, perceptivel e sonora, a facilidade com que se exprimia e lhe accudiam os termos, a fluencia e bom estylo de seus discursos designaram-n'o desde logo como um dos bons oradores da nossa tribuna forense. A carreira parlamentar como que lhe estava aberta, prenunciando-lhe tão felizes estreias mais altos destinos, se houvesse tomado assento no corpo legislativo quando ainda conservava o hábito do trabalho e dos estudos aturados e profundos. Não aconteceu, porém, assim; porque alistou-se desde o principio nas fileiras de uma opposição sem esperanças de proximo triumpho. Encontrava seus amigos e collegas, os snrs. drs. Francisco e Fernando Vi-

[1] Nom. a 27 de julho de 1842.
[2] Nom. a 29 de julho de 1842.

lhena, e Fabio A. de Carvalho Reis na liça jornalistica, redigindo conjunctamente, primeiro o *Maranhão,* que foi de breve duração, e logo em seguida o *Dissidente,* que exprimia melhor o antagonismo de suas com as idéas dos antigos alliados, que aberraram das do liberalismo para apoiarem em 1841 o presidente conservador e d'ahi em deante todos quantos se lhe seguiram, quaesquer que fossem seus principios e os do govêrno central de que eram delegados, com tanto que lhes garantissem estes as posições e sahissem os deputados da sua grei.

Despediram-se elles por fim da imprensa, em 1844, cansados de luctar sem fructo nem benefício para a provincia, e o dr. João Pedro Dias Vieira, que fôra exonerado do cargo de promotor público por causa de suas opiniões politicas, assentou banca de advogado; mas d'ahi a dois annos foi de novo nomeado promotor e d'esta vez para a comarca do Itapecurú-mirim [1].

Poucos mezes antes (22 de fevereiro de 1846) havia recebido por esposa a ex.ma snr.a D. Isabel Nunes Belfort, filha do coronel Antonio de Salles Nunes Belfort, que tanto figurára nos primeiros acontecimentos que se seguiram á adhesão da provincia á causa da independencia.

Inaugurado o partido da *Liga Maranhense,* prestou-lhe o dr. João Pedro Dias Vieira seu appoio, e nas eleições de 1847 concorreu ás urnas como candidato á deputação geral; mas a hora de sua entrada para o recinto dos representantes da nação não havia soado ainda, sendo qui-

[1] Nom. a 7 de novembro de 1846.

nhoado na nossa assembléa provincial com uma cadeira que lhe foi mantida em mais de uma legislatura. Tornou-se n'ella mui notado por seus dotes oratorios e pela brandura de character, patrocinando com seu voto e influencia as requisições que lhe pareciam justificadas, embora partissem de adversarios.

Chamado depois como primeiro supplente do juizo municipal da comarca da capital, que vagára, exerceu[1] esse lugar interino com muita probidade e acêrto.

III

Administrava a provincia do Maranhão pelos annos de 1851 a 1855 o dr. Eduardo Olympio Machado, antigo collega e amigo do dr. João Pedro Dias Vieira desde a Academia de San' Paulo. Com a estada d'este na mesma cidade estreitaram-se esses laços, depositando elle ao mesmo tempo no amigo tanta confiança que sem embargo de seu grande engenho e vastos conhecimentos, entregou-se o dr. Olympio Machado á sua direcção e experiencia no que respeitava a negocios politicos, reservando para si o entender e decidir dos que corriam pelos outros ramos administrativos, em especial pelos d'instrucção e obras públicas, nos quaes iniciou alguns melhoramentos de reconhecida utilidade.

Foi o dr. João Pedro Dias Vieira nomeado a 8 de julho

[1] 27 de julho de 1847.

de 1852 procurador fiscal do thesouro provincial do Maranhão, servindo tambem de delegado de polícia da capital no seguinte anno. Do cargo de procurador fiscal passou em 1854 a director geral das terras públicas, que exercia accumulativamente com o de professor de philosophia, rhetorica e geographia do seminario episcopal[1], só deixando o magisterio quando entrou para o senado.

Medeava pouco tempo depois do fallecimento do dr. Eduardo Olympio Machado, quando chegou ao dr. João Pedro Dias Vieira a nomeação de presidente da provincia do Amazonas[2]. Para estreia administrativa não lhe podia ser confiada provincia em peiores circumstancias; se por um lado ahi estava tudo por crear, carecia ella por outro de recursos para isso. Depois de dois annos de infructiferas tentativas e de reiteradas reclamações ao govêrno central, desistiu da empreza e teve por melhor pedir a exoneração d'esse cargo, que foi-lhe concedida a 4 de janeiro de 1857. Recolhendo-se ao Maranhão, obteve ahi a nomeação de fiscal do Banco Commercial, por parte do govêrno.

Os suffragios de seus comprovincianos vieram então honral-o com o diploma de nosso representante na legislatura de 1857–1860, sendo reeleito na seguinte, e em abril de 1861 foi incluido seu nome na lista triplice para senador por sua provincia natal, e elle o preferido na escolha imperial. A 13 de maio tomava assento na camara vitalicia.

[1] Nom. em 1.º de abril de 1854.
[2] Nom. a 9 de outubro de 1855.

IV

Assumindo a 19 de abril de 1858 o exercicio interino do govêrno do Maranhão, na qualidade de seu vice-presidente, por seis mezes, e em 1863 apenas por oito dias [1], mostrou de ambas as vezes o quanto se desvellava pelo engrandecimento da provincia e que seu espirito dado á lenidade sabía amortecer as paixões politicas, quando importava fazel-o. Administrou as rendas provinciaes com bastante economia sem desattender comtudo ás necessidades da provincia, já creando recursos, já desenvolvendo com empenho e fervor as instituições que promettiam bons resultados.

Considerando a navegação a vapor pelos nossos rios como principal alavanca que podia levantar o commércio e a lavoura da provincia, que definhavam a olhos vistos, entre outras causas, por escassez de meios de communicação seguros, rapidos e regulares, não houve favores compativeis com o seu cargo que não liberalisasse á companhia de navegação a vapores, havia pouco creada na provincia, alvitrando á sua intelligente e activa directoria o estender suas viagens aos portos do Ceará e Pará, e obtendo do govêrno central, por sua influencia e sollicitude, um contracto vantajoso, que subvencionava e garantia a essa linha privilegio por alguns annos. Veiu elle fortalecer d'esta sorte os creditos e ampliar a acção

[1] De 5 a 13 de junho de 1863.

e recursos d'essa empreza. Tambem sua desvelada e probidosa directoria de reconhecida deu a um de seus barcos a vapor, que singra nossos rios, o nome de *Dias Vieira*, commemorando assim os bons serviços feitos por aquelle digno filho do Maranhão a essa nascente empreza.

Em 1859 foi elle nomeado presidente da provincia do Pará; mas recusou essa honrosa commissão por assim lh'o aconselharem seus interêsses particulares, que corriam á revelia e a que não pôde, comtudo, attender, distrahido d'ahi a pouco por funcções públicas mais transcendentes.

A vice-presidencia do Maranhão não foi mais que um tirocinio passageiro para quem estava destinado a mais elevadas funcções. Na formação do gabinete de 15 de janeiro de 1864, de que foi organisador o ex.^{mo} snr. conselheiro Zacharias de Goes e Vasconcellos, occupou o conselheiro Dias Vieira a pasta da marinha, passando a 15 de março para a d'estrangeiros. Seguindo-se a este o ministerio de 31 de agosto, continuou a occupar esta, tomando tambem temporariamente conta da de agricultura. A 3 de outubro desapressou-se d'esta pasta, ficando só com a d'estrangeiros, onde tinha trabalhos de sobra.

Foi durante esse ministerio tão atarefado que elle desenvolveu todos os seus recursos intellectuaes, sendo os actos mais louvaveis que practicou, os avisos expedidos para obviar os embaraços que emergiam a cada momento da convenção consular feita pelo marquez d'Abrantes, obtundindo de algum modo os erros mais graves d'esse

contracto em que fomos mui lesados; a nota digna e energica que dirigiu ao govêrno dos Estados-Uunidos por occasião do desagradavel conflicto do vapor *Wassuchetts* que aprisionou nas aguas da Bahia o *Florida*, pertencente aos rebeldes do sul, e muitos dos negocios diplomaticos do Rio da Prata que foram resolvidos por sua unica iniciativa. Não lhe impedia a guerra do Paraguay, que preoccupava e prendia a attenção e reclamava os esforços de todos os membros do gabinete, que se dedicasse com assiduo zêlo aos negocios que corriam por sua secretaría.

Como parlamentar, como administrador, como politico e estadista soube até ahi conservar extreme de toda a pecha e respeitado o seu nome; mas com a quéda da politica, a que adherira e servira como ministro, e com as instantes necessidades da familia, sentiu-se desfallecer. Vendo-se sem meios para poder accudir a ellas, dar conveniente educação aos filhos e manter-se na sociedade com aquella decencia que sua elevada posição requeria, faltou-lhe a fortaleza e resignação precisas para desafiar a adversidade e esforçar-se por vencel-a. Seu espirito abatteu-se, resvallou, e o membro do gabinete de 31 de agosto acceitou do que lhe succedeu o lugar de membro effectivo[1] do conselho naval, sendo pelo mesmo tambem encarregado de examinar os estabelecimentos de marinha do Maranhão e Pará, cuja commissão desempenhou em novembro do mesmo anno (1868).

Ha na vida do homem d'esses desfallecimentos, d'esses

[1] Nom. a 23 de julho de 1868.

eclipses que não explico, como tambem não justifico, nem attenuo, mas deploro profundamente. Faltou-lhe por ventura coragem para arrostar a adversa fortuna, e allucinado pelo excessivo amor da familia que nos enerva e desvaira muitas vezes, perfigurando-se-nos a miseria, impetuosa corrente que nos envolve, arrebata e sepulta nas profundezas do seu abysmo, preferiu-lhe o suicidio moral! Erro de apreciação ou allucinação desculpavel, chame-n'o embora os complacentes. Ácerca d'este passo do conselheiro João Pedro Dias Vieira, que foi tão duramente censurado por alguns jornaes liberaes, lê-se no relatorio do ministro da marinha, o ex.mo snr. visconde de Cotegipe, apresentado ao corpo legislativo em 1869: «Para o conselho naval foi nomeado o conselheiro João Pedro Dias Vieira que partiu logo depois para o Maranhão e Pará, incumbido de inspeccionar os estabelecimentos de marinha n'aquellas provincias, e acaba de regressar, tendo concluido aquella missão... (pag. 4).

Na pagina 29 diz ainda, sob a rúbrica *Arsenal do Pará:*—«O Ex.mo Snr. Senador João Pedro Dias Vieira, como membro do conselho naval, acaba de examinar, como já vos disse, esse estabelecimento; mas tendo regressado ha poucos dias, ainda não apresentou o relatorio de seus estudos e observações, que servirão de base ás medidas que o govêrno tenha de adoptar.»

O ex.mo snr. visconde do Rio Branco, que foi demittido pelo conselheiro João Pedro Dias Vieira em razão do convenio de 20 de fevereiro de 1865, e com quem teve de medir-se nas discussões calorosas provocadas no Senado

por esse motivo, justificou de algum modo seu procedimento, respondendo na sessão de 30 de janeiro de 1873 a uns reparos que o ex.mo snr. senador Pompeu de Sousa Brasil fizera em allusão á entrada do ex.mo snr. visconde de Caravelas para o gabinete, de que ainda é presidente o referido snr. visconde do Rio Branco.

De volta de sua commissão áquellas provincias do norte, não logrou mais saude. Sentia de tempos vehementes symptomas de cancro roedor na parte inferior do tronco, e que desde então foram tomando incremento de dia para dia; mas nem por isso deixava de trabalhar, embora não podesse escrever senão de pé e curtindo atrozes dores. Raras vezes comparecia ao Senado, e tambem não ía ao conselho naval, munindo-se dos documentos e mais papeis sobre que tinha de dar parecer ou dos que lhe haviam de servir para organisar relatorios [1].

Contava apenas cincoenta annos de edade quando no dia 30 de outubro de 1870 deixou de padecer, ficando-lhe viuva e tres filhos para o lastimarem e honrarem suas cinzas.

Sabendo o govêrno imperial que a familia do conselheiro João Pedro Dias Vieira podia cahir na miseria se a não accudisse, concedeu á viuva uma pensão annual de 1:200$000 réis: «em attenção aos relevantes serviços, como reza o decreto, prestados ao Estado pelo conselheiro João Pedro Dias Vieira».

O senador João Pedro Dias Vieira, modesto no seu vi-

[1] Achou-se entre seus papeis e por concluir o relatorio de sua commissão ao Maranhão e Pará.

ver, era incapaz de rebaixar-se em busca de grandezas; sendo que o titulo honorario de conselheiro, as mercês de official da Imperial Ordem da Rosa e gran-cruz da Ordem Ernestina da Casa Ducal de Saxe, vieram-lhe dos cargos que exerceu, e a cadeira do Senado do suffragio de seus concidadãos e escolha do Monarcha Brasileiro.

Tony Bonnes du Tonyes

X

O Dr. JOAQUIM GOMES DE SOUSA

Son esprit s'élevait aux découvertes les plus sublimes de la science, et s'abaissait sans peine aux formules banales et stereotypées...

Liv. des orateurs, par TIMON—CORMENIN, tom. I, pag. 154.

I

Quem se dirigisse no dia 15 de fevereiro de 1829 ao sítio da Conceição, á margem esquerda do caudaloso e sombrio Itapecurú, descobriria pelo ar festivo que ía na vistosa e elegante vivenda campestre do major Ignacio José de Sousa, pelo alvorôto e alegria debuxados no rosto franco d'esse hospitaleiro agricultor, que havia occorrido ahi novidade para contentamento geral da familia. E assim era, que sua esposa a ex.ma sr.a D. Antonia de Brito Gomes de Sousa havia dado á luz n'esse dia um menino a quem os paes deram na pia baptismal o nome de Joaquim em attenção a seu tio, o conselheiro Joaquim Vieira da Silva e Sousa.

Foi elle medrando em formosura e graça, e ninguem que o visse no terreiro da fazenda da Conceição e admirasse seu rosto expressivo, faces mimosas, rosadas e tão redondas, seus olhos vivos e buliçosos, e cabellos lou-

ros e annellados que molduravam aquella bella cabeça, como as dos cherubins e cupidos de Ticiano ou Murillo, não poderia calcular que dentro em poucos annos seria desmudado aquelle travesso menino no severo e reflectido pensador todo preoccupado das theorias de Newton e de Laplace, e em resolver altos problemas psychologicos e physicos.

Frequentava por esse tempo a casa do major Ignacio José, na cidade de San'Luiz, o sr. dr. Domingos J. G. de Magalhães (barão de Araguaya), secretario do govêrno da provincia, e era o seu maior prazer contemplar esse galante e vivo menino de doze annos a brincar com os companheiros, ou tomal-o sobre os joelhos e entreter-se com elle. Pasmava de suas tão acertadas respostas e reflexões, que não eram de creança. Antevendo o poeta n'elle um genio, não cessava de aconselhar á familia de Gomes de Sousa para que applicasse aquelle portento a estudos serios; e suas recommendações calaram tanto no espirito dos paes, que em 1841 o mandaram para Pernambuco com seu irmão mais velho, José Gomes de Sousa, que cursava as aulas de direito na academia de Olinda, carreira a que tambem destinavam o menino Joaquim. Applicava-se este ao estudo dos rudimentos de humanidades quando em março de 1842 falleceu-lhe o irmão.

Tornou então para o seio da familia que já se achava residindo de todo na capital. Tinham seus paes mudado de resolução e tomado o accôrdo de fazer d'elle um militar. Não era comtudo essa a vocação que denunciava em seus brincos e jogos de creança. Não havia para elle

nada que o deleitasse tanto como um baptisado de bonecas ou uma procissão em que enfileirava todos os seus companheiros de folguedo: era elle o sacerdote e revestia-se então de certo ar de gravidade, e não terminava a festa sem que trepasse a uma cadeira, e papeasse um arremêdo de sermão.

Poucos eram os preparatorios exigidos por esse tempo para a matrícula na eschola militar, de sorte que partiu para o Rio de Janeiro em 1843, e n'esse mesmo anno assentou praça de cadete no 1.º batalhão de artilheria e começou a frequentar essa academia.

Não era, porém, compleição tão delicada propria para os exercicios das armas. Sentia-se constrangido na farda, pezava-lhe a espingarda, e as mathematicas elementares eram demasiado aridas para a imaginação ardente de quem estava na alvorada de risonha primavera, em breve fructifero estio. Desgostoso da carreira, para a qual não conhecia em si aptidão, escreveu aos paes sollicitando com instancia permissão para deixal-a. Agastaram-se estes a princípio com uma tal resolução, que tiveram por leveza de cabeça e esquivança ao trabalho e attenção que exigem as mathematicas, e suspeitando em tudo isso escapatorio á mandriice e ás distracções consentaneas com a edade, assentaram em o mandar recolher á provincia. Demoveu-os, porém, d'essa resolução o seu parente Thiago José Salgado pela muita affeição que consagrava ao menino, e assim conseguiu d'elles consentissem que cursasse a academia de medicina, visto como eram esses seus desejos.

Feitos seus exames de primeiro anno de mathematicas, em que foi approvado plenamente, dedicou-se com fervor ao latim, de que já tinha algumas tinturas, e á philosophia racional, e em março de 1844, tendo prestado exame d'essas materias, matriculou-se na faculdade de medicina do Rio de Janeiro.

II

Operou-se desde esse momento no espirito do mancebo e na sua intelligencia uma completa metamorphose. Rompeu-se a chrysalide que envolvia e detinha aquella brilhante borboleta para quem se abriram os espaços, onde não havia para elle nada de deffeso e occulto, que não devassasse, e flor que não libasse.

Os segredos da natureza encerrados no estame da flor, na semente, na germinação, na fructificação, em toda a physiologia vegetal em summa, a classificação dos seres organicos mais superiores, as leis da physica experimental, a mechanica, o calorico, a electricidade, a optica e a acustica, o estudo da botanica, da anthropologia e as theorias das fôrças naturaes deliciavam-no e occupavam-lhe tanto a attenção que se não contentava unicamente com estudar as lições explicadas pelos professores, e ia com sofreguidão lendo para diante, de modo que em um mez já tinha estudado os *Elementos de botanica* de Richard, e os de zoologia de Milne Edwards, e depois passou-se aos de Pouillet, e entregou-se todo á physica, materia de sua particular predilecção.

Foi esse estudo que lhe fez conhecer a applicação práctica das mathematicas e a necessidade de as aprofundar para bem comprehender muitas das theorias, principalmente, as de mechanica. N'esse intuito começou a estudar comsigo mesmo as mais complicadas operações de algebra, e não encontrando n'ellas difficuldade, quiz proseguir em seus estudos. Muniu-se então de todos os compendios do curso do segundo anno da academia militar. Estudados estes, e animado por tão inesperado resultado, entrou afoito pelo cálculo integral e differencial, pela mechanica de Francoeur, pela astronomia; e assim, quasi insensivelmente e sem outro auxilio e guia que o de sua extraordinaria intelligencia, dentro no seu gabinete, e ao concluir o seu terceiro anno medico, já sabía tudo quanto constituia o curso de engenheria; sendo mais para notar que occupou sempre o primeiro lugar entre os mais distinctos estudantes da eschola de medicina, frequentada então por tantos talentos de primor!

Magico poder de intelligencia, favorecida por Deus com todas as fôrças e recursos que sóe prodigalisar a seus eleitos! O que parecia a principio abstruso e inintelligivel a Gomes de Sousa, tornou-se-lhe depois claro, facil e aprasivel recreio!

Tendo em 1847 feito com muita distincção acto do terceiro anno medico, em que alcançou, como nos anteriores, a nota de *optime cum laude,* anima-se a requerer exame vago de todas as materias do curso d'engenharia, cedendo ás suggestões de alguns collegas que o admira-

vam. N'isto tambem o animou o dr. Jardim, lente da Academia militar que era inquilino do mesmo predio da rua da Misericordia onde residia Gomes de Sousa, e a quem fôra este apresentado causando-lhe pasmo a segurança e certeza das respostas d'esse mancebo, em cujo labio superior começavam apenas a lourejar raros pellos! Sahiram-lhe desde então com os seus impedimentos a inveja e a rotina; mas a persistencia do mancebo levou-os de vencida, triumphando por fim de quantos obstaculos se lhe antepuzeram.

III

O genio é já de si uma excepção. Querer pôr-lhe balisas, erguer-lhe barreiras e comprimil-o, escravisando-o ás regras communs, é um contracenso, um desatino, e até mesmo um crime: é cortar-lhe as azas para que não voe, é cercear-lhe o que ha n'elle de mais para aferil-o pela craveira dos talentos vulgares.

Ao apresentar-se o requerimento do joven estudante á congregação dos lentes da Academia militar, foi recebido por todos com o sorriso mofador da incredulidade: irritaram-se as mediocridades e tiveram como indicio de loucura o atrevimento do estudante de medicina que, sem ajuda de explicadores, sem cursar os bancos da faculdade, tinha a presumpção de saber mathematicas para sollicitar um impossivel, senão um verdadeiro disparate. Foi portanto desprezada sua petição, e o improperaram de *charlatão e maniaco*.

Tinha Gomes de Sousa a fé inabalavel dos Gallileus e dos Christovams Colombos, essa fé que incute no homem a consciencia do que vale; e assim nunca o abandonou a esperança de que viria tempo em que se lhe faria justiça. Não desceu de seu intento antes perseverava n'elle; mas só, desprotegido, sem conhecer ninguem que lhe podesse valer em taes apertos e em tamanho desamparo, não poderia vencer a opposição pertinaz dos lentes e do ministro da guerra, se lhe não apparecesse um anjo que lhe désse a mão e o accudisse com aquella dedicação e solícita tenacidade que só á mulher é dado dispensar quando concebe um plano, apaixona-se por elle e esforça-se por effeitual-o. Para ella não ha estorvos que lhe entorpeçam os passos e contrarestem a marcha; que não fazem n'ella morada a descrença e o egoismo para lhe paralysarem os generosos impulsos do coração, se é que as contrariedades não são antes estimulos que exaltam o enthusiasmo e incitam esta porção da humanidade, tão debil no physico e ás vezes tão forte d'espirito! Não ha então para ella afrouxar nem descançar na lucta, empregando meios que só ella descobre para destruir difficuldades — na brandura — sua logica, na insistencia — sua arma, e na rogativa instante com que exora e insiste, com que contrasta a recusa, confunde e cansa a opposição até que, desarma e a subjuga, e a obriga de fatigada, a ceder.

Deparou Gomes de Sousa em tão desconsoladoras conjuncturas com uma alma resoluta e compassiva que comprehendeu de improviso, ou antes adivinhou o instincto de mulher o que havia de sublime n'aquella creança.

Foi D. Maria Constança Martins Brito, filha do barão do Passeio, de cujo patrocinio valeu-se um amigo de Gomes de Sousa, referindo-lhe o occorrido na Academia militar. Mostrou-se-lhe ella não só interessada e compadecida do estudioso mancebo, como encarregou se do negócio, e para dar-lhe andamento affrontou todas as más vontades, superando as mais rebarbutivas reluctancias e destruindo as dúvidas e objecções que oppunham a tão atrevido e extranho commettimento. Depois de ter sua desinteressada protectora tentado inuteis diligencias, recorreu ao expediente de fazel-o conhecido do senador Saturnino, que gozava dos legitimos fóros de profundo mathematico. Visitou-o Gomes de Sousa, e a conversação entre ambos foi detida e equivalente a um exame. Fez essa visita tal impressão no illustre sabio, que declarou-se desde logo protector do estudante, e foi por sua intervenção e incessante empenho que obteve Gomes de Sousa licença para fazer exames do segundo e terceiro annos, soffrendo antes dos actos de ponto de cada materia exames vagos sobre as do respectivo curso.

Estes tropeços que a outros pareceriam difficuldades invenciveis, foram para Gomes de Sousa triumphos que deram mais relêvo e brilho a seus conscienciosos estudos e vigorosissimo talento, e demonstraram a solidez de seus conhecimentos na sciencia. A inveja mordeu ao dr. Jardim, aquelle mesmo que o tinha animado a requerer exames, e nos do terceiro anno, a que presidiu, deitou-lhe um *r*! Bastou isso para que lhe caçassem a licença e ficassse elle inhibido de continuar a prestal-os.

Aos obstaculos já existentes vieram accrescentar-se estes que pareciam insuperaveis; mas Gomes de Sousa, com o «*è pur si muove*» a bradar-lhe dentro, não desistiu da empreza, nem foi essa injustiça cabal para arrefecer-lhe a disposição com que se applicava ás sciencias. Eramos por esse tempo companheiros de casa, na Travessa do Paço, e nunca lhe ouvi soltar uma queixa, nem desmaiar, antes concebia e realisava novos emprehendimentos.

Vi-o um dia entrar da rua com ar risonho e triumphante, sobraçando uns grossos volumes.

—Vão a bom caminho as suas pretensões?, inqueri.

—Não têem avançado um passo sequer, replicou-me elle.

—Então porque mostra-se tão alegre?

—É que pude afinal comprar a *Mechanica Celeste* de Laplace que ha tempos cubiçava.

Quem, depois o observasse pela fresta da porta do seu quarto, d'essa verdadeira cella de cenobita, que elle só abria quando sahia para as aulas do quarto anno de medicina e para tomar parte nas refeições quotidianas, havia de ficar surpreso vendo-o defronte da sua meza de trabalho desde até mais de meia noite, para na antemanhã voltar a ella; que quatro horas de somno era o unico repouso que dava ao corpo, passando o mais tempo sobre o livro aberto, sem fazer outros movimentos que os dos braços a perpassarem paginas e fazerem calculos. Nenhum avarento por mais requintado guardaria tanto o seu oiro como Gomes de Sousa zelava seu tempo. Logo que acordava, fosse de verão ou inverno, vestia-se como para sahir,

o que só fazia para as aulas e isso mesmo quando a hora da entrada d'ellas ia expirar e terminadas que eram tornava-se ao seu cubiculo e ao estudo. Quando, depois de jantar, demorava-se um pouco a conversar comnosco sobre história ou litteratura franceza do seculo de Luiz XV, sendo que era muito lido em Voltaire, Racine, Corneille, Rousseau, Boileau e Molière, de cujas vidas tinha sempre um repertorio de anedoctas, já sabiamos que estava soffrendo do estomago e procurava na conversação um meio hygienico.

Sua intelligencia era de quilate tal, que não havia para elle escuridades: um dia perguntei-lhe se tinha encontrado em Laplace muitos pontos que lhe custasse penetrar, ao que respondeu-me com a maior singeleza e como quem se admirava da pergunta: — não sei se os encontrarei para o deante; pois já vou na metade e até ahi não os ha. Note-se que lia esse author como qualquer um estuda história ou obra litteraria d'egual plana!

Não perdendo Gomes de Sousa o ánimo, nem afrouxando sua corajosa e dedicada protectora do seu empenho, não deixou ella a porta da casa do senador Saturnino, e este já cançado de importunar o ministro da guerra, lembrou-se de communicar o facto a seus collegas, o senador Candido Baptista d'Oliveira, e conselheiro Bellegarde, mathematicos como elle, pedindo-lhes que o ajudassem a alcançar deferimento ás pretensões de Gomes de Sousa. Recusaram-se no primeiro momento a favorecer um rapaz de desesete annos, que tinha fumaças de mathematico!

Depois de muito instados, cederam por fim ao desejo do pobre moço que já o redusia a uma entrevista com elles. Nos primeiros introitos da conversação, tomou-o o senador Candido Baptista por um d'esses desgraçados, cuja imaginação exaltada vae sendo dominada por uma idéa fixa; mas n'essa especie de exame a que procedeu cada um por sua vez, foi Gomes de Sousa entrando por todos os dominios da sciencia como por casa muito sua conhecida, que não tinha esconderijos que não houvesse devassado, discursando tão natural e despretenciosamente, com tanta segurança e seguimento, que o illustrado conselheiro foi de admiração em admiração, terminando por abraçal-o. Desde então elle e os mais não só constituiram-se seus protectores como tornaram-se sinceros e ardentes admiradores e pregoeiros d'esse genio precoce e que se lhes revelára um sabio.

Assim que Joaquim Gomes de Sousa se retirou da casa do senador Candido Baptista, foi este ter com seu velho collega e disse-lhe, possuido do mais vivo enthusiasmo: — «Acabo de conversar com o seu recommendado que é creança no rosto e homem encanecido e grande mestre no que expoz e no muito que já sabe. Estou envergonhado de mim; pois tive de aprender com elle as novidades da sciencia moderna!»

Ante patronos da ordem d'estes desappareceram as opposições e obtundiram-se as difficuldades, e d'ahi a pouco obteve Gomes de Souza licença para fazer acto das materias que lhe faltavam para completar o curso e tomar o grau de doutor. Logo no primeiro exame fez

tanta sensação o triumpho que n'elle obteve, que S. M. o Imperador não quiz perder mais nenhum de seus actos, concorrendo assim com a sua augusta presença para abrilhantal-os.

Assisti á maior parte d'essas brilhantes, e memoraveis victorias. Que espectaculos peregrinos e fascinadores não eram elles! Achava-se ali, defronte de seus juizes, respeitaveis e cujas cabeças prateadas pelas neves dos annos delatavam o muito estudo e a longa experiencia no exercicio de ensinar, estava sentado esse moço de aspecto quasi infantil, com o rosto ainda liso e despido de barba, de porte acima de mediano, delgado de fórmas, com olhos vivos e expressivos, fronte larga e protuberante, proeminando ainda mais no angulo externo dos coronaes, onde distinguiam-se bem visiveis as bossas apontadas por Gall e Spurtzhein como séde das faculdades das sciencias exactas. No meio de grande e escolhido auditorio, attento e silente, ouvia-se a voz do examinando, postoque fraca, segura e clara, e elle sem deter-se, sem tropeçar, respondendo a todas as perguntas e a desmanchar-se em theorias, a desenvolvel-as, a resolver problemas, e isto em dias consecutivos e sem descançar! Fazia hoje o exame de ponto e no seguinte dia o vago, porém não superficial; que os examinadores esforçavam-se por conhecer até onde chegavam os conhecimentos mathematicos do imperterrito mancebo, e se não davam por satisfeitos que de pura fadiga. Foi elle assim colhendo os louros e tropheus de tão estranho commetitmento até que a 10 de junho de 1848 tomou o gráu de

bacharel em sciencias mathematicas e physicas, e a 14 de outubro deffendeu theses e foi graduado doutor de borla e capello.

Essa these foi mais um brilhante testemunho de que seus estudos iam muito alem das materias exigidas para o curso da Academia militar, e que tinha tambem prescrutado as maravilhas modernas consignadas nas mais afamadas obras de mathematica, para assim fundamentar suas opiniões nas de authores notabilissimos.

Tendo vagado pouco depois uma cadeira de lente substituto n'essa Academia, oppoz-se a ella com os drs. Galvão e Escaragnolle e foi com toda a justiça provido n'ella. Deve-se aqui consignar como facto raro, senão espurio, o de ter alcançado aos dezenove annos de edade uma cadeira de lente n'essa corporação scientifica e de par com aquelles que outr'ora o repelliam e zombavam de suas, para elles, loucas aspirações, o estudante sahido apenas da puericia e que então frequentava seu quarto anno de curso medico!

IV

A superabundancia de vida intellectual, o tão aturado trabalho e tão fóra do commum arruinou-lhe a saude, como era de prever. Chegando aos ouvidos de seus paes adulterada e augmentada a notícia de seus padecimentos assustaram-se estes e receiando por tão preciosos dias, mandaram decretadamente um dos outros filhos, para resolvel-o a dar um passeio ao Maranhão, e servir-lhe, na via-

gem de enfermeiro. Estavamos em ferias nos fins de 1848, e por isso não poz difficuldade em ir matar saudades da familia, de quem se separára desde 1843, e lá se foi aspirar nas margens do *Itapecurú* aquelles perfumes que traz-nos das florestas virgens a temperada e suavissima viração da tarde.

Demorou-se na Conceição, até julho de 1849, porém não em completo ocio; se descançou n'esses seis mezes de manusear obras scientificas foi para entregar-se ao estudo das linguas aleman e italiana de que já levava leves noções, ao de economia politica e ao de direito constitucional, e para compulsar com toda a individuação, como costumava, a philosophia transcendental, lendo de novo e mais de espaço, Kant, Hegel, Fitch, Krause, no original allemão, e Reid, Hume, e Tiberghien, e assim passava com tanto proveito o tempo que para outros seria de folga e recreações.

Tornando-se ao Rio de Janeiro, entrou no exercicio do magisterio com aquella pontualidade e zêlo que sempre mostrou no desempenho de suas obrigações. De par com os trabalhos do cargo, continuou tambem a encelleirar conhecimentos scientificos colhidos com diligencia no campo das mathematicas puras, das sciencias naturaes e sociaes; e nos intervallos em que dava pausa ás profundas contemplações scientificas, empregava-os no estudo das linguas vivas e mortas a que se applicava com egual fervor, conhecendo e apreciando tudo quanto de mais notavel ha nas litteraturas franceza, italiana, alleman e ingleza, tanto classicas como modernas.

Tinha um methodo seu para aprender linguas. Tomava ahi meia duzia de lições até conhecer o mechanismo da pronúncia, e depois estudava comsigo mesmo os verbos, numeros, generos e pronomes e passava-se logo a traduzir uma obra em prosa, porém das mais difficeis e d'ahi a pouco estava de volta com os poetas. Presenciei isto com o italiano, cujo primeiro livro, que estudou, foi o *Promessi Spozi* de Manzoni, passando d'este para a *Divina Comedia* de Dante. Dizia que começar pelo mais difficultoso é trabalho insano; mas o exito seguro e completo, tornando-se d'ahi em diante tudo mais claro e facil.

N'esse anno deu elle á publicidade no *Guanabara,* de que eram redactores Gonçalves Dias, e os srs. dr. J. M. Macedo e Portalegre, os fragmentos de uma obra sobre cálculo integral que estava escrevendo. Censurou-os o dr. Joaquim José de Oliveira, lente tambem da Academia militar, e d'ahi contenderam ambos pela imprensa, sahindo vencedor Gomes de Sousa que, refutando ponto por ponto seu adversario, teve mais uma occasião de manifestar seu vasto saber e quanto era lido nas boas lettras; porque citando o seu adversario um trecho de Ariosto, como remoque, acudiu Gomes de Sousa com um chuveiro de citações do mesmo author, e depois de outros, todos apropriados e que eram acertados epigrammas, que foram cobrir de ridiculo o dr. Oliveira.

Em 1852 foi elle nomeado membro da commissão directora da construcção e do regimen interno da Casa da Correcção da côrte, cargo que occupou na qualidade de

seu secretario, até 1863, e em que prestou eminentes serviços. Examinou com aquella apurada paciencia e espirito esclarecido e atiladissimo tudo quanto havia de mais moderno e de melhor ácerca dos systemas penitenciarios, propondo o que lhe parecia mais em harmonia ás condições do nosso paiz, e os meios que eram mais consentaneos aos fins da instituição para que de taes medidas se podesse tirar proveito. O ex.^{mo} sr. conselheiro marquez d'Abaheté, presidente d'essa commissão, tornou-se por isso um dos maiores admiradores de Gomes de Sousa, e pregoeiro do fervor e consciencia com que trabalhava e das boas idéas que alvitrava.

Não se mostrava o joven mathematico saciado com o que já sabia; antes sedento, procurava alargar os horísontes no tracto e convivio dos sabios da Europa, na visita aos estabelecimentos scientificos de França e de Inglaterra, aproveitando ao mesmo tempo sua estada n'essas grandes capitaes para apresentar ás academias de sciencias algumas memórias que já tinha escripto. Foi com esse designio que partiu em 1854 do Rio de Janeiro para a Europa.

De muito que já o preocupavam essas idéas e mesmo de longe antegostava o ineffavel deleite de investigar as sciencias nos seus mais puros e abundantes mananciaes.

Não o ajudava no Rio de Janeiro o clima desigual, e não raro cedia á fadiga que lhe produziam o calor e a transpiração, e ainda com vontade de trabalhar via-se obrigado a repousar.

Chegado a França no outomno, não só deu-se todo a

seus estudos e desquisições, como procurava relacionar-se com os sabios mais célebre e cujo tracto lhe podia ser proficuo, e em especial com o famigerado mathematico francez, M. Crouchy, que da sua parte muito o estimava, mostrando-se admirado dos variados conhecimentos que patenteava o joven brasileiro.

Ajudado do clima, não só dedicou-se com incrivel enthusiasmo ás sciencias de sua predilecção, aprofundando-as ainda mais, como adiantou seus trabalhos sobre mathematica e concluiu as memórias ácerca das sciencias naturaes que esboçára no Rio de Janeiro. Foram estas depois lidas por elle na academia real das sciencias de Londres com muito applauso de seus doutos membros, que prodigalisaram louvores aos seus escriptos, sobretudo aos que versavam sobre uma nova theoria do som e mathematicas puras. O jornal scientífico que tinha por obrigação dar conta das sessões d'essa sábia corporação, fallou em termos mui lisongeiros d'esses trabalhos do dr. Gomes de Sousa. O sr. dr. Galvão, admirador, como todos os homens superiores que acatavam e estimavam o genio incarnado n'esse mancebo, tractou logo de vulgarisar tão boa nova, e referindo no *Diario do Rio*, do mez de janeiro de 1855, tão feliz quanto extraordinario successo, transcreve esse artigo, acompanhando-o de um elogio aos incontestaveis meritos do nosso sabio comprovinciano. Depois de ter o dr. Gomes de Sousa examinado todos os estabelecimentos scientificos de França e de Inglaterra, e com mais particular attenção os observatorios astronomicos, de cujo estudo e inspecção fôra

encarregado pelo govêrno, passou-se á Allemanha. Ahi encontrou o nosso poeta, e sêu comprovinciano, Antonio Gonçalves Dias, que estava residindo em Dresde. Assentou elle por isso deter-se n'essa cidade, onde tinha companheiro e prestadio conselheiro tão de molde para poder realisar qualquer empreza litteraria, e assim tractou de colleccionar os materiaes para a sua *Anthologie universelle*, que só veiu a publicar em 1859[1].

É uma aprimorada selecção dos mais celebrados trechos das poesias lyricas e pequenos fragmentos de poemas epicos de todos os povos cultos, nas suas proprias linguas. Dá esse livro a medida do depurado gôsto litterario de Gomes de Sousa, como da vasta leitura que tinha e do muito que sabía das lettras dos differentes povos: é um copioso ramalhete das mais fragrantes e matizadas flores do espirito humano. Precede-a um prologo em francez, lingua que manejava com summa facilidade e com toda a elegancia e correcção classica, e em que tambem tinha escripto suas memorias e outros trabalhos scientificos.

Estava ainda na Allemanha, quando chegou-lhe noticia de ter sido eleito deputado, e por isso foi para Londres onde effectuou seu casamento, encarando acto tão solemne da vida só pelo lado physiologico e moral. Casou, não urgido pela paixão, mas depois de madura reflexão

[1] Tem essa obra o seguinte frontespicio: *Anthologie universelle, choix des meilleurs poèsies lyriques de diverses nations dans les langues originales* par Joaquim Gomes de Sousa. — Leipzig — F. A. Brocklihns, 1859. Vol. em 8.º, typo compacto, de 944 paginas.

e aconselhado pela razão. Da raça dos Newtons, se não era virgem como o mathematico inglez, quiçá por ter nascido no clima abrasador dos tropicos, as faculdades mentaes absorviam e distrahiam-lhe as sensuaes a ponto de não as procurar satisfazer senão quando as funcções do orgam imperiosamente lh'o reclamavam, e ainda assim empregava n'isso todo o comedimento e recato que a moralidade innata n'elle, lh'o impunha. A familia ingleza protestante, e tendo por cheffe um sacerdote — era para elle o ideal da vida domestica, da paz e affectuosidade do lar.

Durante sua curta residencia em Inglaterra travára relações com a familia do rev. Hamber, pastor anglicano, cuja filha de 18 annos, miss. Rosa Edith, reunia as condições que elle imaginava em uma esposa, deparando-se-lhe, de mais a mais, n'essa casa muitas das scenas retraçadas por Goldsmith no *Vigario de Wakefield.*

Obtido o consentimento dos paes da joven ingleza para o enlace, recebeu-a d'ahi a oito dias, deixando-a em companhia d'elles, em quanto ia ao Rio de Janeiro tomar assento na assembléa geral legislativa,

Ao tocar em Lisboa o paquete inglez em que vinham elle e o snr. dr. Paulino José Soares de Sousa, filho do visconde de Uruguay, não quizeram deixar de render homenagem ao nosso litterato João Francisco Lisboa. Procuraram-n'o ambos por diversas vezes n'esse dia até que por fim o poderam encontrar á noite. A impressão que causou esse grande vulto no espirito illustrado e perspicaz do nosso insigne litterato acha-se consignada

nos seguintes trechos de uma carta que me escreveu em 12 de março de 1857, dia immediato ao d'essa visita:

« Fallemos agora do dr. Gomes de Sousa, que vale bem a pena. Chegou elle aqui sem eu o saber, e procurou-me umas poucas de vezes tanto em minha casa, como nos archivos, até que ás 7 horas da noite nos encontrámos, e estivemos junctos até perto das 11, fazendo elle quasi exclusivamente as *despezas* da conversação. Bem que o seu principal fim fosse saber noticias da sua eleição, segundo me disse, e se mostrasse vivamente contrariado com a que lhe dei das nullidades que a affectavam, pareceu-me pouco mais que mediocre a attenção que prestou a essa materia, e o mais do tempo levou elle a expôr-me as suas idéas e systemas.

« Como nas discussões que ahi houve por causa de candidaturas, se oppozesse v. á d'elle na *Conciliação*, allegando que não havia para que ir perturbar as meditações e calculos de mathematica, que estaria desloucado no parlamento, etc, etc., digo-lhe pois que enganou-se redondamente. É certo que o dr. Gomes de Sousa continuou a applicar-se ás mathematicas e á physica, e apresentou ao Instituto de França algumas memorias scientificas que foram acolhidas com muito favor, constando-me aqui que de alguns dos seus methodos e descobertas se estão servindo os sabios com muito proveito, mas applicou-se com maior fervor ainda aos estudos da philosophia, história, economia politica e das sciencias sociaes em geral, não menos que aos da litteratura propriamente dita. Fallou-me em tudo com methodo, amplidão, fôrça

e convicção inabalavel, mostrando uma razão superior, e universalidade de conhecimentos, era prompto na replica ás objecções não menos que em corrigir alguma inexactidão nas idéas ou na expressão. A elocução é facil, fluente, expontanea e inexgotavel, a sua physionomia tem certa graça insinuante, e se não se anima, como se devia animar muito em uma conversação particular, tambem não se altera, nem se desconcerta. É de crer que nas assembléas e em público debate, o fogo da inspiração lhe inflamme e dê intonações oratorias á sua voz, que pareceu-me um pouco surda e sibilante na conversa. No todo tem seus ares de uma moça delicada e timida.

« Entretanto, algumas proposições que me soaram mal, a fé que elle tem na sensação que ha de produzir no mundo, sobretudo com um livro que pretende publicar sobre sciencias naturaes e sociaes, philosophia, littêratura etc, etc, e que diz que ha de concorrer muito para emancipar ainda mais o espirito humano do jugo da authoridade; a rapida e para mim inesperada transição das suas abstracções mathematicas para todos estes assumptos tão complexos — a singularidade de seu casamento em oito dias, deixando a mulher para ir ao Rio tomar assento na camara — a ignorancia de tudo quanto se passava no Maranhão — umas certas distracções e indifferenças quando a conversa se desvia da vereda dos seus pensamentos — tudo isto reunido me fez receiar não andasse aqui alguma cousa de visionario, bem que nem no porte, nem no olhar, nem nas palavras descobrisse cousa alguma que não assentasse e conviesse a

uma intelligencia de primor. Consultei depois o dr. Paulino, e respondeu-me que o homem era de um bom senso práctico sem igual; no moral — virtuoso e innocente; no engenho — a admiração de quantos o tractavam sobretudo pela aptidão egualmente pasmosa para as sciencias exactas e para todos os ramos de litteratura. Que o seu casamento não era de paixão, nem de interêsse, mas de razão e estima. Fazendo a mais alta idéa da familia na Inglaterra, entendeu que em parte alguma podia escolher mulher que ali, e fez a escolha n'uma estimavel familia já do seu antigo conhecimento.

« O Sousa chegou aqui alheio a tudo quanto se havia passado no Maranhão, e mostrou-se contrariado, porque esperava como deputado tomar parte importante nas discussões, e pela influencia que adquirir, applicar as suas idéas, etc., etc. Mostrou, em uma palavra, aspirar á influencia e ao poder, como meio, e não como fim. Depois de contar-lhe o que sabía, dei-lhe esperanças, que talvez se realisem, de ser a sua eleição approvada, não obstante os vicios escandalosos que a deturpam. Se for approvada, ficará elle residindo no Rio, depois de cá voltar para levar a mulher; e senão, não sabe ainda o que fará, não indo todavia ao Maranhão tão cedo.

«Perguntou-me se elle teria sido eleito, a não ter sido a interferencia do govêrno, respondi-lhe francamente que não. Fallou-me em difficuldades por falta de meios, agora sobretudo que está casado, o que fez na fé de que a sua eleição não soffria a menor objecção, como lhe mandára assegurar o irmão.

«Do que digo não infira que nada tenha que notar; pois acho-lhe alguma cousa de inexperiencia e petulancia de quem tem vivido a sós comsigo; mas creio que tudo isso desapparecerá com o tracto do mundo real, sobretudo n'um grande theatro. Entretanto a sua eleição é a que está mais arriscada, e será pena, na verdade, que venha elle a ser o unico excluido, ficando a representar o Maranhão tolos e velhacos, pela maior parte, e nenhum homem de verdadeiro talento!»

Depois d'este soberbo perfil, se bem que feito de um só traço, não ha retocal-o ou accrescentar para ter-se uma idéa mui aproximada da physionomia d'este illustre maranhense.

Foram propheticas as palavras do douto escriptor e fino observador; que o brilho d'esse grande engenho não fulgurou menos no corpo legislativo, e nem d'isso nunca receei, mas fui sempre de opinião que ficaria ahi deslocado, perdendo a sciencia desde esse momento um de seus mais applicados cultores, e é tambem a essa minha opinião a que allude o topico da carta de João Francisco Lisboa. Encarregou-se o tempo de confirmar meus presentimentos, e se ha cousa de que me não arrependo é de ter tentado oppôr-me ao desvio que deram ás cogitações e trabalhos do dr. Gomes de Sousa.

Amigo d'elle, seu sincero admirador sobre ser zeloso da sua glória scientifica que a politica ia empanar, improvei essa candidatura, tendo-a para mim como um delicto, e n'este sentido escrevi mais de um artigo na *Conciliação*, jornal de que fui um dos redactores. Se ha'hi

de que me peze, não é de terem-se afrouxado os laços de nossa amizade em consequencia do meu procedimento n'essa conjunctura, porém de não ter tido bastante talento e influencia para impedir que se consummasse o facto.

O que resultou, com effeito, de tudo isto? que a sciencia perdeu quem a poderia adeantar, ao passo que o paiz não ganhou n'elle um bom politico!

Faltavam-lhe para sel-o os mais elementares e essenciaes predicados—d'esses que a intelligencia e o saber não dão e sim a longa experiencia e conhecimento dos homens e dos negocios, adquiridos no tracto com aquelles e no contínuo exercicio d'estes; nas luctas partidarias que poem em jogo as paixões exaltam os sentimentos, com prejuizo ás vezes do proprio credito. Sem que seja tudo isso acompanhado de certa dóze de malicia e de descrença, qualidades innatas e inseparaveis no politico fadado para grandes emprezas, passará esse tal por inhabil e simplorio.

O dr. Gomes de Sousa entrou para o nosso parlamento como forasteiro n'uma cidade, ignorando totalmente a linguagem, usos e costumes de seus habitantes. De uma candura, boa fé e honestidade que não tinham até então soffrido o attrito dos vicios politicos, estava com os olhos fechados e era novidade para elle tudo quanto o cercava. E nem era de esperar que al succedesse a quem vivêra e conversára só com seus livros e com a sciencia, que constituiam toda a sua sociedade, tendo por seu mundo o gabinete d'estudo, cujos ambitos circumscreviam-se ás

paredes d'elle; e assim foi um êrro indesculpavel arrancarem-n'o d'ahi para o enredar nos debates parlamentares; foi a deterioração completa de sua saude, a causa predisponente e proxima da sua morte!

VI

A portentosa aptidão do dr. Gomes de Sousa para todo o genero de manifestações da intellectualidade, ia na legislatura de 1857–1860 ostentar-se por um aspecto inteiramente novo e proprio para firmar-lhe a reputação de sabio. Na camara temporaria, como onde quer que appareceu, deu provas brilhantes de sua admiravel intelligencia, da vastidão de seus conhecimentos e d'esse espirito investigador com que cavava qualquer assumpto. Tanto era assim, que dentro em pouco já encarava os negocios do paiz como quem os conhecia de longa data! Causou grande sensação logo no primeiro discurso que proferiu pela hombridade e demasiada franqueza com que oppugnou a creação da repartição do ajudante general do exercito, por isso que, como lente da Academia Militar, era subordinado ao ministro da guerra, e de patente inferior á d'elle. Não foi isto parte para que deixasse d'emittir sua opinião com todo aquelle desassombro de que era dotado, e sem se embaraçar de ir com tal procedimento offender superiores e concitar inimisades que lhe podiam ser prejudiciaes.

Finda a sessão d'esse anno, voltou de novo para a Europa afim de levar comsigo a esposa e concluir os tra-

balhos de sua commissão, e logo que os deu por terminados, em 1858, tornou-se de vez para o Brasil, entregando na secretaria d'estado dos negocios da guerra um solido e detido relatorio, onde patenteava seus aturados e bem dirigidos estudos sobre a materia de que o haviam incumbido. As idéas que expunha e desenvolvia com toda a clareza e amplidão de vistas, postoque acceitaveis, não foram até hoje postas em práctica no seu complexo; mas teem, comtudo, ajudado para adiantar a sciencia astronomica entre nós.

Emquanto residia na Europa applicou-se tambem ao estudo de medicina, e todas as vezes que ía a Paris, frequentava com assiduidade o grande hospital—Hotel Dieu—, e n'elle seguia a clinica, fazendo-se especialista nas molestias de mulheres. Assim que se julgou sufficientemente habilitado para o certamen scientifico, submetteu-se a exames na faculdade de medicina de Paris, onde deffendeu theses e foi graduado doutor, facto este talvez ignorado de muitos; por isso que não exercia a arte, como tambem não fazia alarde dos muitos titulos scientificos de universidades e dos das academias de Londres, Berlim e Vienna d'Austria, das quaes era socio.

Estava a findar-se a legislatura e preparavam-se os partidos para pleitearem as eleições. No empenho de oppor-se a uma das cadeiras do parlamento e de appresentar sua consorte aos parentes, foi o dr. Gomes de Sousa ao Maranhão em 1859.

Não tinha elle a menor idéa de como se procedia entre nós a essas funcções populares, e da maneira por que

era permittido aos cidadãos manifestarem sua vontade nas urnas. Julgava as cousas como as concebia sua razão fortalecida pela leitura dos publicistas liberaes e as entendia elle na sua probidade politica. Possuido de tão nobres idéas, logo que chegou á provincia, emprehendeu fazer uma digressão por todo o segundo districto para conhecel-o topographicamente, saber de suas necessidades, e visitar as influencias locaes para declarar-lhes quaes os seus principios politicos. Não o demoveram d'esse proposito nem as distancias, nem as difficuldades e desconfortos da viagem, ou as enfermidades que lhe podiam sobrevir n'ella, e as fadigas e trabalhos que o escalavrariam! Metteu-se a caminho e não houve paragem importante que deixasse d'examinar, desde o Mearim até Caxias, e os sertões mais remotos até a Carolina, beirando depois as margens do Itapecurú até sahir de novo na cidade de San' Luiz.

Foi esta dilatada e cançada peregrinação muito mais rapida do que a costumavam fazer os habituados a taes jornadas, ainda que no decurso d'ella padeceu de febres intermittentes, que lhe deixaram por algum tempo vestigios de seus estragos. Dava-se todavia por pago dos trabalhos e inclemencias que passára, visto como ficou conhecendo da provincia a parte mais importante e que representava, cumprindo ao mesmo tempo o que tinha por imprescindivel obrigação.

Não ficaram os eleitores, a quem visitou, menos penhorados das maneiras delicadas e attenciosas do dr. Gomes de Sousa, que fascinados de sua conversação tão in-

structiva, grave e util. Não havia intelligencia por mais obtusa e rude que não comprehendesse seus conselhos d'economia rural e de agricultura propriamente dicta; porque nivelava-os á comprehensão acanhada de seus hospedeiros, tornando claros e perceptiveis os pontos scientificos que lhes queria inocular no espirito. Para cada um, segundo o genero de sua cultura ou profissão, tinha uma lição proveitosa, um assumpto para entretel-o e distrahir, illustrando-o. A este, que era creador, fallava de gados e pastagens, estabelecia preceitos sobre a engorda e tractamento d'elles; aos dedicados á lavra do algodão, arroz ou assucar, explicava os methodos racionaes e economicos para colherem mais e melhor; a outros sobre a influencia athmospherica, sobre os phenomenos geologicos, deixando a todos surpresos do tom familiar e luminoso com que punha a sciencia ao seu alcance, fallando ao sabor de suas inclinações e occupações, e sempre com aquelle sorriso cheio de candura e bondade que lhe morava naturalmente nos labios, sem artificiosa affectação.

Tornando d'essa excursão eleitoral e meio scientifica, não alardeou serviços; mas dentro em pouco era sabido que houve-se n'ella com a maior lealdade e dedicação; porquanto alguns collegios tinham mostrado reluctancia em votar n'um dos candidatos, repartindo votos com outro que se appresentava extra-chapa, como lhe foi abertamente declarado por alguns eleitores dos mais preponderantes. Esforçára-se então o dr. Gomes de Sousa por demovel-os, insistindo porque repartissem n'esse caso com

o seu companheiro os votos que pretendiam dar-lhe, com tanto que este não fosse excluido nem menos votado do que elle. Mal recobrava-se de suas fadigas, e melhorava na saude, quando o feriu irremediavel infortunio! Convalescente apenas das febres intermittentes que o abatteram muito, viu succumbir a 18 de fevereiro de 1860 a estremecida esposa, victima de umas febres typhoides que em dez dias a lançaram na sepultura. Poderam tanto n'elle as saudades d'esta eterna separação, que surprehendeu a todos o seu desfigurado aspecto quando em março tomou assento na camara dos deputados, e foi isso motivo para seus desaffectos estranharem aquelle celebrado discurso humoristico conhecido por *Bolletim Sanitario,* em que sahiu o dr. Gomes de Sousa da gravidade que lhe era habitual e sabia manter nas discussões. Com chanças, zombarías e delicadas e atticas allusões desconcertou os ministros do gabinete Ferraz-Caxias. Foram tão acerados os remoques e tão chistosas as invectivas que os amigos do govêrno não acharam outro desfôrço senão o de assoalharem que estava com a razão desvairada desde que perdêra a mulher; mas bem depressa deu o nosso sabio mathematico o mais formal desmentido aos que agourentavam tão extraordinario engenho, tomando parte em discussões de materias mui variadas que illuminou com o brilho que radiava de seu genio excepcional.

Abattido por esse lidar tão superior ás suas fôrças physicas e com a saude bastante transtornada veiu em janeiro de 1862 procurar nos ares patrios e nas caricias e desvelados cuidados dos paes o restabelecimento, e assim de-

morou-se no Maranhão durante o intervallo das sessões legislativas. Não poderia antever que ahi lhe estava guardado novo golpe. Em principio de maio adoeceu o filhinho e dentro de vinte e quatro horas já era com os anjos esse unico penhor de seu mallogrado consorcio! Foi-lhe cruel e rapidamente roubada essa creaturinha em que resumia agora todo o amor de sua Rosa Edith, e que lhe fazia por momentos apagar as pungentes memórias d'ella.

Não lhe era pois concedido fortalecer na sua provincia natal onde encontrava o lucto e as lágrimas! Os dois entes que lhe eram mais charos — mulher e filho — acharam n'ella sepultura, no breve trecho de dois annos! Com esta segunda desgraça dissiparam-se-lhe as melhoras que já ia experimentando, e resolveu desde então retirar-se para sempre do Maranhão, que só lhe trazia bem tristes recordações para lhe dobrarem as magoas que tanto o excruciavam. A 11 de maio de 1862 já se fazia de volta para o Rio de Janeiro.

VII

Progredia a enfermidade e o dr. Gomes de Sousa, desalentado de esperanças, deixava a melancholia apoderar-se d'elle. No Maranhão apparecêra-lhe hemoptyses, cuja causa efficiente, ou estivesse localisada nos pulmões, ou se explicasse por um retrocesso, minava-lhe comtudo a existencia uma consumpção lenta até que por último lh'a extinguiu.

Alimentando-se de suas tristes recordações, fugia á sociedade e ainda á convivencia de amigos, e para melhor

realisar seus intentos de solidão foi morar no pittoresco e socegado morro de Sancta Thereza, sitio consoante a seus magoados pensamentos, e cujos ares puros ajudariam ao mesmo tempo seu restabelecimento.

Era-lhe convisinha a familia do dr. Guerra. A filha d'este, a ex.ma sr.a D. Paulina, penalisava-se da grande dor que ressumbrava do ar enfermiço d'aquelle moço todo entregue ás suas maguas e em tão completa soledade! D'esse sentimento, que é apanagio do sexo, e que inclina a mulher a sympathisar e participar das afflicções alheias, gerou-se n'ella o amor. Aquelle tom melancholico que sempre dominou a bella physionomia de Gomes de Sousa, dava-lhe um certo quê de phantastico, sua doce e harmoniosa voz e sobretudo a sua conversação tão variada, tão instructiva e attrahente, traziam a ex.ma sr.a D. Paulina, senhora de grandes espiritos e cultura, captiva d'elle, vindo por fim os laços do mútuo affecto, que já os prendia, estreitarem-se mais por seu consorcio, effectuado em 8 de fevereiro (1863).

A molestia tendia no emtanto para seu termo fatal. Em março appareceu-lhe pertinaz dyarrhéa, e quem attentasse no decomposto de suas feições e no emmagrecimento geral conheceria n'elles prenuncio da morte que já se lhe avisinhava.

Deus no seu immenso amor poz a esperança no coração do homem para que nunca o desamparasse nos lances mais amargurados e ainda nas vascas do passamento, tornando-o na doença, esquecido, de sua fragil e perecedora natureza. Gomes de Sousa, a despeito

de seus conhecimentos medicos, entendeu que seu restabelecimento dependia de uma viagem á Europa, e não houve oppor-se a um tal projecto; confiado, como estava, que acharia ahi seu remedio e cura. Illusões de doente que se não podem desvanecer por mais raciocinios que se lhe opponham!

Partiu com a esposa n'esse mez e a 8 de abril chegou a Southampton, mas tão debilitado de fôrças que foi de mister desembarcal-o em braços. Seguiu d'ahi sem demora para Londres, onde o examinaram e medicaram os facultativos inglezes e francezes que tinham maior nomeada na grande capital, mas apesar dos esforços da sciencia, dos desvelos e carinhos da mulher, da caridosa e vigilante assistencia dos sogros e cunhados (paes e irmãos de sua primeira mulher), que não arredaram pé de seu leito de agonia, e substituiram a presença e zêlo da familia do dr. Gomes de Sousa, tudo foi baldado e improficuo! No dia 1.º de junho de 1863 succumbiu elle a tão incuravel e grave enfermidade.

A fatalidade pesava sobre o Maranhão! Seus quatro maiores engenhos tinham desapparecido em pouco mais de um anno e todos longe dos amigos e da patria, e sem acharem até hoje — tres d'elles — sepultura na terra natal! João Lisboa, na capital do reino de Portugal, a 26 de abril de 1863, Gomes de Sousa em 1.º de junho do mesmo anno. Odorico Mendes a 18 de agosto de 1864, em Londres, e por último Gonçalves Dias, a 3 de novembro d'esse mesmo anno, tendo o occeano por sudario!

E que resta-nos afinal das bem fundadas esperanças

que concebiamos do profundo saber e extraordinario talento do dr. Gomes de Sousa? Seus discursos no parlamento, que se riscarão em breve da memória dos que os ouviram, divertidos por novos e successivos acontecimentos.

Se algum curioso percorrer os *Annaes do parlamento*, não deixe de ler esses documentos oratorios do dr. Gomes de Sousa que se resumem no discurso humoristico que cobriu de ridiculo o gabinete de 1860, o em que deffende a reforma da Eschola Central, improviso onde manifestou o muito que conhecia das instituições identicas dos paizes mais cultos.

Na sessão de 14 de julho de 1862, por occasião de discutir-se o orçamento do ministerio da marinha, ergueu a voz e analysou comprida e sabiamente o parecer do engenheiro Gabaglia sobre os causas da obstrucção do porto do Maranhão. Apontou com muita perspicuidade os erros palmares que havia n'essa peça official, confutando-os e adaptando á comprehensão de todas as intelligencias a parte scientifica da questão e sua technologia, e isto de maneira que prendeu as attenções e mereceu os applausos da camara. De um deputado, aliás intelligente e lido, ouvi — que o dr. Gomes de Sousa dera sem o perceber uma brilhante prelecção sobre o assumpto; porém de um modo tão engenhoso, claro e aprazivel, que fazia gôsto ouvil-o, e que assim habilitou-os a elles, leigos na sciencia, a poderem dar seu voto na materia com pleno conhecimento de causa.

Não foram menos applaudidos e admirados seus dis-

cursos, accusando o ministro da justiça, conselheiro Sinimbú, por ter aposentado quatro dezembargadores sem que o houvessem requerido. Ahi patenteou seus conhecimentos de direito constitucional e o vigor de seus raciocinios.

Sobrelevam, porém, a todos esses tropheus oratorios os que alcançou nas discussões sobre bancos e outros assumptos financeiros. Foi a principio a favor da pluralidade d'essas instituições de credito por entender que era o meio mais consentaneo e prompto para extinguir o papel-moeda do estado. Porém, depois, com o estudo mais meditado da questão, com o desmentido da práctica, e os perigos que antolhou nos abusos da expansão do credito, mudou de parecer, como homem superior que era e despido d'esse amor proprio enfatuado e pueril que persiste no êrro, e que apesar e mesmo por conhecer que o é, torna-se contumaz para se não dar por vencido. Isto foi, porém, causa para que os invejosos de sua fama o taxassem de versatil em seus principios e cortejador do poder. A quem não aprofunda as causas motoras das acções dos homens superiores por suas luzes, e condemna-os superficialmente, parecerá terem razão os malevolos; porque aconteceu que discutisse a favor da primeira idéa por occasião do ministerio Olinda, em que occupava a pasta da fazenda o conselheiro Sousa Franco (hoje visconde), propugnador e acerrimo deffensor da pluralidade de bancos, e contra ella, quando a trouxe de novo á discussão o conselheiro Salles Torres Homem (hoje visconde de Inhomerim), então ministro da fazenda no gabi-

nete — Abaeté. São dignos de nota em todos estes discursos a clareza e methodo com que estão expostas as idéas, a dialectica do logico, cujos raciocinios encadeiam-se e deduzem-se com a exactidão de uma demonstração algebrica ou de um theorema de geometria. Não ha n'elles nada de sobejo ou de incompleto e superficial, e se peccam alguma cousa é na linguagem onde os gallicismos e a phraseologia delatam a assidua leitura de authores francezes.

Não sei em que a mudança de opiniões, em materias puramente scientificas ou sociaes, deslustre alguem, quando a razão mais esclarecida por novos estudos e pela experiencia lhe indica o êrro e elle tem o ánimo bastante desprendido de vaidade para o abandonar e até mesmo condemnal-o. Se nas questões politicas, se nas de principios, não continuasse a sustentar as idéas liberaes, que professava voluntariamente, vindo enfileirar-se por si mesmo, desde que tomou assento na camara temporaria, na bandeira do partido que as apregoava, não o desculparia, antes lastimaria que tamanho talento e tanta glória se deixassem vencer pelas miserias do interêsse pessoal e da mais desordenada ambição. Disse-o já sir Robert Peel que não era desdouro, antes feito honroso e meritorio — aproveitar as lições da experiencia, confessar os erros e seguir a verdade, mudando o sentir e o crer ao sabor dos acontecimentos. Escudo-me com este parecer tão sensato para vindicar a memória do honesto e sisudo sabio, que sem ser politico, sem comprehender os artificios da politica e dar com as sahidas do seu inextricavel meandro, ti-

nha por thermometro de seu procedimento a consciencia e a razão.

Não ha'hi, pois, de que censuralmol-o, ou deixarmos de glorifical-o, como um dos filhos mais distinctos do torrão abençoado que tem produzido outras notabilidades que lhe não excedem nas excellencias que o tornavam um modêlo de applicação systematica ao estudo, e digno de admiração por sua sêde de saber e de opulentar seu já riquissimo thesouro scientifico.

E assim desappareceu da face da terra esse refulgente astro, que a podia ainda abrilhantar percorrendo o estadio glorioso que o conduziria até onde resplandecem Newton, Laplace, Leibnitz e Humboldt, de cuja estatura ia-se approximando.

Repitto-o, pois, á saciedade que deploro do fundo d'alma não chegasse o dr. Gomes de Sousa a erguer os monumentos scientificos, cujos materiaes estava apparelhando e foram postos de banda para occupar-se da politica, onde, se colheu essas ephemeras gloriolas parlamentares, adquiriu tambem a enfermidade que o roubou de improviso á patria que tinha muito a esperar d'elle.

Não era de mais a mais homem para a tribuna: tinha debil compleição e orgam vocal ainda mais fraco, e se conseguia ser ouvido do auditorio devia-o á nitidez de sua pronúncia, á distincta prolação das syllabas, que sahiam-lhe dos labios perfeitas; ao silencio que reinava no parlamento logo que começava a orar esse notavel parlamentar; e ao supremo esfôrço que empregava, alteando a voz acima do seu diapasão natural.

Esse labor tão desconforme ás suas fôrças havia por sem dúvida de mingoal-as e exgotal-as em poucos annos; foi o que succedeu.

Assim, com trinta e cinco annos finou-se quem encheria o mundo com o seu nome, se perseverasse na carreira tão bem estreiada e houvesse ao menos terminado e dado á luz os trabalhos que havia concebido e rascunhado.

Acharam-se-lhe apenas as memórias sobre mathematicas puras que havia lido nas Academias de Sciencias de Inglaterra e no Instituto de França, e que começára a imprimir em Leipsick; a importantissima obra sobre sciencias naturaes, sociaes e philosophicas, a que só faltavam a introducção e a conveniente redacção. É no genero do *Cosmos* de Humboldt, e havia por certo de produzir muita sensação no mundo scientifico, attentas as luzes que derramariam de si. Deixou mais algumas memórias esboçadas e outros escriptos scientificos; mas tudo no mesmo estado em que ficára aquella obra.

XI

ANTONIO JOAQUIM FRANCO DE SÁ

Era una flor que narchitió l'estio,
Era una fuente que agotó el verano;
Yá non se siente su murmullo vano,
Yá está quemado el tallo de la flor.

ZORRILLA — COMP. DIV.

I

Quantas viçosas esperanças murchas entre nós na antemanhan da existencia! Quantos engenhos tão promettedores no desabrochar e cuja luz bruxuleou um dia para sumir-se pouco depois na eternidade! Foram meteoros rutilantes que apagaram-se rapidos! N'estes poucos annos quantas d'essas estrellas desappareceram para sempre da nossa constellação litteraria? Um dia foi Dutra e Mello, depois Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, Franco de Sá, e ainda ha pouco Castro Alves, todos nos formosos arrebóes do talento e no verdor dos annos, lá se foram povoar nossas necropoles sem ao menos sazonarem sequer tantos fructos temporões que lhes estavam a destacar de puro viço.

Foram dolorosas e sentidas essas perdas, e tantas folhas arrancadas do livro da vida ficaram em branco para nosso mal!

¿Quem ha que se não lastime e se não dôa ao ver cahir do seu ninho, avesinha implume morta pelo caçador, ou tombada em hora aziaga ao sôpro furioso do tufão flor que se balouçava garrida no pedunculo, rorejada pelas gottas do rocío?! ¿Se nos condoemos de entes de ordem tão inferior, como se não cobrirá de luçto e dó o coração ao passamento tão prematuro de mancebos intelligentes, que apenas deixaram presentir o que havia de soberbo e fecundo n'aquellas mentes imaginosas?!

Abram-se essas poucas paginas rescendendo graças da meninice, não para examinal-as com a severidade que a crítica e o gôsto exigem, senão com o enthusiasmo de quem busca só o que é bello, e desculpa o que é arrôjo e innocencia de creança, e admira a phantasia e a exuberancia de vida que se perderam assim sem regresso.

II

Em que ha de pois resumir-se uma existencia que só teve aurora? N'esse titubear e vaguear incerto da infancia, n'esse borboletear da juventude, em que tudo são prazeres e risos que lhe parecem sem fim.

Era assim que a natureza sorria-se para Antonio Joaquim Franco de Sá; era assim que a sociedade se lhe prefigurava — toda enlevos e ledice; que elle não tivera ainda ensejo para provar-lhe o travo dos desenganos, nem sentir as acerbas dores dos espinhos que nos dilaceram as carnes n'este incessante e resvaladio caminhar

entre fraguedos e precipicios, que se nos abrem para onde quer que nos dirijamos, ameaçando tragar-nos.

Foi a cidade d'Alcantara o céu, onde aos 16 de julho de 1836 abriram-se-lhe os olhos á luz primeira. Se houve no Brasil nascimento de origem aristocratica foi o d'elle; que o legitimava o talento, morgadio n'essa familia, de onde succedia pelo pae — o senador Joaquim Franco de Sá — e por sua mãe, D. Lucrecia Rosa Costa Ferreira, filha do senador Antonio Pedro da Costa Ferreira (depois barão de Pindaré)[1].

Bem poucas intelligencias ha mais temporans, vivacidade mais irrequieta, agudeza mais prompta em tão verdes annos como a d'esse menino, delícias e esperanças bem fundadas dos paes; e assim nôl-o affirmam os que o conheceram desde a infancia, como diz tambem quem o biographou com admiravel mestria no escripto que precede e emmoldura a collecção de poesias de Antonio Joaquim Franco de Sá, que o snr. dr. Filippe Franco de Sá, grande coração e intelligencia não vulgar, na sua piedade fraterna deu á estampa como saudosa oblata rendida ao estremecido irmão[2].

Antes de 1846 nunca foram regulares e consecutivos os estudos de Antonio Joaquim Franco de Sá, sempre interrompidos, e dirigidos por diversos professores, con-

[1] Vej. a biographia d'este no tom. I d'esta obra, de pag. 230 a 276, e a do senador Joaquim Franco de Sá na pag. 33 d'este tomo.

[2] *Poesias* de Antonio Joaquim Franco de Sá com uma noticia biographica do poeta por seu irmão Filippe Franco de Sá — San' Luiz do Maranhão, 1867, XVI-147 paginas.

forme a residencia que os encargos politicos do pae determinavam-lhe, bem como as viagens frequentes que emprehendia este ao Rio na qualidade de deputado á assembléa geral legislativa.

Quando seu pae governava em 1846 a provincia do Maranhão, na qualidade de seu presidente, entrou elle para o collegio de N. S. dos Remedios, instituido pelo dr. Domingos Feliciano Marques Perdigão, de onde sahiram tantos talentos bem aproveitados e que hoje figuram na politica, na magistratura e em outras carreiras.

Partiu em fevereiro de 1850 para o Rio de Janeiro, na companhia de seu tio, com o fim de reunir-se ao pae que já se achava de assento alli, como senador do imperio. Estavam-lhe aparelhados nas suas viagens golpes bem sensiveis: na vinda fallecera-lhe a mãe no Recife, e agora viu succumbir na Parahyba do Norte o tio que já ía bastante doente.

Chegado á côrte, o metteu o pae em um pequeno collegio onde pouco approveitou; mas em compensação fez rapidos e notaveis progressos no creado e dirigido n'essa epocha pelo illustrado e intelligente monsenhor Marinho, e que gosava de boa fama, grangeada e firmada nos excellentes resultados que n'elle colhia a mocidade. Estimulava-o o douto director, que presentía n'esse rapido desenvolvimento prenuncios da rara intelligencia que se expandia e fortalecia n'aquelle ambiente, e o pae na sua vidente sagacidade concebia d'elle largas esperanças.

Veiu a desventura desmudar o character d'esse me-

nino d'antes tão disposto ao riso e a alegres passatempos, tornando-se d'ahi taciturno e amigo da solidão.

A 10 de novembro de 1851 chegou-lhe a infausta nova da perda do adorado pae: foi ella demasiado dolorosa para quem tinha quinze annos e já se via orpham de pae e mãe!!

Pobre moço que tão cedo começava a sorver o fel amargo d'essas saudades que nunca mais se extinguem! Quanto lhe foram ellas pungentes, revela-o n'esta estrophe da sua *Suplica:*

Duas lousas encerram minha infancia,
(Nem grande vae entre ellas a distancia)
São as lousas queridas de meus paes!...
E fiquei só no mundo, e o céo escuro
Sinistro me annuncia no futuro
Horriveis verdades!

(*Poesias*—pag. 57).

Não se lhe desfalleceu.comtudo o esforçado empenho de abreviar o praso de seus estudos de humanidades para seguir o curso scientifico da escolha de seu pae, e á fôrça de applicação e com o talento que possuia conseguiu ver coroados seus esforços, e logo que reconheceu-se habilitado para soffrer exames de preparatorios, partiu para Olinda.

III

Quem frequentou estudos academicos, conserva sempre vivas as recordações do tempo d'estudante. Podéra

que assim não fosse, quando não ha quadra na existencia, nem primavera por mais florída, que se lhe compare! Para quem cumpre com suas obrigações escholares, não ha cuidados que o inquietem, nem o dia de amanhan o assusta: não ha quem lhe vigie os passos, o constranja, o dirija, e o contrarie em seus desejos: — não conhece superior fóra das aulas. Seu procedimento por mais extravagante, nem por isso deixa de merecer indulgencia e desculpa, sendo-lhe levado tudo á conta d'expansões proprias da sua edade e condição. A sociedade onde vive e se compraz é *sui generis* e forma corpo á parte constituido pelos condiscipulos. Não ha luctas de interêsses individuaes, não ha inveja e rancores, não ha despeitos que perdurem, nem projectos de vinganças que se não desfaçam aos apupos e ao riso da galhofa e zombaria. Ahi tudo são promessas e bemquerenças, franquezas no pensar e dizer, confidencias reciprocas em que se abrem os corações mesmo quando se conhecem apenas de vespera, e cujo fiador é o ser collega, e esse titulo basta para os irmanar. Não ha pezares que durem, queixas que não se contentem com a mais leve explicação, e ambições que se não paguem dos louvores de seus pares e dos laureis academicos.

Entre os folguedos e os estudos, entre o amor que excita a imaginação, e a prescrutação do desconhecido que absorve o espirito e o impelle a grandiosos commettimentos, eis o commum viver do bom estudante que sabe ao mesmo tempo triumphar da vida, fóra da pressão do dominio paterno, das vistas da familia, e sem que o

acabrunhem os pezares e cuidados, ou as injustiças dos homens; menos o assoberbem as contrariedades e vicissitudes do mundo, ou annuviem e envolvam as tempestades que se levantam no discorrer d'esta comedia humana onde todos representamos um papel. Para essas existencias só ha no firmamento ligeiras nuvens que se conjuram ao som dos brincos e gargalhadas. Foi para este mundo tão extranho que entrou Antonio Joaquim Franco de Sá, passando-se do Rio de Janeiro para a cidade de Olinda, em cuja academia matriculou-se em 1852, depois de ter dado provas de suas habilitações nas disciplinas de humanidades.

Residiam poucas familias n'essa buliçosa e pequena cidade, então quasi que habitada exclusivamente por estudantes, e essas mesmas difficultavam a entrada de suas casas aos academicos. Era Franco de Sá um dos que, pelo bom conceito de que gosava tinha o privilegio de as frequentar. Se bem que estivesse na edade em que facil atea o fogo do amor, nem por isso deixou-se n'elle abrazar.

Tinha para neutralisal-o a paixão do estudo, dedicando-se com fervor ás sciencias sociaes, á philosophia e á litteratura; e assim trocava o fructifero emprêgo do seu tempo pelo alambicar de passageiras affeições que se esvaem como o sôpro. Elle proprio assim o confessou:

> Meus amores são todos assim,
> Não passaram de meigos olhares
> Meus amores d'Olinda, por fim!
>
> (*Poesias*, pag. 114)

Mas o arisco cultor do deus vendado pagaria por últi-

mo o tributo de fidelidade e constancia, se uma troça de veteranos não viesse de improviso tornar-lhe esquiva a dama dos seus pensamentos:

Mas um dia... e o vento era rijo,
Triste o sol n'esse dia fatal...
Para as aulas meus passos dirijo
Sem no entanto prever nenhum mal.

A dez passos da casa da bella,
Inda menos... já quasi defronte,
Eu sorria—sorria a donzella...
Quando sinto... não sei como o conte!...

Sinto gritos... Por certo não tinha
Quem os dava a menor polidez;
Era um d'elles—«ladrão de gallinha...»
E os mais todos do mesmo jaez.

Que vergonha, meu Deus! E que apuros!
As orelhas fizeram-se brazas,
Os meus olhos tornaram-se escuros,
E confusas dançaram-me as cazas!

A trovoada não ficou ahi, era dia aziago para o poeta:

E romperam!... que horrivel barulho!
Que tremendo e incansavel *estouro!*»
Um berrava d'alli—«cascabulho!»
D'aqui outros—«calouro! calouro!»

Do «calouro» não fiz muita conta;
Pois dizia—calouro sou eu,
«Cascabulho», porém!... Oh! que affronta!
Foi, confesso, o que mais me doeu

.....

Latas, buzios, tambor, pratos velhos!...
Só se ouvindo uma ideia se faz!
Eu sentia tremer-me os joelhos...
Sou comtudo um valente rapaz.

Jámais nauta almeijou 'star em sêcco,
Se naufrága inda longe do porto,
Como então suspirei pelo becco,
Que afinal consegui quasi morto!

Como fóra do buzio já fosse,
Murmurei, alimpando o suor:
«Meu namoro de certo acabou-se,
E que pena! no ponto melhor!

«N'esse genero é pura fumaça
Tudo quanto um calouro projecta!»
E assim foi; que, por minha desgraça,
D'esta vez fui terrivel propheta.

Desde ess'hora de triste lembrança
Não fez ella mais caso de mim;
E um namoro de tanta esperança
Tão sem graça finou-se-me assim!

(*Poesias*, pag. 118)

Findo o seu primeiro anno lectivo, foi á cidade de Alcantara gozar das ferias entre os parentes e amigos. O mancebo sempre jovial, travêsso, dado á dança e a outros innocentes recreios, e que levava, onde quer que estivesse, a alegria e os risos já nos chistes picantes e anedoctas engraçadas, já nos jogos e divertimentos que organisava e dirigia, não era o mesmo. Por vezes surprehendia-o a irman apartado dos mais, como para evitar a sociedade e o arruido, e engolfar-se á sua vontade na mais profunda melancholia.

Tristes presentimentos vinham perturbar-lhe os dôces folguedos preparados pelos que o estimavam! Quando esse anjo de candura, a quem consagrava extremado affecto, procurava dissuadil-o de presagios, que ella tinha por chimericos; redarguia-lhe o joven poeta com plangente accento: = «o coração presago nunca mente!»

É que o anjo da morte já roçava-lhe a fronte com suas azas, segredando-lhe os gozos do outro mundo; e seu estro afinado por tão lugubres pensamentos, só desprendia cantos consoantes a elles, como o testifica seu DESEJO:

..... ao sahir da terra
Deixar um echo inda que fraco e triste
Que diga á patria o que meu peito encerra,
O sonho ardente que ora n'elle existe

.....
.....

O mundo abandonando e seus perigos
Isto vos pedirei, Senhor meu Deus,
Um suspiro da patria, um ai de amigos,
E no peito viver d'uns anjos teus»

(*Poesias*, pag. 80)

Desde seus primeiros adejos que o persegue esse negro e sinistro pensamento:

Da poesia pelas flores—
—Um louro no mausoléu—
De nossa alma pelas dores
Os puros gosos do Céu!

(*Poesias*, pag. 53.)

E como termina a bella poesia que escreveu no album

do dr. P. Calasans, então seu collega e como elle tambem poeta?

Nos dilirios que precederam o termo fatal de tão breve existencia, esvoaçava-lhe a phantasia pelas regiões da poesia, e abrazado no amor, que lhe captivava o coração, murmurou esta estrophe tão repassada de sentimento:

Se tu vieres, bella compassiva,
Como dos troncos velhos o renôvo,
Minha alma, ao morrer, talvez reviva,
Para te amar, e te adorar de novo!

(*Poesias*, pag. 95)

Tornado ao Recife onde o chamavam seus estudos e a bella que o enfeitiçava, deu-se sem reserva a esses dois cultos, e fugindo dos prazeres que de antes tanto o recreavam, era todo leituras e não levantava olhos dos compendios e dos livros de história e de poesia, senão para contemplar de sua janella aquelle rosto angelico da sua encantadora fada.

Parecia adivinhar que o tempo fugia-lhe e que era fôrça aproveital-o. Seus dias, porém, estavam contados, e elle que se esquivava até então de saráus e de outros passatempos, foi a um baile do primeiro do anno de 1856, e ao sahir d'elle agitado e transpirando, constipou-se. Desde esse momento não o abandonou mais a febre.

O sr. Monteiro recolheu-o á sua casa d'elle, onde a illustre familia d'aquelle cavalheiro recebeu o joven enfermo com a mais affectuosa, solícita e charidosa hospitalidade, prodigalisando-lhe cuidados incessantes no transcurso d'essa enfermidade.

Foram em vão os esforços da sciencia, e o sr. dr. Moraes Sarmento, com ser abalisado e perito facultativo, viu-se vencido por esse mal que caminhava rapida e fatalmente para seu funesto termo. A 28 d'esse mez quebrou-se-lhe o debil fio da existencia, e baixaram á sepultura os restos mortaes de Antonio Joaquim Franco de Sá!

Perdeu-se n'elle um poeta espontaneo e fecundo, como já bem o denunciavam suas producções. Affirmou-me um de seus condiscipulos, que tinha Franco de Sá summa facilidade para metrificar, sahindo-lhe com incrivel rapidez do bico da penna as estrophes e os consoantes. Adoptára por obrigação e como exercicio escrever todos os dias alguns versos em um livro a que intitulava seu diario.

Não o conheci senão quando ainda menino, de nove a dez annos: era então uma galante e engraçada creança.

Seu irmão, o snr. dr. Filippe Franco de Sá, de cujo trabalho approveitei para aqui os dados principaes, retrata-o assim no moral, como no physico:

« Não tardou seu talento a sobresahir, ao mesmo tempo que sua applicação, seu procedimento exemplar, sua modestia sincera.

« Sua nobreza de character e amenidade de trato grangearam-lhe a estima dos mestres e affeição dos condiscipulos.

« Tanto pela physionomia, como pelas maneiras, desde a primeira vista inspirava sympathia. Era de pequena estatura, fórmas desenvolvidas e arredondadas, tez morena

e pallida, cabellos castanhos, bastos, amarellados, olhos vivos, brilhantes, feições graciosas, meigas e expressivas. Ornava-lhe os labios e a parte inferior do rosto um pouco de tenue pello que depois tornou-se mais denso[1].»

E ao desabrocharem com tanta formosura e mimo as flores d'esse engenho viçoso, murcharam, aos vinte annos, quando seu engenho começava a altear os vôos! Nos seus presentimentos já elle se lastimava de ter de deixar o mundo:

Na edade do fervor e da paixão,
Quando o futuro a mocidade azula,
E nas veias o sangue ardente pula,
Guiando o coração!

(Supplica, pag. 50 das *Poesias)*

Uma desgraça raro deixa de ser acompanhada de outra: á morte de Antonio Joaquim seguiu-se a loucura de seu irmão Romualdo, que lhe era companheiro desde nascença e não pôde supportar a idéa de uma separação eterna, perdendo assim dentro em pouco o lume da razão, que já se lhe ía de dia a dia extinguindo[2].

[1] Vej. a noticia biographica, escripta pelo dr. Filippe Franco de Sá, e que precede as poesias de Antonio Franco de Sá (pag. 10).

[2] É tambem filho do primeiro matrimonio do senador Joaquim Franco de Sá, e ao menos quando escrevi este trabalho, vivia na cidade de Alcantara louco, ou antes quasi idiota. Dera de si avantajadas esperanças por seu grande talento e muita applicação, mas de compleição fraca e temperamento demasiado nervoso. Para aggravar-lhe esse estado tão melindroso sobreveiu-lhe uma longa e pertinaz enfermidade. Essa precocidade de intelligencia e excessiva applicação, reunidas aos estragos da molestia foram causas mais que sufficientes para determinar n'elle a loucura, que desde

IV

Abramos esse nitido e elegante volumesito que o snr. dr. Filippe Sá coordenou, ramalhetando com piedoso zêlo todas as flores que ainda mal desdobravam-se aos pristinos raios da alvorada do genio poetico de Antonio Joaquim Franco de Sá.

Aspiremos as dulcissimas fragrancias d'esse ramalhete primaveriço, tão matizado e formoso. Percorrâmos essas 145 páginas que o illustrado editor dividiu em duas partes, enfeixando na primeira as poesias lyricas inspiradas pelos doces sentimentos do coração, e na segunda as eroticas e aquellas que lhe dictou a musa folgasan e chocarreira, que seria talvez no futuro a sua predilecta.

Dos dezoito aos vinte annos, quadra de amor e de fé pura, quando os affectos e paixões preoccupam as almas juvenis, o que se póde exigir e esperar que produza quem sobre ser poeta, tem o espirito avassalado por taes sentimentos? O lyrismo em todos os seus tons, com seus extasis, com suas lágrimas e queixumes de imaginarios infortunios, de saudades indeterminadas, com aspirações vagas, illimitadas e tantalicas—o hysterismo sentimental, em summa, scentelha que incita, que abala e inspira a phantasia na mocidade, e torna-se o thema mais querido e favorito dos preludios que dedilha o poeta novel no seu

1858 tornou-se n'elle sem remedio, contribuindo muito para apressar tão triste resultado a morte do irmão, com quem morava em Pernambuco e a quem tinha profundo affecto.

alaude, e que melhor consoanta aos seus pensamentos. Se se deparam em seus versos incorrecções de linguagem, certa hesitação na metrificação, são defeitos desculpaveis e frequentes no tirocinio das lettras, porque a mão não está ainda assente, nem o espirito fortalecido, ou a memória enriquecida de cabedaes, e que só com o estudo e o longo meditar podem adquirir-se. Contrabalançam-n'os, porém, o bom gôsto, certo apuro de fórma, a frescura e brilho das imagens que se notam nas composições d'esse joven estudante.

A pedra de toque de sua robusta intelligencia e alteza de engenho está sobretudo no bom senso com que soube evitar as exagerações do erotismo bastardo que por esse tempo infeccionava e dominava nas nossas academias scientificas, principalmente depois que vulgarisaram-se as admiraveis producções do infeliz Alvares de Azevedo. Quem sentia-se com veia poetica, tinha logo de si para si, que para ser poeta, devia esforçar-se por copiar Byron, Espronceda, ou Alfredo de Musset, nas suas extravagancias, excentricidades e desvarios, esquecido de que não é com exterioridades no dizer, e muito menos no obrar, que se podem arremedar os vôos altivos das aguias. Fugia-se então com tedio e horror do sentimentalismo pessoal de Lamartine. Os nomes das Elviras, os anjos e as fadas não vinham enflorar, nem os prantos de fundas magoas, ainda que ficticias, orvalhar as producções dos nossos imberbes menestreis que desde então abandonaram os cemiterios, deixaram de andar desgrenhados e melancholicos, e de apparentar ares de phtysicos

com rostos macillentos e descarnados, para affectarem de D. Juans, Manfredos e Childe Harolds, ufanos de que os apontassem como praças byronianas, enfrascadas no mais sensual materialismo.

Vae em bôa hora passando a mania, ficando comtudo d'ella o que tem de aproveitavel.

O poemeto *Idalina* é uma evidente prova de que soubera desviar-se com sensatez e discrição dos escolhos da moda: ha singeleza, ha candura em todos os deliciosos versos do dialogo entre ella e seu amante, apoz um sonho que lhe viera com a leitura de *D. Juan* de lord Byron.

O véu immaculado e nitido de brancura envolve-os como aos estames as petalas do nenuphar ou as da açucena; e o perfume que se exala de todos elles é qual o suave aroma das nossas florestas virgens.

O poeta em seus *Sonhos* (pag. 2, outubro de 1852) aspira ao amor ideal, vago e sem limites:

> ..... amor immenso, amor que abrange
> A patria, os ceus, a humanidade, a Deus.

Como estão bem descriptos, com verdade e sem artificios, as incertezas do mancebo — essa fluctuação do seu espirito, suas aspirações ao incommensuravel e a tudo quanto é grande e bello?!

> ..... Em minha mente
> Sinto ideas brilhantes mas confusas,
> Tenho no peito aspirações, desejos,
> Que *não sei definir*. Eu sinto effluvios
> De amor e de poesia que me elevam

Aos espaços aereos. Mas não posso
Inda dar expansão aos meus delirios:
Não posso 'inda tomar o vôo altivo,
Que a *mente sonha* e que meu *peito almeja.*
Sinto que pensamentos se accumulam,
Se cruzam, se combattem; d'esta lucta
Tirando nova fôrça, a fronte sinto
Arder-me ás vezes, como que querendo
De si lançar ideas *já maduras,*
Metaes já preparados, já fundidos.

(*Sonhos,* pag. 1)

Com o amor vinha misturar-se-lhe a ideia da patria, desferindo assim da lyra canticos apaixonados; e ennastrando louros marciaes em suas grinaldas de myosotis e rosas.

Na poesia que lhe inspira o glorioso e sempre para nós memorando dia 7 de setembro, em que solemnisamos o anniversario da nossa libertação, falla-lhe o orgulho nacional:

Do lago e do rio, do tigre e da pomba,
Dos ventos nos troncos, da briza na flor,
Da terra, dos ares, do mar que ribomba
Um hymno de bençam se eleve ao Senhor!

(*Sonhos,* pag. 90)

.....

Saudemol'a todos! Taes dias são arcos
Na senda que ao templo da glória conduz,
Nas eras passadas são fúlgidos marcos,
Que as trevas separam de enchente de luz!

Essa imagem vale bem o mau emprêgo da preposição n'este último verso.

Mais adiante já é o amor patrio, a glória não tanto a d'elle como a da terra do seu nascimento que o seduz e á qual excita o enthusiasmo de seus concidadãos:

Corramos, luctemos cingindo de louros
A fronte que batte de ardor juvenil!
Um nome leguemos aos nossos vindouros,
Cubramos de glória o nosso Brasil!

(Idem.)

Passando á segunda parte de suas poesias, encontramos com a musa ridente de Horacio e de Beranger a brincar-lhe louçania e risos. Já fallei do poemeto *Idalina* como de um deleitavel trecho poetico. O *amor e namoro* não deixa de ser engenhoso e tem seu chiste; mas quanto a mim os sonetos—*Sabbatina* e *Esbelta*—vencem aquellas composições.

¿Mas para que vir eu, misero profano, sondar mysterios que me são vedados, quando um dos sacerdotes-summos do templo proferiu já sua sentença?! De envergonhado retiro-me de lugares que me são deffesos; que o cantor de *D. Jayme*, em uma carta que dirigiu a 4 de março de 1870 ao snr. dr. Filippe Franco de Sá se expressa n'estes termos com respeito ás poesias do irmão:

«Tão moço e tão grande! tão grande e tão infeliz. Elle presente, tem o triste condão do genio e revela o seu presentimento em várias poesias do seu livro. Nos versos que elle escreveu no album do seu amigo Pedro de Cal-

lasans, que são d'um merito incontestavel, encontro estas duas quadras do vidente:

«No entanto com mão segura
Das cordas tirando o som
Nos lembremos que—ventura—
Não traz a lyra por dom.

Que Deus fadando o poeta
A fronte lhe beija e diz:
«Terás a vida inquieta
«E quasi sempre infeliz!»

«No meu entender bastava esta poesia para lhe dar nome. E que nobre enthusiasmo o dominava quando antevia no futuro as procellas, que o aguardavam nos aparcellados mares da glória! Ainda cedo á tentação de transcrever mais estas quadras da mesma poesia:

Então surjamos altivos
E lancemos ao redor
Do olhar—lampejos mais vivos
Da lyra,—canto melhor!

Embora a turba resista,
Ganhemos nosso lugar;
Generosos dando vista
A quem nos quizer cegar!

Façamos nectar divino
D'essas gottas de amargor!
De cada gemido—um hymno—!
De cada espinho—uma flor!

«Isto é admiravel e francamente não sei quem faça melhores versos do que esses.

«De novo agradeço o seu favor e lhe protesto que sou, etc.

Parada de Gonta, 4 de março de 1870.

THOMAZ RIBEIRO.

..... «quem ha que tenha respirado nas poesias posthumas de A. J. Franco de Sá os perfumes singelos d'aquella alma graciosa de adolescente e de poeta?» diz o snr. M. Pinheiro Chagas no artigo — *Bibliographia Brasileira* —, publicado no n.º 68 do *Brazil* de 25 de março de 1873.

Resumindo, portanto, não me cançarei de dizer que não encontro em suas poesias affectação nos sentimentos que exprime, nem artificios de phrases e de imagens: o que ahi ha, brota viçoso do coração; porque o lyrismo sentimental é proprio das imaginações exaltadas e em cujas almas falla a poesia: — será enfermidade do espirito, que exacerba-se ao menor toque da adversidade, e em que os affectos combattem-se e fazem explosão com mais ou menos violencia conforme o grau de paixão que actua n'elle. O vulcão ruge, quando mesmo a cratera se não abriu para arrojar de si incendidas lavas — a exhuberancia de vida é para o poeta um tormento, se não entrou para seu leito e curso naturaes, nem está limitada e derivada para um ponto determinado. D'ahi, o vago, o indistincto, o incerto, ora a timidez, ora a demasiada temeridade de toques, o esbattido das côres, que se não destacam ou se não accentuam nas suas gradações e transicções. Em tudo isso, porém, revelou Franco de Sá que

havia n'elle imaginação, estro e vocação de poeta e de grande poeta. Se não sabía ainda tirar de sua bem provida palheta todas as variadas combinações e cambiantes de côres que só a experiencia e a crítica ensinam, revela comtudo em seus ensaios poeticos o insigne artista que perdemos n'elle.

J. A. Lisboa Leon

XII

O CONSELHEIRO

JOÃO DUARTE LISBOA SERRA

... l'amor filiale, il conjugale, il fraterno in una gara commoventissima.

A. Bartola — *Viaggio.*

I

Quem quizer prejulgar da carreira futura de um individuo pelas preferencias e inclinações de estudante, hade enganar-se a miudo. Para que sahia a borboleta chrysalida — é-lhe mister o vai-vem da fortuna, o attrito dos interêsses sociaes de onde se originará o necessario calor.

Este, grave e reportado, torna-se depois leve e inconsiderado, o atheu — religioso, até beato e tartufo, o perdulario — avarento, o liberal — conservador, o democrata — reaccionario, o damejadôr e almiscarado pintalegrete — inimigo de salões e módas, e vice-versa.

Temos no conselheiro João Duarte Lisboa Serra um d'esses exemplos de metamorphose; que de apaixonado cultor das musas que era em Coimbra, divorciou-se d'ellas logo que pisou terras do Brasil. Como aquelles devaneios de imaginação que tanto lhe compraziam, aquelle contemplar a natureza onde offerecia mais encantos —

nos cinceiraes do Mondego, na Lapa dos Esteios, no Penedo das Saudades, nas ruinas de Sancta Clara, aquella devota applicação aos poetas, aquella convivencia com José Freire de Serpa Pimentel, com Forjaz e com todos os talentos que rebentaram e floriram ao magico impulso de renascimento, produzido pela eschola romantica, aquella incançavel acquisição de conhecimentos — aquelle incessante enriquecer as paginas da *Revista Academica,* veiu por último a disparar no que ha de mais prosaico na vida! O poeta de Coimbra tornou-se depois o empregado de fazenda preoccupado de transacções financeiras e de operações de bancos.

II

É mais um engenho d'eleição que se purificou nas aguas lustraes do *Itapècurú.* A 31 de maio de 1818 nasceu João Duarte Lisboa Serra, na freguezia de Nossa Senhora das Dôres do Itapecurú-mirim, no sítio onde seus paes, o commendador Francisco João Serra, abastado proprietario rural, e D. Leonor Duarte Lisboa, oriundos ambos d'estirpes illustres, residiam e possuiam suas lavras.

Tendo a desventura de perder a mãe quando carecia mais do seu amor e cuidados, achou em sua tia, D. Ignacia J. Serra, quem a substituisse, tomando-o a elle e aos irmãos para sua companhia, e trazendo-os a todos para a cidade de San' Luiz.

Affeiçoou-se essa boa senhora a João Duarte, que por

seu character meigo e affectuoso e pela muita brandura soube conquistar-lhe o coração para n'elle ter preferencia a todos os outros irmãos, mostrando-se sempre merecedor do affecto quasi maternal que lhe consagrou a tia de quem era os encantos.

Na capital do Maranhão, juncto d'essa sancta e amantissima senhora, fez os seus estudos preparatorios, apprendendo primeiras letras com o sr. Alexandre José Rodrigues, latim com F. Sotero dos Reis, e as demais disciplinas tambem nas aulas públicas que já por esse tempo mantinha a provincia. Sua applicação e desenvolvimento intellectual foram recompensados desde logo com as sympathias do sabio professor de latim, que se não contentou só de revelar-lhe as reconditas bellezas de Virgilio e Horacio, para que as podesse avaliar por si, senão tambem d'incutir-lhe o gôsto péla litteratura e pelos classicos, entretendo-se nas longas palestras que tinha com o discipulo em inicial-o na arte poetica; que era este o fraco d'aquelle eminente philologo. Em conhecendo intelligencia nos discipulos, que lhe prestavam attenção, era um discorrer pelos campos da philologia, da archeologia e da poesia, e um prodigalisar do muito que lhe ensinára a experiencia e o estudo.

Estava João Duarte em 1834 com os seus dezeseis annos e prompto nos estudos preparatorios, quando partiu para Portugal com destino á universidade de Coimbra. Não se pagando seu espirito curioso e sedento de saber só com as sciencias mathematicas, frequentou depois o curso de sciencias naturaes ou philosophicas como ainda

hoje são appellidadas pelos vetustos estatutos d'aquelle estabelecimento scientifico, de modo que em 1841 tinha elle os graus de bacharel formado em ambas estas faculdades.

N'esse trecho de sete annos que passou em Coimbra soubera angariar a estima e amizade dos condiscipulos e contemporaneos e até de lentes, e o que é mais extraordinario, de muitas familias da cidade. Devia-o ao seu natural bondoso e grave sem affectação, a uma modestia e comportamento honestissimo que o tornaram desde logo distincto entre todos.

Repugnavam á sua indole as turbulencias, as troças e essa ostentação vaidosa com a mira de fazer praça d'estroina.

Vivia João Duarte, sobretudo nos derradeiros annos de frequencia, relacionado com a bôa sociedade conimbricense, a cujos saraus concorria quando lh'o permittiam seus estudos ou lides litterarias.

Nas ferias fazia excursões pelo Minho e Beira, perlustrando todos os sitios afamados por seu panorama pittoresco e poetico.

Foi em uma d'ellas que, por intervenção do seu collega José Hermenegildo Xavier de Moraes, travou conhecimento, na cidade do Porto, com a familia Sampaio, natural e domiciliaria do Rio de Janeiro. Ficou desde logo rendido de amores por uma d'essas interessantes fluminenses, a ex.ma sr.a D. Ignez Amalia Sampaio que tornou-se a dama dos pensamentos do poeta.

Seus cantos inspirados como os de Serpa Pimentel e

João de Lemos pelas aguas do Mondego e pela formosura de seus campos, onde sussurram as brisas por entre os salgueiraes e choupos, vinham resplender nas paginas da *Revista Academica*, jornal que fez epocha nos annaes litterarios d'aquella colmea de engenhos privilegiados, e a que, como um de seus redactores, confiou parte de suas inspirações em verso e em prosa. Folheando agora essa rara collecção, não posso deixar de dar um ou outro trecho para por elles formar-se idéa dos traços physionomicos de João Duarte, em uma das quadras mais donosas e felizes de sua existencia.

SUBINDO PELO VOUGA

Sumiu-se o sol! É quasi amortecida
A muda desmaiada natureza!
E em dormente langor, em paz serena
Parece mollemente reclinar-se
Nos torvos braços da calada noute,
Que de sombras em leito magestoso
A vae acalentando.

Sumiu-se o sol! E as prateadas nuvens
Que sobranceiras podem vel-o ainda
Perder-se pelo abysmo, vão-se orlando
De rica franja, que em matiz mimoso
As côres d'alma todas tem pintadas
Na hora da saudade.

O manso gado, que na opposta margem,
Pascendo ao som de pastoris avenas
Gosou do dia fulgidos ardores,
Ora vadea vagaroso o rio,
Ou já do aprisco ruminando á porta,
E do tenro filhinho a tez lambendo,
Pelo pastor aguarda.

Tudo respira placido socêgo!
Só ligeiro batel, que vae cortando
A branda face do crystal luzente,
Ondas formando que os anneis retratam
Crespos, mimosos, de engraçada coma,
Com sumido suspiro está turbando
O silencio geral á hora tão meiga,
E sobre o leito de brilhantes perolas
Obriga a tremular suavemente
Os salgueiros da margem...

Com os olhos fitos no arenoso fundo,
Rosto sombrio, definhado aspecto,
No tosco bordo o peito debruçado
E suspensa, no braço, a fronte pallida,
Como quem todo em si embevecido
D'angustias soffre dolorosos trances
Vae afflicto mancebo.

Debalde intenta procurar nos echos
Consôlo a seus pezares;
Aperta-lhe a garganta atroz cadea,
Mais rigida, que o bronze, e lhe suffoca
A triste voz no peito...

Os olhos estão seccos, nem das palpebras
Tumidas, como enchente represada,
Lhe é dado verter magicas gotas,
Que molhando-lhe as faces lhe mitiguem
Os soffrimentos d'alma...

Em vão pretende do anciado peito
Um suspiro soltar, que amenisando
D'amargas afflicções atro veneno,
Lhe consinta provar na soledade
Doce melancholia;

Sem aos labios chegar, seus ais fenecem,
Ou mais acerbos pelo baldo esfôrço
Na fonte, que os verteu, vae intornando
Requinta das essencias de amarguras
De negro fel em bagas.

Quem tantas dores lhe entranhou no seio?
Quem lhe gravou no juvenil semblante,
A macillenta côr, que tinge as faces
No extremo da agonia?

Ah! não me illudes, seductor enleio!
Que traz elle o cuidado em triste ausencia,
Affogam-lhe o sorrir memórias ternas,
Disfarçadas com as vestes da amargura:
É essa dor que lhe corta os seios d'alma,
É a dor da saudade.

Coimbra, 1839.

III

A nossa existencia é uma constante antithese: ao bem succede o mal — á ventura o infortunio, ás alegrias a tristeza! Quem está seguro de si e póde contar que no meio dos prazeres se não abrolhem as dôres, como um céu sem nuvens ennoita-se de repente e é atravessado pelos bulcões da tormenta?!

Não era João Duarte Lisboa Serra exceptuado d'esse fadario que acompanha o homem desde o berço: se lhe tinham deslisado felizes e serenos os dias em Coimbra, ao retirar-se d'ella, foi golpeado no mais intimo do coração pela dura adversidade.

De seus irmãos nenhum lhe era mais caro que D. Leonor, com quem se creára e a quem amava até a idolatria.

A 10 de março de 1839 succumbiu ella a uma grave enfermidade; mas sua familia julgando prudente occultar a notícia a João Duarte, só lh'a communicou depois de concluidos seus estudos.

A paixão que então se apoderou d'elle melhor a dizem seus escriptos e as palavras de consolação que escreveram seus condiscipulos e amigos no seu album [1]. Ainda essa dor era tão viva, que devolvidos mezes, ao chegar ao Maranhão e ao visitar a sepultura que encerrava os despojos de sua adorada irman, inspiraram-lhe as saudades uma sentida poesia, que fez publicar precedida das seguintes linhas:

«Em qualquer recanto do globo em que me asyle, no labyrintico tumultuar das côrtes, ou no placido remanso da natureza, — no centro da risonha prosperidade, ou a braços com a feia adversidade, oh! nunca este dia deixará de ser por mim consagrado á mais viva, á mais pungente saudade, nem os meus suspiros, convertidos em ardentes preces, deixarão de subir ao throno do Senhor.»

Essa peça poetica dado que se resinta da eschola classica, é digna da apreciação dos leitores:

NO CEMITERIO DOS CHRISTÃOS

Asylo da soidão!... morada escusa
Dos mortos!... quam sublime fallas
Ao coração do Vate, que te busca
De saudosas memórias repassado,
(Oh! quam saudosas!) e no pó das campas
Vem meditar saudades, que revela
O silencio dos tumulos!

[1] Vej. nota B in fine.

Ai! triste
Do que na flor dos annos mais viçosos
Vem aprazer-se aqui! — do que não teme
Entrar as portas da mansão sombria
Onde moram finados! — do que escuta,
Tranquillo o som da morte com que geme
O vento que roça tão sinistro
Sobre as campas geladas!...

Ai! do triste
— Por qu'esse coração magoado soffre
As fragoas da saudade mais pungente!
— Porque sente um vasio, que no mundo
Encher-se já não póde! — porque nutre
Relações com o sepulchro — e a existencia
A esvaír-se começa!
D'um só golpe
Não se passa da vida á eternidade,
— Morremos cada dia nos que morrem
P'ra o nosso coração. Aquellas cordas,
Que tão doces vibrava um caro amigo,
Um irmão tão querido, a caroavel
Estremecida mãe, o Pae virtuoso,
Se a terna mão lhes falta que as tangia,
Ou se quebram, ou froxas só resoam
Os carpidores sons da magoa eterna.

Irman!... nome do ceu com que se ameiga
A indole mais crua!... nos meus labios
Jamais tens de roçar sem que as entranhas
Com farpa envenenada vá callar-me
Ralladora saudade!... A casta, a pura
Companheira fiel da infancia minha,
Irman do sangue e d'alma me ha fugido,
Fugido!... e para sempre!...

P'ra sempre! (voz cruel do desengano!)
P'ra sempre m'a roubou a fria lousa
Do gellado sepulchro!...

Não mais hão de o seu collo de alabastro
Cingir os braços meus; — dos roseos labios
Não mais um meigo riso, uma ternura,
Uma palavra só de voz tão meiga!...

Doce nome de irmão! com que magia
Sahias d'esses labios innocentes!
Essa voz divinal, só mereciam
Os canticos de Deus; — ao ceu voaste,
Anjo meu muito amado, e lá mudulas
Os canticos de Deus: — azinhas brancas
Nos azulados ares te equilibram
Em tôrno do seu throno.

Mas ah! não percas tu com a fórma angelica
Ideas do passado (tão ditoso)
La no seio da glória uma lembrança
Guarda do Irmão querido!

Esta capella d'alvas açucenas,
— Imagem da candura e da innocencia —
Vou depol-a na tua sepultura,
E sôbre ella chorar... tardo tributo!...
Mas (inda mal!) o unico na terra
Que me foi concedido offerecer-te!

Quando já na agonia a voz sumida
Balbuciava um nome de ternuras
C'o assento mavioso da saudade...
Esse nome... (requintes d'amargura!)
Esse nome que então balbuciaste...
Foi o meu... mas o tumido oceano
Entre nós se interpunha, e esse sorriso,
— Sorriso derradeiro de teus labios —
Apagou-se!... e eu não pude colhel-o!...

Quem ha de aqui mostrar-me o teu jazigo?
N'estas alas de tristes catacumbas
Uma cifra sequer, que nos alembre
O christão, que ali dorme, não descubro (!)
Silencio gellador!... mudez solemne!
—Só perturbada pelo som medonho
Da enxada do coveiro, sob os ossos
Rangendo, descarnados,—repetido
Logo depois nas sepulchraes abobadas!

Vaidades d'este mundo! van soberba!
Ostentação! grandezas! eis o escolho
Onde certo o naufragio vos espera!

No berço, e no sepulchro,—dois extremos
Da viagem do homem sôbre a terra—
Seus designios bem claros patentea,
Iguaes todos formando a natureza.
Mas na cega carreira o mortal cego,
Da essencia deslembrado, não receia
Transgredir esta lei suave e doce!
Tão suave, tão doce, que bastára
Delicias a intornar sôbre o universo!

Ah! se viesse meditar nas campas
Um'hora ao menos o mortal na vida!!

Oh! dor! nem este ao menos me foi dado
Consôlo amargo de chorar sobre ella,
E dizer em meu pranto, em meus gemidos
«Aqui moram suas cinzas... aqui dorme!...»

E quem se atreve a perturbar o canto,
Último canto do mortal na terra?!

Oh! e hão-de teus ossos, anjo amado,
Teus despojos mortaes ir confundir-se
Na lobrega cisterna, c'os despojos
Do feroz assassino, e do malvado,
Que n'hora derradeira, inda descrente,
Ao som de imprecações, rangendo os dentes
Expirou maldizendo o Omnipotente?!

O cordeiro e o tigre repousando
Na mesma habitação?! O crime horrendo
E a virtude candida abraçados?!
A rola e o condor?! Barbara usança!
Pouco digna d'um povo que se preza
De crente, de christão e d'illustrado.

Acatae com mais zêlo, ó maranhenses,
Os despojos mortaes da humanidade!

Não me culpes, ó anjo, não; que a custo
Do proprio sangue te comprára as cinzas.

(Oh! ditoso que eu fôra, se o podesse!)
Tarde vim, mas assim estava escripto
Do grande livro na mais negra página!...

Ao menos no jazigo d'onde á fôrça
Teus restos arrancaram, hoje dormem
(Breve o somno será, como o teu fôra.)
Os restos d'um amigo! ... Ah! S'inimigo;
O maior, mais jurado, esse o meu fôra,
So este enlace me forçára a amal-o.

Mas tu sorris de gôsto lá no empireo,
Tu és grata ao Senhor, e não te lembra
O pêzo que na terra abandonaste.
Oh! que sem esta ideia m'estalára
De dor o coração!... é d'ella filho
O sorriso que ás vezes, como a furto
Pelas faces me adeja macilentas.

Camillo da Silva Ferraz.

Doce religião! sem o teu balsamo,
Que seria o mortal nas amarguras
Da vida? Este confôrto tão suave
Quem me daria? quem? se tu não fôras?

Ella era a propria innocencia,
A belleza, a castidade;
Arraiava-lhe nas faces
A flor mimosa da edade.

Tinha a virtude no peito,
Trazia a paz no semblante;
O meigo som de sua voz
Era doce, insinuante.

Um só volver de seus olhos,
De seus labios um sorriso
Na terra aos mortaes lembrava
Dilícias do paraiso.

E qual o lyrio fragrante,
Que rijo ferro ceifou,
Tantos encantos n'um dia
A dura Parca roubou!...

Ah! foi um anjo,
Que ao céu subiu...
Foi uma roza,
Que não se abriu...

Foi um perfume,
Que s'exhalou...
— Uma harmonia,
Que resoou...

Foi uma estrella,
Que resplendeu,
E n'um momento
Desapareceu...

Era uma inerme,
Casta pombinha;
Doce esperança,
Só no ceu tinha.

Ouvia perto
Piar abutre,
Que da innocencia,
Fero, se nutre.

Ao céu voando,
Symb'lo de amor,
Fugiu ás garras
De negro açor.

E o anjo, e a roza,
Mago perfume,
E a harmonia,
Que dons resume.

E a fina estrella
Resplandecente
E a casta pomba
Meigo — gemente.

A pompa adornam
Do Creador;
São alli gratas
Ao seu Senhor.

Como ha na pedra
P'r'o aço rude,
Em Deus ha iman
Para a virtude.

Maranhão, em 10 de março de 1842.

Rendido este tributo de saudade á carpida memória da irman, cuidou João Duarte em ir visitar os sitios onde nascêra. Fez-se transportar para a fazenda de seu pae, onde ía retemperar o espirito ao rever os bosques e banhar-se nas aguas do rio nativo.

Variados attractivos o convidavam n'essa digressão: — avivar saudosas recordações dos passados dias e desedentar a paixão da caça, muito a seu sabor; mas não tardou que pagasse caro a imprudencia de expor-se ás intemperies e rigores do clima, quando já estava deshabituado de tantos annos a elles. Accometteram-n'o febres intermittentes mui rebeldes, que fizeram temer por sua vida. Tornou-se então para a cidade onde restabeleceu-se pelos desvelados cuidados de seu cunhado e medico assistente, o dr. José Miguel Pereira Cardoso (já fallecido).

Conhecendo-se completamente restabelecido da molestia, de que lhe ficou hepatisação chronica de figado e baço, com frequentes exacerbações, retirou-se para o Rio de Janeiro, onde o aguardava a noiva; e assim tanto o coração como os impulsos de uma nobre e bem justificada ambição, tudo o impellia para ahi. Nos fins de 1842 achava-se elle já na côrte do imperio, onde contrahiu laços matrimoniaes com a ex.ma senr.a D. Ignez Amalia Sampaio, a cujos encantos prendeu-se desde que a víra na cidade do Porto. Touxe esse enlace não diminuta fortuna que juncta aos haveres que addiu da herança paterna, collocaram-n'o em independente e vantajosissima posição e sem apprehensões pelo futuro da familia. Approveitou desde logo o conselheiro Manuel Alves Branco,

então ministro da fazenda e presidente do conselho, os merecimentos do nosso comprovinciano, nomeando-o inspector da thesouraria da provincia do Rio de Janeiro.

Eleito em 1847 deputado pelo Maranhão, distinguiu-se na sessão de 1848 por sua moderação, espirito recto e altamente cultivado, como assaz o patenteou nas discussões em que tomou parte. A situação prenhe de perigos e a surda agitação que se notava em certas provincias, requeriam do govêrno muita circumspecção na escolha dos presidentes. O respeitavel estadista que então geria os negocios, o insigne Paula Sousa, escolhêra para administrar a Bahia o conselheiro João Duarte, e n'esta conformidade sollicitou da camara temporaria seu consenso para que o novo presidente entrasse desde logo no exercicio de seu cargo.

Os debattes, que houve por essa occasião, foram irrefragavel testemunho do bom conceito que geralmente se formava do character e virtudes politicas d'este distincto maranhense, e que elle veiu ainda mais confirmar nos trinta dias em que administrou a Bahia; porque tendo a 29 de setembro de 1848 subido ao poder opposta politica, o novo gabinete o exonerou d'essas funcções que eram de confiança. Mas foi sufficiente tão brevissimo prazo para que os bahianos concebessem as mais auspiciosas esperanças de sua administração, e elle conquistasse as sympathias geraes, angariadas pelas maneiras affaveis, attenciosas e cortezes com que acolhia a todos sem distincção de gerarchias, de principios e nacionalidades; e o crite-

rio, prudencia e segurança com que resolvia as questões e negocios administrativos. A sua partida da cidade de S. Salvador teve um acompanhamento numerosissimo e espontaneo — desde o arcebispo, dos mais altos funccionarios civis e militares, do corpo cathedratico da faculdade de medicina, até o mais humilde cidadão — todos á uma porfiaram em dar-lhe n'este solemne momento eloquentes demonstrações da alta estima em que o tinham.

Chegado á côrte com tão avantajada reputação, procurou o ministerio neutralisar a má impressão occasionada por este acto, dando-lhe o titulo de conselho, e d'ahi a pouco nomeando-o thesoureiro geral da fazenda nacional. Foi isto occasião para que se lhe descubrisse e apreciasse a aptidão e bom senso práctico em negocios de fazenda.

Projectando, tempos depois, o ministro da fazenda, conselheiro Rodrigues Torres, fallecido visconde de Itaboraby, organisar o banco nacional, ouviu muitas vezes o parecer de João Duarte, aproveitando muito de suas luzes na formação dos estatutos d'essa util instituição de credito. Fundado o Banco do Brasil era indigitado pela voz pública para dirigil-o, como seu presidente, mais de um homem proeminente e encanecido nos negocios. Mas, desprezando o visconde de Itaboraby similhantes insinuações, foi buscar o conselheiro João Duarte Lisbôa Serra para tão elevado quanto cubiçado encargo.

Até sua morte esteve elle á testa d'este estabelecimento para o qual entrára desde sua creação. Foi a elle a quem coube o affanoso trabalho e a glória de pôr em exe-

cução sua lei organica, de dar-lhe a primeira direcção, de iniciar practicamente e de fazer funccionar as rodas ainda novas e perras de tão complicado e grandioso mechanismo; e é ainda mais para louvar que em todo o decurso de sua longa gestão, a despeito da inexperiencia e da novidade, não houve uma queixa, uma falta, o mais pequeno transtôrno. Já é isto por si só um documento incontestavel, honroso e irrefragavel de seus meritos, se os subsequentes actos da sua vida pública e particular não fossem de não somenos valia.

Veiu a nossa provincia por sua vez honral-o, enviando-lhe o diploma de seu deputado ao parlamento na legislatura de 1853–1856.

Moderado nas opiniões politicas, como em todas as outras manifestações da vida pública e particular, não desdisse no parlamento do bom conceito que havia adquirido. Liberal de convicções e de principios, mas sem pertencer a nenhum grupo individual, não se encostava a parcerias, nem tornava-se echo das exaltações dos paladinos do jornalismo; e nem por isso deixava de sustentar suas opiniões. Convidado pelo conselheiro Carneiro Leão, fallecido marquez de Paraná, para tomar parte no gabinete que este organisou em 1853, refusou-o, preferindo ao luzimento de tão alta posição a integridade de suas ideas politicas.

Evitava deslustrar o mandato popular, entrando nas discussões mesquinhas e odientas de partido; mas quando appresentavam-se na téla importantes questões de finança e de legislação, não trepidava nem se fazia esperar, se-

não que desenvolvia desassombrado seu juizo com locução facil vernacula, elegante e precisa.

Era o mesmo cidadão, o mesmo funccionario, acareador de estimas e respeito, fosse na lice parlamentar, na thesouraria, no banco do Brasil, no tracto familiar; — sempre placido, cortez, sem affectação no seu dizer, de porte singelo e discreto, motivando sempre seu parecer, como para desempenhar-se de seu mandato, levava o convencimento ao espirito do parlamento, explanando e desfiando com lucidez os mais solidos argumentos.

IV

O conselheiro João Duarte trabalhava mais do que se compadecia com sua constituição deteriorada desde 1842. Assiduo e pontual nas repartições de que foi cheffe, examinava quanto corria por ellas, e preparando todos os trabalhos com aquella brevidade que sua intelligencia prompta lhe facilitava, ainda tinha horas para a intimidade do lar domestico, recreando-se no intimo com a familia a quem dedicava religioso culto, estremecendo a mulher e os filhos, com entranhado affecto, e preocupando-se com desvelo e carinho do seu futuro e bem estar d'elles.

Não descurava tambem seus negocios particulares, dando emprêgo productivo a seus capitaes, reconstruindo seus predios, embellezando e tornando confortavel sua habitação. Não impediam tantas occupações a que comparecesse ás sessões das sociedades scientificas, indus-

triaes, d'instrucção e de charidade a que pertencia, ás reuniões de emprezas que se organisavam então na côrte com febril enthusiasmo e em cujas discussões e exames de conta tomava mui activa parte.

Não ficava só n'isto sua incomparavel actividade; era por egual procurador dos que pediam sua protecção, quer apadrinhando pretenções de viuvas, de orphams, quer as dos naturaes de sua provincia, o que constituia para elle obrigação e dever. Por ellas esforçava-se com todas as véras e não descançava senão quando havia logrado o intento, já arranjando um emprêgo para este, já protegendo um estudante ou accudindo com sua bolça a um necessitado.

Á contenção d'espirito com que abafava no peito leves desgostos, e realisava tantos trabalhos sem descançar e fazendo mais do que as fôrças lh'o permittiam e sem que ao menos as vigorasse com algum regimen hygienico, appropriado, tomaram incremento seus padecimentos de figado que complicaram-se com o dos rins, resultando d'elles a incuravel infermidade que o levou á sepultura em 16 de abril de 1855.

Foi-lhe bem doloroso e prolongado o soffrimento! Conhecia o conselheiro João Duarte seu deploravel estado e mortificava-o a excruciante lembrança de que em breve apartar-se-hia para todo o sempre da esposa ainda tão nova que ía ficar desamparada de seu natural protector, e de seus filhinhos na infancia e quando mais necessitavam de seus conselhos e direcção, e esta idea nunca mais o abandonou, como um veu negro que lhe enluctava

o coração! Um dia que assistia ao jantar da familia, accudiu-lhe ella ainda mais despedaçadora, e excitando-lhe a phantasia, traçou ahi mesmo a lapis este cantico repassado da mais pura resignação evangelica quanto elevada unção moral:

DOMINE, EXAUDI ORATIONEM MEAM!

Morrer tão moço ainda! quando apenas
Começava a pagar á patria amada
Um escasso tributo, que devia
A seus doces extremos!

Morrer tendo no peito tanta vida,
Tanta idea na mente, tanto sonho,
Tanto afan de servil-a, caminhando
Ao futuro com ella!...

Se ao menos de meus filhos eu podesse,
Educados por mim, legar-lhe o esfôrço...
Mas, ah! que os deixo — tenras florezinhas,
Á mercê dos tufões.

Vencerão das paixões o insano embate?
Succumbirão na lucta do egoismo?
As crenças, a virtude, o sentimento
Quem lhes ha de inspirar?

Não te peço, meu Deus, mesquinhos gosos
D'este mundo illusorio, mas supplico,
Tempo de vida — quanto baste apenas —
Para educar meus filhos.

É curto o prazo, dae-me embora o fel
Dos soffrimentos, sorverei contente,
Lucida a mente, macerae-me as carnes,
Estortegae-me o corpo.

E após, tranquillo, volverei ao seio
Da eternidade. A fimbria do teu manto,
Face em terra, beijando-o, — o meu destino
Ouvirei de teus labios.

Rio de Janeiro — 1855.

Não foi esta a unica vez que as musas vieram visitar a este desertor do Parnaso, offertando-lhe as harmonias que modulava antes que o prosaismo lhe extagnasse a veia poetica. Golpes bem dolorosos, não ía em muitos annos, já o haviam feito conciliar-se com ellas, e entoar cantos que em nada desmentem aquelles e onde predomina a melancholia, porém melancholia suave e branda, como a sua indole, seu character e seus affectos. É no *Correr das lágrimas* que estão postas em todo o relêvo suas feições: a saudade dos filhos que perdeu em tenra edade inspiraram-lhe esses versos que são verdadeiras lágrimas distilladas de um coração de pae extremoso e amantissimo[1].

Ninguem melhor do que elle comprehendia e executava os deveres a que a amisade obriga. Entre outros muitos testemunhos de quanto sobrelevava n'esta virtude, desentranhando-se em obsequios, sem poupar esforços para servir áquelles que lhe eram caros, ahi está o affecto que o ligou em toda a vida ao poeta Gonçalves Dias.

Foi elle quem descobriu-lhe o talento, quando, ignorado de todos, frequentava a aula de latim no lyceu de Coimbra; foi quem propoz aos companheiros de casa

[1] Vej. nota C no fim.

que o hospedassem; quem se empenhou para que não abandonasse os estudos, e se retirasse para Caxias como pretendia. Depois, no Rio de Janeiro, a sua bolça e a sua meza bizarramente postas á disposição do poeta, que, cedendo ás instantes rogativas de João Duarte, não se despediu d'estes favores até que melhorou de sorte com o emprêgo de secretario do lyceu de Nictheroy, alcançado por influição d'aquelle. Morava então Gonçalves Dias em um segundo andar da rua da Misericordia, quasi fronteiro á casa de seu amigo, de quem era commensal. Nas frequentes difficuldades pecuniarias recorria tambem ao amigo, sendo preciso da parte de Gonçalves Dias, cuja delicadeza não soffria ser molesto a ninguem, inventar ardis para reembolçal-o das quantias obtidas a titulo de emprestimo. ¿Quantos maranhenses valeram-se da sua posição e prestigio para verem-se approvados em exames preparatorios, e para se lhes relevarem faltas? A uns suppria de mezadas, a outros hospedava, e a todos obsequiava e servia, sendo a mór parte das vezes a unica recommendação a seu valimento o serem filhos do Maranhão.

Testemunha presencial de muitos d'estes factos durante os annos que residi no Rio de Janeiro e em que o frequentei, refórço meu asserto com os de dois cavalheiros respeitaveis e acima de toda a suspeita de lisonja.

O juiz de orphams da capital do Maranhão, o dr. Raymundo Alexandre de Carvalho, em um artigo necrologico em que pranteava tão chorado passamento, assim resume as qualidades que ornavam o alto espirito do conselheiro

João Duarte:..... «Não se encontra em toda a vida do conselheiro Lisboa Serra um só facto que venha desmentir o seu procedimento. O homem que raciocinava, era o homem que obrava. Jámais durante o tempo em que foi representante da nação, se suscitou uma ideia tendente ao progresso moral e material do seu paiz que não fosse defendida pela sua eloquente voz, pela sua vigorosa logica. Seus discursos são eternos monumentos d'essa verdade.»

«O Brasil era a sua patria, elle a amava; porém o Maranhão era o seu berço, elle o adorava, e por isso, no afanoso propugnar pela felicidade commum, sempre esta porção do solo brasileiro lhe mereceu desvelos, amor e dedicação[1].»

«Poucos brasileiros, diz o sr. dr. Fabio[2], tem subido a posição tão elevada em tão verdes annos, e o que mais é, sem uma baixeza, sem uma deslealdade, e sem esse audacioso despejo que a tantos tem aproveitado. João Duarte não era e nem podia ser homem propriamente politico; pois que lhe faltava a audacia de espirito, a dureza de coração, e mesmo a fortaleza de character do homem de partido.»

«Liberal por convicção e espirito de justiça era ao mesmo tempo dotado de indole tão branda e pacifica, que não lhe era permittido acompanhar os homens de sua crença no ardor das luctas e aggressões partidarias. Preoc-

[1] Vej. o *Observador*, n.º 462 de 14 de maio de 1855.
[2] Vej. o *Diario do Maranhão* de 1 de junho de 1855.

cupavam-n'o demasiado os perigos da ordem para entregar-se sem reserva á onda caprichosa dos partidos.»

«Como politico era imparcial, recto e justiceiro até a severidade, só pela profunda consciencia do dever, e immaculada honestidade de seus costumes. Amigo leal e constante nunca esqueceu o amigo ausente, embora humilde e desfavorecido da fortuna. E quantos lhe não deveram favores e finezas de primor?!»

«Na qualidade de filho e de pae, de esposo e de irmão, ninguem póde excedel-o, e poucos o igualaram, mas tambem é certo que poucos teem sido tão bem retribuidos sobre a terra. Até á sua hora extrema viu-se sempre rodeado de cuidados e affeições ternas de uma familia desvellada e carinhosa, e ainda teve a consolação de dizer o último adeus ao seu irmão Joaquim Serapião da Serra que, ao rebate de sua enfermidade, voou apressurado dos confins do imperio para juncto de seu leito de dor.»

. . . . . .

«Sem exageração póde-se dizer de João Duarte que sómente o não amaram os que nunca o viram e tractaram; e se tantos extranhos lamentam a sua prematura perda, o companheiro de sua infancia que, como eu, lhe foi ligado pelos laços do sangue e da amisade, não póde deixar de derramar lágrimas e flores sobre sua campa.»

Accrescentarei como remate, que exemplos d'estes retemperam os animos de seus conterraneos e os incitam a imital-os, tendo virtudes tão nobres e insignes por herança de familia que se não deve desperdiçar antes conservar e augmentar.

Trajano

XIII

TRAJANO GALVÃO DE CARVALHO

Aimer le vrai, le beau, chercher leur harmonie;
Écouter dans son cœur l'écho de son génie;
.....
.....
Voilà son bien, sa vie et son ambition!

ALFRED DE MUSSET.

I

Eis ahi um typo de poeta que se afastava dos mais. Não verieis nunca Trajano Galvão de Carvalho com a tristeza, real ou affectada, como que a debuxar-lhe no rosto os pensamentos que lhe tumultuavam n'alma, como effeitos do hysterismo lyrico. Essa adoração platonica a uma *Ella,* a uma *Elvira* sempre esquiva, e de mera convenção para muitos, não lhe afinava a lyra, nem as manifestações, não menos chimericas, das desordenadas paixões de Byron e de Musset eram os bordões de seus versos. Não havia n'elle nàda de estudado, de postiço ou de insidioso, Simples na compostura e nos affectos, despretencioso e despido de toda a ambição, importavam-lhe pouco vans exterioridades e nada lhe aprazia tanto como a obscuridade. Viver retirado e desconhecido eram suas delícias, seus anhelos. Contentava-se, por tanto, da vida agricola rotineira e rude, como ainda hoje a vemos na nossa pro-

vincia, onde as fazendas estão separadas entre si por largo tracto de leguas, passando-se a miudo mezes sem que frequentem a habitação rustica do fazendeiro outras pessoas que os proprios membros da familia, os escravos e o feitor. Era ahi, era no meio de profunda soledade, em selvatica mansão, que Trajano sentia verdadeiro prazer, e deixava devaneiar seu espirito afeito a contemplações. Se dava acaso largas á phantasia e acertava compor versos, inspirados á sombra de nossas arvores seculares e copadas, ou ao soluçar dos ribeiros, ao rumorejar das ramas da mangueira ou do bacuryseiro, não os reduzia á escriptura, satisfazendo-se com os haver imaginado, e uma ou outra vez com repetil-os a um amigo, e n'isso ficava.

Se nascesse francez teria sido acabado bohemio, a quem Henrique Murger ou Chamfleury não ganharia, se na Italia — um lazzaroni a espreguiçar-se ao sol aquecedor de Napoles e ao queixoso murmurio de seu formoso golpho, n'esse *dolce far niente* que resume para aquelle ente excepcional todos os gosos e sensações imaginaveis. Circumdado por esse panorama sempre verde e brilhante, formado de arvores gigantescas e floridas, acalentado pelas harmonias e pompas d'essa luxuriosa e radiante natureza, e acariciado pelas brisas perfumadas por tão exquisitos e delicados aromas, enthusiasmava-se Trajano com tantas e tão donosas bellezas que lhe embriagavam e adormentavam a imaginação. Disse Forcade na *Revue des deux mondes* que muita gente deixa de escrever não porque lhe faltem os dotes para isso, mas resolução para o fazer. Cheguem á meza com o firme proposito de escrever suas

concepções que o realisarão! Rousseau deplora nas suas *Confissões* o ter deixado d'encher grossos volumes por não passar logo para o papel muita cousa que imaginára e traçára na mente.

Era esse tambem o defeito de Trajano, porque a não ser a inercia, a desidia desacompanhada do incentivo da ambição de glória, teriamos hoje d'elle uma boa collecção de poesias: pelas poucas e breves producções que deixou, é de crer que seria digno de figurar em lugar eminente do nosso Parnaso.

II

Nasceu Trajano Galvão de Carvalho aos 19 de janeiro de 1830 em Barcellos, sítio que demorava alli pelas cercanias da villa de Nossa Senhora de Nazareth, á margem do rio Mearim. Seus paes, Francisco Joaquim de Carvalho e D. Lourença Virginia Galvão, viveram unidos pouco tempo depois que era elle nado, perdendo o pae quando ainda não estava em edade de o conhecer.

Seus padrinhos Raymundo Alexandre de Carvalho e sua mulher a ex.ª sr.ª D. Maria Cecilia Bayma de Carvalho, que eram tambem seus tios paternos, propuzeram-se creal-o e educal-o, levando-o para sua casa d'elles, na Caxoeira Grande, proxima do Codó, onde medrou, folgando na companhia dos primos e adquirindo fôrças que lhe infundiam os exercicios campestres e aquelles ares tão livres e salutiferos. D'ahi tambem é que lhe veiu de certo esse gôsto tão pronunciado pelo nosso viver campesino e pelo

cultivo da terra. Contava sete annos e não conhecia ainda uma só lettra do alphabeto; que todo o seu tempo era para travessuras.

Empoz o fallecimento do pae, sua mãe que era ainda joven, retirou-se do Mearim com os filhos que já estavam todos instando por educação, e veiu com elles residir na cidade de San' Luiz, onde passou a segundas nupcias, casando com o negociante portuguez Antonio Joaquim de Araujo Guimarães.

Emprehenderam seu padrasto e mãe partir para Lisboa, onde pretendiam dar aos filhos conveniente e completa educação: mandaram pois buscar Trajano á fazenda dos tios. Para seus companheiros de folguedo e ainda mais para seus padrinhos, que o tinham agasalhado e creado, e que o consideravam como filho, foi muito sensivel e amarga esta separação!... Que dia pranteado por todos não foi o da partida! Não houve, porém, remittir nem deter esse golpe, aliás forçoso e util para quem tanto estremeciam. Arrancou-se alfim Trajano d'esse ninho silvestre, e lá se foi para a capital do Maranhão e d'ahi em março do mesmo anno de 1838 veiu para Lisboa, aonde chegados, o metteram no collegio de José Pedro Roussado.

Se entrou tarde para os estudos, recuperou o tempo perdido com os rapidos progressos que n'elles fez, tanto assim que aos quatorze annos já sabia os preparatorios que se exigiam nas nossas academias de direito, não perfunctoria e superficialmente, como hoje em dia acceitam e se contentam com elles os paes e instituidores.

Era o director do collegio forte no latim, na rhetorica e na lingua portugueza, e tinha n'isso garbo. D'ahi vinha que não dava por habilitado n'ellas a quem se não houvesse de seu vagar aperfeiçoado bem n'essas materias e sem que lhe respondesse de prompto a todos os preceitos e difficuldades, e por isso tambem succedia que a maior parte de seus discipulos tomavam amor aos estudos classicos e tornavam-se alguns grandes sabedores do idioma de Camões, cultivando-o com esmero, e apreciando suas riquezas com o conhecimento de quem tem a intelligencia tão bem desenvolvida quanto cultivada.

Como os desejos da familia eram que Trajano se formasse em sciencia juridica, entendeu o padrasto acertado mandal-o cursar as aulas em San' Paulo; porque os bachareis das faculdades forasteiras não podem exercer no Brasil cargos de magistratura.

III

Em julho de 1845 já se achava Trajano em San'Paulo, mas não pôde logo matricular-se por ter ainda que estudar a história antiga e patria, cujas aulas teve de frequentar. A sorte lhe foi ahi mofina.

Trajano tocava flauta com muito gôsto e tinha um sôpro harto melodioso e firme. Foi a sua desgraça, que pois o caloiro tornou-se figura indispensavel e obrigada das serenatas dos veteranos, e isso bastou para que alguns lentes o tivessem por vadio, e assentassem sem

mais exame embaraçar-lhe a entrada na academia. De seu natural timido e irresoluto, não se atrevia a afrontar as iras dos professores de instrucção secundaria e passar pelas provas públicas. Apoderou-se d'elle o temor, e passou assim tres annos a hesitar sem resolver-se a tomar qualquer accôrdo.

Em 1848 já me achava no Rio a estudar medicina, e d'ahi tanto insisti com Trajano que por fim decidi-o a seguir para Pernambuco, e não descancei senão quando o vi a bordo de um dos paquetes que para alli partiu em principios de 1849. Mal chegou a Olinda fez exames de preparatorios e matriculou-se na faculdade. Não teve d'ahi em diante estôrvo na sua carreira, obtendo boas approvações até o terceiro anno em que teve de amargar os effeitos de um epigramma allusivo ao nome patronimico de um dos lentes, homem de lettras gordas. Picou-se elle d'essa travessura do estudante, de quem tomou desforra no acto. Resentiu-se Trajano tanto do *r* que não quiz continuar mais o curso, e n'esse proposito veiu ao Maranhão a titulo de passar as ferias, e retirou-se para a fazenda dos tios e padrinhos que residiam por esse tempo no Alto-Mearim.

Entregava-se ahi a leitura e a suas costumadas contemplações da natureza: eram seus passatempos, mattejar ou ler, estudando com dedicação os mais celebrados classicos, quer portuguezes, francezes, italianos ou latinos.

Estava n'este manso e descuidado viver, disfructando os innocentes prazeres da roça, quando em 1854 tornou-se a Pernambuco, instado e quasi que arrastado por

seu primo Raymundo Carvalho, que alli estudava. Obtido o grau de bacharel formado não quiz demorar-se na capital ou sollicitar qualquer emprêgo, e foi-se de novo para o Alto-Mearim, onde casou a 6 de fevereiro de 1856 com sua prima e companheira da infancia D. Maria Gertrudes de Carvalho de quem houve duas filhas. Entregou-se ahi de todo em todo aos cuidados da agricultura que o deliciavam sobreposse, e ninguem o poude arrancar mais das brenhas.

Não houve traças que se não concertassem para atrahil-o á cidade, mas foram perdidos os esforços dos amigos para contrastarem-lhe as inclinações á vida rustica. Estando a concurso no lyceu da capital da provincia as cadeiras de história geral e lingua portugueza, lembraram-se de Trajano cujas habilitações para reger qualquer d'ellas eram reconhecidas, e em vista d'isto lh'o propozeram. Mostrou-se a principio disposto ao concurso, tanto que veiu á capital, mais para aquiescer aos desejos dos amigos que o queriam em lugar onde se lhe despertasse o estímulo litterario, do que de impulso proprio. De facto assim era; porque bastou a circumstancia de terem-se opposto a essas cadeiras dois antigos collegas, para que desistisse do intento e se retirasse de novo para sua fazenda.

Quiz eu então ver se o encartava na magistratura, e em 1858 obtive para elle a promotoria pública da comarca do Alto-Mearim onde residia; mas não chegou a entrar em exercicio e nem ao menos a prestar juramento do cargo.

Concorreu o padrasto por sua vez aô mesmo empenho,

e para isso o constituiu em 1861 seu procurador, dando-lhe casa e serviço domestico gratuitos, alem da commissão que lhe deixaria seu trabalho. Recusou-se Trajano, pretextando motivos futeis.

Em 1862 viu-se elle obrigado a vir com a familia para a cidade, a fim de cuidar de sua saude arruinada das contínuas febres paludosas. Aproveitou então seu primo e cunhado, o snr. dr. Pedro Nunes Leal, tão amoldada opportunidade para o fazer professor de uma das disciplinas de seu acreditado collegio e como que seu socio. Foi de pouca dura esse arranjamento; porque achando-se no seguinte anno completamente restabelecido, tornou-se a seus rusticos lares.

Não levava Trajano no seu retiro essa vida material e embrutecida dos mais dos nossos agricultores, desperdiçando o tempo que lhe sobrava da administração do grangeio rural em caçar, em occupar-se com a creação e tractamento de animaes domesticos, ou em conversas pueris; mas em ler e no curativo de sua gente e dos visinhos. Alma compassiva e charidosa, dedicou-se n'aquellas paragens afastadas de todo o soccôrro medico á leitura de obras de homeopathia e applicação de dozes, como quem tinha adquirido com perseverante observação tal qual conhecimento das molestias reinantes no seu sitio. É bem de vêr que errára de carreira e nascêra medico. Abrasado do amor do proximo, não se refusava accudir a pobres e ricos n'aquella redondeza, e fazia-o desinteressadamente e como quem tinha isso por obrigação restricta. Estou que foi n'esse infatigavel zêlo que adquiriu a en-

fermidade que o levou á sepultura. Appareceu-lhe em uma das nadegas um tumor acompanhado de febres, e elle, em vez de agazalhar-se e tractar-se convenientemente, foi accudir a um enfermo por baixo de copiosa chuva que cahiu durante toda a jornada. Cresceram então de gravidade os symptomas, e de volta a casa não se restaurou mais, tomando a enfermidade a assustadora fórma de febre typhoide e de pneumonia, arrebatando-o em 14 de julho de 1864 ao amor e carinho de sua joven esposa, e no meio d'aquella solidão e d'aquelle completo desamparo dos cuidados da sciencia!

Era Trajano dotado de fino tacto e muito gôsto litterario, de uma crítica judiciosa e illustrada com o estudo acurado e intelligente do bello em litteratura, e assim nem sei como podia elle accommodar-se e alliar o amor ás lettras com a convivencia de gente rude e ignorante, n'aquelles sitios, onde só de longe em longe via por acaso homens de tal ou qual cultura. Era jubilado conversador, cheio de chistes picantes e de engraçadas observações, sendo para elle supremo prazer uma limitada e escolhida reunião. Na carencia porém d'ella, vingava-se em pôr em apuros algum tolo ou desfructavel que lhe cahia a geito. Era capaz de enfiar horas, asseteando-o de perguntas e ouvindo sem pestanejar os disparates que sahiam aos cardumes do bestunto do pobre diabo.

IV

Escreveu pouco, e d'esse encontra-se quasi tudo na collecção que tem por titulo—*As tres lyras*—volume publicado em 1863 por B. de Mattos, sendo que foram algumas d'essas poesias impressas antes, no *Parnaso Maranhense,* outra collecção editada em 1861 tambem pelo mesmo B. de Mattos. Alem d'essas ha uma ou outra em jornaes academicos, de Olinda ou de San'Paulo, e poucas ineditas, que possuo[1].

Em prosa, conseguiu-se d'elle o juizo critico que vem em seguida á 1.ª edição das *Postillas de grammatica* de Francisco Sotero dos Reis, um engraçado folhetim sobre a festa dos Remedios, que appareceu em 1856, no *Diario do Maranhão,* e outro artigo homoristico, no *Progresso,* mettendo a ridiculo certos membros da assemblea provincial que tomaram parte na sessão de 1861.

N'essas composições aprecia-se o apurado cultor da boa linguagem, o purista desaffectado, o metrificador natural e correcto. Respeitador da fórma, nem por isso sacrificou o conceito para escravisar-se a ella. O patriotismo e a côr local são os tons que feriam mais alto as cordas do seu alaude, explorando na poesia brasileira uma veia quasi ignorada ou raro trabalhada. Os costumes do campo, a vida da lavoura eram a sua musa.

De todas essas poesias, nenhuma me parece mais de-

[1] Vej. a nota D onde vão publicadas.

licada e graciosa do que a *Creoula*. É uma verdadeira canção vasada nos moldes de Beranger, sobresahindo n'essa pintura tão fiel e feiticeira a verdade de um typo nosso. ¿Quem é que tendo visitado nossas fazendas de lavoura, e que ao ler essa canção se não recorda de ter assistido a quadro debuxado tão ao vivo e com tanta singeleza e primor?

A escrava arreiada de suas vistosas galas, e a pular-lhe prazer do rosto e do seio, esquece-se do captiveiro toda embevecida nos ruidosos folguedos da noite do sabbado. No terreiro da fazenda estão sentados os musicos em tres troncos de arvores, de diversos comprimento e diametro, ôcos e mal desbastados, cobertos de um lado de couro de boi destendido: são os tambores, os instrumentos musicos, imitados d'Africa. N'elles tangem esses *professores* boçaes e rudes com os punhos e os dedos de ambas as mãos, e os afinam ao calor da fogueira. Os escravos de toda a redondeza acham-se alli reunidos, convidados por esses sons fortes e estrugidores que atroam longe e lhes afagam os ouvidos e os alegram. Formados em circulo mais ou menos extenso, pulam suas danças que acompanham de cantilenas tão rusticas quanto o são os sons asperos e irregulares dos tambores. São as delicias do infeliz africano essa vertiginosa rotação de calcanhares, esse movimento de quadris e nadegas, esse bracejar desordenado, esses esgares e mômos, executados emquanto rodeia o circuito todo e termina cada um a sua vez de dança por dar uma embigada, a que chamam *punga*, em um dos circumstantes, que o substitue n'esse extranho e fatigante exercicio

choreographico. É a vaidosa creoula quem diz ufana de si:

Ao tambor, quando saio da pinha
Das captivas, e danço gentil,
Sou senhora, sou alta rainha,
Não captiva, de escravos a mil!
Com requebros a todos assombro
Voam lenços, occultam-me o hombro,
Entre palmas, applausos, furor!...
Mas se alguem ousa dar-me uma punga,
O feitor de ciumes resmunga,
Pega a taca, desmancha o tambor!

Na quaresma meu seio é só rendas
Quando vou-me a fazer confissão;
E o vigario vê cousas nas fendas,
Que quizera antes vel-as nas mãos!...
Senhor padre, o feitor me inquieta;
É peccado?... não, filha, antes peta...
Gosa a vida... esses mimos dos ceus.
És formosa... e nos olhos do padre
Eu vi cousa que temo não quadre
Co'o sagrado ministro de Deus...

(As *Tres Lyras*, pag. 13)

Inspirou-lhe tambem um canto o escravo que foge para os mattos mais incultos e longinquos afim d'evitar os duros tractos e o demasiado trabalho de seu deshumano senhor, ou para entregar o corpo á preguiça. Copiemos alguns trechos do *Calhambola* para que apreciem suas bellezas:

.....

Nasci livre, fizeram-me escravo,
Fui escravo, mas livre me fiz.

Negro, sim; mas o pulso do bravo
Não se amolda ás algemas servis!
Negra a pel, mas o sangue no peito,
Como o mar em tormentas desfeito,
Ferve, estua, referve em cachões!
Negro, sim; mas é forte o meu braço
Negros pés, mas que vencem o espaço,
Assolando quaes negros tufões!

Negro o corpo, afinou-se minh'alma
No soffrer, como ao fogo o tambor;
Mas altiva reergue-se a palma
Com o pêso, assim eu com a dor!
Com a lingua recolhe pascendo
Tamanduá, de formigas fervendo,
Tal de açoutes cingiram-me os rins:
E eu bramia qual onça enraivada,
Que esbraveja, que brame acuada
Em um circo de leves mastins.

.....

Como reina a mudez na tapera,
No meu peito a vontade é que impera,
Aqui dentro só ella dá leis:
Se commetto uma empreza gigante
Co'o bodoque ou co'a flecha talhante
A vontade me brada — podeis —.

(*Idem*, pag. 5)

E *Nuranjan*, a pobre africana roubada de seus adustos páramos, lanceada pelas recordações saudosas da patria esquivar-se dos folguedos:

Tua irmã, teus irmãos, teus parentes,
No terreiro lá folgam contentes.
Aos sons rudes do rudo tambor.

E em que scisma Nuranjan, solitaria e triste, tracteada pelos grilhões do captiveiro?...

Em que scisma? Olha mudo o deserto
O roçado que alem se queimou...
Co'um lençol d'alvas cinzas coberto
É qual garça que a flecha varou!...

Altos troncos e gramma rasteira,
E o cipó, que se abraça á palmeira,
Mais a flor que se prende ao cipó,
E o concerto das aves nos ramos,
E de tarde na matta os reclamos,
No silencio lá fazem, no pó!...

Como é natural ebella essa imagem do roçado queimado e todo coberto de cinza, silencioso e deserto!

O poeta continúa:

O roçado o que é? O sepulchro,
Onde pousa a floresta que ardeu.
Porque ardeu? porque o sordido lucro
Faz que o branco até zombe do ceu!
Profanadas taes obras divinas,
Este templo pendido em ruinas,
Que a si proprio o Senhor levantou

(*Idem*, pag. 24)

Na poesia dedicada a seu primo e collega, o dr. Raymundo de Carvalho, nota-se entre os vigorosos toques de côr local a mais suave melancholia, como n'estas estrophes:

Como é triste na selva a tapera
Solitaria do dia ao tombar:
Como é triste o roçado onde impera
O silencio, alta noite, ao luar:

Como é triste do tronco o gemido,
Do machado incessante e mordido,
Quando immenso baqueia no chão:
Como é triste no meio da matta
Velha cruz, que algum crime delata,
Assim triste é o meu coração!

(*Idem*, pag. 16)

Quereis agora apreciar o patriota? lede sua poesia — *O Brasil* — que abre o volume, e attentae n'estes versos:

Eia, pois, esmalte o riso
Os labios que a dor crestou!
Co'um munifico sorriso
Deus p'ra muito te creou!
Que nação teve comêço
Tão grande, de tanto aprêço,
Tão subido, tanto assim?
Se não dormes respeitado
Á sombra do teu passado,
Tens um futuro sem fim.

(*Idem*, pag. 3)

A mesma ideia enflora-lhe o estro na poesia inspirada pelo anniversario da independencia da nossa provincia natal, e assim termina o seu — *Ao dia 28 de julho:*

O Brasil é qual ceu que fulgura
Tachonado de estrellas a mil,
Quando a lua nas trevas escuras
Não emmolda seu rosto gentil:
Qual jardim onde luctam as rosas,
As estrellas no ceu de vaidosas
Se derramam em raios á flor...
Quando a noite em estrellas se arreia
Quem teu brilho modesto escasseia,
Maranhão, pobre estrella sem luz?!

(*Idem*, pag. 11)

Notae n'estas poucas poesias, que outro defeito não teem senão o limitado número d'ellas, e onde admira-se o correcto e elegante da fórma em tudo egual á belleza das imagens, ao conceituoso da phrase, ao esmerado e castiço da linguagem, e onde ha versos onomatopicos como este:

E aos roucos brados da borrasca irosa

(*Idem*, pag. 18)

Apezar dos muitos quadros que tem a lua fornecido aos pinceis de centenares de poetas, ainda Trajano achou côres novas para assim retratal-a:

Quem não te ama, ó pomba etherea,
Rainha da soledade?
Quem não tem na vida um tumulo,
Ou no peito uma saudade?
Se não paz, tu dás-nos treguas
Da vida na dura guerra,
E és tão querida na terra
Quanto formosa nos céus!

(*A lua*, pag. 42)

Das mui poucas poesias ineditas que escaparam acaso ás chammas a que a desolada viuva, obediente á última vontade de Trajano, lançou seus escriptos apenas esboçados, tenho uma collecção que vae transcripta em outro lugar d'este tomo[1].

Vêde-me agora esta descripção do *roçado*, onde as côres graduadas com arte copiam do natural uma das scenas de nossos costumes campestres:

[1] Vej. a nota D já citada.

NO ROÇADO

Raios de fogo dardejava a prumo
O rei da luz; do tijupar ao longe
Com a briza a pindoba ciciava;
Do algodão os alvissimos capuchos
Entre o verde das folhas refulgindo
Como annel ao redór se retorciam
De perlas embutido, e de esmeraldas:
O sabiá plumoso, a azul pipira,
O rubro taitairá — orpheu da matta —
Mudeciam nos galhos entre as folhas:
Á sombra do pau d'arco bi-florente
Na branca areia a meiga sururina,
O lugubre mutum, a siricora,
E a terna pecuapá despem a calma
E o silencio da matta, a morna briza,
O 'garapé vizinho, que murmura,
Das arvores a sombra preguiçosa,
Da cigarra a monotona cantiga
E o fofo leito do arrelvado solo,
Tem um não sei quê tão suave e brando
Que filtra-se nos membros, quebra as fôrças,
E nos convida ao repousar da sésta.

Profundo era o silencio. E os machados,
Que alternos soam na derruba ingrata
Do proximo roçado descançavam.
Nem da palmeira a sibilante quéda,
Nem do pau sancto que rechina e treme,
Nem da aroeira que o machado morde,
O ruinoso cahir que a terra abala,
O silencio quebrava da floresta.
É que do tijupar o pobre sino
Á pura refeição chamava o escravo [1]

[1] Vej. a já alludida nota D.

No solao de *Juvino* é ainda a mesma inspiração que faz soar a lyra nacional do poeta:

.....

Já os caminhos se escurecem
Da matta co'a sombra espessa,
Vem as negras uma a uma
Com seus cofos na cabeça,
Qual cantando vem alegre,
Qual mais velha vem gemendo.
Qual em tom sentido e grave,
Tristes encantos vem tecendo.
Ante o feitor se pezaram
Mil arrobas de algodão:
E ao duro lidar do dia
Succede o duro serão.[1]

Em nenhum dos generos primava, porém, tanto como no satyrico. Que fino observador que era, como lhe ia direito o acerado escapello desseccar os aleijões sociaes, não para amputal-os, senão para descubril-os. D'elle possuimos apenas hoje o *Nariz Palaciano,* satyra dirigida contra os lisongeiros soezes que na nossa provincia enxameam nas escadas, ante-camaras e sallas do palacio do govêrno, e se curvam submissos ao mais leve aceno do presidente; e julgando-se felizes da preferencia, procuram sollicitos e anchos satisfazer os mais disparatados caprichos d'esses vaidosos e desfructaveis mandões que por vezes nos teem flagellado. É do mesmo quilate o *Sultão* e *Eunuchos* com que zombeteou da mania que se desenvolvêra em Olinda entre a classe academica, por occasião de apparecerem publicados uns versos—*A sultana do bai-*

[1] Vej. nota retro citada.

le — dedicados a certa deidade. Cada poetastro, julgando que a sua *ella* sobrelevava as mais em formosura, proclamava seus dotes peregrinos nas columnas do *Diario de Pernambuco*, e a dava como a unica e a verdadeira sultana do tal baile; era um torneio quichotesco essa praga poetica que já causava tedio. Trajano então procurou extinguil-a de vez. Assim começa essa chistosa satyra.

Onde ha sultana, ha eunuchos,
Ha sultão, harens, divans.
Vós dizeis, jovens malucos,
Entre outras mil cousas vans,
Que no baile houve sultana

.....

Venham punhaes e trabucos
Hei de a verdade dizer!
Sois muitos ... oh! sois eunuchos,
Que sultões!... não podeis ser:
Deixa de ser o primeiro
Quem tem egual companheiro.

.....

No Pará os mamelucos
Não comem tanta banana,
Como os poetas eunuchos
Fazem versos á sultana;
Mas são versos amputados,
Como os eunuchos — coitados!

.....

Ponho-me, pois, de franquia.
Dos poetas contra a teima,
Aguardando a turba impia
Nas pontas d'este dilemma:
Ha sultana? sois eunuchos,
Não ha? Então sois malucos.

Quem agora deixará de sentir prazer e de rir-se ao ler no *Nariz Palaciano* a descripção do desembarque do novo presidente?

Festivaes repicam os sinos,
Troa no forte o canhão.
Correm velhos e meninos,
Ferve todo o Maranhão:
Vem doutores, vem soldados,
E os publicos empregados
Com seu illustre inspector.
Porque accorre tanto povo?
Chegou presidente novo,
Nosso Deus, nosso Senhor...
.....
.....

.....
.....
Diz errada voz imiga
Que impera so a barriga
Nos negocios do paiz:
O que a mente minha alcança,
É que se o lucro é da pança,
O trabalho é do nariz.
Por isso no grande entrudo,
Que chamam o govêrno cá,
Folga muito o narigudo,
Quando nos chega um bachá:
Pencas agudas e rombas,
Mil elephantinas trombas,
N'esse dia tomam sol:
Qual torneia, qual se achata
Qual na ponta faz batata,
Qual se enrosca, e é caracol.

Por minha vontade, se não fosse o receio de alongar demasiado este trabalho, transcreveria por inteiro esta

primorosa satyra, em nada inferior ás melhores de Nicolau Tolentino, mas já que o não posso, darei ao menos o trecho em que o poeta, depois de comparar a chusma dos lisongeiros palacianos, a uma exposição regional, continúa:

E assim como então é d'uso
A chamada feira erguer
Aos ceus o rumor confuso
Dos que vem comprar, vender;
O anho bala, grunhe o cerdo
Orneia o jumento lerdo,
Brioso nitre o corsel,
Tal a turba narigada
Nos trombones a chegada
Festeja do bacharel.

Vem por entre esta harmonia
O da côrte homem cortez,
Faz á esquerda cortezia,
Á dextra mesura fez!...
Mil narizes sobem, descem;
(Não de pudor) enrubecem
No furor de cortejar.
Vibram talhos de montantes
D'essas espadas gigantes
Que Roldão soube jogar ...

Por mais que se ponha em guarda,
Apesar de quanto diz,
Vista beca ou vista farda,
Por fôrça leva nariz...
Porque diz'em consciencia,
Pondo de parte a *excellencia*,
Tu, presidente, o que és?
Julgas-te inqualificavel?
És um ente narigavel
Da cabeça até os pés...

Embora prudente e calmo,
Se um nariz de guarnições,
Poder suspender-te um palmo
N'estes tempos d'eleições
Vae tudo comtigo abaixo!
Mais asneiras que um borracho
Juro-te que has de fazer...
Pois como do teu officio
Terás o pleno exercicio
Se suspenso o has de exercer!?

Ha mais d'elle nas *Tres Lyras* a soberba traducção de *Moysés no Nilo,* de Victor Hugo, o *Caçador e a Leiteira,* de Beranger, e a morte de J. B. Rousseau de Pompignan, e no segundo volume das *Obras Posthumas* de A. Gonçalves Dias, a de Moysés, de Delavigne. Se Trajano se houvesse ao menos proposto a nacionalisar algumas flores estranhas, já que não sabia fazer valer seu engenho nem havia para elle incentivos que o podessem impellir a cultival-o e tornal-o productivo, teria por certo feito grande serviço ás nossas lettras, porque possuia as qualidades de um bom traductor — a fidelidade, o exacto conhecimento do texto original, e a felicidade em as trasladar para moldes portuguesissimos.

B. de Mesa

XIV

BELLARMINO DE MATTOS

O trabalho não deslustra, antes ennobrece e exalta a dignidade do homem.

ANONYMO.

I

Não seria completa a obra do Creador se ao descobrimento da America não precedesse o prodigioso invento de Guttemberg.

O *fiat lux* da typographia, desfazendo a ignorancia até nos sombrios e humildes antros da miseria e nos confins do mundo, tem levantado a humanidade á altura que a razão lhe assignala, e fez com que, caminhando de conquista em conquista até os nossos tempos, conseguisse que as ideas tenham sido transmittidas de povo a povo com a celeridade do raio, e o homem scisme em competir com as aves no espaço, dando direcção ao aerostato.

Descoberta, em 1462, a arte de imprimir com caracteres moveis, só em meados do seculo XVIII era importada a primeira officina typographica no Rio de Janeiro, graças á iniciativa e protecção do conde de Bobadela. Não viu o govêrno da metropole com bons olhos esse pro-

gresso perigoso que se ia implantar na cabeça da colonia; condemnou por isso o melhoramento, censurando o governador e ordenando-lhe fosse fechada essa officina.

Veiu, porém, a invasão franceza contribuir para a iniciação entre nós d'essa conquista da civilisação; porque reconhecendo o govêrno do principe regente, que tinha então sua séde no Rio, a necessidade indeclinavel de publicar suas ordens, mandou comprar em Londres uma typographia que em setembro de 1808 foi remettida para alli pelo custo de cem libras esterlinas. Foi essa a origem da primeira imprensa regular que tivemos no Brasil, e ninguem poderia então prever que em sessenta e quatro annos faria no nosso paiz tão rapidos progressos, ella que só tres seculos e meio depois de a haver inventado Guttemberg é que foi introduzida entre nós! Só á côrte, porém, foi concedido esse beneficio, ficando privado d'elle o resto do Brasil, até que em 1820 proclamou-se em Portugal uma constituição. Chegada tão auspiciosa e inesperada noticia á capital do Maranhão a 5 de abril de 1821, já no dia 19 prestavam as authoridades juramento ás bases provisorias d'esse pacto fundamental. Na vespera do dia do reconhecimento official dos direitos do homem, proclamados n'essa lei, sahiu á luz o primeiro número do *Conciliador do Maranhão*, primeiro jornal que tivemos, vulgarisado a principio em manuscripto e por centenas de cópias que d'elle se faziam. Foi no pavimento terreo da casa da relação, antigo collegio dos jesuitas, onde se preparou essa manifestação embryonaria do pensamento livre. O enthusiasmo patriotico

e o afôgo de gosar dos beneficios consagrados nas bases do codigo nacional induziu alguns mancebos a emprehenderem semelhante tarefa, entregando-se com admiravel ardor e dedicação ao trabalho de tirarem as cópias necessarias do jornal para as distribuir pelos avidos leitores maranhenses. Foi, portanto, essa typocalligraphia o primeiro passo que demos para a civilisação por meio da publicidade da idéa escripta.

A 31 de outubro d'esse mesmo anno chegou-nos a primeira typographia; mas como soia acontecer ao que estava peiado e viciado sob a regia tutela, sahiram tambem seus fructos infezados e chôchos. Estabelecida no edificio onde hoje funcciona o hospital da Sancta Caza da Misericordia, deu-se-lhe, como instituição official mantida pelo erario real, uma administração composta de tres membros, sendo um d'elles dezembargador; e por ahi se póde bem colligir da importancia que a ella se ligava. Desde então começou ahi a ser impresso o *Conciliador do Maranhão*, e um ou outro soneto avulso. É de 1826 a primeira obra n'ella publicada em volume, destinada a descrever os festejos dados pela camara a fim de solemnisar a proclamação da constituição brasileira, e conhecidos vulgarmente por *Noites do Barracão*. Até 1830 foi essa a unica imprensa que houve no Maranhão, tendo apenas mudado de nome desde a independencia, appellidando-se *Typographia Nacional Imperial*. N'esse anno fundou Clementino José Lisboa a *Typographia Constitucional*, e em 1835 João Francisco Lisboa e o sr. Frederico Magno d'Abranches estabeleceram de

sociedade uma outra typographia, que passou depois a ser propriedade do sr. major Ignacio José Ferreira, e serve-lhe ainda de casco á sua officina já muito augmentada e melhorada, postoque ainda áquem dos recentes progressos da arte.

Pouco adiantou-se entre nós a arte typographica até 1847: os prelos *aguias* do nome do emblema que encima essa pesada mole de ferro, martyrio dos mais robustos impressores, e outros ainda mais defeituosos, por serem de madeira, eram sós as machinas de onde sahiam os nossos jornaes, os relatorios dos presidentes e mais um ou outro folheto que dão testemunho do atrazo em que até alli estavamos n'este ramo industrial. Consoante aos prelos corria todo o trabalho typographico — o modo de dar tinta, de compor, de apertar as folhas, etc. Essa imperfeição, essa fadiga, esse desperdicio de tempo estendia-se tambem aos menores serviços, desde a distribuição dos typos nas caixas, á construcção d'estas, á compaginação e composição de qualquer mappa, até a falta de methodo e ordem no trabalho, á nomenclatura dos typos por corpos em relação com as linhas e os espaços, sendo tambem desconhecido o emprêgo dos filetes, das cercaduras, dos ornatos, etc.

O primeiro progresso, os primeiros melhoramentos, embora incompletos e imperfeitos, vieram incontestavelmente com a typographia de F. de S. N. Cascaes, importada de França em 1843. Constava de um prelo francez, typos e accessorios aperfeiçoados, mas nem por isso os productos d'esta officina differiam dos das outras; que

os operarios eram rotineiros, pouco adestrados e nem sabiam fazer uso de muitos d'esses objectos. Vendida essa typographia em fins de 1846 aos srs. drs. Fabio A. de Carvalho Reis, A. Theophilo de Carvalho Leal e A. Rego, crearam elles em janeiro de 1847 *O Progresso*, primeira folha diaria que viu o Maranhão, e cujos redactores eram. Aggremiaram n'essa officina um pessoal de escolhidos e briosos operarios, tendo por cheffe Antonio José da Cruz que era tido pelo mais habil dos nossos typographos. Foi esta, e não a officina de Magalhães, como por mal informado diz o sr. José Maria Correia de Frias na sua aliás curiosa *Memoria sobre a typographia Maranhense*, (1866) a que primeiro introduziu os prelos americanos e outros aperfeiçoamentos até então desconhecidos na provincia. Não se limitou a typographia do *Progresso* a só imprimir esse jornal, que lhe tomava muito tempo, senão que tambem publicou seis volumes de romances, e em 1849 a segunda edição dos *Annaes Historicos do Estado do Maranhão* por B. P. de Berredo, alentado in-8.º de 600 páginas. Em 1848 sahiu concorrentemente com elles o almanach da provincia pelo dr. A. Rego. Foi esse estabelecimento tambem o viveiro que produziu os melhores operarios typographicos que ainda hoje contribuem para que os livros impressos no Maranhão sobrelevem aos das demais provincias, e ainda aos da côrte do imperio, em elegancia, nitidez e correcção. Foi n'essa officina que Bellarmino de Mattos concluiu o seu aprendizado, desenvolveu-se e adquiriu pela arte esse gôsto e amor que sempre por ella manifestou, e lhe deram a merecida reputação de Didot Maranhense.

II

A arvore genealogica do homem de trabalho começa no estábulo de Bethlem. Seu berço é um presepe, e seus pergaminhos os callos que os grosseiros instrumentos lhe produzem nas mãos, imprimindo-lhe n'ellas em indeleveis characteres os valiosos e insuspeitos documentos de sua nobreza. Bellarmino de Mattos foi um d'esses soldados da indústria.

Na povoação do Axixá, que se debruça sobre a margem esquerda do Mony, e é segundo districto de paz da villa de Icatú, nasceu elle em 24 de maio de 1830.

Seis annos depois veiu sua mãe, D. Silvina Rosa Ferreira, com toda a familia para a cidade San'Luiz no empenho de educar os filhos, e taes foram os temores de que se possuiu quando a revolta dos *balaios* assollava aquellas paragens, que tractou de vender os poucos bens que alli tinha, fixando de vez a sua residencia na capital.

Aos sete annos entrou Bellarmino para a eschola pública de instrucção primaria da freguezia de Nossa Senhora da Conceição, regida então pelo sr. Alexandre José Rodrigues que, apezar de bastante idoso, não se despediu ainda de todo da util profissão d'educador.

Com tres annos de assidua applicação tinha-se Bellarmino habilitado para passar por um exame d'instrucção primaria, limitada, como era, a poucas materias, e em que foi approvado plenamente.

Sabendo aos dez annos ler e escrever correntemente,

cuidou sua mãe em applical-o a uma arte mechanica, e para isso metteu-o em 1840 de aprendiz na *Typographia da Temperança,* de que era proprietario Manuel Pereira Ramos. No cabo de dois annos estava elle em estado de principiar a ganhar a vida, e entrou de operario para a pequena officina de Satyro Antonio de Faria que lhe dava 200 réis diarios por seu trabalho, e sem embargo de tão exigua retribuição, não distrahia d'ella um ceitil que fosse e entregava-a integralmente a sua mãe. Assim o vemos trabalhar desde os doze annos para ajudar a manutenção de sua familia: e foi esse o seu empenho, o seu pensamento, a meta de seus esforços, o amor por que sacrificou-se até acabar os dias de tão laboriosa existencia. Sendo despedido d'essa typographia, que tinha tão pouco que fazer que seu proprietario bastava para satisfazer as encommendas, passou-se para a de Francisco de Salles Nunes Cascaes que nas difficuldades monetarias soccorria-se ao expediente de pagar as ferias dos operarios com vales que não achavam curso no mercado. Não via o pequeno typographo o fructo do seu trabalho, e despersuadido das vans promessas do dono da officina, dispunha-se a procurar em outra parte serviço remunerado, quando foi esse estabelecimento vendido aos redactores do *Progresso,* e mudado para umas casas terreas na rua *Gomes de Sousa,* confrontes á em que residia o principal redactor, o sr. dr. Fabio Alexandrino de Carvalho Reis. Foi ahi que conheci esse operoso artezano que se distinguia por sua aptidão e actividade, e em tão verdes annos — e nem ainda lhe despon-

tava o buço — mostrava o comedimento e pontualidade do brioso e sisudo operario.

Foi por taes e tantos predicados que soube grangear a estima dos que o conheceram de perto, e fiquei eu fazendo d'elle o bom cabedal que sempre mereceu-me.

Passou a typographia do *Progresso* em 1849 a ser propriedade de Antonio José da Cruz, d'antes seu administrador, conservando comtudo o nome e continuando a imprimir-se n'ella o jornal, que de diario, passára a sahir trez vezes por semana e já redigido pelo sr. dr. Carlos Fernando Ribeiro e mais tarde tambem pelo sr. dr. José Joaquim Ferreira Valle (hoje visconde do Desterro).

Com o desenvolvimento material e as crescentes exigencias da nossa sociedade foram augmentando por egual e proporcionalmente os salarios dos empregados nas diversas indústrias, menos dos das typographias, que continuavam mesquinhamente retribuidos. Vendo Bellarmino de Mattos, que o que ganhava não era sufficiente para ajudar a mãe, não se contentava só em trabalhar de sol a sol por conta da officina, e continuava, d'ahi até as 9 horas da noute, empregando-se na composição de orações e outros repositorios milagreiros de que é tão sedenta a beata credulidade. Tinham muita procura esses pequenos avulsos, com cuja venda engrossava o seu salario. Terminado este serão voluntario, não vinha para casa descançar ou entregar-se a qualquer passatempo que fosse agradavel diversão a tão aturado labor; trazia comsigo outra tarefa. Não havia no mercado papel d'impressão do formato do *Progresso*, pelo que era

forçoso emendarem-se as folhas. Bellarmino, em obsequio a seu antigo mestre e ora patrão, tomava sobre si esse affanoso encargo, e acurvado até alta noute sobre a meza, não ia procurar o repouso sem que tivesse grudado pelo menos uma resma de papel. Nem por isso agradecia-lhe Antonio José da Cruz tamanho favor, permittindo-lhe que imprimisse gratuitamente os avulsos que seroava. Pedia-lhe, pelo contrário, o preço que costumava levar a qualquer estranho; mas o joven operario condescendente e bondoso, nem assim deixava de prestar com boa sombra e com a mesma dedicação esses serviços gratuitos, e nunca o abandonou ainda mesmo quando em occasiões difficeis lhe não podia aquelle pagar as ferias com a pontualidade exigida por quem tem sómente o dia de hoje. Não é que lhe não fossem offerecidas por muitas vezes maiores vantagens, dentro ou fóra da provincia. Teve propostas convidativas e tentadoras de mais de uma officina do Rio de Janeiro; mas o apêgo ao torrão natal, e o amor á familia e gratidão ao mestre o prendiam de tal modo que a sua constante resposta ás mais lisongeiras offertas era formal recusa.

A opposição do *Progresso* era então molesta a certas influencias politicas e ao presidente da provincia. Acenaram ao proprietario da typographia com um emprêgo — quasi sinecura. Estava velho, cançado, e o jornal não lhe deixava nem para as despezas do seu custeio, e por isso em difficuldades pecuniarias que todos os dias cresciam. Assim faltou-lhe a necessaria fortaleza para resistir ás tentações, não estando por outro lado obrigado aos actuaes

redactores por compromissos ou contracto formal. Tudo isto contribuiu para que se deixasse arrastar pelo canto da sereia e suspendesse a impressão do *Progresso*. Os operarios que, como jovens, se apaixonavam facilmente e tomavam as partes do mais fraco, desgostaram-se sobremodo d'esse procedimento, e assim que os srs. drs. Carlos F. Ribeiro e José Joaquim Ferreira Valle fundaram uma imprensa por conta propria, passaram-se todos, e entre elles Bellarmimo de Mattos, para esta officina, de cuja administração foi este encarregado.

III

Em principios de 1854 achava-se Bellarmino atarefado com a fundação d'essa nova officina. Fazendo de machinista, ajustava as peças, assentava-as e ordenava tudo como melhor lhe parecia. Alargavam-se-lhe os horizontes e com a inteira confiança que depositavam n'elle os proprietarios, entendeu que devia prover o novo estabelecimento de todo o material necessario e com os que inventaram os progressos da arte. Para realisar esse pensamento applicava-se com infatigavel ardor a estudar e a confrontar os specimens de fundições americanas, francezas e belgas, para d'elles colher dados e formular pedidos de typos, de vinhetas, de linhas, de prelos e de mais peças de onde proviessem aperfeiçoamento no trabalho e economia na mão d'obra. Foi elle quem, abandonando os rolos de camurça, fez os de colla e mellaço, segundo uma

receita que vinha no *Manual Roret*, por mim traduzida para seu uso, e tambem é a quem deve-se a introducção do pequeno prelo de provas, tão expedito para as obras avulsas, como circulares e avisos. Substituiu nos jornaes as linhas divisorias, que eram até então de madeira, pelas de latão, e assim como estas fez outras reformas na arte typographica maranhense, servindo-lhe só de guia seu talento e applicação; que não veiu de fóra nenhum typographo que lhe ensinasse, nem tinha compendios que o auxiliassem.

Solerte no trabalho e na escolha, paciente na observação, e attento ás notícias que lhe chegavam dos aperfeiçoamentos, que nos paizes mais adiantados eram empregados na arte a que se dedicava com paixão e enthusiasmo, zelava ao mesmo tempo os interêsses de seus committentes, agenciando obras com que podesse cobrir as despezas da typographia a seu cargo.

IV

Corria em mais de meio o anno de 1856 com prenuncios de ser crítico; porque as massas populares agitavam-se com a promessa de ser respeitada a liberdade das urnas. Despertára a opposição do vergonhoso lethargo em que jazia desde 1849, e preparava-se com alacridade e affan a terçar com os adversarios. Ella que vivêra até então sem intervir nas luctas eleitoraes, desacoroçoada de arcar com as fôrças e as prepotencias do govêrno, e escar-

mentada das violentas perseguições e ao mesmo passo da inefficaia de seus esforços que se quebravam de encontro á vontade authoritaria do poder, e aos meios poderosos a que este recorre para triumphar, abandonou o campo. E a ordem que o general Sebastiani notava com júbilo em Varsovia, reinava tambem na nossa provincia desde muitos annos.

Dava a opposição signal de vida apenas no jornalismo que, alimentando os fieis, os trazia arregimentados e na expectação de melhor futuro.

Appresentava-se o govêrno imperial n'aquelle ensejo pregoeiro de ideas de conciliação confirmadas por alguns actos de justiça para com homens notaveis da politica opposta. Para que se não podesse duvidar das boas intenções do gabinete, as defendiam na imprensa os que estavam nos segredos do presidente do conselho, e seus delegados manifestavam nas provincias ser esse o seu desejo e sua missão d'elles. Assim não houve desconfiar da sinceridade de taes promettimentos e os partidos prepararam-se no Maranhão para o pleito eleitoral.

Rodearam o presidente da provincia os grupos em que estavam fraccionados os maranhenses, menos um d'elles que duvidou sempre da veracidade d'esse delegado do ministerio Paraná, e conservou-se arredio de palacio e fóra das boas graças presidenciaes; mas nem por isso deixou de chamar a quarteis suas fôrças, de expedir seus agentes para arrolar votantes e de trabalhar activamente nos clubs, na correspondencia com as influencias do interior da provincia, na propaganda por meio da *Concilia-*

ção, jornal que fundaram seus corypheus para que ficassem bem patentes suas intenções e proceder. Approximavam-se os dias das eleições com aquella agitação que é propria em taes occasiões. Era já conhecido que o presidente favorecia sem rebuço determinadas candidaturas; mas ainda assim havia muita gente que estava inclinada a que os votos dos cidadãos seriam respeitados, sahindo das urnas a expressão genuina da vontade da maioria. Se na capital as ameaças do recrutamento, de demissões e de processos para uns, se as largas promessas de recompensas para outros, produziram seus maleficos effeitos amedrontando os timidos e corrompendo os menos firmes em seus principios, foi comtudo respeitada a lei eleitoral nas suas fórmulas: votaram todos os cidadãos qualificados, que se apresentaram nas egrejas parochiaes, e as listas depositadas nas urnas lidas e apuradas. Guardaram-se ahi as apparencias para melhor encobrir-se em todo o resto da provincia o abuso do poder, a compressão exercida sobre o povo, a quem tolheu-se por todos os meios e modos a livre manifestação do voto.

O jornalismo da opposição, pondo em relêvo e analysando os arbitrios e irregularidades praticados por toda a parte, acompanhava seus assertos de documentos que testificavam a intervenção directa e indebita do presidente no pleito, e d'est'arte assoalhava os meios illegitimos e illegaes a que se soccorrêra para vencer. Ante os clamores da imprensa que lhe tirára a máscara e o emparelhava aos mais façanhudos caudilhos politicos, inquietava-se o presidente; mas não foi isso estôrvo que

Bellarmino de Mattos com seus companheiros se refugiara na propria casa do sr. dr. Carlos F. Ribeiro até que viu garantida sua liberdade com a sahida do presidente, cuja presença era uma constante ameaça á segurança individual dos operarios das typographias onde se imprimiam jornaes opposicionistas. Mal suspeitava a desmandada authoridade que o golpe profundo com que pretendia ferir a imprensa reflectiria contra si proprio!

Não estava, entretanto, ocioso no seu homisio o administrador da Typographia do *Progresso,* nem lhe consentia a dignidade comer com seus operarios o pão da charidade sem que o retribuisse com o seu trabalho: estava isson os seus habitos e character, e custava-lhes obreposse ter tão perto de si seus instrumentos sem que os podesse manejar! Conceber a mudança de parte da officina para a casa do sr. dr. Carlos e leval-a a effeito foi acto quasi simultaneo. Ás horas mortas da noute, quando todos dormiam, reinava profundo silencio e era quasi deserta a rua *Gonçalves Dias* (outr'ora de Sanct'Anna) sahia cauteloso com seus companheiros, e alguns escravos de seu hospedeiro, e assim conseguiu transportar para o interior do pavimento terreo das casas da residencia do sr. dr. Carlos F. Ribeiro quanto bastava para compôrem e imprimirem obras de pequeno formato.

Se estes operarios estavam bem aposentados e libertos de privações, não succedia outro tanto a alguns que, vivendo do dia presente, como elles, teriam por certo de padecer fome, se lhes não valesse uma quantia que levan-

tei entre amigos generosos. Foi n'essa conjunctura que Bellarmino de Mattos pensou na fundação d'uma sociedade de auxílio mútuo para proteger os typographos nas doenças, na falta de trabalho e em outras eventualidades da vida que os podiam lançar em extrema penuria, ou quando acaso se vissem perseguidos pelas authoridades e poderosos da terra.

Barra em fóra o presidente demittido, e empossado o barão de Coroatá da administração da provincia, na qualidade de seu vice-presidente, voltou a confiança e a tranquilidade aos typographos. Os dois infelizes, que já estavam com praça no corpo de policia, obtiveram immediatamente baixa e entraram para suas respectivas officinas.

Passada a tormenta, não se esqueceu Bellarmino de Mattos de realisar a generosa ideia que concebêra nos dias de infortunio. Appresentou-me as bases d'uma sociedade de operarios, encarregando-me da organisação dos estatutos, que depois de discutidos por seus collegas, deram em resultado, a 11 de maio d'esse mesmo anno de 1857, a installação da *Associação Typographica Maranhense,* que ainda hoje funcciona e vae, segundo me consta, prosperando e dando os fructos que d'ella se promettia seu principal fundador.

V

Os dois grupos opposicionistas, que eram representados no jornalismo pelo *Progresso* e pelo *Estandarte,* se

congraçaram fundindo-se em um só, e com elles seus jornaes.

D'essa communhão d'interêsses nasceu a *Imprensa* que principiou a ser publicada a 4 de junho de 1857 sob a redacção dos srs. drs. C. F. Ribeiro e J. J. Ferreira Valle, na typographia de que eram proprietarios. Em principios de 1858 haviam-se elles retirado do Maranhão: o dr. Valle de muda para o Rio de Janeiro e o dr. Carlos F. Ribeiro temporariamente para o Amazonas, como secretario do presidente d'essa provincia. Arrendára este a typographia a Bellarmino de Mattos com o onus de sustentar a *Imprensa*. Instancias de amigos e o desejo de ajudar o laborioso operario, a quem eu prestava de annos algum auxílio, já annotando a *Memoria historica* do sr. dr. Magalhães sobre a revolução do Maranhão de 1839, publicada na *Revista Trimensal* e que Bellarmino de Mattos reimprimiu n'um volume; já vertendo do italiano os libretos das operas do repertorio das companhias lyricas que tivemos desde 1856; já redigindo-lhe essa serie de Almanachs administrativos que sahiram de 1858 a 1870; já aconselhando-o e animando-o emfim com o meu pequeno cabedal de experiencia. Tudo isto, pois, acabou commigo o tomar sobre os hombros a pezada cruz da redacção de um jornal politico envolvendo-me por momentos n'esse vertiginoso e violento torvelinho da nossa politica militante!

Conhecendo que um jornal meramente politico não sahia do acanhado ambito dos raros leitores que se interessam por taes questões fóra das epochas febricitantes de

eleições, dei-lhe diversa direcção e o tornei quanto me coube nas fôrças interessante e noticioso, já dando conta de todo o movimento politico e litterario que ia pelo mundo, já dedicando uma parte ás noticias commerciaes e locaes: occupava-me tambem nos artigos principaes da reformação da nossa agricultura, da alimentação da capital, de mostrar as vantagens da empreza de navegação a vapor nos nossos rios e de outros assumptos de não inferior alcance.

A politica, que em nosso paiz infelizmente tudo domina, e põe-nos em desaccôrdo de vistas e meios, fez com que o sr. dr. Carlos F. Ribeiro, de volta da sua commissão, se pronunciasse a favor dos actos da administração do major Primo d'Aguiar, que eram por mim censurados na *Imprensa*. Por esse motivo tive de ceder-lhe o posto a 16 de março de 1861, indo reviver o *Progresso*, que entrou a ser publicado pelo sr. José Maria Corrêa de Frias. A 17 de julho foi inesperadamente interrompida a publicação d'este jornal. Os agentes policiaes e os amigos do presidente Primo d'Aguiar ameaçaram indirectamente os proprietarios das typographias independentes, fazendo-lhes entrever perseguições aos operarios, quebramento de prelos, etc., etc.

O sr. Frias, que tinha ainda fresca na memória a violencia exercida contra seus operarios, e que na qualidade d'estrangeiro se temia d'uma deportação para fóra do imperio, como lhe havia dado a entender certo palaciano, e o que não era novo nos nossos annaes policiaes, recusou-se a continuar a impressão do *Progresso*.

Não ha que incriminar seu procedimento, antes eu, parte interessada, nunca dei-me por offendido, e nem toco hoje n'isto senão por ser o facto do dominio público. Depois, não é sabido como se organisava entre nós um processo summario que nada ficava a dever aos da inquisição, imputando-se, a quem desejavam perder, e da noite para o dia, um crime cujos documentos e depoimentos ficavam depositados no sigillo das nossas secretarias, sahindo d'ahi sómente as cópias que serviam de base ás informações reservadas para o govêrno imperial?!

Despedido o jornal d'essa typographia imparcial e honesta, a qual d'ellas recorrer? Ás imprensas, cujos proprietarios appoiavam a administração? Sobre ser um dislate, motejariam com certeza de tanta inepcia e simpleza. Não procurei tambem a que era arrendada por Bellarmino de Mattos, apesar de saber por seus operarios que fôra o seu primeiro impulso offerecer-me seus prélos para publicar o *Progresso*; mas que o proprietario, não lh'o consentiria se tal lhe propozesse. Attingiu Bellarmino o motivo por que me não dirigi a elle, e veiu abrir-se então commigo, referindo-me as inuteis tentativas que fizera para obter de seu locador consentimento a que publicasse o meu jornal. Aventei-lhe então a ideia de estabelecer uma typographia propria. Na sua pobreza de meios e conhecida timidez recuou ante uma empreza que lhe parecia de todo em todo inexequivel por grandiosa. Servindo-me dos bons resultados por elle mesmo obtidos até alli, demonstrei-lhe a possibilidade de comprar a credito uma typo-

graphia, tomando do Banco Commercial, cujos directores honravam minha firma, quantias para esse fim.

Depois de hesitar por algum tempo, e tomar conselho de outras pessoas, resolveu-se afinal a acceitar meus offerecimentos. Achou facilmente quem se prestasse de bom grado a reforçar minha firma, e assim não tardou que fizesse por via das casas commerciaes de Julio Duchemin e de Alix Fournier & Rordorf a primeira encommenda de um prelo e mais utensilios typographicos.

Em 1863 já possuia elle uma officina com taes proporções que era acanhado o predio da rua *Gonçalves Dias* para conter a typographia do sr. dr. Carlos F. Ribeiro, de cuja conservação e guarda estava incumbido, e a sua tão copiosa em prelos, em outras machinas e em caixas de typos de diversos pontos e characteres. Accrescia que a um material tão vasto, correspondia o pessoal de operarios muito superior ao de todas as outras. Teve portanto de passar seu estabelecimento para a rua da Paz, onde ainda ha pouco se achava.

Proprietario de uma typographia tão completa e afreguezada, nem por isso deixou seus habitos de trabalho. Ás seis horas da manhan de todos os dias, ainda dos sanctificados e domingos, já era visto a trabalhar, como operoso jornaleiro, até as dez horas da noite, sendo o último a retirar-se de seu estabelecimento. Acudia a tudo e tudo lhe passava pelas mãos, multiplicando-se, como se fosse dotado do dom da ubiquidade. Quem observasse esse mancebo cheio de corpo, de tez morena e rosto redondo, sem outra roupa sobre os hombros mais do que uma ca-

mizola de malha de algodão, com as calças e mãos sujas de tinta, ajudado de lunetas por ter-se-lhe enfraquecido a vista com os continuos serões, dirigindo todos os trabalhos, confundil-o-hia com qualquer de seus operarios. Não entrava para o prelo folha que lhe não passasse uma e muitas vezes pela vista, não escapando a essa attenta inspecção lettra gasta pelo uso, menos limpa, virada, ou cuja alteração fosse marcada nas provas, que a não fizesse retirar. Não era só n'isso que caprichava, senão que tambem esforçava-se por que os productos de sua typographia sahissem escoimados de erros, tanto que duas, tres, e mais provas que lhe pedissem os authores, fornecia-lh'as com toda a satisfação, sem que exigisse paga pelos accrescimos e alterações que sempre distrahem os compositores, correspondendo isso ás vezes a novos trabalhos.

De seus prelos sahiram em tão poucos annos tantas obras, tão aprimoradas na elegancia, na nitidez e execução artistica, tão alentadas nos volumes, tão rasoaveis nos preços, que distinguiu-se o Maranhão como a parte do Brasil onde a arte typographica estava mais adeantada, sendo os productos de sua officina collocados entre os primeiros tanto em qualidade, como em aceio e barateza. Cataloguemos de relance o que de mais notavel sahiu de seus prelos n'esses poucos annos: a serie de almanachs que andam por uns treze volumes; *As postillas grammaticaes* de Sotero; *As poesias* de A. Franco de Sá, *as comedias* do dr. Luiz M. Quadros, as de Joaquim Serra, seu poemeto, *Um coração de mulher*, seus *Versos*, as traducções de E. Laboulaye; *O mundo caminha*, traduzido de Pelle-

tan; *Estatistica da provincia do Ceará* (2 vol com muitos mappas); *Obras de João Francisco Lisboa* (4 vol.); *Curso de litteratura,* por F. Sotero (4 vol.); *Grammatica portugueza* (1 vol.); a traducção dos *Commentarios* de Julio Cesar (6 fasciculos); *Obras posthumas* de Antonio Gonçalves Dias (6 vol.); *Impressos,* pelo sr. Andrade (2 vol.); *Parnaso Maranhense* (1 vol.); *Tres lyras,* (1 vol.); a traducção de *Eloa de de Vigny* pelo sr. dr. Gentil; *Motins politicos* pelo sr. dr. Raiol (4 vol.); *Historia da Independencia do Maranhão,* pelo ex.mo sr. dr. Luiz Antonio Vieira da Silva (1 vol.); *Commentarios da Constituição,* pelo dezembargador Sousa (2 vol.); *Impressões e gemidos,* por José Coriolano de Sousa e Lima (2 vol.); *Confidencias,* poesias do sr. dr. F. C. de Figueiredo (1 vol.) *Curso elementar de mathematicas,* pelo sr. dr. João Coqueiro; *Os Miseraveis* e o *Homem que ri* de Victor Hugo; uma serie de romances traduzidos e que deitam por uns doze volumes; sendo a mór parte d'estas obras em oitavo grande francez ou quarto portuguez, e bastante volumosas. Foi tambem encarregado da impressão de mais algumas obras, cujos authores eram domiciliarios no Pará, no Ceará, no Piauhy e em Pernambuco, alem de relatorios de companhias e de presidentes de provincia, mappas, contas correntes, etc., que affluiam a essa typographia, attrahidos seus authores ou edictores do bem acabado de tudo quanto publicava Bellarmino de Mattos. É que se não pagava elle só dos louvores que lhe teciam por toda a parte, do premio que lhe foi conferido na Exposição nacional, realisada no Rio de Janeiro em 1867, e nem for-

mava de tudo isso sua Capua; porque mirava alem do seu nome e dos fugazes triumphos do dia de hoje — ao aperfeiçoamento da arte, que era seu idolo e seus enlevos. Dotar sua provincia com um estabelecimento modêlo era o seu pensamento mais querido e sua unica ambição! Que aceio, que perfeição e gôsto de trabalho artistico! Suas edições, tanto as de luxo, como as communs, ahi estão para affirmal-o.

Tinha a imaginação e o coração de um verdadeiro artista e eram essas excellencias que lhe infundiam o enthusiasmo e a fé no cultivo fervoroso de sua arte, esforçando-se com todas as veras por levantal-a entre nós á altura em que está na Europa e nos Estados Unidos.

Era esse o seu constante sonho e para realisal-o um dia munia-se de bons especimens de impressões e de typos das officinas mais acreditadas de Vienna d'Austria, de París, de Londres, de Bruxellas, de Lisboa e de Nova York. Quando se lhe deparava um d'esses exemplares, não cabia em si de contente, nem socegava em quanto se não applicava a estudal-o e examinal-o com aquella curiosidade e heroica paciencia que o physiologista e o geologo empregam em devassar os segredos das funcções organicas da natureza.

Mirava e remirava a obra, examinava-a por miudo, medindo-a a compasso, comparava-a e analysava-a por partes, e d'ahi é que lhe veiu a perfeição e a boa disposição dos livros publicados em sua officina — essa symetria harmonica das paginas, respeitadas as proporções artisticas da cabeça e pé, da medianiz e margem d'ellas, a egual des-

tribuição da tinta e do apêrto na impressão, de maneira que não ficasse uma palavra ou um typo fóra do nivel dos outros, ou o ôlho illegivel por sujo ou gasto. Attentae em quaesquer páginas das obras mais esmeradas, publicadas por elle, que não notareis ahi esse desagradavel aspecto de espaços mal collocados, uns mais extensos que outros, ou enfileirados em diagonaes e triangulos, arremedando os cheios de crochets ou das rendas de crivo, nem as linhas de composição de uma página cahindo sobre o interlineamento do seu verso. A plastica é n'ellas respeitada e seu aceio e elegancia nada deixam a desejar.

Não attendia só á belleza material de seus trabalhos: foi tambem um dos mais enthusiastas fomentadores do movimento bibliographico que se manifestou n'essa quadra, facilitando aos editores e authores todos os meios para darem á luz da publicidade suas obras, quer acceitando longos prasos nos pagamentos, quasi sempre em pequenas e deseguaes parcellas; quer recebendo exemplares por conta d'estes, ou tomando a seu cargo a venda da edição. Satisfazia-se com modestos lucros e nem sè queixava ou apoquentava os remissos e maus pagadores. Contribuia para essa bondade extrema sua indole branda e seu natural acanhado e condescendente, que o levava a dispensar favores a freguezes e estranhos. Era tambem um *mãos abertas*, um *passa-culpas* para seus subordinados e operarios que nem por isso abusavam, deixando de o ajudar ou de lhe obedecer, supprindo assim a amizade e gratidão, que lhe consagravam, a energia que faltava áquelle. Cresciam-lhe com a boa nomeada os lucros e

com elles o desejo de dar mais amplas proporções ao seu estabelecimento e de introduzir n'elle os melhoramentos mais aperfeiçoados, sendo um d'elles e de que tinha como necessidade indeclinavel — o da acquisição de um prelo mechanico para satisfazer e accudir a todas as publicações de que o encarregavam. Encommendou-o para França, e como tivesse chegado concorrente com o que o sr. José Maria Correia de Frias, não menos intelligente e dedicado typographo, comprára no Rio de Janeiro para seu uso d'elle, foi-lhe este laborioso e honrado collega de grande prestimo, assentando-lhe e ensinando-lhe a manejar essa machina.

Com a posse de prelo tão expedito e que accelerava as impressões, accudiu a Bellarmino de Mattos a ideia de applicar-lhe o vapor, como motor de todos os seus prelos, bem como a de adquirir mais dous, um maneiro e outro para os trabalhos chromo-typographicos, de que tinha já feito magnificos ensaios. Foi n'esse intento que encarregou-me, depois de achar-me eu aqui em Lisboa, de indagar o preço de uma loco-movel de facil applicação, economica em combustivel, e outrosim do de machinas de calandrar e assetinar papel, examinando os aperfeiçoamentos que fossem apparecendo na Imprensa Nacional de Lisboa, para o pôr ao corrente d'elles e habilital-o a fazer encommenda do que lhe parecesse mais util e vantajoso.

Quando já podia eu andar e estava em estado de dar-lhe as mais desenvolvidas e positivas informações, veiu a noticia do seu fallecimento repentino interromper taes averiguações.

VII

Tão util e occupada existencia devia de ser poupada pelos desgostos e discorrer serena e sem tropeços no estadio traçado por sua infatigavel actividade, dedicada ao trabalho e á familia, ao desenvolvimento de suas faculdades e ao aperfeiçoamento da arte para que tinha irresistivel vocação; mas não quiz sua desdita que assim fosse, fazendo que se extorcesse em as agonias da mais atroz adversidade. Já é sorte d'aquelles que mereciam forros de desventuras, verem-se affrontados, perseguidos e vencidos por ellas! Victimas da callúmnia e inveja das mediocridades, que não podem enxergar com bons olhos os que excedem, uma linha que seja, da sua vulgaridade, empenham-se ellas por tanto em rebaixal-os ao seu nivel. Participou assim Bellarmino de Mattos da sorte a que não estão isentos, senão mais expostos, os individuos de verdadeiro merecimento, e veiu a pesada mão do inimigo fado feril-o sem compaixão n'aquillo que mais zelava e se esforçava por manter illezo e puro — na sua honra! No meio de suas occupações, dentro mesmo da sua officina, que lhe era templo, e quando estava mais atarefado, mais oberado de dividas, e sorriam-lhe os triumphos e o futuro todo esperanças, entorpeceram-lhe os vôos, abatteram-lhe os espiritos e despedaçaram-lhe o coração! Descarregou-lhe d'improviso a justiça humana tremendo botte: ás 10 horas do dia 10 de julho de 1866 cercava-lhe a policia a casa com grande aparato de fôrça,

como se fosse a de um scelerado que promettesse grande resistencia, e o arrastou á prisão onde gemeu mais de seis mezes!

Não entrarei na appreciação dos factos e das circumstancias que os aggravaram, porque ainda são mui recentes, e iria isso fazer sangrar feridas, que desejo fechadas, e levantar queixas de um ou outro a quem pareceria assentar-lhe de molde o reparo, e d'ahi viria contra mim com embargos de parcialidade. Cinjo-me, pois, ao mister de narrador, procurando apenas expungir de tão feia nodoa a memória de nosso artista; se é que a consciencia de seus concidadãos, consultada duas vezes, não proclama bem alto sua innocencia; se o Supremo Tribunal de Justiça, para onde o procurador da corôa recorreu em ultima instancia, não confirma essa duplicada sentença de absolvição, lavrada pelo jury uma e outra vez.

Satisfar-me-hiam de sobra essas reiteradas provas, se não tivesse por mim mesmo inhabalavel convicção da inculpabilidade de Bellarmino de Mattos, cujos bons sentimentos conhecia, e como que por assim dizer apalpava todas as horas, e de que era abonador seu procedimento confirmado por sua honradez e moralidade em circumstancias mui variadas e algumas até bem criticas.

Vamos ao que deu motivo á sua prisão e processo. Fallecendo em dias de julho de 1865 o conego Rocha Vianna, cura da Sé, sem familia ou herdeiros forçados, foi encarregado Bellarmino de Mattos pelo juiz competente de arrecadar e pôr em segurança os objectos de seu uso. Não podia recahir melhor a escolha do que em Bellarmino

de Mattos, chegado ao finado pelos dictames da gratidão e da amizade, e cujo irmão era quasi um filho de Rocha Vianna, que o mandára educar e depois o manteve, tudo á sua custa, na faculdade do Recife, onde se graduou em sciencias juridicas. Quando antes de formado succedia ir a ferias, ou quando depois de bacharel o chamavam á capital negocios de seu cargo, era hospedado pelo conego, que tomava muito interêsse por tudo quanto respeitava a esse bacharel, em vista do que todos os que sabiam d'essas particularidades o indigitavam como universal herdeiro de seu protector.

Sabia Bellarmino de Mattos, sabiam algumas pessoas, que o conego Rocha Vianna fizera testamento poucos mezes antes, mandando para esse fim chamar a toda a pressa da villa do Munin o sr. dr. Raymundo Abilio Ferreira Franco, seu protegido e juiz municipal d'esse districto. Disse-o elle por essa occasião a alguem que o conego o tinha feito vir á cidade, para lhe cuidar do testamento. Se bem que Bellarmino de Mattos estivesse em dia com estas occurrencias, ignorava comtudo onde parava similhante documento; porque todo entregue a seus trabalhos e longe da residencia da familia, não tivera ensejo então para conversar com o irmão que pouco se demorou na capital, tornando-se logo para sua comarca, sem mesmo despedir-se d'elle. No dia seguinte ao do fallecimento do conego Rocha Vianna, perguntando o sr. dr. Antonio Rego e eu a Bellarmino de Mattos se o finado deixára testamento, elle nol-o assegurou affirmativamente, accrescentando que não o encontrára nem nos

moveis de Rocha Vianna, nem no Banco ou em mãos de pessoas da confiança do cura. Revolvendo então os papeis do finado, deparou com uns apontamentos por lettra d'elle. Inexperiente e completamente ignorante das praxes forenses, e levado pelo espirito de bem fazer; porque segundo esses apontamentos dava o conego liberdade a seus escravos, em cujo número estava incluida uma mulatinha que creára com muito mimo, foi ter Bellarmino de Mattos com o tabellião Saturnino Bello, a quem mostrou o papel, pedindo-lhe que o approvasse e se para isso era forçoso despender alguma cousa, elle promptificava-se a fazel-o. Declarando-lhe este que tal documento não produzia obra em direito, retirou-se Bellarmino de Mattos e nem consta que fosse batter a outra porta para egual fim. A mim referiu-me elle esta circumstancia, no mesmo dia em que occorreu, mostrando-se contrariado e declarando-me que muito o contristaria se por ventura não apparecesse o testamento e tivessem de ficar escravos esses individuos a quem o conego tractára como livres, tendo por elles paternal affeição. Quem assim procedia, não tinha decerto intenção criminosa.

Avisando elle ao irmão sem mais demora do fallecimento do conego, acudiu o sr. dr. Raymundo Abilio Ferreira Franco, mediando só o espaço de tempo estrictamente necessario para chegar-lhe a noticia e vir á cidade, trazendo comsigo o testamento que apresentou ao juiz municipal supplente em exercicio, que o abriu e fez executar, empossando o herdeiro nos bens do conego Rocha Vianna. Bellarmino de Mattos não teve parte al-

guma n'esta herança, e nem resgatou dividas ou deixou de as contrahir para supprir seu estabelecimento do que lhe era necessario; continuando eu e o sr. Joaquim Coelho Fragoso a sermos, como de antes, os saccadores e endossadores de suas lettras.

Tinha elle, porém, um crime imperdoavel para alguem: deixára de publicar a *Coalição* e da sua imprensa começou a sahir o *Conservador*. Se houve, todavia, n'isso culpa, foi sómente minha, que lhe aconselhei que cessasse a publicação d'esse jornal que era um sorvedouro de boa parte do rendimento de sua indústria sem que o partido, de que era orgam, contribuisse desde o seu primeiro número quer com quantias ou com assignaturas que dessem para correr com as despezas de sua publicação, e comtudo via-se elle na dura necessidade de pagar de seu bolço, além das ferias dos operarios que se occupavam exclusivamente da composição d'esse jornal, o papel e mais custeio d'impressão, e até aos distribuidores d'elle! ¿Podia elle, que fundára seu estabelecimento a credito, e que devia ainda parte de seu custo fazer desde fevereiro de 1862 até principios de 1866 tão crescida despeza, sem que recebesse como compensação de tantos sacrificios o mais diminuto favor, nem ao menos o de uma simples patente de alferes da guarda nacional que se prodigalisava com tanta facilidade e profusão, não obstante coadjuvar elle esse grupo com o seu voto e o de outros typographos que o ouviam e com imprimir gratuitamente quantas circulares queriam expedir os directores do partido? Queixava-se Bellarmino com razão e conhecia que,

a continuar assim arruinar-se-hia; mas não tinha coragem para pôr um cravo n'essa roda fatal. Pondo de lado quaesquer considerações, aconselhei-lhe essa medida salvadora e o acoroçoei para que a effeituasse. Apparecendo-lhe depois o redactor do *Conservador* para que lhe publicasse este jornal, não se quiz prestar a isso em attenção a mim que era bastante maltractado n'essa folha. Sabendo por um de seus typographos de tal recusa, instei com elle para que desistisse d'ella, por ser isso offensivo e contrário a meus principios de liberdade d'imprensa; pois que tenho para mim que se ella se demazia e descahe para a licença, n'esse mesmo excesso acha seu proprio castigo; e que se ella calumnia o homem justo e innocente, em vez de provir d'ahi damno a este, serve-lhe de cadinho onde se contrasteiam suas boas partes moraes, sendo muito melhor que se vulgarise uma falsidade para que a gente se possa expungir d'ella, do que ande segredada e encoberta. Manifestei-lhe de novo este parecer que sempre tive, e induzi-o a que imprimisse o *Conservador* em quanto houvesse ponctualidade no pagamento, e impuz-lhe até que o fizesse, trazendo-lhe á lembrança os dissabores que padeci e sacrificios pecuniarios que impuz-me quando pozeram-me tropeços na publicação do *Progresso*. Em vista d'isto, e sendo a unica pessoa a quem suppunha dever guardar attenções e a quem ouvia em taes negocios, começou a publicar o referido jornal.

Devolvido quasi um anno depois do facto da abertura do testamento, foi Bellarmino pronunciado com seu irmão por ordem exarada em officio da presidencia da pro-

vincia, com dacta de 28 de maio de 1866; sendo comtudo elle a victima preferida para essa gemonia onde torturaram-lhe a alma por tanto tempo!

Visitei-o na cadeia pública — estava abattido, em prantos, com o rosto sulcado pelas lágrimas que já havia derramado, e ao qual subia de instante a instante o rubor da vergonha. Não o preocupavam alli o desconforto, a falta de liberdade, o immenso prejuizo que estava soffrendo com a sua ausencia da typographia, nem as saudades da familia que amparava e amava extremecidamente, e de quem nunca se havia separado, e ainda menos os meios de defeza de um crime que não commettêra, mas a sua honra atirada á discussão e ao escarneo da praça pública, mas o bom conceito que se esforçára sempre por manter e que de repente, em um lanço da sorte, via manchados e anniquilados. Ainda o alentava no meio de tamanha affronta a esperança que nutria de que os tribunaes haviam de lavar-lhe tão negra mancha; confiava na justiça d'elles, e tinha inabalavel convicção que bem averiguado o facto e esmiuçadas as provas e debattido o processo, sua innocencia seria demonstrada e reconhecida, brilhando a luz da verdade com todo o seu fulgor. E assim succedeu. Quem acompanhou sem prevenções esse processo em todas as suas phases, havia de ter lobrigado em sua marcha a mão da vingança, tramando tudo ás occultas, espalhando dinheiro para comprar testemunhas e aproveitando-se dos menores incidentes para fazer manobrar os invisiveis cordeis de que dispunha!

Sendo affiançavel o crime que imputavam a Bellarmi-

no, requereu elle fiança para se livrar sôlto e acudir ao seu trabalho; mas nunca pôde obtel-a perante o cheffe de policia, que protelou este processo tanto assim que mais de um mez esteve paralysado. Conhecendo Bellarmino de Mattos que redundava essa demora em prejuizo de seus co-reus, suspensa a marcha do processo principal de modo a não entrarem em julgamento na proxima sessão do jury, desistiu a 18 de agosto d'este incidente. Em 30 do mesmo mez foi submettido a julgamento e unanimemente absolvido no dia seguinte, tendo a sessão durado quasi vinte e quatro horas! Appellou o juiz de direito d'esta sentença do jury, e como a appellação impedisse os effeitos da absolvição, continuou Bellarmino detido, e por isso requereu de novo fiança perante o juiz de direito appellante. Consumiram-se n'isto alguns mezes sem que alcançasse despacho definitivo, achando sempre o juiz insufficiente a quantia arbitrada.

Foi assim esgotada a lista dos advogados do fôro da capital, passou-se a dos sollicitadores, e um processo de fiança que póde ser concluido em algumas horas, levou mezes e mezes, despendendo o requerente muita somma de dinheiro, sem que nunca chegasse á conclusão negócio tão simples. Vendo que havia n'isto proposito de retel-o preso e prejudical-o em seus interêsses, requereu *Habeas corpus* á relação, o que lhe foi negado, concedendo-se-lhe no emtanto prestar fiança perante o presitente d'esse tribunal. Nomeou então este os dois arbitros que deviam avaliar a fiança, e como discordassem estes, foi depois escolhido um terceiro para desempatar. Ar-

bitrada a fiança em 19:000$000 de réis, foi ella prestada por Bellarmino de Mattos; mas contestada, desistiu d'ella para que não fosse causa de delongas no curso natural do processo.

A 11 de dezembro de 1866 foi decidido pela relação que procedia a appellação, não pelas razões do juiz appellante; mas porque o primeiro quesito não fôra posto conforme ao libello, e faltava a certidão de incommunicabilidade do conselho de jurados e a assignatura de dois officiaes de justiça, como requer o codigo do processo criminal. Cumpre observar que quando o presidente do tribunal do jury leu os quesitos, o advogado da deffeza, o ex.^{mo} sr. senador Luiz Antonio Vieira da Silva, reclamou contra o primeiro sem que fosse attendido.

Teve pois Bellarmino de Mattos de responder, no dia 18 de dezembro de 1866, a novo jury, cuja sessão estendeu-se ao seguinte dia, concluindo por sentença de absolvição dos réus, não usando o advogado da deffeza na formação do conselho da faculdade de recusar juizes. Presidiu ao jury o sr. dr. Braulino Candido do Rego Mendes.

Foi posto Bellarmino em liberdade logo depois da publicação da sentença que o absolvia, a despeito de ter appellado d'ella o promotor público, como lhe cumpria. O tribunal da relação não acceitando as allegações apresentadas pela promotoria confirmou a sentença de absolvição por accordam de 7 de maio de 1867, votando a favor d'elle magistrados taes como os srs. dezembargadores Gonçalves Campos, Innocencio de Campos e An-

tonio de Barros e Vasconcellos. D'este accordam, porém, manifestou revista o dezembargador Ayres do Nascimento, promotor da justiça. Este extremo recurso foi entretanto desprezado unanimemente pelo supremo tribunal de justiça por accordam de 8 de junho de 1868.

Depois de por tantos contratempos esgotarem todos os meios de reter na cadeia pública o resignado e laborioso operario, voltou elle livre e purificado para sua officina; mas já não era o mesmo, as cans prematuras de profundo desgôsto alvejavam-lhe alguns pontos da cabeça; a alegria fugiu-lhe para sempre, vindo a miudo visital-o a melancholia que lhe annuviava o rosto com profunda tristeza — symptoma de concentrada dor. Como que aquelle injusto labéu fôra ferro em braza com que lhe marcaram na fronte as lettras sinistras e indeleveis de um supposto crime. Pobre moço que ainda em meia vida sorvêra até ás fezes o calice da amargura que despiedada mão lhe entornára nos labios!

Trabalhava e trabalhava sem tréguas e com o mesmo afinco; encontrando, porém, mui serios e fortes embaraços antes que podesse dar aos serviços de sua officina aquella regularidade e ordem que havia estabelecido e que em sua ausencia desapparecêra. Via-se, por outro lado, na impreterivel obrigação de saldar seus debitos que pelos mesmos motivos estavam atrazados e crescidos.

Se bem que dotado de robusta constituição soffria havia annos de uns dartros que desappareciam á acção dos medicamentos, para reapparecerem á mais leve trans-

gressão de bem ordenada dieta. Com a reclusão nos quartos da cadeia pública, quentes e expostos ao sol, tomou incremento a enfermidade ao ponto de dar-lhe sérias apprehensões e bem fundados receios. Fosse que ella desapparecesse depois com alguma applicação topica e repercutisse em orgams nobres, ou fosse metastase sem causa conhecida, a 26 de fevereiro de 1870 começou a sentir dormencia e torpor nas pernas, que se lhe dobravam ante quaesquer irregularidades do terreno. Eram os prodromos da paralysia, que capitularam os practicos de San'Luiz do Maranhão, que o assistiram, de progressiva ou reflexa de Grave, ou com mais acêrto de *béri beri* das Indias orientaes, que já ia desapercebidamente ceifando vidas até que hoje, pela frequencia e extensão do mal na provincia, se lhe conhecem perfeitamente os symptomas e a marcha.

Ás 10 horas da noite d'esse fatal dia, áquella mesma hora em que costumava entrar para casa e descançar de sua tarefa diurna, principiaram-lhe as agonias da morte que já o enlaçava, premia e lhe ia exhaurindo o fluido vital. N'esse supplicio de Lacoonte sentiu elle que se lhe ia tolher a voz, e chamando por sua velha mãe, a sr.ª D. Silvina Rosa Ferreira, toda lacrimosa e desolada, disse-lhe: — « Não chore, só Deus sabe o pezar que sinto ao considerar que morro, deixando-a n'este mundo entregue aos azares da sorte, sem legar-lhe ao menos bens que a resguardem de privações! Mas tenha coragem, que meus irmãos não a deixarão pedir esmola. É a unica consolação que levo commigo». Foram as derradeiras notas que vi-

brou aquelle coração, impulsa pelo nobilissimo estimulo de todos os actos de sua vida, e pensamento que incessante o preoccupava e a que immolou até suas mais charas affeições; porque Bellarmino amava com todo o affecto de sua terna e bem formada alma uma rapariga, pobre como elle, alimentando castamente essa paixão — seu primeiro e unico amor — e comtudo isso não a satisfez, e quando pensava em casar, fazia-o desistir d'esse risonho projecto a ideia de que era o arrimo de sua familia! Ás duas horas da manhan do dia 27 de fevereiro, esse agonisar de cinco horas e em que a razão foi a última luz a se lhe apagar, desprendeu-se o espirito de Bellarmino de Mattos d'este mundo de que só conheceu as fadigas e agruras!

Glorifiquemos no operario intelligente e dedicado os grandes sentimentos, que n'elle venciam os mais — o amor do trabalho, da sua arte e o da familia — que foram os moveis de todos os seus actos, o pião ao redor do qual voluteavam seus pensamentos e obras — o lemma que trazia gravado com lettras de ouro no coração — a dama d'aquelle esforçado paladino. Para estas ideias capitaes convergiam e gravitavam suas aspirações e ambições; era para elle a encarnação sublime que consubstanciava, confundia e resumia em um só verbo, era em fim o primeiro dogma de seu credo.

Paro aqui com esta incompleta e tosca narrativa para dar espaço á oblata que lhe rendeu um poeta n'estas estrophes do poemeto onde canta as *glórias* do torrão natal:

A quinta estrella finalmente surge.
Deixae que eu prenda no estreito elo
as glórias dos poetas á do artista,
a intelligencia ao prelo.

.....
.....

Juncto a Gonçalves Dias, João Lisboa
o alumno póde vir de Guttenberg.
Bellarmino de Mattos, d'essa campa
em que descanças, te ergue.

.....
.....

Vem, traze o teu emblema de typographo.
— o rôlo, o prelo, as chapas, as vinhetas —
e te encarna n'aquella estrella última,
alli entre os poetas.

Tu foste a providencia das escholas,
e da litteratura que tropeça
foste a columna fórte — braço válido
que ajudava a cabeça.

Deixa pois que eu te preste o meu respeito,
a ti que não temeste entrar na lucta:
a cabeça que pensa e ordena é nobre,
e o braço que executa.

CELSO DE MAGALHÃES.

(Do *Paiz* n.º 62, de 19 de maio de 1870.)

A imprensa jornalistica da provincia, e parte da de fóra d'ella foi tambem unisona em carpir sua sentida e eterna ausencia [1], e o sr. dr. Fabio Alexandrino de Carvalho

Veja-se no fim d'este tomo a nota E.

Reis, cujo coração palpita saudoso das margens dos nossos rios, e da bahia de San 'Marcos, veiu junctar aos louvores profanos a oração da egreja, mandando suffragar a alma de Bellarmino de Mattos com missa solemne em uma das egrejas do Rio de Janeiro, e a cujo acto compareceu a Associação Typographica Fluminense representada por uma commissão.

Se não bastam os livros que imprimiu para rememorarem-lhe o nome e sua vida, ahi está tambem o estabelecimento que foi obra sua, filho de suas fadigas perseverantes, que sua familia, reconhecida pelo muito que elle fez por ella, conserva-o como patrimonio honroso; e desde o seu prematuro fallecimento que nos frontespicios dos livros que sahem d'esses prelos lê-se no lugar que a lei ordena se declare o nome da officina: = *Typographia de B. de Mattos.*

J. J. Guilado

XV

O CONSELHEIRO

FRANCISCO JOSÉ FURTADO

E nos caminhos da justiça eterna
Gradua firme os passos.

O brilho da sua alma não mareia
A luz do sol, nem do carvão se tisna;
Morre pelo dever austero e crente
Confessando a virtude.

GONÇALVES DIAS — *Cantos*, pag. 263.

I

Só parece que ao escrever Gonçalves Dias *O homem forte* tinha ante si o original, cujos traços biographicos vou aqui esboçar. Não desconheço a grandeza do assumpto, nem a gravidade que ha em ir talvez despertar paixões mal sopitadas e que ainda refervem. Entrar na apreciação de factos que ha quem se offenda de os ver assoalhados, sobre ser difficil é delicada e ardua tarefa; e tambem por isso não passam estes ensaios senão de imperfeito registro que assignala apenas o papel em que cada personagem figurou nos acontecimentos do nosso paiz; cabendo só á rasoura do tempo obtundir e extinguir os odios e inveja dos contemporaneos, para que então reparta a história com mão imparcial o quinhão de glória e de castigo que de justiça pertença a cada qual.

Ha de haver quem faça talvez reparo na inclusão da

biographia do conselheiro Furtado n'esta galeria; porque não attentam em que, embora nascesse no Piauhy, foi maranhense em todas as suas relações e actos sociaes, pertencendo sua sepultura ao Maranhão, onde lhe raiou a luz do espirito, viveu desde a edade de dois annos, e onde ensaiou os primeiros passos e recebeu os primeiros rudimentos de leitura, vinculando-se á nossa provincia pelos estreitos e indestructiveis laços da reciprocidade de affectos e interêsses de familia. São as recordações saudosas dos jogos da infancia, da casa de nossos paes, do sitio onde brincámos com os nossos companheiros da mesma edade, da arvore em que nos debruçavamos, do rio onde banhavamo'-nos, do panorama que descortinavamos ao accordar, e de que nos despediamos ao cahir do dia; são estas primeiras impressões agradaveis que nos ficam para sempre gravadas no coração, e por isso mesmo hão de convir de certo commigo que seria defficientissimo este trabalho, se o respeitavel e immaculado busto do integro magistrado e grande estadista brasileiro não avultasse n'elle.

Correm os tempos tão captivos de depravidade moral que o mais vidente e arguto politico não poderá aventar com segurança qual o paradeiro da humanidade n'esse estadio cenagoso que as insoffridas ambições percorrem ufanas e contentes. Frouxas as mollas sociaes pelo materialismo, que é achaque da nossa epocha, confunde-se e perverte-se tudo. O nivel moral descahe cada vez mais e as raças humanas vão degenerando na mesma progressão. Ante enfermidades tão fataes atemorisam-se e con-

turbam-se os espiritos reflexivos que se empenham em descobrir remedio contra esses males nos problemas sociaes que emergem de toda a parte.

Contaminados d'essa infecção sacrificam os mais homens ao luxo, aos confortos, ás honrarias e riquezas, a esse complexo emfim de exterioriodades e de gozos passageiros — a dignidade vendida a trôco de azinhavradas lantejoulas; a independencia no achatinar cargos lucrativos; a justiça, moeda sem curso e sem valor n'essa permuta infame da consciencia; a honra e ainda a patria se tanto for preciso! O servilismo, as intrigas e a diffamação teem alta nas cotações d'esse mercado, e as victimas mais gratas ao culto do novo idolo de Baal são os affectos e os sentimentos ainda os mais nobres e intimos.

Carregaria com demasiada franqueza e azedume as côres, mas são estas as lepras que maculam e canceram esta epocha, sublime a despeito de tudo isto e ainda mais pelos esforços que empregam os espiritos bemfasejos e puros por guarecel-a de virus tão destruidor herdado pelo passado achacado e gasto. Nas monarchias mixtas não tem contribuido pouco para este deploravel estado o antagonismo das suas oppostas fôrças — soberania popular e de um só — procurando cada uma cercear o poder da outra e invadir-lhe os dominios, desconfiada e receiosa reciprocamente de suas intenções de predominio exclusivo, e d'ahi a hostilidade — a lucta na região dos poderes supremos.

Por isso tambem succede que quando apresenta-se, de maravilha, um individuo bastante forte e intrepido para

erguer-se como antemural entre as duas partes contendoras, reprovando por seu notavel e peregrino procedimento o do commum dos homens em cujo meio vive, e indicando ao mesmo tempo por seu exemplo e por seus actos de virtude civica, como cumpre servir a patria, folgam aquelles que não estão de todo gafos da epidemia, estremecendo-lhes o coração de puro amor da patria.

Era uma d'essas raras excepções o conselheiro Francisco José Furtado. O Brasil ha de sempre ufanar-se ao relembrar aquella firmeza e inteireza de character, aquella rectidão e energia de proceder, como magistrado, como administrador de provincia, como estadista e como cidadão e homem particular.

Tinha sobre tantas e tão excelças qualidades, a de possuil-as n'aquella medida que nem excede do justo e rasoavel, ou se retrahe em escassa e esteril parcimonia. De têmpera rija não dava quartel a esses desfallecimentos que por quebradas accommettem outros homens; e mesmo nas fragilidades, que são partilha do nosso organismo, era temperado, contendo-os aquelle espirito vigoroso e aquella inabalavel vontade dentro dos limites que a razão lhe indicava.

Seu exterior, postoque sympathico e affavel, inspirava comtudo respeito e acatamento. De estatura elevada e erecta, acompanhava-a corpulencia regular e proporcionada. Sua compostura e ademanes cheios de nobreza, sem estudo nem affectação, estavam de harmonia com seu porte e physionomia, de que eram traços mais notorios a larga e espaços a fronte e os negros e brilhantes olhos

de onde transluziam os raios de intelligencia que refractavam d'aquella cabeça bem organisada, e o queixo saliente por sobrepor-se a mandibula inferior á arcada dentaria superior; mas a tez clara, os cabellos negros, luzidios e crespos nas extremidades, o nariz não vulgar, e a animação e vigor de expressão disfarçavam esse desvio organico e tornavam Furtado bem apessoado e de presença agradavel.

Sem aprazer o fausto e submetter-se aos caprichos das modas, gostava de andar trajado com grave elegancia, esmerando-se sobretudo no asseio de quanto punha sobre si. Com ser delicado e cortez para com todos, e prazenteiro, gracejador e familiar com os amigos, nem por isso passava-lhes culpas, antes advertia-os e admoestava-os quando assim o entendia, sem dar todavia entrada a familiaridades desrespeitosas. Sua conversação sempre variada e recreactiva, ia desde as mais obscuras e aridas questões da sua sciencia até a alta litteratura e a philosophia que cultivava com particular devoção, sem que deixasse tambem de ler os poemas, os dramas e os romances de nota, de que dava segura opinião com cultivada e sensata crítica.

Quem o tractasse de perto ou ponderasse n'esse conjuncto de excellencias, reconhecia n'elle o homem superior que tem o espirito adornado com o que ha de mais selecto nos productos da intellectualidade e se preza, zelando ao mesmo tempo sua dignidade e renome.

Tomou em 1848 pela primeira vez assento na camara dos deputados como representante do Maranhão, e

quando contava 30 annos de edade. Assisti por essa occasião, como espectador, ás discussões que alli se levantaram a respeito de incompatibilidades eleitoraes, e a que se oppunham fortemente os mais vigorosos e illustrados oradores do partido conservador. Pareciam esgotados os argumentos pró e contra quando Furtado obteve a palavra em deffeza d'esse projecto. Era sua estreia parlamentar; e apesar da commoção e acanhamento, suas palavras bem intelligiveis precipitavam-se rapidas como lhe accudiam as ideias. Á phrase castigada junctavam-se os raciocinios logicos, bem deduzidos e conformes á hermeneutica. Terminada a sessão e ao sahir das galerias encontrei Moraes Sarmento, aferidor competente, quando as paixões não lhe perturbavam o juizo, que disse-me enthusiasmado: «Tão brilhante estreia assignala ao representante maranhense um dos primeiros lugares entre os nossos luminares do parlamento, logo que a continuada práctica das discussões lhe infunda o necessario sangue-frio; porque tem todas as condicções para isso e um thesouro de conhecimentos que espanta em tanta mocidade!» Não passou a legislatura d'essa primeira sessão: foram dissolvidas as camaras e o deputado liberal votado durante doze annos ao ostracismo e guerreado pelo govêrno nas subsequentes eleições até a de 1860. Quando tornou a occupar uma cadeira na camara temporaria, mandado de novo a ella pela provincia do Maranhão, já o esmeril das luctas, a descrença e as injustiças da nossa politica toda individual, tinham-lhe embotado o enthusiasmo e reprimido os vôos de sua imaginação; dando-

lhe, porém, como justa retribuição dos enfraquecidos dotes tribunícios, riquissimas colheitas scientificas, uma solida erudição e essa energia e fôrça de vontade que o estudo e a meditação sobre os negocios publicos, e a experiencia de muitos annos tão utilmente empregados augmentam a quem já as possue instinctivas.

II

Nasceu Francisco José Furtado aos 13 de agosto de 1818 na sertaneja e remontada cidade de Oeiras, então capital do Piauhy, onde seu pae, o cirurgião do mesmo nome, exercia clinica.

Sua mãe D. Rosa da Costa Alvarenga, oriunda de uma das mais illustres familias piauhyenses, ainda vivia até 3 de outubro do 1872, na cidade de Caxias, cega, em uma edade avançada, curtindo em perennes trevas e na soledade tantas e tão pungentes angústias. Alentava-lhe a resignação evangelica o espirito, ainda que os espinhos do infortunio lhe atravessassem de contínuo o coração, estalando-lhe fibra por fibra as cordas mais sensiveis de mãe e esposa extremosissima! Assim foi que perdeu o primeiro esposo, quando o filho tinha só dois annos, depois o segundo, Raymundo Teixeira Mendes, morto ás mãos de atrozes sicarios, e por fim o fructo d'estas segundas nupcias quando lhe alegravam os dias as noticias de suas prosperidades na carreira de engenheiro, e por dobradas magoas ainda teve de supportar o golpe da perda do mais

velho, o conselheiro Furtado, refugiando-se n'estes derradeiros annos na propria dor que a consumia! Qual altiva sapucaya poupada do machado destruidor vibrado pelo rude escravo, e cujo tronco foi tostado e as ramas calcinadas pelo incendio devorador que exhauriu-lhe quasi de todo a seiva, ella pendida para a sepultura, aguardava a hora em que tinha de descançar de tamanhos e tão repetidos abalos de acerbas desventuras!

Da puericia do conselheiro Furtado basta referir que em 1827 foi de muda para a cidade de Caxias em companhia de sua mãe e do padrasto, Raymundo Teixeira Mendes, com quem aquella havia casado em 1826.

N'esta cidade aprendeu elle primeiras lettras e todos os preparatorios exigidos para a entrada em nossos cursos juridicos. Sua penetração, ardor e progressos nos estudos foram taes que aos quinze annos os havia concluido, seguindo em 1833 para Olinda, em cuja academia foi logo matriculado.

Se a facil e prompta comprehensão, a portentosa intelligencia, e a muita aptidão o collocaram desde logo na primeira plana entre os que mais sobresahiam no curso juridico, aonde aliás notavam-se muitos engenhos superiores, ainda sobrava-lhe ocio para entregar-se ao estudo da philosophia transcendente, de todos os ramos de litteratura e aos devaneios e passatempos proprios de uma ardente mocidade.

Veiu em 1837 salteal-o ahi a cruel noticia de que havia sido assassinado a 25 de outubro d'esse anno, na cidade de Caxias, seu padrasto a quem muito devia e es-

tremecia como pae; ficando impune o mandatario do homicidio, potentado d'aquellas paragens e terror d'ellas[1].

Este funesto acontecimento não contribuiu pouco para que Furtado tomasse tão cêdo parte nas discussões politicas, e redigisse, no seu quarto anno, de collaboração com seus collegas Fabio Alexandrino de Carvalho Reis, João Pedro Dias Vieira, Borges, Vilhena e Carvalho Moreira (hoje barão do Penedo) o *Argos Olindense*, de onde lhe resultou, como já fica dicto na biographia do conselheiro João Pedro Dias Vieira (pag. 95 d'este tomo) malquerenças e rancor d'alguns lentes. Para evitar que o desfeiteassem no acto, como acontecêra ao dr. João Pedro, tomou o accôrdo de retirar-se para San' Paulo, onde continuou o curso até concluir os estudos e tomar o grau de bacharel formado.

De volta em 1839 á capital do Maranhão, não intimidou-o a rebellião que assolava em especial o territorio de Caxias, e partiu immediatamente para onde estava sua mãe, e lá assistiu ao cêrco que puzeram os rebeldes á cidade e foi, como tantos outros habitantes, prezo por elles quando ella se rendeu.

Foram tão uteis e valiosos seus serviços n'essa quadra calamitosa que em 1840 o nomearam, em recompensa d'elles, juiz municipal da comarca, vindo por isso a servir no seguinte anno de juiz de direito interino.

Apezar dos seus 23 annos de edade, tinham já suas sentenças aquelle sêllo de justiça, de sciencia e de severa

[1] Veja-se no quarto tomo d'esta obra o trecho da biographia de João Francisco Lisboa onde relato este facto.

honestidade que soube imprimir em todos os actos de sua vida. Não foi pois a juventude motivo para que o venerassem menos seus comarcões, que viram logo no joven magistrado um fiel executor das leis, cujos passos não tropeçavam nas asperezas da senda do dever e do direito.

Seu tirocinio na vida pública foi antes o exercicio medido e seguro de quem parecia já bastante experimentado no fôro. É tambem esse o condão dos grandes engenhos que acham luz onde para outros só ha trevas, e estrada lisa e plana onde os demais cahem ou estacam, e enxergam n'ella embiques por toda a parte!

Nos paizes governados pelo systema representativo, todos os cidadãos, quaesquer que sejam suas habilitações, podem e devem concorrer com seu quinhão de luzes para esclarecer e dar conveniente direcção á cousa pública. Este dever de todos, como que toca mais de perto aos que se dão ao estudo das leis, impellindo-os a tomar parte na politica — valvula pela qual se lhes expande a superabundancia de seiva e abrem espaço á satisfação das mais vastas aspirações que foram seus sonhos dourados e queridos nos bancos da academia, onde cada mancebo antes de experimentar os desenganos e apalpar os espinhos que brotam no caminho da existencia tão cheia de trabalhos e pezadumes põe mira nos mais altos cargos do estado e suppõe-se talhado para os maiores commettimentos!

Era já Furtado praça antiga na politica; portanto acto natural e consequente n'elle que, ao chegar á provincia, fosse alistar-se nas bandeiras do partido liberal, hastea-

das tão galhardamente por João Francisco Lisboa, Joaquim Franco de Sá e outros.

D'esse tempo até 1848 foi eleito successivamente presidente da camara municipal de Caxias, deputado á assemblea provincial onde representou um papel condigno de seus creditos e intelligencia. Exerceu tambem por diversas vezes cargos policiaes, no seu districto, conseguindo por medidas efficazes e por sua actividade, e character justiceiro e firme que os crimes diminuissem n'elle e Caxias deixasse por então de ser considerada pelos facinoras valhacouto seguro e campo livre onde exercitassem suas malfeitorias. Viajava-se n'esse tempo com inteira confiança por todo esse reconcavo, e á noute os transeuntes percorriam a salvo a cidade, certos de que a policia não dormia nem pouparia a nenhum criminoso [1].

A 8 de maio de 1848 casou com D. Marianna Martins dos Santos, sendo felicitado seu consorcio e apertados os nós da terna affeição, que os unia, com o nascimento de dois filhos e seis filhas, todos ainda hoje vivos.

Correram mui disputadas as eleições populares de 1847, renhindo-se os partidos com incrivel furia. Entre os que mais se excederam a pleiteal-as em Caxias, distinguiu-se o proprio juiz de direito da comarca, que se apaixonou a ponto de querer provocar desordens, de desrespeitar e d'insultar as demais authoridades, urdindo no acume de seu desvairamento uma sedição militar, para o que instigava a guarnição de Caxias. A policia soube a tempo

[1] M. Ferdinand Denis confirma-o na pag. 404 da sua edição da *Voyage au nord du Brésil* do p. Yves d'Evreux.

d'estes manejos, tinha nas mãos os fios do trama criminoso, e julgando imminente o perigo, não trepidou usar dos meios que a lei lhe facultava para desarmal-o, assegurando assim a ordem e a tranquilidade do districto. A authoridade policial, então em exercicio, estava a cargo de quem, embora muito joven, tinha madureza e a fôrça d'ánimo de um homem provecto e energico. Tomando parecer do dr. Furtado, seu amigo, instaurou processo por essa tentativa de revolta, e provado o crime, prendeu o reu, sendo a pronúncia sustentada pelo juiz municipal.

O espirito de partido quiz depois desfigurar o facto, vilipendiando o dr. Furtado, a quem imputou esse acto, postoque legal, mas em que não foi, aliás, parte; por isso que estava com a vara de juiz de direito. ¿O que ha, porém, n'este mundo sublunar que a politica respeite ou a que faça justiça, quando delira, e nega a Cesar o que é de Cesar? Mas o que ha de estranhavel e reprovado na prisão de um magistrado que transgride as leis, ameaça perturbar a ordem pública e o socêgo de seus concidadãos? ¿Não proclama a nossa Constituição que a lei é egual para todos; e o crime não nivela o grande e o pequeno, o magistrado e o mais humilde plebeu? Deviam a authoridade policial e o juiz sustentador da pronúncia sometter-se a considerações e resguardos de classe, deixando de executar a lei, com grave quebra da justiça e da ordem, dando azo ao mesmo passo áquelle magistrado para executar seu criminoso plano de sedição, animado pela impunidade, que ia dar-lhe todo o prestigio na opinião de seus acostados e cumplices, para mais

depressa atear-se fogo á mina cujas consequencias a ninguem era permittido calcular, podendo passar da cidade a toda a comarca ou á provincia inteira?! Dado que o dr. Furtado não tivesse parte directa n'esse acto, foi comtudo um dos melhores serviços, que seus amigos, por seu influxo, prestaram á provincia; e nem fugiu de tomar a responsabilidade moral d'elle, sem que se temesse ou embaraçasse com os baldões da opposição, e que viesse a mentira desfigurar tudo, classificando de violencia e fructo da exacerbação politica o que apenas era justiça; que elle com a consciencia tranquilla deixou á verdade que um dia sobre-nadasse aos artificios partidarios, esponjando-lhe a toga de magistrado d'essa nodoa com que pretendeu debalde maculal-a o rancor politico em um momento de desabafo e exaltação.

III

Eleito o dr. Furtado deputado pela provincia do Maranhão, foi d'ahi a pouco para o Rio de Janeiro, e a 17 de maio de 1848 já estava com assento pela primeira vez na camara temporaria fazendo parte da setima legislatura (1848–1851).

Que respeitavel e brilhante reunião de homens publicos foi essa! Achava-se alli agremiado o que havia em um e outro partido de mais conspicuo pelos talentos e luzes.

Quantas reformas e problemas sociaes iam propor-se

alli, e que discussões transcendentes e desenvolvidas com toda a sciencia foram então ventiladas por alguns espiritos elevados!

Em fevereiro de 1848 proclamára a França a republica e cada paquete que chegava da Europa ia surprehender-nos com a noticia do movimento revolucionario de um ou outro povo que procurava conquistar a liberdade; mostrando d'esta fórma que o velho mundo tornára-se activo laboratorio de idéas, cujos productos, novas combinações ou metamorphoses são para os estacionarios e reactores outras tantas rebelliões. D'esse fóco dispartiam os raios que íam aquecer e alumiar todo o universo fazendo a humanidade estremecer e esperançar-se. Os povos aguardavam o momento, que lhes estava marcado pela Providencia, para destruirem as muralhas que os enclausuravam, detendo-os na marcha do progresso.

Se no meio d'essa insurreição e da convulsão que ia pelo mundo, conservava-se o Brasil calmo e occupado do seu engrandecimento, é que disfructava tanta liberdade quanta lhe bastava para effeituar as evoluções periodicas que melhoram as condições dos povos na sua marcha ascendente para a perfectibilidade. Ainda assim não estava o vulcão popular sereno senão na apparencia, antolhando-se aos mais videntes que bastaria o menor descuido, ou desequilibrio das fôrças que continham a erupção para que ella irrompesse com violencia das camadas inferiores, conflagrando o paiz todo.

Melhor que em nenhuma outra parte sentiam-se esses symptomas premonitores na provincia de Pernambuco,

onde reinava extraordinaria exaltação patriotica, requintada por questões de nacionalidade, e por queixas e lástimas de estarem os estrangeiros na posse exclusiva do commércio, e evaporada com enthusiasmo fóra do commum quando tinham de commemorar as epochas nacionaes. Reflectiam-se esses sentimentos no corpo legislativo entre os representantes d'aquella provincia. A nacionalisação do commércio a retalho foi alli trazida á discussão, servindo de thema aos mais renhidos e calorosos debates. Foi esse o grito de guerra que concitou os patriotas mais exaltados e o lemma do pendão que os reunia.

Não eram, como se póde bem imaginar, a occasião e o lugar propicios a quem estreava sem querer empregar os recursos, aliás faceis, das recriminações de erros passados, e de protestações patrioticas, onde a eloquencia dos adjectivos retumbantes e sonoros enchendo a phrase, sempre escutados com agrado pelas turbas, são de um effeito magico e dão, sem produzirem resultado algum, fóros de eloquente ao que d'elles usa.

Reclamavam aliás as graves questões que se suscitavam, estudo, calma, meditação e argumentação mui cerrada, baseada na sciencia e desfiada pela logica. Entretanto, se vinham a ponto essas qualidades oratorias em tal conjunctura, não podiam certo captivar a attenção e benemerencia do público. Quem se entregava com lisura a essa tarefa, sem um nome conhecido e bem reputado, estava perdido, porque notava nas bancadas de seus collegas o fastio, a desattenção, vindo o ruido suffocar-lhe a voz. Que de estorvos não surgem ante o inexperiente ora-

dor e quanta fôrça de vontade lhe não cumpre empregar para vencel-os e superar seu acanhamento natural! No entanto foi Furtado bem succedido, e benevolamente acolhida sua estreia parlamentar, quer no discurso da sessão de 5 de agosto (1848) sobre a extradicção, quer no de fixação de fôrças em que propoz e sustentou brilhantemente a seguinte these: convem empregar todos os meios para supprir no nosso exercito a defficiencia numerica por meio da instrucção e do armamento aperfeiçoado. As razões e argumentos que enunciou no desenvolvimento d'este principio novo então para nós, e de vantajosas consequencias, mereceram-lhe louvores dos proprios adversarios. Era isso de bom agouro e tinha mais o valor da espontaneidade, visto como ainda não era praxe adoptada pelo elogio mútuo, como de obrigação, comprimentarem-se os serzidores de phrases no fim de suas estiradas arengas! não; que não havia ainda sido importado do estrangeiro com a febre amarella, a cholera morbus e o beri-beri, esse estylo parlamentar de apparato e todo convencional. Era até então o deputado sobretudo legislador e representante da nação; se bem que um ou outro já aspirasse ás honras de comediante nos gestos e posturas, e fizesse sortimento d'essa phraseologia bombastica, vaniloquia e sesquipedal, e já despontasse a medo o methodo estafador de amontoar e moer palavras por uma ou duas horas para ter-se a vanglória de vel-as no outro dia alinhadas em doze collumnas do typo quasi microscopico do *Jornal do Commercio*, como é de uso n'estes ultimos annos. Tambem não era moda esse bracejar descompassado e posições

de antemão estudadas ao espelho: a tribuna brasileira não era ainda, para alguns, palco onde representam papeis, guardados para os corredores os ajustes de negocios de politica de campanario. Os achaques eram até então mais leves e desculpaveis.

N'essa sessão fez o deputado maranhense parte de importantes commissões, collaborou para a organisação do orçamento da receita e despeza, e foi de grande auxilio por sua lealdade e cordatos pareceres em especial ao ministro da justiça, conselheiro Campos Mello, que lhe deveu tambem a elaboração de mais de um documento official.

Nas reuniões dos deputados da maioria, em casa do presidente do conselho, foi por egual sempre consultada a sua esclarecida opinião em assumptos de muita ponderação.

Iam comtudo os negocios politicos caminhando rapidamente para temerosas crises; por decreto de 5 de outubro foi adiada a sessão, e pelo de 19 de fevereiro do seguinte anno (1849) dissolvidas as camaras! A situação tinha soffrido uma completa mudança, o que succede não raro no nosso paiz, onde a logica do absurdo é o regulador dos acontecimentos politicos na vida pública. Subiu ao poder novo gabinete composto dos homens mais proeminentes da opposição parlamentar. A revólta de Pernambuco, instigada pela compressão e falta de tino dos homens que haviam ultimamente governado aquella bella provincia, ao passo que punha em difficuldades o ministerio, desculpava seu predominio no paiz official e tantos e tão poderosos meios de acção com que o armavam. Foi

com esse desmesurado arsenal que conseguiu do suffragio uma camara unanime.

Se não foi attentado á livre manifestação da vontade da nação, o que não cabe para aqui averiguar, foi de certo um êrro politico e um golpe fatal nos principios constitucionaes e cujas consequencias funestas ainda hoje sentimos.

O partido que ascendia ao poder com tamanho prestigio e com o appoio da coroa não se mostrava satisfeito só com o estrondoso triumpho eleitoral e com excluir da representação nacional todos os seus adversarios, menos um unico que pôde escapar d'esta systematica perseguição; mas cobiçava tambem os cargos publicos, exercidos por liberaes, para dal-os aos que lhe eram affectos, como meio de adquirir proselytos.

Furtado, sectario decidido e inabalavel das idéas liberaes, não foi poupado d'essa proscripção geral, infligindo-se-lhe por amor das suas opiniões dobrado castigo — o da remoção e o da sahida forçada da terra de suas affeições. Por decreto de 20 de setembro de 1848 tinha sido nomeado juiz de direito da comarca de Caxias, e mal entrára em exercicio do cargo quando já a 19 de dezembro era removido para uma das varas de direito da capital do Pará, onde serviu até fins de 1856 como juiz criminal, dos feitos da fazenda, e auditor de guerra.

IV

Eram consideradas estas transferencias simuladas deportações, attentatorias do espirito do nosso regimen con-

stitucional, e uma invasão do poder executivo, porque a amovilibidade do magistrado tira-lhe a independencia, reduz o poder judiciario a mais uma roda que se engata no funccionalismo público sujeito á vontade do govêrno, e entra por conseguinte no movimento ordinario d'esse machinismo ao serviço do poder central. Essas remoções, tão frequentes outr'ora, são hoje mui raras e consideradas como recurso extremo em proveito da propria justiça.

Resignou-se Furtado a esse destêrro e lá se foi com toda a familia para o Pará, onde por suas inestimaveis virtudes de homem particular e de magistrado soube em pouco tempo conquistar a estima geral dos habitantes d'essa provincia, que o acatavam e depositavam n'elle tanta confiança que, sem embargo de manifestar de público suas opiniões e exercer com toda a franqueza e isenção seus direitos politicos e de partidario, votando nas listas liberaes e assistindo ás reuniões do partido, nem por isso os contrarios o respeitavam menos e deixavam de considerar suas sentenças como emanação purissima da justiça e das leis.

Essa residencia de seis annos fóra de nossa provincia foi para elle occasião de pôr em relêvo, e com todo o explendor e evidencia suas excellencias moraes, seus grandes recursos scientificos, sua nobreza de principios e fidelidade ás ideias que abraçára, seu amor ao trabalho e á familia, e o culto que consagrava á amizade.

Entre outros actos de que se lembram ainda os paraenses e apontam em abono da rectidão do seu espirito e hombridade de character, são dignos de reparo o despa-

cho favoravel ao requerimento de um escravo que propunha para sua alforria quantia equivalente á em que fôra avaliado na partilha judicial. Não havia lei expressa que o assistisse, mas Furtado desenvolveu mui solidos argumentos em favor de sua opinião e contra a do herdeiro que offerecia valor superior ao da avaliação para ser-lhe o escravo abandado. Indo em recurso ao tribunal superior, este confirmou o deferimento do juiz do Pará, que era contrário á practica seguida, fundada no parecer do conselho d'estado, appoiando um aviso do ministerio da justiça sobre questão de liberdade, e assim veiu sua sentença servir de arresto e como prenúncio da humanitaria e sempre memoranda lei de 28 de setembro de 1871.

Iniciou a maioria da assembléa provincial do Pará um processo para a demissão de certo juiz municipal, seu desaffecto; mas não consentindo o ánimo brioso do dr. Furtado que se practicasse tão grave attentado contra a independencia do poder judiciario sem contestação, dirigiu ao presidente da provincia uma representação, que foi assignada sem suggestão estranha por todos os magistrados da provincia independente de suas opiniões politicas. Contestava com bons fundamentos a esse corpo legislativo o exercicio do direito que lhe confere o acto addicional, allegando, alem de outras razões mui procedentes, o abusivo intento d'ella.

Como esses rochedos contra que veem quebrar-se furiosas as encapelladas ondas do oceano, e que não se abalam com o incessante e violento embate, senão que as areias depositadas por ellas na sua base servem-lhe de antepa-

ro, ha assim tambem naturezas privilegiadas, que resistem intactas ás adversidades e opposições que as ferem, e na lucta, robustecem cada vez mais seus principios e opiniões. Furtado era d'essa tempera. Com a perseguição e abattimento a que parecia condemnado o partido liberal, crystalisavam-se-lhe na alma com mais solidez suas doutrinas; e ausente da nossa provincia, avigorava-se-lhe o amor ao Maranhão e cresciam-lhe as saudades d'elle, tornando-se de dia para dia mais incomportaveis e fundas. Postoque honrado e bemquisto dos paraenses, prezo a muitos pelos vinculos da amizade e obsequios, seus pensamentos e coração estavam nas praias do Bacanga e suas aspirações no resurgimento da politica liberal.

Proclamava, em 1856, o gabinete de San' Christovam a politica de conciliação, e entre os actos que practicou como penhor da sinceridade d'essas idéas foi o de transferil-o n'esse mesmo anno para a vara de juiz especial de commércio da capital do Maranhão.

Ia em pouco mais de um anno que estava residindo com sua familia na nossa cidade de San' Luiz, onde exercia com aquella inteireza e incansavel empenho e actividade sua operosa judicatura, quando em outubro de 1857 teve de partir para a provincia do Amazonas na qualidade de seu presidente.

Ao saber João Francisco Lisboa, na Europa, d'esta nomeação escreveu-me: — «Julgo que dos homens da nossa terra o Furtado é o que nos convem mais para presidente e muito mais do que para ministro, e tenho que o será, e tomára que não seja para já.» «Será preciso des-

bastar e limpar primeiro o terreno dos abrolhos que n'elle semearam ha annos para cá, afim de que não tropece em difficuldades de todo o genero logo aos primeiros passos. Por outra é mister que ao começar, já lhe não seja preciso tomar medidas acerbas e irritantes, por entenderem com interêsses pessoaes.—Essa tarefa deve ser desempenhada por algum vice-presidente ou presidente *ad hoc* e que não tenha outra missão mais do que a preparatoria para quem lhe succeder, cuja marcha deve ser serena e calma.» Se avaliava com justeza o que se devia esperar de Furtado, predisse tambem o alto lugar que d'ahi a annos occupou.

Provincia nova era a do Amazonas: estava alli tudo por crear, e sob a direcção de um administrador da esphera de Francisco José Furtado, que, mesmo sem meios e sem que fossem attendidas suas reclamações pelo govêrno imperial, mostrou de quanto era capaz; e com as qualidades que possuia para esse cargo, teria ella prosperado e attingido a muito em todos os ramos administrativos. ¿Mas que havia elle de fazer em paragens tão apartadas da séde do govêrno geral, internadas, e cujas rendas eram escassissimas, e o pessoal official inhabil, e elle carente dos meios para poder vulgarisar a instrucção ainda a mais rudimentar? A boa vontade e os esforços de Furtado iam contrarestar-se de encontro ao impossivel! Apezar d'isso e da nenhuma protecção do govêrno imperial, procurou Furtado ser util á provincia, cujos destinos e interêsses lhe estavam confiados.

Collocando-se superior ás dissenções politicas, sem

pender para nenhum dos partidos que n'ella contendiam, trilhava desassombrado e intemerato a senda da justiça, e teve ainda ensejo de mostrar practicamente o espirito imparcial que o animava. Procedeu-se sob seu govêrno a eleições municipaes, que são a chave das outras, e no emtanto não interveiu n'ellas, e nem ao menos deixou suspeitar quaes as listas de vereadores e juizes de paz que lhe eram sympathicas. Acolhia o merito e gratificava os serviços, sem que o individuo preponderasse nas suas decisões, de modo que ambos os lados politicos confiavam n'elle e tinham seus actos como pautados por tão leal e honesto proceder.

Seu maior empenho era dotar aquelle immenso territorio com todas as instituições por que estava urgindo a civilisação, e com os melhoramentos materiaes que deviam desenvolver as riquezas naturaes d'aquella maravilhosa e fertilissima região.

Convidar e prender á vida social as innumeras hordas selvagens que habitam as margens d'esses vastissimos rios, inexplorados em parte, e as expêssas e impervias charnecas e dilatados sertões; aldeal-as por meio da catechese branda, evangelica e amorosa; attrahil-as á vida social por toda a sorte de bom agazalho e protecção; infiltrar-lhes nos animos rudes — noções do bem e da moral religiosa, estabelecendo entre elles e as povoações mais florescentes relações commerciaes que criam necessidades e obrigam os homens a viver em commum e aspirar aos gosos e confortos da vida permanente e estavel, tal era o principal proposito e o iman que attrahia seus estu-

dos e seus mais caros pensamentos; foram tambem esses seus desejos mais constantes no transcorrer de sua presidencia.

Por mais de uma vez escreveu-me desenvolvida e detidamente sobre tal assumpto, inquirindo o que eu havia colhido das chronicas antigas sobre o systema dos jesuitas no aldeamento e catechese dos indigenas, para ver se d'ahi podia rebrilhar-lhe alguma luz que lhe esclarecesse suas ideas a tal respeito.

Foi, pois, com esse pensamento que estabeleceu duas casas de educação para os indios, uma para cada sexo. Não lhes deu comtudo as proporções que tencionava, porque, apesar de suas repetidas sollicitações, não obteve auxílio do govêrno imperial. No emtanto a idea de começar a catechese e civilisação pelos filhos e pelos pequenos, como nucleos primordiaes do aldeamento dos adultos, sobre ser util e de facil execução, afructaria seguramente, se a houvessem continuado a fomentar e proteger.

Já que não podia fazer mais, delineou o instituto e no discurso com que inaugurou a 25 de março de 1858 a casa d'educandos do Amazonas appresentou entre bellas e philosophicas proposições, o seguinte: « A civilisação dos indigenas é a maior e a mais importante questão do Amazonas. Não é sómente uma obra de charidade e humanidade, é tambem um *dever legal e constitucional*.....

«Para restituir e garantir-lhes a liberdade é indispensavel arrancal-os á ignorancia e á vida selvagem, in-

struindo-os e tractando-os com a humanidade e disvelos, a que sua desgraça e o terem sido os primeiros possuidores d'esta terra, lhes dão direito.

«Fallando perante amazonienses não me demorarei em refutar a erronea opinião — *que o indio é incapaz para o trabalho e para a civilisação.* Todos os serviços, n'esta provincia, feitos por elles, protestam eloquentemente contra similhante calúmnia.

«Mas dizem — ha uma lei fatal da civilisação que condemna os selvagens a uma destruição inevitavel.

. . . . . .

. . . . . A civilisação que é inseparavel da justiça e do direito, que aspira a garantil-o em todas as suas manifestações, que proclama a inviolabilidade da vida humana, não póde admittir e legitimar, como uma lei sua, o mais brutal abuso da fôrça — a destruição do homem, o assassinato, em beneficio da cubiça ignobil e atroz.

«Os mais elevados e nobres sentimentos, como os interêsses materiaes, clamam pela catechese e civilisação dos indigenas.

«. . . . . O acolhimento e carinhos aos filhos tranquilisarão os animos desconfiados e hostis dos paes; estes não olharão mais os homens civilisados como seus inimigos, e acceitarão de bom grado a vida social, como um beneficio e não como uma calamidade.

«Sem essas medidas e a colonisação, que ha de seguil-as, continuarei a ver perdidas para a felicidade d'esta bella provincia e do Imperio immensos prodigios da crea-

ção que debalde solicitam o braço do homem para dar-lhes uma segunda creação.

«Foi sem dúvida por taes motivos que um dos meus illustres antecessores, o dr. João Pedro Dias Vieira, iniciou a idéa d'este azylo, e os dignos representantes da provincia a acolheram presurosos. A esse distincto administrador e á assembléa provincial cabem a glória do estabelecimento, que eu tenho a honra e a satisfação de abrir hoje.

«Peza-me não poder dar-lhe as proporções que demanda o seu grandioso fim. Nutro, porém, a grata esperança, de que os paternaes e philantropicos sentimentos do magnanimo Monarcha, que preside aos destinos do Imperio, e o seu illustrado govêrno virão bem cêdo ajudar o patriotismo dos amazonienses, prestando os meios de dar a este estabelecimento o desenvolvimento, de que carece, e que os escassos recursos da provincia não comportam.»

Concluia, deplorando não poder dar a tão util instituição o incremento que estava a requerer seu grandioso fim; mas consolava-se de que a semente germinaria transformando-se em arvore frondosa onde se haviam de abrigar os filhos do deserto. Quinze annos são devolvidos e a incapacidade, a inepcia e o deleixo dos que lhe succederam a abandonaram, e a planta cedo desapparecerá secca e morta!

Tendo encontrado os indios do Cacuhy alborotados, accommodou-os e trouxe-os á ordem sem empregar uma medida sequer de violencia, como de antes se practicava.

Alcançou tambem acabar com os vexames, de que eram victimas, e com os abusos empregados pelos particulares e pelas proprias authoridades policiaes contra esses pariás da civilisação. Propoz a creação de colonias nacionaes no rio *Madeira*, e com o mesmo designio de povoar e explorar este caudaloso affluente do Amazonas, projectou a navegação d'elle mantida pelos cofres publicos.

Pretendia d'est'arte facilitar as communicações com a provincia de Matto-Grosso e a Bolivia, de onde viria o augmento da riqueza pública. Lembrou tambem a abertura de um caminho militar para a provincia de Matto-Grosso e para as republicas cisplatinas — idéa que será um dia aproveitada por seu alcance, como pela necessidade que d'ella temos.

Outro assumpto de sérias cogitações e que não desamparava, reclamando sem cessar para elle a attenção e providencias governativas, era o de repararem-se as fortalezas arruinadas e de construirem-se outras em pontos estrategicos para onde deviam ser removidos os materiaes de guerra das que não podiam prestar serviços por suas pessimas posições, de reforçarem-se as guarnições das fronteiras e de manter-se uma flotilha nas aguas do Amazonas, não só para exploral-as como para alli cruzar e fazer-nos respeitados dos vizinhos.

Tudo isto foi desprezado e os acontecimentos encarregaram-se desgraçadamente de nos mostrar d'ahi a poucos annos quão util ter-nos-hia sido essa estrada estrategica e quanto cabedal de vidas e de dinheiro, e desper-

dicio de tempo teriamos poupado por occasião da guerra do Paraguay!

As previsões e receios do conselheiro Furtado quanto ao Perú, realisaram-se tambem. Vae essa republica augmentando todos os dias a sua esquadra, e não fazem muitos annos que dous dos seus vapores de guerra, transgredindo as nossas leis fiscaes e desdenhando das ordens do presidente da provincia do Pará, navegaram rio acima!

A inercia, o adiamento e a imprevidencia habituaes aos nossos governos em tudo quanto sahe fóra da politica interna são os escolhos onde soçobram o patriotismo e os desejos de alguns cidadãos para bem servirem e serem uteis á causa pública.

Applicado ao desenvolvimento interno da provincia, expediu importantes regulamentos, taes como o da instrucção pública, que a reformou e melhorou grandemente; deu começo a um templo para matriz, e fez construir um espaçoso cemiterio público, com o qual poz côbro á profanação dos corpos sepultados até alli em campo aberto.

Não vendo todavia satisfeitas suas iterativas sollicitações e não podendo levar a effeito suas ideas e planos, por absoluta falta de meios, procurou Furtado a primeira opportunidade para exonerar-se de uma commissão que lhe estava compromettendo a reputação e de onde só advinham-lhe desgostos e tedio. Em breve achou plausivel pretexto na retirada do gabinete que o havia nomeado; tanto mais que lhe não consentia a lealdade que servisse com o que succedera áquelle: instou portanto por sua

demissão, allegando que, delegado de confiança do ministerio que acabava de resignar o poder, lhe não era decoroso servir com o que o substituíra, cujo programma era outro. Em maio de 1859 viu satisfeito esse desejo, retirando-se por seu pedido da provincia do Amazonas, cuja população se mostrou pezarosa de sua ausencia. Se não deixou seu nome ligado a alguma obra ou instituição ephemera por temporan, e gerada na vaidadesinha de aparentar serviços, tambem não o perseguiram as maldições de nenhum partido nem deixou após si indeleveis signaes de um mau govêrno, como soe acontecer a tantos outros e em provincias muito mais importantes e adeantadas.

V

Desapressado de encargo que tanto lhe pezava, tornou-se de novo á sua provincia do Maranhão, ao seu lar e ás funcções da vara commercial.

Veiu encontrar o fôro ancioso de sua presença, e rumas de autos sem andamento! Atirou-se a elles, e postos por ordem de antiguidade, foi-os preparando e despachando successivamente sem que lhe valessem empenhos, ainda dos que lhe eram mais merecedores de attenções, para que apromptasse este ou aquelle antes de outros mais antigos na conclusão. Em poucas semanas, graças á sua actividade e constancia no trabalho, estava tudo em dia, como de antes, como depois; que sempre foi esse o seu timbre, no Maranhão e na côrte. Não se

demoravam os requerimentos nas suas mãos, nem os processos commerciaes, por mais complicados e volumosos, envelheciam na sua banca. Estava tambem certo o negociante, por mais relacionado e poderoso, que o iria ferir o gladio da justiça se o magistrado deparasse provas de criminalidade na sua fallencia!

Com ser juiz, não abandonava a politica militante, que de modo algum lhe enfraqueceu os creditos de justiceiro e imparcial, provando assim que o homem politico, que se não deixa vencer pela paixão, fica livre para poder exercer seus direitos de cidadão, não incompativeis nem oppostos á justiça. Provou assim que a magistratura e a politica podem andar associadas e parallelas, no homem honrado, sem que jamais se toquem, se empeçam nem se prejudiquem.

Embora estivesse ausente, apresentaram-n'o seus amigos á candidatura senatorial quando no Maranhão tractava-se em 1858 de eleger quem fosse preencher a vaga deixada no senado pelo barão de Pindaré. Foi elle incluido na chapa da opposição, sendo o mais votado d'ella, se bem que ficasse vencida pela que tinha o appoio do govêrno.

No seguinte anno deu-se de novo outra vaga no senado em representante de nossa provincia, e como o corpo eleitoral já estivesse formado, e reinasse tal qual divergencia entre os cheffes do partido predominante, de onde resultou não organisarem chapa senatorial, deixando o campo livre a seus candidatos para cada um sollicitar votos de per si, usando de sua influencia, facil seria á

opposição, cerrando fileiras, lograr a inclusão de um candidato na lista triplice.

O conselheiro Furtado, que já se achava na capital e cujos alvitres o partido ouvia e respeitava, apresentou em lugar do seu o nome do sr. dr. Fabio A. de Carvalho Reis, um dos mais predilectos amigos a quem tinha particular devoção.

Compunha-se a opposição de dois grupos, que tendo trabalhado em commum conseguiram triumphar nas eleições de 1858 em alguns collegios eleitoraes da provincia. Foi portanto accordada e acceita por ambos a chapa senatorial, mas por occasião da votação obrou um d'elles de má fé, cambiando votos com um dos candidatos contrarios em prejuizo do sr. dr. Fabio, cujo nome figuraria no segundo lugar da lista triplice, se em Vianna e em mais um ou outro ponto onde esse grupo tinha elementos, se houvesse comportado com a lealdade dos collegios de Caxias e da capital. Como é bem de ver deu-se rompimento formal entre os dois grupos que, além d'isso, não eram homogeneos em planos e vistas, e assim ficou cada um com sua autonomia e desobrigado como d'antes do convenio, para seguir seu destino e obrar por si.

Estava por esse tempo na presidencia da provincia o sr. conselheiro João Silveira de Sousa, homem que alliava á uma intelligencia superior e variados conhecimentos extrema cordura e espirito tolerante. Mantinha sobre posse boas relações com o sr. dr. Furtado desde quando aquelle fôra secretario do govêrno do Pará, prezava e considerava alguns opposicionistas, e reconhecia

ao mesmo tempo que o partido, que appoiava sua administração, não preponderava na provincia, principalmente depois das divergencias e desconfianças reciprocas nas eleições senatoriaes. A separação dos liberaes do grupo, que os tinha atraiçoado, veiu conspirar para que os partidarios da administração pactuassem com elles, não em principios, mas para se prestarem mútuo appoio nas eleições de deputados que estavam proximas. Combinados os elementos, retemperada a disciplina do partido governista, foi completo e facil esse triumpho que deu entrada na camara dos deputados aos drs. Furtado e Fabio A. de Carvalho Reis, representantes das ideas liberaes.

VI

Principia aqui o periodo mais brilhante e laborioso da carreira politica de Francisco José Furtado. Se por esse lado desannuviavam-se-lhe os horisontes, alargando-se-lhe e transluzindo esplendorosos, ia-se-lhe diluir em angústia e dor o coração! Seu lar domestico, que lhe fôra até alli conchêgo e consolação, onde encontrava carinhosa reciprocidade de affectos e dedicadissimo amor, tornou-se-lhe sollitario, triste e amargurado! D. Marianna, anjo tutelar d'essa mansão modesta e tranquilla, voou para onde a chamavam os cherubins, deixando ao amantissimo esposo os embaraços e cuidados de familia, de que ella o descançava inteiramente, e saudades que nunca mais se lhe extinguiram. Sua desvellada esposa soffreu muito

durante o periodo da gravidez, e succumbiu no dia 10 de julho de 1860 em consequencia de uma paralysia progressiva de marcha violenta, que sobreveiu ao parto.

Achou, porém, o desamparado esposo na sua parenta, D. Joaquina dos Santos quem se encarregasse dos filhos, cuidando-os e vigiando-os como se lhes fosse mãe. Desapparecia-lhe assim um dos maiores inconvenientes da viuvez, podia entregar-se á politica e ausentar-se a quebradas da familia, composta de creanças.

Resolveu-se então a pleitear as eleições, e tendo obtido os suffragios dos eleitores do segundo districto da provincia, tomou assento na camara temporaria a 26 de abril de 1861. Ia patentear o muito saber e experiencia que havia adquirido n'este demasiado longo periodo de ostracismo a que o haviam condemnado seus principios, e fazer rebrilhar o seu grande merito na práctica dos negocios e nas discussões.

Foi n'essa sessão um dos mais notaveis discursos de Furtado aquelle em que analysou o programma do ministerio (1.º de julho), dando-lhe golpes vigorosos de que nunca se pôde este recobrar, e na seguinte sessão tomou parte nas discussões de direito constitucional que ahi se ventilaram, sustentando brilhantemente em um d'elles — que desdenhar dos principios é uma abdicação do pensamento e lamentavel empirismo.

Entrou a operar-se n'esse tempo a approximação dos conservadores e liberaes moderados, acabando pela fusão d'elles e organisação do partido *progressista*. Foi-lhe a principio terrivel adversario o sr. conselheiro Zacha-

rias, que veiu depois a ser o mais decidido deffensor d'essa liga. (Vej. a obra do sr. conselheiro Tito Franco de Almeida — *O conselheiro Francisco José Furtado* — na pag. 161.) A attitude e importancia que assumiu o dr. Furtado nos negocios publicos estavam a indigital-o para uma das pastas, e na formação do ministerio de 24 de maio de 1862 foi por tanto nomeado ministro e secretario d'estado dos negocios da justiça. Desde a nascença que denunciava esse ministerio symptomas de pouca viabilidade: quatro dias depois resignava o poder. Segundo os preceitos constitucionaes perdeu o conselheiro Furtado a cadeira na camara temporaria, e por isso teve de proceder-se a nova eleição, sendo n'ella reeleito por unanimidade de votos, e diga-se em seu abono e louvor, sem pressão, nem recommendação que partisse do administrador da provincia.

O corpo legislativo achava-se então dividido em pequenas fracções sem que do seu seio se podesse tirar um govêrno que contasse com maioria. N'estas circumstancias era fôrça consultar a opinião do paiz e assim foi a camara dissolvida.

De volta á provincia para entrar na lice eleitoral, viu-se de novo assoberbado com os cuidados de familia. Quando estava completamente descançado por esse lado, podendo continuar na carreira pública, tornou-o a maltractar a adversa fortuna. A respeitavel esposa do seu amigo e parente, o sr. João Pedro dos Santos, que tinha os filhos do conselheiro em sua companhia, finou-se quasi de repente. Vi pela segunda vez esse homem, cuja fôrça de von-

tade e energia de espirito eu nunca tinha encontrado abattidas, submerso na mais profunda dôr e com os olhos annuviados de lágrimas!

Era-lhe forçoso desde então ou renunciar á politica ou procurar uma companheira que o substituisse em casa, em suas ausencias temporarias, e foi com esse designio que recebeu-se em segundas nupcias com a ex.ma sr.a D. Rosa Senhorinha Lamagner Vianna (fevereiro de 1862).

Ao dar-me parte de similhante resolução muito antes de realisal-a, disse-me que fôra sempre seu proposito permanecer viuvo em homenagem á memória de quem lhe fôra mais do que dedicadissima esposa, uma fiel depositaria dos seus mais reconditos pensamentos, que adivinhava e esforçava-se por satisfazer ainda quando elle lh'os occultava, mas que os filhos obrigavam-n'o a dar de mão a tal resolução, e já que os annos e a saciedade dos gosos lhe haviam embotado as paixões, podéra com toda a calma e reflexão escolher para esposa uma senhora que lhe era egual na edade e lhe diziam propria para encarregar-se de suas filhinhas. Alliviado por esse lado, podia partir para o Rio de Janeiro tranquillo e sem preoccupações.

Foi em 1863 reeleito o conselheiro Furtado deputado pelo segundo districto de nossa provincia, sendo n'essa sessão escolhido pela maioria presidente da assembléa geral, funcção que desempenhou desde fevereiro até 24 de julho de 1864, quando entrou para o senado na qualidade de seu membro.

Não foi sua ausencia da provincia impedimento para

que seus amigos o apresentassem candidato ao prehenchimento da vaga deixada no senado por morte do conselheiro Joaquim Vieira da Silva e Sousa e figurasse o nome do conselheiro Furtado em primeiro lugar da lista triplice. Por carta imperial de 30 de julho d'esse mesmo anno já havia sido escolhido senador.

A intelligencia, circumspcção, ordem, methodo e imparcialidade com que dirigiu os trabalhos da camara temporaria n'este trecho de cinco mezes acarearam-lhe a estima e a admiração de todo o corpo legislativo sem distincção de partidos, levantando-se alli uma só voz de amigos e adversarios politicos e essa para o louvar!

Não quizeram portanto seus antigos pares despedir-se d'elle sem testemunharem-lhe sua gratidão e aprêço, offerecendo-lhe um lauto banquete, proposto e promovido enthusiasticamente pelo sr. dr. Evaristo Ferreira da Veiga, deputado por Minas-Geraes e um dos mais encarniçados conservadores d'essa legislatura, e por conseguinte seu declarado adversario politico. Foi este acto uma das mais eloquentes e solemnes proclamações das grandes virtudes que ornavam aquelle eminente cidadão.

Vinte e um dias depois de sua entrada para o senado, era chamado pelo Imperador para organisar o célebre gabinete de 31 de agosto: empunhadas as redeas do govêrno, ia este illustre brasileiro mostrar a todas as luzes seu profundo saber e o quanto era apto para dirigir os negocios do estado.

VII

O gabinete de 31 d'agosto tomava a direcção dos negocios publicos em desfavoraveis e difficeis circumstancias. Para qualquer lado que se voltasse descortinava perigos ou embicava em difficuldades de todo o genero. Legaram-lhe as administrações passadas, no interior—erros accumulados durante o longo predominio conservador, que na sua imprevidencia deixou desorganisadas e carentes de meios as repartições de marinha e guerra, sem exercito nem vasos; as finanças pouco lisongeiras, o credito público abalado e ameaçado de uma crise bancaria imminente e funestissima em seus resultados; no exterior estremecidas as nossas relações com a Inglaterra, rotas com o Estado Oriental, e a guerra em começo de operações, como a unica solução possivel aos actos violentos e exigencias exorbitantes d'esses ingratos e truculentos visinhos. Era, portanto, crítica e periclitante a situação. Ia o dr. Furtado addir uma herança que nem a beneficio de inventario podia ser herdada; mas a salvação da patria, o futuro do partido liberal, condemnado a esteril opposição e affastado do poder desde 1848 reclamavam do conselheiro Furtado tão penoso sacrificio; porque se conseguisse conjurar tantos males, readquiriria seu partido as boas graças da corôa, que ser-lhe-hia sobreposse grata.

Foram estas as considerações que o forçaram e o constrangeram a acceitar a presidencia do conselho.

Encontrou o honrado patriota os primeiros tropeços logo na formação do gabinete; pois que não foi senão com muito custo que achou companheiros que se quizessem associar á sua fortuna e compartir com elle dos arduos trabalhos do poder, que não mettia então cobiça. Coube-lhe com a presidencia do conselho a pasta da justiça; e vendo-se embaraçado no prehenchimento das outras, foi obrigado a valer-se da constante amizade do conselheiro João Pedro Dias Vieira, que, sem embargo do desaire que lhe proviria de continuar como ministro d'estrangeiros no gabinete que succedia ao de que fizera parte n'esse mesmo encargo, annuiu ao convite do amigo.

Contava o conselheiro Furtado com o patriotismo e honestidade de character d'alguns que, por idoneos e influentes no partido, convidára para companheiros, mas que se esquivaram, uns por excessiva modestia, não confiando em suas fôrças para arrostarem os perigos da situação, outros por suspeitarem ephemera a duração do gabinete e não quererem gastar-se, compromettendo seu nome! Foi esta a primeira decepção que experimentou como chefe do gabinete. Entretanto as espessas e carregadas nuvens que obscureciam o firmamento da patria iam-se condensando e abaixando-se de dia a dia. Ainda os novos ministros não estavam seguros e bem orientados dos negocios que corriam por suas secretarias, que já rebentava uma tremenda crise bancaria. Por cerca das 10 horas da manhan do dia 10 de setembro encerrou a casa bancaria Souto & C.ª suas transacções; e esse estabelecimento tão afreguezado e acreditado, e ao qual

estavam confiadas tantas fortunas, fechou suas portas! Ouçamos aqui o sr. conselheiro Tito Franco de Almeida, um dos illustres biographos do conselheiro Furtado, e que como testemunha presencial do occorrido, é mais competente do que eu para o narrar.

«Foi o signal do rebate geral para corridas sobre as casas bancarias; operarios, viuvas, velhos, invalidos, empregados publicos, militares, capitalistas, todos apressavam-se a salvar seus capitaes.»

«Ás 3 horas da tarde grande massa de povo inundava a rua Direita (1.º de Março) em frente á Praça do Commércio, e a rua da Alfandega, em face aos bancos. Só ás 9 horas da noute pôde a fôrça pública fazer dispersar a multidão.»

«A fôrça policial salvaguardava as casas bancarias de qualquer attentado[1].»

O pezar e a indignação dos prejudicados e os receios de todos estavam debuxados nos rostos e desabafavam-se nos clamores, nas lástimas e na facilidade com que tomavam consistencia os mais disparatados boatos. A agitação era geral, e formavam-se aqui e alli grupos, disseminados pelas ruas e praças, e as reuniões succediam-se em um ou outro edificio da cidade do Rio de Janeiro. Pairava sobre ella grande calamidade que trazia a população inteira afflicta e perturbada!

Não faltaram alvitristas, uns convictos, e outros especuladores da desgraça pública, que n'essa apertada con-

[1] Vej. *O conselheiro Francisco José Furtado, Biographia e Estudo de Historia politica contemporanea* (1867)—pag. 189.

junctura não viessem a terreiro com suas panacéas e conselhos, nos jornaes, nas reuniões, nas proprias secretarias do govêrno, tendo cada qual por melhor e salvadora a medida que propunha.

O mesmo banco do Brasil insistiu em que fosse acceito seu alvitre. O conselheiro Furtado sobranceiro a tudo, impavido e calmo, sem esmorecer ou se turbar ante as ameaças ou a furia dos interessados que refervia por toda a parte, descriminava o que havia em tudo isto de exagerado para se não precipitar, e convocando o conselho d'estado, assentou com elle nas medidas que lhe pareceram mais legaes e efficazes para desfazer a borrasca presente, e impedir que outra se formasse mais tarde. A 17 d'esse mesmo mez fez baixar o decreto n.º 3:308, suspendendo e prorogando por 60 dias, contados de 9, os vencimentos das lettras, notas promissorias, e quaesquer outros titulos commerciaes pagaveis na côrte e provincia do Rio de Janeiro, assim como os protestos, recursos em garantias e prescripções; applicando aos negociantes não matriculados as disposições do artigo 898.º do codigo commercial, referentes ás moratorias, que como as concordatas, poderiam ser concedidas amigavelmente pelos credores que representassem dois terços do valor de todos os creditos; determinando mais que as fallencias dos banqueiros e casas bancarias, occorridas dentro d'esses 60 dias, fossem reguladas por decreto especial; e tornando finalmente por deliberação dos presidentes de provincia estas medidas extensivas a outras praças do Imperio.

Foi por assim dizer magico o effeito d'este decreto. Os jornaes de todas os matizes politicos, até o sizudo e reservado *Jornal do Commercio*, em seus artigos principaes, foram unisonos em applaudir tão sábias providencias como em declarar que ellas fizeram desapparecer o panico, dando alento e tranquilidade aos animos abattidos e perturbados, isentando ao mesmo tempo os estabelecimentos bancarios da pressão que sobre elles pesava: foi o sol da esperança que alumiou esses espiritos obcecados e entorpecidos. Ahi estão todos os boletins commerciaes d'esses memoraveis dias que melhor o testificam.

O decreto de 20 tambem de setembro, sob n.º 3:309, veiu estabelecer regras, como promettêra no anterior, para o processo de fallencia dos bancos e casas commerciaes.

Com tão previdentes e acertadas medidas conjurou o ministerio de 31 de agosto o perigo e salvou o paiz do tremendo cataclysmo de uma banca-rota geral que ameaçava alluil-o, e submergil-o em breve n'uma total e horrorosa ruina.

Chegado o dia 9 de novembro em que os agoureiros, pessimistas e timidos, presagiavam novas e mais amedrontadoras calamidades por ser o prazo fatal em que expirava o da suspensão dos pagamentos, não houve o menor abalo e as transacções fizeram-se com aquella regularidade e confiança reciproca dos mais dias!

A contenção d'espirito, as noites de insomnia e o trabalho forçado a que se entregou o conselheiro Furtado,

n'aquelles dias calamitosos, produziram seus terriveis effeitos, provocando-lhe uma congestão cerebral de que felizmente restabeleceu-se em pouco tempo; mas nem por isso acautelou-se de medroso e desdeu da sua habitual actividade de espirito e de corpo. No fim de poucos dias de tractamento e dieta, abandonando as prescripções medicas e as instantes advertencias dos amigos para que se abstivesse por um ou dois mezes de trabalhar, apresentou-se na sua secretaría, objectando com imperturbavel segurança ás amicissimas admoestações das pessoas que o cercavam e estimavam — que seu posto de honra era na sua repartição e que o dever impunha-lhe a obrigação de votar-se, mesmo com risco da propria vida, ao bem de seu paiz.

Ainda o gabinete de 31 d'agosto não estava de todo fôrro da crise bancaria quando o veiu saltear a noticia de que tinham rompido as hostilidades contra o Uruguay. As desintelligencias entre o nosso paiz e a republica fronteira começaram muito antes de subir ao poder esse ministerio, e a declaração do bloqueio aos portos orientaes era fundamentada pelo nosso diplomata, o ex.^{mo} sr. conselheiro Saraiva, em não ter o govêrno de Aguirre respondido á nota de 9 de maio em que se pedia satisfação das violencias contra subditos brasileiros e d'invasões do nosso territorio por suas tropas. Marcára o nosso enviado extraordinario em seu *ultimatum* de 4 de agosto o prazo de seis dias para satisfazer o govêrno do Uruguay áquellas justas exigencias, ameaçando-o de reccorrer a reprezalias se não fosse attendido. Negadas arrogantemente

essas satisfações e devolvido o documento official, foram desde o dia 11 d'esse mez bloqueados os portos por nossa esquadra, e a guerra, *ipso facto,* declarada!

Insisto em recordar estas datas e chamo a attenção dos leitores para ellas, porque tenho ouvido a muita gente por desmemoriada ou de má fé lançar esse funesto acontecimento e as tristes consequencias que d'elle derivaram á conta do gabinete de 31 de agosto, e attribuir ao conselheiro Furtado essa situação, sendo que já estava ella creada e começadas as hostilidades vinte dias antes da ascensão do ministerio de que foi organisador!

Os que pretendem agourentar-lhe a glória, parecem tambem olvidar que veiu elle encontrar a nossa fôrça de terra reduzida apenas a oito mil homens, pouco exercitados, peior equipados e com pessimo armamento, não destoando d'ella a nossa marinha, que tinha mui poucos vasos, todos de madeira, pela maior parte desarvorados e pôdres; e assim emparelhava com aquella em tudo mais: os nossos arsenaes da côrte e das provincias maritimas desprovidos de tudo, e tidos e havidos por viveiros só proprios para n'elles saciarem sua cobiça os directores e os felizes e protegidos fornecedores.

Era esse o estado deploravel das nossas cousas de guerra, e com tão apoucados e miseraveis recursos teve o gabinete de 31 de agosto de metter mãos á obra, fazer frente ao inimigo, repellil-o do nosso territorio e perseguil-o no seu proprio! Porém á actividade e esforços do presidente do conselho, secundado pelo seu collega da marinha, á boa escolha de generaes, ao valor e patriotis-

mo do nosso povo devemos o ter-se terminado essa campanha em cinco mezes, sendo todos os attaques coroados da mais completa e esplendida victória.

A 2 de janeiro de 1865 assenhoreava-se o nosso exercito da fortaleza de Payssandú e a 20 de fevereiro estava concluida a guerra com a rendição de Montevideu, capital da Banda Oriental, e estabelecidas as convenções de paz entre as partes belligerantes. E de entre todas as pelejas que ferimos n'essa lucta nenhuma foi tão gloriosa para as nossas armas como a de Payssandú.

Depois de cincoenta e duas horas de vivo e bem sustentado fogo e de tenaz resistencia, sobresahindo no decurso da acção o nosso almirante, o visconde de Tamandaré, que era sempre o primeiro e o mais ousado nos accommettimentos, tomámos á bayoneta e corpo a corpo, essa praça forte, não manchando comtudo os trophéus com nenhumas reprezalias. N'esse feito de armas foi a nossa bravura egual á nossa generosidade, pois soltámos todos os prisioneiros, tomando por unico fiador de seu futuro comportamento a simples palavra d'elles!

Conseguiu assim o ministerio de 31 de agosto concluir em tão pouco tempo a campanha do Uruguay, bem como debellar a guerra civil que talava desde muitos annos aquella republica, e restabelecer alli o imperio das leis, a ordem e um govêrno sympathico á maioria da nação, cujo cheffe, o general Flores, era por seu character e patriotismo um penhor de tranquilidade e prosperidade para aquelles povos.

Não foi tão completo nosso regosijo e satisfação, porque se lhes vieram misturar os desgostos e recriminações partidarias. A opinião pública pronunciou-se contra as estipulações do convenio de 20 de fevereiro, lavrado em Montevideu pelo nosso diplomata. Accusavam-n'o de não haver n'elle estipulado as satisfações que o brio nacional exigia, nem resguardado os interêsses dos fronteiros. Esta censura feita pela imprensa, manifestada verbalmente por cidadãos importantes, e abraçada pelo conselheiro Furtado e pelo ministro dos estrangeiros, conselheiro Dias Vieira, deu em resultado a exoneração do sr. conselheiro Paranhos (hoje visconde do Rio Branco) d'essa missão, nomeado em seu lugar o sr. conselheiro Francisco Octaviano de Almeida Rosa.

Se por um lado estavamos desassombrados d'esta guerra e de complicações com a Inglaterra, por outro emergiam novas e mais perigosas occurrencias para aggravar tão precaria, quanto desgraçada situação.

No principio de outubro o vaso de guerra nort'-americano *Wassuchets* aprisionou no porto da Bahia o vapor *Florida,* dos rebeldes do sul, e que se acolhêra á protecção da nossa bandeira, considerada neutral, por termos sempre guardado a mais restricta imparcialidade n'essas luctas civis dos Estados Unidos. Dirigiu o nosso govêrno, sem mais detença nem tergiversação, uma nota bastante energica ao presidente d'aquelle estado, queixando-se da offensa. Entendeu o gabinete que em questões de honra e dignidade nacional não havia procurar rodeios nem envolvel-a com esses véus diplomaticos que quasi sempre en-

redam e obscurecem os negocios. O resultado de tão liso e franco proceder correspondeu ás intenções do govêrno brasileiro, por isso que o nort'-americano apressou-se em dar-nos a mais plena satisfação, já em honrosa nota reversal, já punindo o commandante do *Wassuchets.*

Volvamos de novo para a campanha cisplatina. Ainda estavamos empenhados n'ella quando da parte do Paraguay surgiram perigos mais graves e ameaçadores, e mais invenciveis e formidolosas difficuldades. A 11 de novembro de 1864 fez o dictador do Paraguay aprisionar nas aguas fronteiras á cidade de Assumpção, séde do govêrno, o vapor mercante *Marquez de Olinda,* com todo o seu carregamento e passageiros, entre os quaes contavam-se o presidente da provincia de Matto-Grosso, coronel Carneiro de Campos, irmão do ministro da fazenda, a familia d'aquelle e outros funccionarios da secretaria, da thesouraria, e de outras repartições d'aquella provincia, que iam com suas respectivas familias, haveres e bagagens, como tambem quantiosas sommas do thesouro nacional, destinadas para supprimentos. Descançado nos tractados e nas relações de boa amizade, seguia o vapor para a cidade de Cuiabá, navegando esse rio aberto ao nosso tráfego. Queixando-se o ministro brasileiro, residente em Assumpção, d'esse acto insolito e selvatico, sem que lhe houvesse ao menos precedido declaração de guerra, enviou-lhe Lopez os passaportes no dia 15, não permittindo comtudo que a nossa legação sahisse d'alli, e a não terem sido os esforços e a officiosa inter-

venção do ministro americano, talvez que se não tivesse ella retirado incolume!

Depois de tão incrivel e revoltante aleivosia, estava sem regresso declarada a guerra, se Lopez não se encarregasse de o fazer invadindo em seguida a provincia de Matto-Grosso, matando os habitantes inermes, que lhe não offereciam resistencia, saqueando e incendiando as povoações por onde passava com sua horda de barbaros. Que recursos militares tinhamos nós para oppor ao aguerrido inimigo, senão uma flotilha mingoada e desmantellada e poucos esquadrões, já cançados da proxima lucta? Foi n'essa extremidade e penuria de tropas que recorreu o conselheiro Furtado ao patriotico e bem succedido expediente de chamar ás armas os brasileiros, promulgando-se o decreto dos *Voluntarios da Patria,* que é marcado com a dacta sempre memoravel de 7 de janeiro de 1865 (n.° 3:371).

Foi outra medida de não menor alcance, a de assegurar a livre passagem de nossas fôrças e a facil acquisição de fornecimentos no territorio das republicas Oriental e Argentina, ameaçadas tanto como o nosso paiz pelo ambicioso despota. N'esse intuito negociou o habil diplomata brasileiro o tractado da triplice alliança, que depois de ouvido o parecer do gabinete de 31 de agosto, reunido em conselho, foi assignado a 5 de março pelos plenipotenciarios das tres partes interessadas.

Foi esse tractado tão bem combinado, pesados e attendidos os interêsses reciprocos, que o unico lado vulneravel que lhe poderam descobrir os adversarios politicos

do gabinete de 31 de agosto para aggredil-o, foi o ter-se estipulado que o commando supremo dos exercitos alliados seria confiado ao presidente da republica argentina, quando este estivesse presente a qualquer operação que fosse emprehendida pelos exercitos reunidos. Similhante censura, sobre ser improcedente, era espada de dois gumes que ia ferir ainda mais fundo os conservadores que, no afôgo de molestar o ministerio, não se recordavam que em 1852 foram por um gabinete de sua parcialidade e composto dos mais authorisados de seus membros, entregues os nossos exercitos a Urquisa, simples governador de provincia, rebellado contra o dictador Rosas, e que subordinados a este caudilho, representamos um papel bem secundario! Não fez portanto n'essa occasião o ministerio liberal mais do que imitar os que de presente improperavam um acto, de que aliás se não podia prescindir em tal apêrto, alem de ser obvio, e condição indeclinavel e natural, que o cheffe de um estado não estivesse ás ordens de um simples general.

Não fomos na verdade efficaz e poderosamente auxiliados por nossos alliados, e nem podiamos contar com isso, embaraçados, como se achavam, em casa com dissenções politicas, e dispondo de mais a mais de fracos meios, mas já não era pouco terem os nossos exercitos e vasos de guerra os movimentos desafogados n'esses territorios e seus rios, fornecendo-se tambem n'elles de viveres, forragens e cavalhadas.

Não se illudia o govêrno com as promessas pomposas dos alliados, nem com as suas bravatas, tanto que poz

peito em levantar com a maxima brevidade, o nosso exercito em grande pé de guerra, para que podesse arrostar os cento e trinta mil homens de Lopez, e crear uma esquadra que lhe desafiasse suas temidas fortalezas.

Ia no entretanto produzindo o desejado effeito o decreto dos *Voluntarios da Patria,* que fez vibrar os corações de todos os brasileiros, despertando n'elles com vigor o sacrosanto sentimento do amor da patria e os brios para deffender nosso paiz com toda a bravura e perseverança. A esse rebate inesperado e magnetico erguiam-se intrepidos cidadãos aos milhares como que da terra, e corriam açodados e contentes aos campos de batalha.

Sem violencia, sem coacção, sem a menor pressão, e só por esse convite que abalou a todos, formaram-se batalhões, nos quaes se viam hombreando com o operario, com o rustico, com o popular inferior por sua condição, côr e nascimento, o capitalista, o medico, o advogado, os filhos de familias abastadas, nivelados todos pelo enthusiasmo patriotico. Appellou tambem o govêrno para os guardas nacionaes, e accudiram batalhões e batalhões d'elles, não menos bisonhos, mas egualmente bravos e animados do mesmo sentimento que impulsou aquelles a exporem-se aos desconfortos, fadigas e perigos da guerra. Tive já opportunidade de fazer em outra parte a apologia d'esses heroes que tomaram as armas de pura espontaneidade e inflammados pelo sagrado amor da patria em perigo [1].

[1] Vej. *Locubrações* (1774), no artigo *Guerra do Paraguay* — pag. 170.

Apesar de ser esse decreto referendado por todo o ministerio, a idea partiu do conselheiro Furtado. Foi elle quem a suggeriu, e quem venceu a reluctancia e resistencia oppostas pela rotina, convencendo-a de sua vantagem e exequibilidade com argumentos que lhe inspiravam sua fé e confiança no patriotismo e brios de seus concidadãos. O tempo veiu em breve fazer justiça e testificar a boa opinião que tinha do povo, cujas pulsações de coração sentíra elle batter bem de perto, e cuja bravura não cede no confronto com a de nações que timbram d'ella, e não sei se não as sobreleva na obediencia passiva com que executa as ordens de seus superiores, e na paciencia com que soffre sem queixumes privações de toda a especie, a fadiga, a inedia, as difficuldades de marchas perigosas e forçadas por charnecas e mattas espessas, por vastos alagadiços e tremedaes, ou por montes fragosos e de difficil ascensão, como succedeu n'esta homerica lucta.

Não foi só com esse acto sem precedente nos nossos annaes[1] que a rotina militar sentiu-se offendida e não menos irritada, como tambem por serem confiados os commandos dos batalhões e das companhias de voluntarios e da guarda nacional a paizanos, e por serem chamados ás fileiras officiaes que estavam respondendo a processos militares. Mas o valor e destimidez d'alguns d'entre os primeiros, e em especial dos srs. dr. Pinheiro Gui-

[1] É honrosa excepção a experiencia feita pelo conselheiro Joaquim Vieira da Silva e Sousa, quando administrava o Rio Grande do Norte. (Vej. pag. 78 d'este tomo).

marães, barão de Penalva, Cunha Junior, que de simples professores ou funccionarios publicos passaram a dirigir soldados nos campos de batalha, vieram com seus feitos d'armas desmentir de um modo victorioso as previsões e vãos receios dos velhos militares e reforçar a opinião do conselheiro Furtado — de que a intelligencia e a vontade suprem a disciplina e os exercicios dos quarteis. Deram tambem razão da suspensão de processos militares, entre outros, dois officiaes superiores que da Bahia, onde estavam respondendo a conselho de guerra, vieram occupar seus postos no exercito e ahi prestaram valiosos serviços. É ainda mais para notar que um d'estes, o tenente coronel Pedra, salvou com o corpo do seu commando o grosso do exercito de uma surpreza dos inimigos que lhe traria, senão o destrôço, muito desaire, se os não detivesse com bravura e firmeza acima de todo o louvor, dando assim tempo a que as nossas fôrças se recobrassem do panico da repentina investida com que estavam longe de contar.

Ao passo que o ministerio cuidava com todo o ardor de reforçar os nossos exercitos e abastecel-os de copiosos e possantes meios, levantou um emprestimo avultado na praça de Londres, e tractou de adquirir armamentos aperfeiçoados e todas as machinas de guerra modernamente inventadas; mandou fazer na côrte encouraçados e encommendou no estrangeiro monitores, artilheria, etc., etc. Foi com esses preparativos bellicos que depois fizemos e concluimos a guerra do Paraguay. Os arsenaes da côrte atulharam-se de operarios. D'ahi a poucos mezes

sahia dos nossos estaleiros o — *Tamandaré* — primeiro e até bem pouco tempo o unico encouraçado construido na America do Sul. Nas poucas avarias que em frequentes combattes soffreu das balas inimigas bem deixou ver quanto em solidez de construcção e na boa escolha dos materiaes é superior aos que comprámos na velha Europa e na America do Norte.

Desenvolveu o conselheiro Furtado n'essa epocha pasmosa actividade, chegando-lhe o tempo para conferenciar mais de uma vez por dia com os membros do ministerio, de que era alma, auxiliando-os com seu parecer e guiando-os com suas luzes, sem exercer comtudo pressão sobre elles de modo a offender-lhes o melindre; mas alvidrando e discutindo com elles sobre importantes assumptos administrativos com intelligencia, perspicuidade e dialectica, acompanhadas de maneiras graves e cortezes. Achava-se em toda a parte onde se tornava necessaria a sua presença, e com a ponctualidade em que lhe era habitual, estava presente aos repettidos conselhos, no Paço; frequentava os arsenaes, os quarteis; ora a casa de um collega do ministerio, ora a de outro, não faltando egualmente ás sessões do parlamento, onde tomava parte nas discussões, e ainda em suas vigilias procurava adquirir conhecimentos militares que o habilitassem a comprehender os assumptos tendentes á guerra, a dar opiniões acertadas e a propor em conselho medidas aproveitaveis n'este ramo de serviço público.

Nem por isso descurava dos negocios da justiça, sendo mui digno de memória o decreto de 14 de dezembro

de 1864 (n.º 3:310) que emancipou do captiveiro os africanos livres ao serviço do Estado e dos particulares, a pretexto de os civilisarem! Foi o golpe que feriu de morte e sem regresso o nefando tráfego de nossos similhantes, trancando-lhe para sempre a porta — e tambem uma das medidas precursoras da lei de 28 de setembro de 1871.

Animado de eguaes principios liberaes quiz resguardar os cidadãos de prisões arbitrarias e de punições prolongadas, e acautelar a segurança individual contra a vingança e a violencia das authoridades policiaes subulternas. Foi com similhante intuito que expediu a 2 de janeiro de 1865 um aviso circular contendo providencias, a fim de se cohibirem e evitarem os abusos, até ahi tão frequentes, contra a liberdade individual, quer por prisões preventivas, quer por demora da formação de culpa ou falta do andamento do processo, com grave damno do cidadão, que com taes atropellos não podiam muitas vezes prestar fiança nos crimes que a admittiam, ou se livrar solto nos casos em que é isto permittido.

Pela simples leitura d'aquella lei e d'este aviso reconhece-se o espirito liberal de quem os dictou, e que o conselheiro Furtado era tão amante da liberdade na theoria como na práctica.

Não ficou só em referendar a lei n.º 1:237 de 24 de setembro de 1864, reformando a legislação hypothecaria e estabelecendo as bases das sociedades de credito real, como facilitou-lhe a execução, expedindo para esse fim o decreto n.º 3:453 de 24 d'abril do seguinte anno.

Contrariava os planos do presidente do gabinete o ministro da guerra que não queria ceder de suas inveteradas preoccupações, e teve por melhor retirar-se e ser substituido na pasta pelo visconde de Camamú. A escolha do general em cheffe para dirigir as operações foi o ponto capital do desaccôrdo com o conselheiro Beaurepaire. Antevendo n'isso os conservadores vantagem para sua causa, designavam o marquez de Caxias como o unico general capaz de planos e a quem a fortuna favorecia sempre, coroando-o a victória de tropheus. Repetiram tantas vezes no jornalismo e fóra d'elle, insistindo n'essa idéa, que conseguiram crear como uma opinião, que a final fez tal impressão no espirito de alguns amigos do conselheiro Furtado, que elle, para arredar de si a pecha de parcial e eivado de rancor politico em questão de tanta magnitude e gravidade, propoz em conselho a nomeação do marquez para commandar nossos exercitos, e d'ahi passou depois a sondal-o.

Recusou o marquez acceitar o commando, allegando a inimizade que havia entre elle e o actual ministro da guerra. Ouvidos estes motivos, lembrou-lhe seccamente o conselheiro Furtado com aquella hombridade, que tanto o characterisava, que a disciplina e a patria não distinguiam pessoas nem cathegorias, e ficasse prevenido de que, se o serviço público reclamasse sua presença nos campos do Paraguay o govêrno o compelleria a isso. Foi, pois, o bravo dos bravos, o temerario e legendario general Osorio, o escolhido para essa missão. Ia elle pôr-se á frente dos nossos exercitos quando Lo-

pez estava com toda a pujança que lhe davam seu formidavel exercito quasi intacto e fresco sem derrotas nem fadigas de contra-marchas, sem a cholera-morbus, as febres de máu character e a variola que dizimavam e desalentavam os nossos soldados, e sobre todas essas vantagens com o prestigio das faceis e bem succedidas invasões. E que tinha o general Osorio ás suas ordens para oppor a tão numeroso e forte inimigo? As nossas poucas e fatigadas tropas e esses reforços de corpos completamente alheios á disciplina e tactica militar.

Foi todavia com esse simulacro de exercito que desalojou o inimigo do nosso territorio e o foi provocar no seu proprio, realisando o sempre memoravel e incrivel feito do *Passo da Patria*, que foi como o prologo da gloriosa e heroica epopea que nossas armas escreveram com sangue e á custa de muitos sacrificios durante essa lucta titanica. Em hora feliz a emprehendeu o general para confirmar o alto conceito que gosava e a acertada nomeação do conselheiro Furtado. Seguiram-se a esta outras victórias; mas o ministerio de 31 d'agosto não chegou a participar dos seus louros; que a 8 de maio de 1865 já havia deixado o poder, coagido das ambiciosas e insoffridas maquinações politicas!

Quando a patria, convellida por tantas desgraças e miseria, perigava e reclamava a união de todos os brasileiros, depostos quaesquer interêsses e odios, para só cuidarem de a salvar; quando o povo dava o exemplo, sacrificando enthusiasmado e contente a propria vida, os nossos representantes postergavam seu mandato, e

obdurados pela ambição, conspiravam e concertavam entre si nos meios de embaraçar e abalar o gabinete para derribal-o do poder.

Teve então o conselheiro Furtado ensejo para sondar as chagas sociaes que conhecia de noticia e pelos effeitos. As ambições impacientes e sem freio, muitas d'ellas sem razão de ser, tripudiavam na esperança de empolgarem as pastas. Accumularam-se á surda e hypocrita hostilidade as exaggeradas pretensões de alguns suppostos partidarios e amigos, que só o são na próspera fortuna. Nenhum d'esses pagava-se de promessas ou soffria delongas na realisação d'ellas. Os jornaes da côrte, cujos redactores se diziam liberaes, ou guardavam silencio como o *Correio Mercantil,* ou aggrediam com toda a franqueza o ministerio, como o *Diario do Rio de Janeiro.* Na camara temporaria tramavam-lhe outros a quéda, presumindo-se cada qual com fôrça e aptidão para empunhar o timão do poder e maneal-o no meio de tantas difficuldades. Na primeira votação a que em maio procedeu-se na camara dos deputados, conheceu o conselheiro Furtado que a maioria de um voto, obtida pelo dr. Camillo Armond (barão de Prados) para presidente do corpo legislativo, não representava o appoio decidido, franco e compacto de que carecia o govêrno n'aquellas tristes e melindrosas circumstancias.

Pediu e instou pela demissão, mostrando n'esta obediencia aos preceitos constitucionaes seu civismo, honestidade e amor pelas cousas do paiz que periclitavam e exigiam o concurso homogeneo e harmonico dos poderes

do estado. Seu character, moralidade e patriotismo não consentiam tambem que procedesse de outro modo.

Facil lhe fôra formar uma maioria artificial, empregando os meios corruptores tão correntes e de que muitos dos ministerios anteriores tanto abusaram; mas isso repugnava aos seus principios e precedentes. Sem apêgo ás grandezas humanas nunca litigou por ellas, podendo n'elle mais do que a ambição seu inquebrantavel amor da patria e reconhecida e proverbial probidade e coherencia de principios. Não houve portanto instancias que o demovessem do proposito de passar as redeas do govêrno a quem lograsse melhor fortuna, harmonisasse as divergencias, e com prestigio nas camaras, d'ellas obtivesse auxílio para conduzir a bom porto a nau do estado, que trapeava, combattida de medonho temporal.

A despeito de tudo isto, continuou a camara temporaria desacorde e indisciplinada sem dar quartel nem treguas aos ministerios que se foram succedendo; não aproveitando a um d'elles a medida extrema e arriscada de dissolução quando estavamos arcando com uma guerra estrangeira.

Aquelles que confiavam na intelligencia, energia e indefectivel zêlo do conselheiro Furtado; que o tinham apreciado e sabiam aquilatar, como mereciam os extraordinarios serviços que fez n'estes poucos mezes de sua laboriosissima e escabrosa gerencia dos negocios publicos, decidindo sereno e impavido, e sempre com optimos resultados as mais delicadas, difficeis e complicadas questões, taxavam de nimiamente escrupuloso seu procedimento;

dado que leal e conforme aos preceitos constitucionaes. Os mais conhecedores dos nossos homens previram que isso não atalharia os males que esse estadista desejava prevenir. Bem depressa realisaram-se estes bem fundados receios; porque não desappareceram os obstaculos que elle se promettia ver desfeitos com sua ausencia da governança, senão que outros ainda maiores foram creados pelos subsequentes gabinetes.

Ao ministerio de 31 de agosto succedeu o de 12 de maio, cujo organisador, o marquez de Olinda, fez consistir seu programma na conciliação de todos os partidos, no arrefecimento das paixões politicas e na concordia dos brasileiros, concentrada a acção do govêrno em um só ponto — a guerra — que era o designio, o empenho, a unica meta de seus esforços. Não o cumpriu, no entanto, antes fomentou dissenções politicas, desbaratou mais de réis 30.000:000$000 dos dinheiros publicos, e o exercito estacionou por muito tempo inactivo no Estero Bellaco por falta de recursos e supprimentos!

Fez mais e ainda peior; arrefeceu o enthusiasmo patriotico e seccou esse abundante manancial de belligerantes, declarando desnecessario o levantamento de novos corpos de voluntarios. Semeou a intriga e o descontentamento nos nossos arraiaes, implantando n'elles a discordia e vinganças politicas.

D'estes e de outros actos dignos de censura e execração praticados uns dentro do paiz e outros no proprio theatro da guerra, advieram males de que ainda se não guareceu de todo o imperio, sendo que foi o mais fatal

d'elles — a prolongada duração da ruinosa campanha do Paraguay.

Faça-se o parallelo entre esse dilatado periodo e os oito mezes da fecunda gerencia do gabinete de 31 de agosto, e ver-se-hão ainda mais realçar os relevantissimos serviços prestados por este. Sua melhor apologia está n'estas poucas e verdadeiras palavras com que o senador Furtado terminou o seu discurso na sessão de 11 de julho de 1867.

« Sr. presidente, os membros d'este ministerio (31 de agosto) no pouco tempo que governaram, não fizeram certamente tudo quanto desejavam em beneficio do paiz; diz-lhes porém a consciencia que fizeram quanto era razoavelmente possivel.

«Acabaram em menos de seis mezes uma guerra com o govêrno do Estado Oriental. Deixaram muito material de guerra accumulado, mandaram vir outros; elevaram o exercito a 35:000 homens alem de uns mil voluntarios e guardas nacionaes ja aqui na côrte, e em algumas provincias, que esperavam transportes que os conduzissem ao theatro da guerra; deixaram a esquadra com 45 vasos de guerra, sendo 33 a vapor, tripulados por quatro mil e tantos homens, deixaram 2 encouraçados nos estaleiros, e mandaram construir outros fóra. Com esses elementos reunidos pelo ministerio de 31 de agosto, foi ainda que se aniquilou a esquadra de Lopez na brilhante jornada de Riachuelo, derrotada e inutilisada a columna invasora dos paraguayos em Iatahy e Uruguayana.»

VIII

Desligado o conselheiro Furtado das obrigações que o retinham na côrte, foi seu primeiro cuidado tornar-se ao Maranhão para onde o estavam impellindo as saudades dos amigos e de sua familia. Contava ahi descançar e reparar as fôrças perdidas por tantas fadigas e pelos desgostos que em seu agitadissimo govêrno o assaltaram. Não logrou de todo em todo esse desejado intento.

A primeira decepção por que passou, foi a manifesta frieza d'aquelles que se julgavam offendidos por não terem obtido bom despacho ás suas pretenções. Era mais um trago de fel que sorvia! Não havia elle no entanto aberto precedentes que fizessem suppor que, investido do poder supremo, se occupasse de questões de campanario, quando de antes e em nenhum tempo foi procurador officioso nem consumiu inutil tempo nas ante-camaras dos ministros e secretarias d'estado.

Tinha elle bastante merito real para não soccorrer-se a esse vergonhoso expediente, e nem carecia cortejar por essa fórma as influencias politicas da sua provincia, por isso que possuia dotes e importancia para fazer-se valer por si, e assaz dignidade para não rebaixar o mandato, pondo-se ao serviço e na dependencia de quaesquer governos.

Nem sequer prestava o conselheiro Furtado nos negocios do paiz a minima attenção ás intrigas de bairro, se-

não que reprovava nos outros essa politica mesquinha e baixamente interesseira de pequenas localidades em que se malbarata o tempo que deve ser consagrado aos serios e graves negocios do paiz.

Não houve, pois, obrigações que o desviassem por um momento d'esta senda, e em vez de fazer veniága de seu voto para alcançar deferimento a pretenções particulares, manifestou-se constantemente com toda a hombridade e honradez, procedendo sempre n'essa louvavel conformidade por entender que para isso é que lhe haviam os povos confiado o mandato de seu representante.

Não sei como houve agora quem esperasse d'elle outro procedimento, quando estava divertido por negocios de maior monta, que o traziam todo occupado, e sua posição elevada tornava mais patentes seus actos!

N'essa quadra em que o paiz estava em perigo e á beira de um abysmo não havia para elle outras cogitações que não fossem —a guerra— era o centro para onde ellas convergiam, preoccupando-o tudo quanto se prendia a este momentoso assumpto, que tomava o primeiro lugar em suas conversas particulares e em seus discursos no senado, já analysando as operações militares, discutindo os meios, já censurando os erros e expendendo sua opinião como lh'a suggeria a lealdade e o patriotismo. Nas suas correspondencias com os amigos occupava-se tambem do mesmo assumpto.

Assim, escrevendo-me acerca dos planos de guerra que foram apresentados, quando ministro, pelo visconde (hoje marquez) de S. Vicente e pelo general Caxias, dizia:

« Encontrei felizmente hoje a cópia d'esses tão apregoados planos. Não podia crel-os perdidos; pois que nunca perdi um papel importante.

« Quanto ao do Pimenta Bueno, servindo-me da propria cópia que elle apresentou no Senado, analysei-lhe a parte principal em meu discurso proferido na sessão de 1865.

« Nem elle, nem alguns dos seus amigos, nem pessoa alguma, respondeu-me.

« Quanto ao do Caxias, que ultimamente foi lembrado por João Candido, seu arauto em Buenos Ayres, se for provocado, hei de analysal-o.

«Esse não tem uma palavra sequer sobre o melhor lugar para a invasão do Paraguay; cifrava-se na organisação do exercito. Rejeitei-o, primo, porque o meio de haver gente era somente o recrutamento forçado; secundo, porque não havia a devida proporção entre as armas. Era emfim plano de quem mostrava desconhecer a importancia das armas scientificas (artilheria e engenheria) na arte da guerra!

« Eis o resumo d'esse aleijão.

Armas	Officiaes e praças
Artilheria	2:601
Engenheria	421
Artifices	150
Cavallaria	10:774
Infanteria	31:155
	45:101

« Em uma guerra em que tinhamos de attacar fortale-

zas, entre ellas a maior da America, 571 homens de armas scientificas e 150 artifices apenas!...

«Se no começo da guerra tivessemos um general, que não fosse Osorio, não teriamos ainda passado o Paraná (1868), quando depois com fôrças muito superiores ás suas, com uma esquadra encouraçada, ainda se não achou occasião de forçar Lopez a uma batalha, nem tolher uma só de suas evacuações, quando aliás encontrou Lopez com diminuto exercito.»

Em carta de 20 de dezembro: «O correspondente de Buenos Ayres, o cantor do general Caxias, diz em dacta de 16, na segunda columna do *Jornal do Commercio* de hoje «—Do exercito de Lopez e na direcção da serra que dizem ter elle tomado, póde quasi garantir-se que não irão acima de 4:000 homens de todas as armas.

«Não penso que o resultado dos attaques de 6 e 11 sejam eguaes aos da tomada do Estabelecimiento.»

—«O Paraguayo, coronel Martinez, diz o correspondente, prisioneiro na peninsula de Humaitá, dizia ainda hontem que calculava em 130:000 homens os que o Paraguay tinha perdido no começo da guerra, sendo uma terceira parte víctimas do cholera e da variola. Será extranho que custasse ao Brasil, aniquilar esse grande poder militar, que pelas condições do terreno em que se defendia, póde considerar-se gigantesco?

«E nada obstante Osorio, á frente de um exercito de paisanos, e ajudado de uma esquadra de madeira, e quando Lopez estava em sua pujança, passou o Passo da Patria, afugentou-o d'alli, e bateu-o a 2 e 24 de maio.

«Essa fôrça (de 4:000) destroçada, etc. sem artilheria, sem cheffes, com escassas munições, incapaz de resistir a uma só divisão brasileira, é tudo que resta do exercito paraguayo que começou a guerra com 70:000 soldados, e foi renovando-se incessantemente e em proporção das perdas que soffria.

«Este — em proporção das perdas que soffria — é uma grande peta.

«Os factos de 6 e 11 provam o que penso desde a marcha do flanco e tomada do Iatahy, — que Lopez já então não tinha gente para uma resistencia efficaz aos alliados.

«Veremos, se esses 4:000 desmoralisados, sem artilheria, sem cheffes, com munições escassas ainda mangam com o primeiro general da America do Sul.

«Depois do reconhecimento de 2 de novembro feito pelo Osorio, diz o cantor de Caxias em Buenos Ayres:—

«—Todavia o general em cheffe manifestou-se menos contente com os dados adquiridos, pois sobre elles podia basear-se com precisão o plano do attaque, que estava até então vagamente traçado (!).»

Terminadas as sessões legislativas, não dava folga ao espirito, e reassumia logo o exercicio da vara commercial, occupando-se com admiravel cuidado do exame apurado dos processos, e decidindo-os com aquella justiça que tanto o caracterisava.

Estava n'esta honrosa tarefa, esperando que lhe chegasse a sua vez de occupar um lugar na relação, quando circumstancias imperiosas e imprevistas o obrigaram

a abandonar a carreira da magistratura. Não possuia o conselheiro Furtado bens de fortuna. Para manter sua numerosa familia, era-lhe forçoso fazer rigorosa economia, e todas as vezes que lhe sobrevinham despezas extraordinarias, taes como a da doença e funeral de sua primeira esposa, a do seu segundo matrimonio e a do transporte de toda a familia para a côrte, em que teve de despender quantias avultadas, pediu-as a uma casa commercial da nossa provincia, cujos cheffes eram seus contra-parentes e amigos mui dedicados, desde a sua mais tenra edade. Depois do fallecimento do principal socio d'essa casa, declarou-se ella, em 1869, fallida em razão de especulações mal concebidas.

Sabendo o conselheiro Furtado d'esta fatal occurrencia, escreveu immediatamente aos administradores da massa fallida, assegurando-lhes que tractava com todo o empenho de solver seu debito no mais curto praso que lhe fosse dado fazel-o, e desde logo lançou as vistas para a profissão de advogado tão lucrativa na côrte.

Pediu e obteve em março de 1870 sua aposentadoria com as honras de dezembargador da relação do Rio de Janeiro, e assentou banca de advogado, associando-se ao sr. conselheiro Tito Franco d'Almeida. Foi este o unico e verdadeiro movel de similhante resolução. Podia ter contrahido um emprestimo, o que na praça do Rio de Janeiro ou na do Pará, ou mesmo na do Maranhão, ser-lhe-hia facil, mas entendia que como juiz commercial não lhe ficava isso bem, e assim repelliu uma tal idea. Podia recorrer a sua segunda esposa, que possuia bens de for-

tuna; mas levava a delicadeza ao extremo de nem ao menos indagar quanto ella possuia ou de querer que concorresse com os gastos de casa, no Maranhão, dado que não houvesse communhão de bens, e vivesse elle a maior parte do tempo no Rio de Janeiro. Assim procedia para que ninguem ousasse suspeitar, nem ao de leve, que havia contrahido segundas nupcias com outro pensamento que não fosse o de dar ás filhas quem as zelasse e cuidasse de sua educação.

Tão diversas e fortes contensões moraes muito contribuiram para que a saude se lhe derrancasse rapidamente, concorrendo não pouco para isso as insomnias, que o perseguiam desde muitos annos, o excesso de trabalho e estudo durante essas vigilias. As pessoas, que conviviam com o conselheiro Furtado, notavam que seu corpo descahia progressivamente, enfraquecido por tantas causas deprimentes e pelas maguas que lhe escruciavam fundamente o coração.

Aquelle homem que se mostrava prazenteiro e ás vezes zombeteador na intimidade e reuniões das familias de seus amigos particulares, apresentava-se agora n'ellas silencioso e taciturno; e aquella fronte proeminente e polida, onde vinham reflectir-se as concepções de sua vigorosa intelligencia, tinha já prematuras rugas do mortal desgôsto que lhe envenenava a existencia, não que o conselheiro Furtado se deixasse vencer por elle, antes procurava esquecel-o no admiravel afinco com que trabalhava, no senado e no fôro, onde deixou ainda no último periodo da sua carreira luminoso vestigio de sua brilhante passagem.

Quando discutia-se no senado, em 1869, o projecto da camara dos deputados estabelecendo recurso á coroa nas condemnações *ex informata consciencia,* levantou-se o conselheiro Furtado para appoial-o. O homem liberal era de parecer que se acabasse com esse arbitrio de que dispunham os bispos, e seu discurso é um modêlo de eloquencia substancial e de sciencia canonica. Foram novos laureis que veiu ajuntar á sua coroa de parlamentar.

São no fôro da côrte seus libellos considerados monumentos de sciencia juridica, que dão a medida de seus profundos conhecimentos e intelligente estudo da legislação do nosso paiz.

Convidado em abril de 1870 para patrono pelos tres dezembargadores que tinham sido suspensos e responsabilisados pelo govêrno, obteve o conselheiro Furtado n'essa deffeza o mais completo triumpho e exito tão feliz quanto é possivel ambicionar-se e de que ainda se recordam com satisfação os que tiveram a dita de ouvil-o. Conseguiu pela fôrça da dialetica e de seu saber a absolvição d'esses magistrados. O tribunal, regorgitando de espectadores que foram convidados pela importancia e novidade da causa e anciavam apreciar o conselheiro Furtado por esse lado de seu talento, estrugiu com os applausos que acolheram o illustre advogado ao terminar a sessão. Sahiram todos da sala das audiencias, transportados pela abundancia e solidez dos argumentos, e pela exposição clara, logica e concisa da materia, dando tambem a conhecer que elle comprehendia as cousas com a rapidez e a vastidão de vistas de homem d'estado, e as examinava e

ameudava-com a paciencia do erudito. Foi esse o florão de sua coroa de orador e o seu canto do cysne. Accommettido violentamente de uma *angina pectoris*, provocada pelo excesso de tão demorada e vigorosa discussão e pelo resfriamento ao sahir do tribunal, cahiu de cama. Foram baldados os esforços da medicina, que não poupou meios para salvar tão nobre e utilissima vida.

Seus amigos, que nunca mais abandonaram a cabeceira de seu leito de dor, conceberam por vezes esperanças que cedo se desvaneceram; porque a rebeldia e gravidade da enfermidade de tudo zombou, e ao meio dia de 23 de junho de 1870 já havia sido riscado do número dos vivos!

Chegava a consternação a todos quantos sabiam d'este funesto successo, e ao ter-se d'ella conhecimento no Senado, foi suspensa a sessão em testemunho de dó, pronunciando por essa occasião o ex.^{mo} sr. visconde (hoje marquez) de Abaeté, seu presidente, um discurso apologetico acerca do illustre finado e do qual transcrevo estes trechos: «Senhores! mais um dos membros d'esta augusta camara, que pela nobreza de seu character, e pelos seus talentos, tanto a honrava, acaba de pagar á morte o tributo fatal.

«Na dor que me opprime e que a minha voz mal se prestaria a exprimir, repetirei as palavras com que esta infausta notícia foi-me communicada pelo sr. conselheiro Tito Franco de Almeida em carta que dirigiu-me no dia 23 do corrente mez.

—Hoje ás duas horas e meia da tarde, perdemos o

nosso amigo conselheiro Furtado víctima de uma broncho-pneumonia. Rodeado de orphans, só um amigo podia dar-lhe esta triste notícia. —

«Foi presidente de várias provincias, e administrou-as com zêlo, sabedoria e justiça.

«Foi deputado em diversas legislaturas, e mais de uma vez mereceu a honra de ser eleito presidente da camara temporaria a que pertencia.

«Foi nomeado senador por carta imperial de 30 de junho de 1864.

«Foi ministro da justiça por duas vezes, a primeira no gabinete de 24 de maio de 1862, e a segunda no de 31 de agosto de 1864, em que áquelle cargo reuniu o de presidente do conselho.

«Foi n'este segundo ministerio que o nosso illustre collega, cuja perda lamentâmos, mostrou tudo quanto póde esperar-se de um espirito illustrado e previdente, firme e energico na occasião do perigo, e fortalecido sempre por uma fé viva nas instituições do estado, e no patriotismo de seus concidadãos. Surprehendido pela guerra desleal, com que nos accommetteu o ex-dictador do Paraguay, o nosso illustre collega teve a glória de referendar, como presidente do conselho, esse memoravel decreto de 7 de janeiro de 1865, que a despeito da incredulidade de muitos, fez como por encanto brotar da terra com admiração e regosijo de todos, essas bravas legiões de voluntarios da patria, que a par da fôrça de primeira linha e da guarda nacional, elevaram á maior altura a honra de nossas armas, e desaffrontaram a da nação ultrajada pelo

tyranno d'aquella republica, por meio de uma victória completa e estrondosa.

« Senhores, serviço é este tão assignalado e a que o Brasil tem-se mostrado tão reconhecido, que não ha nem expressões para encarecel-o, nem mercês para bem galardoal-o.

« Senhores, um cidadão tão illustre já não existe.

« Ficaram-nos d'elle os filhos, para serem dignos herdeiros do seu nome, a saudade para choral-o, os exemplos para imital-o, e a memória dos serviços para perpetual-o na história.

« Considero-me mais uma vez orgam fiel dos sentimentos d'esta augusta camara, declarando que a notícia que acabo de communicar-vos é recebida pelo senado com o mais profundo pezar.»

O senador Leitão da Cunha requereu verbalmente que não houvesse n'aquelle dia sessão, como prova do sentimento que acabrunhava seus membros com a notícia que acabavam de ouvir.

Consultado o senado, foi approvado o requerimento.

Fechou-se para o illustre finado a campa, deixando honrosissimo legado aos filhos em um nome puro e respeitado, na bençam de seus concidadãos e na pobreza! Foi juiz, administrador de provincia, presidente do conselho de ministros em uma quadra em que outros se poderiam ter locupletado, e suas mãos impollutas nunca tocaram senão no que lhe advinha de seus honorarios. Nem por isso ficaram seus oito [1] filhos na miseria, que os amigos

[1] São todos do primeiro matrimonio e seus nomes: D. Mathilde,

e o govêrno accudiram em auxilio d'elles. O Grande Oriente Brasileiro resolveu prestar-lhes uma mensalidade de 120$000 réis, como homenagem a essa estrella que desapparecêra de seu firmamento maçonico; e o govêrno imperial decretou uma pensão de 1:200$000 réis annuaes repartidamente pelas filhas do prestante cidadão. O sr. dr. Fabio Alexandrino de Carvalho Reis, o amigo constante e verdadeiro desde os bancos da academia, e cujo mútuo affecto não houve circumstancia na vida que o entibiasse, lembrou-se de uma subscripção entre os amigos e sinceros admiradores do conselheiro Furtado. O resultado de ideia tão applaudida e feliz foi coroado de completo resultado. Eis como o correspondente do Rio de Janeiro para o *Jornal do Commercio* de Lisboa (n.º 5:318 de 21 de julho de 1871) dá conta d'ella: — «A subscripção para as seis filhas do conselheiro Furtado, promovida n'esta côrte e nas provincias do imperio pelo dr. Fabio A. de Carvalho Reis, auxiliado pelos conselheiros Christiano Ottoni, Tito Franco de Almeida, Octaviano de Almeida Rosa e Marianno Procopio Ferreira Lage e outros, montou a 46:837$000 réis, que o sr. Deocleciano Bruce,

D. Francisca (casada hoje com o dr. Franklin Mendes Vianna), D. Herminia, D. Marianna, D. Henriqueta, D. Zulmira, dr. Alarico) José Furtado (ex-adido da legação brasileira de S. Petersburgo e o sr. Godofredo José Furtado (no quinto anno medico). Deixou mais duas filhas naturaes que teve quando cursava a academia de Olinda—D. Rosa e D. Carlota—que desde pequenas foram para a casa da mãe do conselheiro Furtado e serviam-lhe de companheiras inseparaveis, dedicadas e zelosas, consolo de seus cançados e amargurados dias, e na sua cegueira guias fieis e devotissimas.

corretor da praça, converteu em cincoenta e uma apolices da divida pública no valor nominal de 50:400$000 réis, sem levar estipendio algum por seu trabalho.»

Não foi a pobreza e a honradez o unico legado que deixou o conselheiro Furtado; pois consta-me que se encontrou entre seus papeis um caderno, onde sua vida íntima, n'estes ultimos annos, é relatada com a expansão de quem falla a seus filhos com o coração aberto ás grandes virtudes que possuia e practicava. A elles só pertence devassar esse sacrario que é segrêdo para todos nós. Tambem deixou umlivro, especie de *Diario,* onde resumia desde 1865 as impressões de suas leituras, e transcrevia alguns trechos de obras de direito público e constitucional, ou lançava reflexões consoantes a suas idéas, breves juizos sobre factos politicos de dentro e de fóra do imperio, sobre alguns homens e sobre a guerra, e suas visitas ao paço imperial, etc. N'esses ligeiros e imperfeitos apontamentos descobre-se que o preoccupava seriamente o futuro do partido, pois vêem-se ahi notadas as reuniões do centro liberal, os nomes dos membros a ellas presentes e ausentes, e o que ahi se passava.

Transcrevo mui poucas d'essas notas fugidias e só para dar os ultimos toques á physionomia do nosso grande estadista, que não teve infelizmente tempo para desenvolver todos os seus recursos, mostrar os thesouros de seu saber, e produzir todos os fructos que em outras circumstancias e mais perduravel govêrno podia d'elle colher o Brasil.

Tractando de demonstrar a instabilidade do dominio li-

beral traz as dactas dos diversos gabinetes e os nomes dos que os compozeram e ajuncta:

« Que poderão fazer gabinetes transitorios e sujeitos a várias crises mais ou menos transitorias?

« Fez-se no entanto (refere-se ao dominio de 2 de fevereiro de 1844 a 28 de setembro de 1848) a lei de eleições de agosto de 1846, e tentaram-se as várias reformas da lei de 3 de dezembro sem que as conseguissem levar ao cabo.

« O primeiro d'esses gabinetes teve oito mudanças de nomes em diversas crises, inclusivè o do proprio organisador. O segundo durou um anno e dias, e modificou-se cinco vezes! O terceiro, menos de dez mezes, e soffreu depois de organisado nove mudanças, passando pela pasta do imperio cinco ministros. O quarto não chegou a tres mezes e teve duas mudanças. O quinto quatro mezes menos dois dias.

« Nada menos que cincoenta e tres ministros no célebre primeiro quinquennio!

« No segundo dominio de 1864 a 1868 houve quatro gabinetes em que succederam-se quarenta ministros. O primeiro e segundo duraram oito mezes, e no terceiro e quarto conseguiram desorganisar os liberaes.»

Eis como se expressa sobre o abandono das urnas pelos liberaes, em 1868. « Observei a alguns amigos na reunião que houve em casa do dr. Dias da Cruz, que o abandono era expediente que só na impotencia de luctar ou em imminente e gravissimo perigo podia ser rasoavel.

« O partido que abandona as urnas, ou se condemna

a um longo ostracismo ou pelo menos indirectamente se prepara para uma revolução.

« Que magnifica situação estragaram a ambição e a deslealdade de alguns conservadores, que se ligaram aos liberaes em 1862! E os infelizes liberaes carregaram com os erros e desatinos de que foram em grande parte victimas desde 12 de maio de 1865 até 12 de julho de 1868!

« O último d'esses gabinetes de tal modo desmantelou e desorganisou esse grande partido, que a união, que surgiu na camara temporaria a 18 de julho, não foi bastante para que podessemos luctar com vantagem n'estas eleições.

« Os conservadores podiam vencel-as sem o luxo das arbitrariedades a que se soccorreram. »

Seu espirito liberal e patriotico mostrava-se afflicto com a situação politica e a tendencia hostil que se manifestava por toda a parte, e então presagiava elle inevitavel uma borrasca, e assim o diz: « A revolução triumphante trará a divisão do nosso imperio, e a anarchia será sua consequencia: vencida, teremos grandes desgraças, e mais cedo ou mais tarde reviverá, e a monarchia, se não se pozer á frente das tendencias modernas, fazendo-lhes concessões rasoaveis, não lhe poderá resistir e succumbirá.

« As ideias republicanas, que eram apenas compartilhadas por mui poucos homens e alguns mancebos enthusiastas, que não formavam partido, vão ganhando terreno. Tudo me induz a crer que brevemente, se a mesma

corrente de ideias continuar, o partido republicano se organisará.

«Temo mesmo que a duração dos conservadores no poder, e não será perciso muito tempo, impedirá que o partido liberal, chamado ao poder, possa conter uma grande parte d'elle.

«Custa comprehender a cegueira do imperador, aliás espirito atilado e culto, character frio, circumspecto e inimigo de medidas violentas e aventurosas!

«A monarchia vae-se, dizia Chateaubriand, cujas advertencias nunca foram ouvidas.

«Resoam-me tristes e com frequencia estas palavras!»

(1868, outubro 11, oito horas e meia da noite.)

Para elle a responsabilidade da coroa «é uma necessidade no systema constitucional».

«A declaração em 1628 de Carlos I de Inglaterra, que não tinha que responder por seus actos senão a Deus, marcou os primeiros degraus pelos quaes lord Strafford e finalmente o proprio rei subiram ao cadafalso.

Referindo-se em outro lugar aos que entre nós se chamam *homens habeis e finos*, escreveu: «Dá-se de ordinario esta classificação aos que enganam e trahem os outros, acceitando e representando todos os papeis que aproveitam a seu interêsse individual».

Não deixarei por fim em olvido um testemunho da muita modestia que characterisava o conselheiro Furtado. «Esta tarde mandou-me o meu amigo Fabio a traducção da minha biographia que vem na *Historia geral dos ho-*

mens vivos e mortos do seculo XIX, tom. III, impressa em Genebra — 1860-1868 [1].

«Está em geral exacta. Achei, porém, muito exaggerada a expressão *rara intelligencia* com que obsequiou-me o author.

«A minha biographia pelo conselheiro Tito Franco d'Almeida é mais completa; postoque peque tambem do mesmo mal, desculpavel no author pela muita amizade que me consagra.»

Como já disse, era n'estes ultimos tempos habitual n'elle a tristeza que lhe vinha ensombrar os pensamentos ainda no meio das festas de familia. N'estas negras e melancholicas linhas resume elle seu estado «*Agosto 3 — 6 horas da manhã — meu anniversario.*

«Completei hoje 50 annos de edade. O que tenho feito?...

«Acordei ás 4 horas e 20 minutos da madrugada, ouvindo proximo musica militar, foguetes e vivas. Não pude distinguir a quem estes eram dados.

«Não tenho tempo para resumir, perpassando as phases da minha vida, que ha muito corre triste e melancholica, sendo um trabalho continuo de todas as horas a minha distracção e divertimento!

«*Uma hora da noute*. Reuniram-se aqui as familias de Fabio e do Tito, minha cunhada D. Ignez Teixeira Mendes e a familia. Retiraram-se depois da meia noute. Nossos filhos dançaram muito.

[1] Acha-se transcripta na nota F in fine.

«O festejo do meu anniversario, a que não havia annuido, não me alegrou. Lembranças de minha primeira mulher e de minha mãe assaltaram-me de continuo o espirito.»

Eis-ahi como as saudades do passado pungiam vivazes o coração de quem nem os doces e innocentes passatempos de familia podiam por momentos distrahir d'ellas!

É que os presagios da morte davam-lhe já d'esses remotos avisos que muitas vezes salteam os homens sem que possam comprehender e explicar-se as mudanças que soffrem no organismo e no espirito.

Recebi d'elle uma photographia, mezes antes do seu fallecimento: o descarnado do corpo, as palpebras inferiores mais tumefactas que de costume, o acabrunhamento e a tristeza pintados no seu rosto, e os sulcos mui pronunciados na fronte denotavam que aquella robusta natureza estava prestes a tombar no eterno abysmo que abriu-se mui cêdo para tragar esse prestante e respeitavel patriota! Sua morte foi geralmente pranteada, e o prestito que acompanhou o feretro, concorridissimo, silencioso e triste, como que o opprimia uma grande dôr, uma desgraça nacional, e para mais honrar esse sahimento, fez-se representar em uma das arças do caixão o vencedor do Paraguay, o consorte da nossa princeza imperial.

A posteridade começou para elle n'esse mesmo dia. No jornalismo de todos os matizes politicos, pela bocca eloquente do presidente do Senado, pela confissão expon-

tanea dos proprios adversarios politicos[1]. O sr. dr. Candido Mendes de Almeida, que depois veiu occupar a cadeira que o conselheiro Furtado deixou vaga no Senado, seu inimigo pessoal e irreconciliavel desde que ambos, sahidos dos bancos da academia, encontraram-se em Caxias, em campos adversos por suas ideas e principios, foi o proprio a propor na camara temporaria o encerramento da sessão de 24 de julho (1870) antes de começarem os trabalhos, em signal de dó pelo passamento de tão egregio cidadão, expressando-se nos seguintes breves e sinceros termos:

O sr. Candido Mendes (pela ordem): «Sr. presidente, deu-se hontem á sepultura o corpo de um cidadão distincto que occupou n'esta casa o cargo de seu presidente, e que durante sua vida prestou ao paiz relevantes serviços quer como magistrado, quer como presidente de provincia, e principalmente como ministro da corôa e presidente do conselho: refiro-me ao conselheiro Francisco José Furtado, senador por minha provincia. *(Apoiados).*

«A exemplo do que se tem praticado em outrás occasiões eu requeiro qne se consigne na acta de hoje o profundo pezar que esta augusta camara sente por tão lamentavel accontecimento *(apoiados),* e que ao mesmo tempo, como testemunho do mesmo pezar, se levante a sessão. *(Apoiados).*

«Eu como antigo collega do illustre finado, desde as primeiras lettras até os estudos superiores, e sobretudo

[1] Vide no Apendice a nota — G.

como deputado pela provincia do Maranhão, que elle tão dignamente representava *(apoiados),* e interpretando com fidelidade os sentimentos de meus honrados collegas da deputação, tanto presentes como ausentes...

«*Os srs. Gomes de Castro e Jansen do Paço:*—Apoiado.»

«*O sr. Candido Mendes:*—... assim como os sentimentos da provincia inteira, entendi dever fazer o presente requerimento cuja approvação sollicito da camara. *(Apoiados.)*

«*Os srs. Salles e Costa Rodrigues.*—Muito bem.»

«A moção foi approvada unanimemente.»

Realisou-se assim para com o conselheiro Furtado a sentença de Tacito:—Suum cuique decus posteritas rependit.

NOTAS

O BRIGADEIRO

FELICIANO ANTONIO FALCÃO

Nota A

... um pomposo funeral—pag. 29

Por occasião de serem depositados na egreja de San'João Baptista os restos mortaes do distincto maranhense, o general Feliciano Antonio Falcão, vindos de Pernambuco, onde elle fallecêra, foi recitada a seguinte nénia:

Ao ill.mo sr. tenente José Antonio Falcão, seu prezado irmão, em testemunho de amizade e sympathia,

O. D. C.

.....Quæ te tam læta tulerunt
Sæcula? qui tanti talem genuêre parentes?
.....
.....
Semper honos, nomenque tuum, laudesque manebunt

Vmo. *Æneid.* L. 1.º

O que vedes ahi, concurso illustre?
O que vedes? São restos—, são despojos
De um valente guerreiro,
Cuja vida ceifou, na flor dos annos,
A inexoravel morte!
São, sim, de um general—mirrados ossos,
Que na terra natal vem ter repousó!

Falcão egregio, maranhense honrado,
Modêlo de virtudes,
Das armas abraçando a vida illustre,
Soube illustrar seu nome!
Cheio de vida, n'alma lhe fervia
O ardor marcial tão nobre e augusto!
Dizei, soldados, vós que militastes
Com o guerreiro intrepido,
Que exemplos vos deu elle?
Não foram sempre de valor, de honra?
Não era para vós um pae e amigo?
Inteiro, justo e probo
Não reprimia o vicio? e á virtude
Não tributava o merecido premio?

Quer na guerra, ou na paz, o heroe preclaro
Sempre deu cópia do seu genio illustre!
. . . . . .
Quando a mão fratricida, atroz, horrenda,
Nas plagas maranhenses,
A discordia ateou, e o solo inteiro
Cobriu de negro lucto,
Que assombro de valor! No posto nobre,
A facção debellando em prol da ordem,
Dos rebeldes, ou antes—assassinos—,
Nas balas sibilantes
Denodado encarava
O termo da existencia,
Sem que o frio terror jamais podesse
Entorpecer seu brio!

Á espada do guerreiro
Em parte coube do triumpho a glória
Dous lustros nem sequer foram passados;
Na Veneza d'America,
Nesse do imperio ramo florescente,
A hydra da anarchia
Ergue audaz a cerviz,—negra—, hedionda;
Exige o Throno, que o guerreiro illustre
Corra da glória a partilhar os louros.
Sempre prompto e fiel ouve o reclamo,
Não hesita em partir; e Pernambuco
Em breve o tem sacrificando a vida
Só pelo bem da patria!
Dizei, Pernambucanos,
Que louros lhe tocaram da victória?
Com vosso testemunho
Ahi'stão do Monarcha as recompensas!

Decepada a tormenta bellicosa
Nesse bello torrão do grande Imperio,
Eis soa a guerra do Brazil nas raias
Contra Rosas o despota—,
Esse vizinho turbulento e altivo!
Elle zombava do valor dos bravos;
Mas em breve dos bravos conhecêra
A inclyta coragem!
Alçando destemidos
O pavilhão da patria

Do estado oriental no proprio solo;
Em vergonhosa fuga
Pozeram logo espavorido o monstro!
Quão distincto se fez n'este combate
O maranhense illustre?
Que feitos de valor? que acções briosas?
Nova glória adquire,—que o eleva
Dos generaes á classe!

E quando ainda cheio de esperanças
Da paz no doce gôso,
Cheio de vida quer prestar á patria
Os serviços, que a patria lhe exigia,
A morte á patria o rouba!!
Nem nos foi dado o triste testemunho
D'esta lugubre, lamentavel scena
Que a Pernambuco destinava a sorte.
Perdeste, ó patria, um bravo,
Que com denodo sustentava o throno:
Irmãos, perdestes um irmão tão caro:
Vós, amigos, emfim, um nobre amigo.

Falcão já não existe!... Só seus restos
Nos são hoje legados,
Seus restos, cujo aspecto nos comprime
O coração de magoa,
E pranto amargo nos revoca aos olhos!
Embora! Deus o quiz; porém seu nome
Nos maranhenses peitos jaz escripto,
E aos vindouros, irão seus altos feitos!
Se a vida resistir não póde á morte,
Tambem esta apagar não póde nunca
Acções heroicas, que apregoa a fama
Que são dadivas feitas pelo tempo
Ás gerações futuras.
Recebe ó campa as cinzas
Do eximio general. E Deus em glória
Tenha sua alma na mansão dos justos.

Maranhão, 16 de agosto de 1855.

AUGUSTO CEZAR DOS REIS RAIOL.

Á SENTIDISSIMA MORTE DO BRIGADEIRO FALCÃO[1]

Ah! vibrem, vibrem as tremulas
Cordas do meu alahude,
Quaes na torre os dobres funebres,
Que o sino plangente e rude
De triste vibrando está!

Ah! vôem meus ais harmonicos
Nas azas da fresca brisa,
Meus versos corram quaes lágrimas
Dos olhos que o chôro pisa,
De noiva que viuva é já!

Maranhão, berço de genios,
Formosa filha dos mares,
Ah! troca por vestes lugubres
As galas de teus folgares,
Ah! não folgues nunca mais!

Ah! chora que o varão integro
Dos teus filhos o mais forte,
Que as balas provocou rubidas,
Na guerra vencendo a morte,
Venceu-o a morte na paz...

Falcão... destino malevolo
Persegue os filhos de Marte!
Cede á morte em leito inglorio,
Tendo-o á vista em toda a parte,
De Arbellas o vencedor:

[1] Na pagina 38 das *Tres Lyras*, encontra-se uma poesia de Trajano Galvão de Carvalho

Cae Pompeu em plagas barbaras
Ás mãos de vis assassinos:
De Marengo o heroe, que indomito
Tangia da morte os hymnos,
Morreu!... aos poucos... de dôr!!!

Falcão!... se, vencendo os seculos
Seus nomes enchem o mundo,
Foi a scena mais esplendida,
Não foi genio mais profundo,
Não foi peito mais viril...

Quem na lide mais intrepido,
Queun mais sisudo no plano,
Quem no vencer foi mais rapido,
Na victória mais humano,
Que tu, genio do Brazil?

Foi tua espada um prodigio
No referver da batalha,
A morte poisava rabida
No gume, que o sangue orvalha,
Dos que vão morder o chão:

Imbravecido no prelio,
Similhava onça faminta,
Que se rodeia de victimas;
E de sangue toda tincta
Ferve-lhe inda o coração.

E pende inerte o teu gladio
Dês que o punho não lhe aperta
A mão, que o regia valida
Nos estos da guerra incerta,
Onde o teu genio primou.

Ah! d'esses teus olhos d'aguia,
Onde a victória luzia,
O lume brilhante e vivido
Que o sol vencer contendia,
Para sempre se apagou!...

A voz que troava rispida,
Como o clangor das trombetas,
Nos casos de guerra varios
Movendo mil bayonetas,
Para sempre... emmudeceu!...

Esse peito—incêrro nitido
De mil inquebraveis brios—
Das virtudes tabernaculo,
De impulsos de feitos pios,
Jámais não pulsa... morreu!!

TRAJANO GALVÃO DE CARVALHO.

(Trez lyras—pag. 38 a 40)

O CONSELHEIRO

JOÃO DUARTE LISBOA SERRA

Nota B

... escreveram seus collegas e amigos no seu album — pag. 180

Do folheto *Tributo de saudade,* á memória de sua suspirada irman D. Leonor Francisca Lisboa Serra, impresso no Maranhão, na typographia Monarchica Constitucional de F. de S. N. Cascaes (anno de 1842) transcrevo estas peças:

UMA PAGINA DO MEU ALBUM

Morta, ha tres annos!... a companheira fiel da minha infancia! Tres annos da sua eternidade sem ver correr um lágrima dos olhos do seu irmão predilecto, d'aquelle com quem desde o berço traçava ditosos planos de uma vida de encantos, d'aquelle que entre todos elegêra para guarda e companhia, se por ventura o céo lhe negasse um esposo digno das suas virtudes!

E morreu longe de mim!... e balbuciou talvez o meu nome entre as agonias da morte!... e me estendeu seus braços moribundos!... mas (oh! dor!) o oceano estava entre nós!!...

A extrema agonia lhe foi por certo mais cruel, porque deixava na terra uma saudade por mitigar...— porque debalde se afadiga-

va por ver a seu lado aquelle que devia cerrar suas palpebras e mandar ao seu coração palavras de paz e de religião!...

Mimosa Leonor! Irmã idolatrada!... E quem poderia prever que o abraço fraternal da nossa despedida seria o último sobre a terra?!...—seria o abraço do tumulo?!... ah! que a tudo renunciára por acolher no meu seio o teu último suspiro!... Mas tão joven!... quando tudo parecia sorrir-te!... quando cada hora que decorria te via ornada de novas graças, de novas virtudes!... aos treze annos da existencia, como me poderia ennevoar o pensamento uma só idéa luctuosa?!...

No meu exilio mitigava as saudades, seguindo passo a passo o teu desenvolvimento.—Passou-se um anno—tem quatorze annos, dizia comigo mesmo, e na minha imaginação estavas fielmente retratada aos teus quatorze annos de idade... Completaste tres lustros, volveram-se mais tres annos, e lá estavas desenhada na minha phantasia com ademans senhoris, com um coração pejado de virtudes, com uma alma nobre, e um parecer candido, puro, encantador... Poucos dias deviam decorrer antes de te apertar de novo contra o meu peito—de recomeçar as scenas da nossa innocencia... E com que áncia não aguardava eu esse momento!!... mas ai! tu já pertencias á Eternidade e te compadecias talvez do meu engano!... nem esta illusão te poderia ser agradavel; porque mesmo no seio da bemaventurança as minhas lágrimas seriam doces para ti, derramarião suavidade no teu ser angelical... e ellas ainda não tinhão humedecido as minhas palpebras!! tres annos tens por ellas esperado... recebe-as, pois, anjo meu idolatrado; que me estalára o coração se pertendesse reprimil-as... e do seio maternal, onde por certo te acolhes, lança ainda uma vista compassiva sobre o teu companheiro da infancia.

Desgraçado! mil vezes desgraçado o que se attreveu no verdor dos annos, a arrancar-se despiedoso dos braços da sua familia idolatrada e longe d'ella viu nascer e sumirem-se muitos sóes!—Desgraçado!—porque jámais deixará de sentir um grande vazio no coração,—porque jámais estará a sua alma sem uma dor pungente, sem o espinho de uma saudade, sem a áncia de um desejo inexequivel!!

Joven incauto,—ao desabrochar da vida,—com o peito apinha-

do de sentimentos que tendem a exhalar-se, elle emprega os seus affectos... e o doce nome de amigo já lhe roçou pelos labios e pelos ouvidos... e já no seu coração existe um sentimento profundo, que o prende e encanta, como a melodia dos anjos, como o aroma do incenso queimado nos altares,— vestigio que deixam n'um coração bem formado os beneficios e obsequios = a gratidão.=

É esta a idade das impressões,—a idade em que se adquirem amigos para toda a vida... e o malfadado a viu passar longe da patria!... e o oceano que o separa hoje da sua familia se entreporá amanhã entre elle e os amigos de toda a sua vida!!...

Voltou ao seu paiz natal;—como um raio voa, e já franqueia o limiar da casa paterna. São de fogo as suas primeiras sensações... mas ai! que mudanças não vai alli encontrar!!...

Entre os muitos braços, que lhe cingem o collo, procura ancioso um, que por ventura o devêra apertar com muito fervor... não o encontra... e pallidez mortal se estampa em suas feições... ia escapar-lhe um nome com a inflexão de uma pergunta, porém a voz se lhe embarga... Corre, como que maquinalmente, a um aposento outr'ora cheio d'encantos, onde se deslisaram os dias da sua infancia em suave correspondencia de pensamentos e vontades... lá só encontra solidão!... apenas um éco repetindo as suas vozes, lhe responde «Leonor!... minha cara irmã!... porque não vens abraçar-me?!...

E o segundo instante é de dor, e de afflicção... e as palavras de alegria, que sahião de todos os labios, e o riso, que adejava em todos os semblantes estão agora trocados em profundo silencio só interrompido por soluços do fundo d'alma!

E já não se atreve a voltar aos braços d'onde fugíra, e constrangido, e receioso evita até aquella familiar conversação tão doce outr'ora, e hoje encarecida por tão longa ausencia!... Evita-a, sim, porque receia novos golpes, e em cada palavra parece-lhe ouvir o annuncio de nova desgraça!!...

.....

E se, depois que resignado bem-disse a providencia, do centro dos parentes que lhe restam, estende a vista em tôrno de si... uma idea lhe gela o coração... a quem dará elle o doce nome de amigo?... É estrangeiro na terra que o viu nascer!

.....

Abre então o livro da sua existencia. Sorri aos primeiros dias da sua infancia, mas encontra tintas de negro as páginas que mais douradas se lhe afiguravam nos sonhos da phantasia!...

Só lhe resta um pensamento — vago, indefinito, frouxo e desmaiado como os ultimos raios do sol... é o pensamento do futuro.

Coimbra, junho de 1841.

J. D. Lisboa Serra.

CARTA

A ill.ma e ex.ma sr.a D. Maria Cecilia Aillaud Vieira, sublime modêlo de todas as virtudes christãs, em uma carta me mandou ao coração estas memorandas reflexões):

.....

Que sou eu, que sei eu, que posso eu prestar consolações?! O que sou na verdade, é bem experiente em quasi toda a sorte de amarguras da vida! (Digo *quasi* todas, pois que de algumas fui isenta, como, por exemplo, ter um máu filho!) O que sei, é que só e unicamente na religião tenho achado balsamo para todas as minhas feridas, e o que posso, para prestar consolação ás pessoas a quem estimo, e que soffrem similhantes golpes, é indicar-lhes o remedio unico que tenho achado para os meus, sendo aliás, tão profundos, e de tal natureza que, sem ella, seriam de morte! Sim, de morte! Eu não teria acreditado que fosse possivel viver eu n'este mundo sem meu filho!... E ha sete annos que vivo sem elle! Porque o que é impossivel aos homens é possivel a Deus; e é elle que me tem confortado. Não é buscando os tão usados como ridiculos recursos da *distracção* e do *esquecimento*. Esses rejeito eu, e abomino, e acho que elles são a deshonra da natureza humana: buscar a distracção e o esquecimento d'aquelles que tanto nos amaram!!! Seja esse o recurso dos ingratos. A minha maior consolação é embeber-me na sua memoria, que me é reproduzida por todos os objectos que lhe pertenceram, e de que muito de proposito me tenho rodeado, e aqui mesmo n'este logar em que estou escrevendo, e que foi o da morada de meu caro filho, estou cercada de taes objectos que parece que aspiro e respiro estas memorias. Mas tambem é certo que sem contra-veneno, esta continua respiração

podia dar a morte. Ora eis-ahi o poder da religião com que os tenho combinado. Seria longo, e talvez impertinente, o descrever-lhe o modo por que o meu coração imaginou esta combinação; mas v. ex.ª, poderá, querendo, entrar n'este gabinete, e ver com os seus olhos quaes são os meios de que me tenho servido para achar consolação tendo perdido no mundo tudo o que mais amava (e mais quanto mais, de que a mim mesma!!!...)

S. C., 15 de junho de 1841.

FRAGMENTO[1]

.....

Amor da patria! filial piedade,
Que n'almas bem nascidas tanto póde!
Ternura fraternal! e tudo a um tempo
Do amante coração tocando a fibra,
Saudosas harmonias n'elle excita...
E que prazer depois de ausencia dura
Como ao peito de um pae prezado e caro,
Unir o peito que por elle arqueja!
E sentir coar n'alma brandamente
Um balsamo suave, um doce nectar,
Que de ausencia o veneno ardente acalma,
E adoça de saudade o fel amargo!
Oh! um balsamo! um nectar! entornados
Por carinhosas mãos onde se acordam
Os almos dias da fagueira infancia...
Pelas mãos d'uma irmã!... Porém que susto
'Stremecer fez meu peito? E a minha lyra
Porque os sons desafina, e abaixa e geme?
Que morno orvalho as cordas lhe humedece?
Ah! são lágrimas tuas, caro Jonio!
Eu já t'as comprehendo, ellas são justas!...
Estro imprudente do imprudente amigo

[1] O meu verdadeiro, leal e mui saudoso amigo Antonio Joaquim Ribeiro Gomes de Abreu, escrevendo no meu album os sublimes versos da sua despedida, bem claro mostra a parte que tomou na minha pena.

J. D. L. S.

Tentou levar tua alma como em sonhos
Com ella penetrar no Eden vedado,
Do mais virtuoso amor no santuario!
Mimoso Seraphim ali se via;
Sorria-lhe nos labios a innocencia
E aureola d'estrellas o coroava;
No peito um coração vivificavam
De Jonio meio sangue, e meia vida...
Tu correste ancioso... abriste os braços...!
Mas tocaram teus labios em cypreste!!
Mas teu peito bateu em pedra dura
De mudo e frio tumulo!!...
.....
Teu amargo penar minha alma punge!
Do teu peito os affectos encontrados
O meu qual fogo electrico repassam!...
.....

Coimbra, junho de 1841.

ANTONIO JOAQUIM RIBEIRO GOMES DE ABREU.

(Seguia-se aqui a poesia de Gonçalves Dias.—Á morte prematura de D. Leonor F. L. S.—que João Duarte fazia preceder de algumas linhas encarecendo os merecimentos do poeta ainda então desconhecido. Achando-se ella nos *Primeiros Cantos* escusado é reproduzil-a.)

NO ALBUM
DE JOÃO DUARTE LISBOA SERRA[1]

Na hora das trevas, na mansão das dores
Chora o triste mortal que andrajos cercam;
É grande a sua dor, seu mal é forte!...
« Embora seja;
« É maior o desgosto que me opprime:

[1] Extracto d'elle apenas as peças principaes e escriptas em Coimbra.

« Esse chora da sorte a desfortuna,
« Chora a falta de meios com que possa,
« Sem mendigar o pão, suster seus dias;
« Eu só lamento
« A ausencia d'um amigo que m'é caro.
« Adeus meu Serra... o dizer suffocam-me
« Suspiros que do peito são vencidos...
« Apenas offertar-te um ai saudoso
« Póde o amigo teu

Porto, 7 de novembro 1840.

ANTONIO AUGUSTO NUNES LIMA.

Bem quizera offertar-te, em grato mimo,
Gentil capella de assucena e rozas;
De sonoro alaude ao meigo accento
Alegres hymnos entoar fágueiro,
— E o purpureo clarão roubando á aurora
Pintar com traços de oiro imagem bella.

Mas ai! nas minhas mãos a linda rosa
Muda-se em ramo de cypreste escuro,
O alaude gentil em som de morte,
Na côr das trevas o pincel doirado.

O amor foi para mim como um relampago:
Os mimos, que me deu, roubou-m'os logo;
O copo do prazer, toquei-o apenas;
O fel da ausencia envenenou-me os labios;
Desbotou-me a saudade á flor da vida.

No mundo, exul, triste e solitario,
A harpa entoei das campas. — Meus gemidos
Manso á noite corriam. — Minhas lágrimas
Alimpava-as ao musgo das ruinas;

—Meu estro era a saudade; —e o pranto amargo
Apagando o sorrir na face imberbe;
Inda no berço já contava os tumulos,
Hoje o berço passou; —e a voz das lousas,
Ficou-me impressa n'alma. —Em vão a amiga
A harmoniosa lyra da amisade
Flor tão viçosa, desbotou comsigo,
—Que mal ao peito a uni, deixou-me o espinho
De ausencia triste. —Inda um adeus, —de luto
Uma página mais no livro negro
Da existencia do Bardo, —e n'ella o voto
Verdadeiro e leal de estima eterna.

Coimbra, 8 de janeiro de 1841.

José Freire de Serpa Pimentel.

Thesouro inexgotavel de delicias é o sentimento puro da amisade: sem elle o homem vê-se no seio da sociedade tão solitario como em um deserto, e o coração sente um vazio vasio na existencia, que nada póde preencher. Só uma amisade sincera e extremosa póde collocar o homem sobranceiro á sorte e aos destinos: debalde o infortunio fitará em nós seu carrancudo aspecto, e a desgraça, carregando com mão de bronze sobre nosso peito anciado, debalde o tentará esmagar, porque a amisade com a dextra compassiva nos ajudará a supportar o péso dos males, enxugar-nos-ha o pranto, e adoçará nossas máguas... Se a fortuna porém alguma vez nos hospedar com o sorriso sobre os labios, a amisade nos fará então sentir na felicidade dobrado encanto, pois que não póde nossa alma saborear mais que metade da ventura, o C. não encontra outro, a quem communicar seus gozos e seus impulsos... Taes ideas nos esvoaçaram pela mente, quando a nossa vista, cahindo por acaso sobre este album, nos recordou o lisongeiro convite de um fiel amigo, a que depositassemos uma do nosso affecto no seu livro predilecto, onde cada lembrança representa um amigo, e cada página escripta, uma página da vida, dourada com o pincel da

amisade. Oh! Recordação eterna e maviosissima! Tu me trazes a convicção de que assim como em seu «album» escrevo esta affectuosa lembrança, tambem no seu C. terá a amisade escripto o meu nome em caracteres indeleveis. Oh! quantas delicias não entorna em meu peito tão doce convicção?! Amisade! Deusa benefica! Deixa-me queimar incenso em teus altares; tu vertes no C. do homem uma porção do maná dos anjos, tu nos dás uma amostra dos gozos celestiaes... Delicias de alma, quão breves passais!... A idea suavissima da amisade succedeu a da ausencia, e a da saudade que me punge no mais intimo do peito. Ha pouco me atrevia a arrostar com a sorte, porque a amisade, companheira fiel do meu C. com seu impenetravel escudo me aparava os golpes da desventura; porém se o amigo se ausenta o C. indefezo será ferido pela desgraça, e a egide protectora da amisade se mudará em agudo punhal de saudade, para me abrir no peito novas feridas e acabar de dilacerar-me o C. angustiado... Embora: se o Oceano tempestuoso das paixões, que perturba a vida dos humanos não valeu a desunir nossos corações, ligados em estreito laço pela amisade e sympathia, tambem o oceano das aguas, interpondo-se no meio de nós não valerá a embaraçar que os ais sentidos, que a dor arrancar do peito, achem echo no C. sensivel do amigo leal; e esta certeza adoçará nossos pezares. Sim, o som de nossos ais vencerá as distancias; e os votos que formarmos pela felicidade um do outro, irão ajuntar-se no throno do Eterno, obterão talvez uma vista de olhos compassiva sôbre o profundo pelago de nossas amarguras.

Coimbra, 11 de janeiro de 1841.

BERNANDO DE SERPA PIMENTEL.

Nota C

... pae extremoso e amantissimo — pag. 194

Achando-se a poesia—*Ao correr das lágrimas*—na pag. 141 do *Parnaso Maranhense* (1861), dispenso-me de a reproduzir aqui, substituindo-a pelo seguinte artigo:

regeu elle os destinos d'esta provincia, porque uma inesperada mudança no govêrno trouxe, como consequencia, a de todos os seus delegados; mas esses trinta dias foram bastantes para elle desenvolver uma administração justiceira e sábia, que annunciava á Bahia um futuro esperançoso; esses trinta dias foram bastantes para elle rodear-se de sympathias, de amigos, de admiradores; e quando se retirou, ficava o seu nome escripto com caracteres indeleveis no coração do povo bahiano.

Tratava-se de crear o banco nacional: o membro do gabinete, encarregado da sua organisacão, descobriu no conselheiro Lisboa Serra uma intelligencia capaz de o ajudar em tarefa tão ardua; e, depois de constituido, não quiz entregar a sua infancia a outra tutella senão á d'aquelle mesmo, sobre quem havia pesado em grande parte, o trabalho da sua instituição: coube portanto ao conselheiro Lisboa Serra a presidencia do banco nacional.

Deixou então, cercado do respeito e da affeição dos seus subordinados, de ser thesoureiro do thesouro nacional, cujo exercicio havia reassumido, desde que voltára da Bahia; e seus bons serviços, prestados n'essa repartição, foram remunerados com o titulo de conselho.

Elle não gosava sómente da estima e consideração do govêrno, mas tambem das sympathias e do amor do povo, em testemunho do que os suffragios dos maranhenses o levárão por duas vezes a camara quatrienal, como seu representante.

Para um homem de 36 annos, e que tinha apenas 12 de residencia na côrte, é muito!

Vão quebrar-se os elos da cadeia dourada, que prendia o passado fecundo e puro do homem virtuoso a um porvir ainda mais puro e mais fecundo: uma nuvem negra passou sobre a face do astro, que ha pouco se erguêra no oriente e já diffundia uma luz tão vigorosa, tão sua: a morte pousou á raiz da arvore cheia de seiva e de vida. que em poucos annos havia crescido, florido e frutificado mil vezes.

Morreu o conselheiro Lisboa Serra no vigor da idade, entre os sorrisos de uma fortuna lisonjeira! e póde nos ultimos instantes d'esta vida transitoria volver sem pejo os olhos para a corrida senda: (rara satisfação!) o seu passado não tinha uma nodoa, o seu coração um remorso sequer para azedar-lhe o inevitavel calice, a que está sujeita a humanidade inteira. Assim morre o justo!

N'elle o homem particular e o público disputavam o amor e as bençãos dos seus concidadãos e da patria.

Extremoso para com os seus parentes, sincero e constante para com os seus amigos, lhano, affavel, officioso e accessivel a todos, elle sabia insinuar-se nos corações dos que o communicavam e acabava por dominal-os.

Não por van ostentação, nem para lisongear o seu amor proprio, elle ambicionava fazer bem aos seus similhantes; mas sim pelo santo desejo de buscar a verdadeira felicidade dos que o cercavam: os seus olhos não estavam ermos de pranto, emquanto outros chorassem; os seus labios não se sorriam, emquanto outros gemessem, o seu coração sensivel não se alegrava, emquanto outros se debatessem com os horrores do pezar. Não é preciso irmos longe para encontrarmos vestigios bem recentes e vivos da sua mão piedosa: o Maranhão, onde vivemos, que nos vê e nos conhece a todos, póde por si só dar um testemunho eloquente da sua caridade. Quantas familias elle não levantou da indigencia, quantos orphãos não amparou, quantas viuvas não soccorreu, a quantos pobres com mão desconhecida não ministrou o pão quotidiano?

Dispondo na côrte de grande e justa preponderancia, conquistada pelos seus reconhecidos merecimentos, não foi para si que d'ella se valeu, mas para o infeliz, para o desfavorecido, que nunca invocaram debalde a sua protecção. Elle era incansavel, multiplicava-se para beneficiar.

As suas cinzas tem direito a um eterno reconhecimento, e sôbre ninguem esse direito pésa com mais rigor do que sobre o Maranhão, onde são innumeras as pessoas, que lhe devem finezas grandes, favores de alta monta.

Eis o homem particular.

Quer o considerem como funccionario público, quer como homem meramente politico, não encontram na vida do conselheiro Lisboa Serra senão motivos para o admirar.

As mudanças successivas de empregos de uma certa ordem para outros de uma ordem superior provam exuberantemente que elle crescia de dia em dia na confiança do govêrno, confiança esta, que tocou ao apogeu com a sua nomeação para a presidencia do banco nacional.

Como homem politico as ideas sans e humanitarias, que elle pro-

fessava e sempre buscou realisar, bastam para pôr em relevo os sentimentos patrioticos do seu coração generoso. Estranho á sordida e mentida politica de personalidades e egoismos — apanagio das mediocridades — elle bebia os principios d'esta sciencia na philosophia e no evangelho: para elle o fim da politica era o bem estar moral e material da sociedade por meio da ordem, da liberdade e da igualdade. Detestava essa liberdade phrenetica e delirante, que substitue o govêrno pela anarchia, a moralidade pela depravação, a religião pela impiedade, a virtude pelo crime: abominava a igualdade absoluta, esse dogma absurdo e subversivo, que, pretendendo reorganisar a sociedade, a desorganisa e aniquila: queria uma liberdade justa e limitada, uma igualdade rasoavel e compativel com a indole e conservação da sociedade.

Esta era a sua convicção politica intima, profunda, convicção que resalta em todos os seus escriptos, em todos os seus discursos: era o escopo, a que sempre se dirigiu firme e resoluto, sem embargo de ver a seu lado estes ou aquelles homens, porque elle reconhecia que em politica *as ideas são tudo, e os homens pouco.*

Passando das theorias aos factos, não se encontra em toda a vida do conselheiro Lisboa Serra um só, que venha desmentir o seu pensamento: o homem, que raciocinava, era o homem que obrava. Jámais, durante o tempo, em que elle foi representante da nação, se suscitou uma idea tendente ao progresso moral e material do seu paiz, que não fosse defendida pela sua eloquente voz, pela sua vigorosa logica. Os seus discursos são monumentos eternos d'esta verdade.

O Brazil era sua patria, elle o amava; porém o Maranhão era o seu berço, elle o adorava, por isso, no afanoso propugnar pela felicidade commum, sempre esta porção do solo brazileiro lhe mereceu mais desvelos, maior dedicação.

Eis o homem público.

Esta existencia curta, mas preciosa e rica, sobre cujas phases principaes hei passado uma vista rapida, desvaneceu-se ao sopro gelador da morte!... É doloroso ver-se um passado tão bello, um presente tão brilhante e um futuro tão risonho sumirem-se n'um instante, como o fumo, que se desfaz nos ares! Morreu um cidadão benemerito, um pai extremoso, um amigo fiel, um esposo dedicado.

O corpo voltou á sua origem, o nome ficou impresso nas páginas

eternas do coração, e a alma candida voou asinha a repousar no seio do Senhor.

A humanidade perdeu um thesouro, o Brazil um ornamento e o Maranhão uma glória...

O que resta?

Chorar sobre a campa do justo.....

.....

Sirvam estas linhas pobres, mas nascidas do coração e escriptas por um homem, que não sabe lisongear e que nunca recebeu favores do ex.mo conselheiro João Duarte Lisboa Serra, de lenitivo ás dores e saudades dos seus parentes e amigos, especialmente o tenente coronel Joaquim Serapião da Serra, a quem tocou o dever triste de cerrar-lhe os olhos.

Maranhão, 10 de maio de 1855.

R. A. Valle de Carvalho.

TRAJANO GALVÃO DE CARVALHO

Nota D

... algumas (poesias) ineditas que possuo — pag. 210 e 216

A ARVORE AMERICANA

Nos cerros viçosos da America extensa
Uma arvore gigante brotou e cresceu:
Arreiga na terra profundas raizes,
Seu tope ás alturas aspira do ceu!..

No tronco, nos ramos a seiva lhe ferve,
Qual sangue nas veias do joven tupi;
Innoxia da vida acenava ás procellas
Dizendo orgulhosa, arrancai-me d'aqui!

Mil aves nos ramos mil cantos teciam
Co'a brisa palreira que as vinha embalar.
Os dardos do sol despontava acintosa,
Mil tribus á sombra se vinham sentar.

Crescia... crescia — Mas lá do occidente
Esquadra feliz que a tormenta esgarrou
Os olhos acaso volvendo depara
Co'a pobre; e surrindo á raiz lhe poisou.

Guerreiros que de aço seus membros vestiam,
Que trazem nas mãos temerosos trovões,
As aves perseguem nos ramos mais altos
Acossam as tribus por invios certões.

Quiz Deus que os guerreiros os gladios trocassem
Por curvas enchadas de inglorio suor,
Que o peito do bravo pulsasse colono
Não auzos de glória, mas do ouro o fervor.

E a planta crescia — referve-lhe a seiva,
Qual sangue nas veias do joven tupi;
E diz o colono — «teus fructos e sombra
Não são mais das tribus — são só para mi».

Co'os membros dispersos das profugas tribus
Pizados, infectos lhe esterca a raiz,
De muros a cinge ferrenhos avaros
Que a furtem aos olhos de estranho paiz.

No tronco lhe inxerta borbulha africana
E o clima em veneno o inxerto volveu;
E o tronco definha, rachytico pende,
Qual indio que a serpe raivosa mordeu.

E os filhos nascidos á sombra das ramas
Erguêram-se um dia — o colono fugiu:
Regado com sangue de peitos briosos
O morbido tronco de novo floriu.

No tronco nos ramos referve-lhe a seiva,
Qual sangue nas veias do joven tupi:
Innoxia da vida surri ás procellas,
Dizendo orgulhosa «arrancai-me d'aqui».

Mas (ai!) que esses filhos, que amal-a deveram,
Cercando-a piedosos de amor filial,
Por causa dos fructos famelicos travam
Sacrilega lucta incessante... inda mal!..

Em vez de a regar com suor de seu rosto
Regaram-na impios de injusto suor,
E o peito do bravo já pulsa colono
Não auzos de glória, mas do ouro o fervor.

E todos almejam sentar-se no tope
E improvidos chamam as iras do ceu:
E o tronco definha, rachytico pende
Qual indio que a serpe raivosa mordeu!...

Olinda—1852.

O NATAL

N'este tempo, em minha terra,
No meu patrio Meary,
Reverdece a erguida serra,
Folga a matta, o prado ri.
De novas flores se arreia
O pau-d'arco que alanceia
Vaidoso as nuvens do ceu:
E o ledo canto, que a briza
Nos silvedos improvisa,
Diz que Christo hoje nasceu!..

Já o sol a luz declina
Por detraz da matta agora,
Já suspira a sururina
Canta em côro a siricora:
Já desce a sombra do monte,
Já nas orlas do horisonte
Pallida estrella reluz:
E ao collo da noite escura
Branda a tarde se pendura
Fulgindo com dubia luz.

Eis que o crepusculo desata
Seu raro manto nos ceus,
Punge a saudade, e da matta
Erguem-se hosannas a Deus!
Do rio na borda falsa
Na tecida e densa balsa
Geme a terna pequapá:
E aos carmes que a briza tece
Juncta o canto que intristece
Magoado o sabiá.

É a saudade um composto
De encontradas sensações
Do crepusc'lo traz no rosto
Buriladas as feições.
Que o crepusculo e a saudade
Têem ambos a mesma idade
Nasceram de um só nascer;
Ata aquelle o dia á noite
A saudade um mesmo açoite
Faz da dor e do prazer.

Tudo lá respira festa
Singelez, ledice, amor,
A captiva já se apresta,
Afina a chamma o tambor:
Eis se fecha a vasta roda,
Já começa, á patria moda,
Tosco e barbaro folgar:
Tambor sôa, a onça ruge
D'além os echos estruge
Do negro o rude cantar.

Co'o tambor a mente aturdem,
Esquecem que escravos são,
Que saudades ali surdem
Do tambor ao coração!..
Folgam miseros! nos ferros
No seu rispido desterro
Co'o folgar do seu paiz!..
Nem sentem no lêdo peito
Tropellado o seu direito
A pesar-lhe na cerviz!..

Assim festejam cativos
O que os ferros nos quebrou,
O que trilhando os altivos,
O home ao homem nivelou!..
E que haja quem protervo
Rasgue injusto com vil nervo

As carnes a seu irmão,
Que a liberdade lhe mate,
Que lhe a vida desbarate,
E que se chame christão!!..

Nasceu Christo hoje na palha,
E morreu morte de cruz,
Para que além da mortalha
Nos lumiasse outra luz;
Tragou insultos, affrontas
Çacaladas, ferreas pontas
Deixou no peito imbeber,
Abrevou-se de vinagre
Pode fazer um milagre
Porém quiz antes soffrer...

E divagam, redea solta,
Os crimes á luz do sol,
Toda a terra anda revôlta;
Areada, sem pharol...
Conculca o impio sem susto
A nobre fronte do justo,
Suffoca-lhe a grande voz:
Já parece que o remorso,
Que dos vicios anda a corso,
Corrompeu-se como vós!!!

Agora, agora nascido
E já pregado na cruz!..
Oh! meu Deus de ira vestido
Cospe-nos raios a flux...
Tu, que mil mundos fizeste,
Desmantela, arraza este,
Evoca um mundo melhor,
Varre, extingue a raça humana
E este mundo que se damna,
Como fizeste a Gomhor!..

Olinda, 25 de dezembro de 1852.

N'UM ALBUM

A vida é ladeira cançada, enfadosa,
Que hemos gravados co'a cruz de vingar;
É agua barrenta de fonte lodosa,
Que os duros cuidados não deixam sentar.

Espelho impanado co'o bafo da morte,
Que incertas venturas nos pinta infiel;
Estrella que a nuvem correndo do norte,
Aos olhos esconde do pobre baixel.

É flor melindrosa, que pouco se inviça,
Nas orlas da campa ferrando a raiz,
E perde o perfume, d'espinhos se arriça,
E pende na terra o já murcho matiz.

E, pois, com o peso da cruz não verguemos
Na senda difficil do asp'ro alcantil;
As aguas da vida ao Senhor presentemos
Bem claras, coadas, em limpo gomil.

O espelho retrate sem manchas noss'alma
Tão pura, tão bella, qual Deus no-la deu
Que a nuvem desfaz-se, a procella se acalma,
E brilha serena a estrella no ceu.

E, pois, que é forçoso que a rosa descaia
Do mundo nas lides, nos seus furacões,
Releva que ao menos crestada não caia
Do halito impuro de torpes paixões!

Olinda — Agosto, 1852.

DECEPÇÃO

Eu dizia — ai nescio que era —
E eu dizia no meu coração:
Esta vida vivida na terra
É de risos fagueira estação,
É um trémulo ceu de folgares,
É um sonho contínuo de amores,
É perfume de roseo botão!..

Como estrellas na lucida coppa
Luc¡tremem da noite co'a voz,
Como batte na rapida pôpa
Uma vaga, outra, e outra, outra apoz,
O prazer ao prazer se incadeia
A ventura, á ventura ladeia
E se enlaçam em rigidos nós!..

E eu me disse: fruamos a vida,
Esse sonho sonhemos de amor,
E na haste que aos ventos trepida
Da ventura colhamos a flor.
E ainda tenro com lubricos passos
Enredei-me do mundo nos laços
Como a pomba nas unhas do açor.

Cada vaga que ao longe luzia
Coroada de spuma, entre mim
«O prazer ali vem» eu dizia
Ah! gosemos, gosemo-lo em fim!
E eu nadava com nova affoiteza,
Mas vaga que á vaga reveza
Era sal, era travo ruim!..

Oh! prazer, oh! dulcissimo ingano
Do remorso antegosto falaz,
Da sereia és o canto inhumano

Que deleita, que naufragos faz;
És sorrisos em labios traidores
És caminho juncado de flores
Onde a serpe se occulta sagaz.

E qual aguia que as azas colhendo
Sobre a preza de subito rue
E as venturas que vai-se tecendo
N'alma, rasga, dispersa, destrue,
Desengano cruel d'este geito
Impias garras ferrou-me no peito,
E os meus sonhos? ai nescio que eu fui!...

Meary — 1851.

Á MORTE DE J. PINTO LISBOA

Quando da matta no silencio augusto
O tronco annoso, que no chão, baqueia,
Dá um gemido prolongado, immenso,
Lugubre, surdo.

A matta treme, mas o som se extingue
Por entre os ramos; porque o velho tronco
Nasceu, floriu, fructificou donoso
Cumpriu seu munus.

Mas quando a flor que vicejou nas selvas
Sem nome, agreste, mas singela e pura
Se nos depara — inda botão — cahida
Pallida, murcha:

Quando os perfumes que o botão guardava
Dentro do seio — como em coffre d'oiro —
Ahi se gelam, como o estro ao bardo
Morto em agraço:

Quando o botão, cujo destino fôra
Pompear nos prados, refulgir nas aras,
E ornar da virge'as perfumadas tranças,
Murcha na lama,

A quem de dôr se lhe não parte a alma?
Que coração se não afoga em lágrimas?
Que labios ferreos ficarão fechados,
Ermos de prantos?

Sim, como a flor cortado o nosso amigo
Eil-o sem vida juncto á campa fria!...
Mais um instante... e a campa vae cerrar-se
Ah! para sempre.

Morrer tão joven... sem poder ao menos
Ouvir no extremo arranco a santa benção,
A santa benção de seus paes, que o alente
No duro passo!...

A sua mãe... Alli n'esses altares
Vêde a mãe que tambem perdeu seu filho...
Ouvi as vozes que do peito arranca
Com dor immensa:

«Vinde, oh! vós todos, que passaes acaso,
«Vós, indiff'rentes, vinde, vinde todos,
«Contemplae-me, e dizei, se ha dor na terra
«Como esta dor!...»

NO ALBUM DE B. SAMPAIO

Sorrisos e prantos e raios e sombras
E goivos e rosas e a brisa a fugir...
Imagens da vida, saudades pungentes,
Crepusc'los incertos do incerto porvir...

De prantos e raios fez Deus uma c'rôa,
De risos e sombras o mundo outra fez:
E a c'rôa do mundo cingiu-a Lucullo;
De raios a c'rôa quem cinge?—Moysés.

Oh! bardo, se a vida que vives na terra,
Juncada de goivos em prantos correu,
Do bardo nas fontes os goivos são louros,
E os prantos da terra são risos no céu.

Á MORTE DE UMA MENINA

«Rosa, rosa de amor purpurea e bella
«Quem entre os geivos te esfolhou da campa.

E toda era viços e seiva, e perfumes
E era os amores da terra e do ceu...
Nascêra inda ha pouco da aurora co'os lumes
E o sol inda brilha... e já murcha pendeu!...

Saudosa murmura nos valles a brisa,
E a noite lachryma os despojos da flor,
E a lua serena no espaço desliza
Saudades radiando e o seu baço fulgor.

Porque tantas galas e a vida despiste
Tão cedo, a florinha do humano rosal?
Quem póde esfolhar-te do galho, em que abriste
Teu seio de aromas—thesouro do valle?

Porque, ó folhinhas purpureas mimosas
Nas azas dos ventos inconstantes fugis?
E a rosa quem deu que entre todas as rosas
Nas orlas da campa lançasse a raiz?

Ai! triste!... não póde valer-te a belleza
Da côr de setim, nem o garbo gentil,
Nem todos os mimos, nem toda pureza,
Que guardas no seio, nem graças a mil!...

E toda era viços, e seiva e perfumes,
E era os amores da terra e do ceu...
Nascêra inda ha pouco da aurora co'os lumes
E sol inda brilha... e já murcha pendeu!...

Não era da terra a florinha singela
Que a teara não póde ter flores assim...
Na eterna mansão reflorece mais bella
Nas tranças doiradas de algum Cherubim.

Olinda — Janeiro — 1853.

OLINDA

I

Olinda, oh! quanto és bella adormecida
Na encosta da montanha á beira-mar!
As ondas sonorosas que marulham,
As brisas que sussurram no palmar,
E a lua que te argenta a face linda,
Parece que murmuram: dorme, Olinda!

II

Á sombra das florestas
Marim—a bella indigena—
Vivia sempre em festas
Selvagens, mas louçans:
Alegre, e não cuidosa
No seu futuro rispido,
Quebrava o corpo airosa
No guáu entre as cunhans.

De caitutus e pacas
Mui farta a traz o indio:
Pulsando os seus marácas
Bemfadam-na pagés:
Não teme a força imiga
Das tribus feras, barbaras;
Pertence á tribu antiga
Dos bravos cahetés.

Na marge os pés descança
Do Biberibe humillimo,
Que volve a onda mansa
No meio de um paul:
E diz, trepando á crista
Do monte: é meu dominio
Tudo o que alcança a vista
Do norte até ao sul!...

Mas—ai! que da fortuna
A roda é muito vária...
O vento a vella infuna
Ás naus do Portuguez!...
Travada a crua guerra
A tribu morre... indómita,
Domina o luso a terra,
Mas não aos Cabetés!

A sorte ao luso apoia...
Marim—em leito adultero—
Perdeu o da arasoya
Tecido croatá...
No dorço do alto monte,
Em vez da mãe indigena,
Folgou a filha insonte,
Olinda—a marabá.

III

Olinda oh! quanto és bella adormecida
No meio do cocal que aos pés te nasce!
A fragata gentil, que alem veleja,
E o nauta que os cançados olhos pasce
Nos teus montes, e diz: oh! sê bem vinda—
Parece que murmuram: dorme, Olinda!

IV

Cubiçam-te invejosas
Audazes naus do Batavo,
E tomam-te orgulhosas
Das mãos do Hespanhol.
E os feros reis dos mares
No teu regaço lubrico,
Á sombra dos palmares,
Sorriem do ardor do sol.

E tu dos seus abraços,
No leito do adulterio,
Embalas em teus braços
O filho do Hollandez:
Do extranho o filho suga
Teu sangue e leite soffrego,
E a face tua arruga
Precoce decrepidez...

Eis surgem poucos bravos,
Tocando armas intrepidos!...
Grilhões que eram de escravos
Fundidos são... canhões!
Morrer... sim, determinam...
Vencer... fôra prodigio.
Pois vencem... que fulminam
Inteiros esquadrões!

Com balas e tacapes,
Espadas, flechas rapidas
Juncado o Guararapes
De Batavos ficou!...
E apoz os ledos cantos,
E os hymnos da victória,
No pó dos templos sanctos
Olinda se assentou...

V

Olinda, oh! quanto és bella adormecida,
Rainha da soidão, entre ruinas!...
O sino, que da tôrre mal segura,
Pausado manda aos ceus preces divinas,
E o orgam que no templo sôa ainda,
Parece, que murmuram: dorme, Olinda!...

VI

Ao clarão da lua pallida,
Alta noite entre as ruinas,
Em que a face poisas morbida,
E lentamente te finas,
Triste bardo, obscuro, pobre,
Sobre o pó que ora te cobre
Comtigo chorei teu mal.

Sentado ahi solitario
Ao som da lyra, e do pranto
Das nocturnas brizas humidas,
Nos labios floriu-me um canto,
Como o lyrio branco e pulchro
Que nasceu junto ao sepulchro
Do que dorme além... no valle.

Accorda, Olinda, levanta-te
D'entre os corruptos miasmas,
Ergue, agita os membros gelidos,
Eis a hora dos phantasmas!...
Não ouves do Sul ao Norte
Um som confuso... ora forte,
Qual tufão que açoita o mar,

Ora fraco, surdo, tenue,
Qual trovão que morre ao longe,
Ou como as preces do túmulo
Que psalmeia o pobre monge?
Pois... é o sangue que circula,
Seiva de vida que pula,
É o Brazil a respirar:

É o rodar da nova machina
Da nascente sociedade,
É da indústria e do commércio
A nobre rivalidade,

Que nos desbrava os desertos,
São dos genios os concertos,
É o pulsar dos corações.

É o incenso dos thuribulos
Que crepita nos altares,
É o tombar de grossas arvores
Nas florestas seculares
Que em mil naus converte a arte,
É o Brazil que toma parte
No banquete das Nações!

Eia, Olinda, á lutta fervida
Que na officina se trava!...
Do teu rosto as manchas lividas,
E os vergões que tens de escrava
Só o trabalho é que os apaga
Da fronte e pulsos, que alaga
Proficuo e nobre suor!...

Sus! com musculoso fremito
Sacode o pó que te impura,
Põe-te em pé, Olinda, affronta-te
Co'o porvir, nobre e segura,
Que o trabalho regenera,
Como ao prado a primavera,
Como o orvalho á linda flor!...

VII

Olinda, oh! quanto és bella adormecida
Na encosta da montanha á beira-mar!
Do opulento Recife o murmurinho,
Do Brazil o confuso vozear,
E o sol que vem doirar-te a face linda,
Tudo, tudo te brada: acorda, Olinda!

Maranhão—Maio—1855.

SOLÃO

JOVINO

(O senhor de escravos)

JOVINO

Ó Crioula, esses teus olhos
De luz tão meiga e lasciva,
São quaes pombinhos que trazem
De amores terna missiva.

CEZARINA

Ai pobre de mim coitada
Que sou negra e sou captiva

JOVINO

És captiva, mas dominas,
Tens da belleza o condão:
Eu sou branco, mas captivo
Hei no peito o coração.

CEZARINA

Vou cumprir minha tarefa,
Tres arrobas de algodão.

JOVINO

Alli na matta ao murmúrio
Do regato que deriva
'Num leito molle de relvas
De seres fôrra quem priva?

CEZARINA

Ai! triste de mim coitada
Que sou negra e sou captiva!

JOVINO

Hei de pôr-te de sapatos,
Luvas de seda na mão,
Se quizeres ouro e per'las
Não pedirás nada em vão.

CEZARINA

Vou cumprir minha tarefa,
Tres arrobas de algodão.

JOVINO

És escrava — serás livre,
Erguerás a frente altiva
Entre os que ora te desprezam,
Se me não fores esquiva!...

CEZARINA

Ai! triste de mim coitada
Que sou negra e sou captiva!

CANTO II

Já os caminhos se escurecem
Da matta co'a sombra espessa,
Vem as negras uma a uma
Com seus cofos na cabeça.
Qual cantando vem alegre,
Qual mais velha vem gemendo,
Qual, em tom sentido e grave,
Tristes cantos vem tecendo.
Ante o feitor se pesaram
Mil arrobas de algodão:
E ao duro lidar do dia
Succede o duro serão.

JOVINO

Ó Feitor, lá no terreiro
Forma toda a escravatura.

FEITOR

Olá! cheguem-se todos.
Aqui houve travessura...

JOVINO

Mande vir cordas e banco.
Seja o castigo exemplar...
Sae á frente, Cezarina,
Vae-te no banco assentar.
Faceira, esquiva e donzella...
Ninguem me peça por ella.

CEZARINA

Meu Senhor, por piedade,
Por amor do vosso pae!
Sou castigada sem culpa.
Meu Senhor, ah! perdoae!

JOVINO

Faceira, esquiva e donzella,
Ninguem me peça por ella.

CEZARINA

Eu dei conta da tarefa,
Nunca fiz mal a ninguem,
Sou humilde e sou creança,
Tanto odio donde vem?

JOVINO

Faceira, esquiva e donzella
Ninguem me peça por ella.

ANTONIO

Jorra o sangue, insopa a terra
Olhe... a pobre vae morrer...
Minha filha!... o que inda falta,
Meu Senhor, eu vou soffrer!

JOVINO

Faceira, esquiva e donzella...
Ninguem me peça por ella.

ANTONIO

Meu Senhor, eu nada valho,
Ah! sou negro... mas sou pae...
Por amor dos vossos filhos
Oh! meu Deus, ah! perdoae!

JOVINO

Faceira, esquiva e donzella...
Ninguem me peça por ella.

CANTO III

Apoz os cães que ladravam
Na floresta escura brava
Jovino, abrindo caminho
Co'o facão, lá se embrenhava!...

JOVINO

Hekó! meus cães bons de raça!
Heis de me dar muita caça!...

Parte dos cães á direita,
Parte á esquerda latiam;
A um lado pende Jovino,
A outro os negros corriam.

JOVINO

Hekô! meus cães bons de raça!
Heis de me dar muita caça!

E no meio da espessura
Do emaranhado cipó,
O Senhor de mil escravos
De repente se achou só.

JOVINO

Hekô! meus cães bons de raça!
Heis de me dar muita caça!

JOVINO

Quem vem lá, quebrando o matto,
Olá! quem é que está hi?

ANTONIO

Tu andas após das antas,
Mas eu ando após de ti!...

JOVINO

Antonio — o negro fugido...
Tu, infame calhambola!!
Nem mais um passo ou desfeixo
Sobre ti esta pistola!!
Busquei-te por toda a parte
Ora sim hei de amarrar-te.

ANTONIO

Amarrar-me?... isso é mais fino...
Bala tambem aqui ha.
Vós estaes a descoberto,
E eu atraz de um jatobá.
Branco só vós é que sois;
Mas homens somos nós dois.

JOVINO

Como? oh negro! pois attreves-te,
Ousas um branco attacar?!
Meus negros aqui não tardam,
Pensas tu que has de escapar?
Busquei-te por toda a parte
Ora, sim, hei de amarrar-te?

ANTONIO

Se um brado só levantardes
Morto vos deitarei já!
Vós estaes a descoberto,
E eu atraz de um jatobá...
Branco só vós é que sois;
Mas homens somos nós dois!...

Treme Jovino de colera,
Dos beiços sangue lhe corre.

JOVINO

Pois que o queres, insolente,
Infame, captivo morre!...
Busquei-te por toda a parte;
Mas agora hei de matar-te.
Raivoso desfecha o tiro,
Risadas o negro dá...

ANTONIO

Vós estaes a descoberto,
E eu atraz de um jatobá.
Branco só vós é que sois;
Mas homens somos nós dois!...

CANTO IV

Dão-se tiros no terreiro,
Tangido ronca o tambor,
Vinte negros battem matto
Em procura do Senhor:
A caçar elle sahiu,
Nunca mais ninguem o viu

E aos negros que veem do matto
Perguntam: qu'he do Senhor?
Respondem tristes, limpando
Da negra testa o suor:
A caçar elle sahiu
Nunca mais ninguem o viu!...

Meary—Fevereiro—1855.

THAJANO GALVÃO DE CARVALHO.

Alem do *Juizo critico* sobre as *Postillas grammaticaes* de F. Sotero dos Reis, transcripto nas notas á biographia do referido Sotero de páginas 319 a 325 do primeiro tomo do *Pantheon Maranhense*, conheço d'elle apenas um critica chistosa de uma sessão da assembléa provincial do Maranhão impressa no *Progresso* de 1860, e um folhetim do *Diario do Maranhão*, (1856) motejando d'um fogo de artificio por occasião da novena de Nossa Senhora dos Remedios.

BELLARMINO DE MATTOS

Nota E

... em carpir a sua sentida e eterna ausencia — pag. 263

Lê-se no primeiro artigo principal do *Paiz* n.º 26 de 3 de março de 1870.

Bellarmino de Mattos.—Cobrem-se de luto a imprensa e a arte typographica do Brazil, e choram a perda de um dos seus mais energicos, animosos e robustos obreiros, Bellarmino de Mattos.

Foi no dia 26 de fevereiro ás 10 horas da noute, á hora justamente em que elle costumava repousar das lides diarias, que começou o seu doloroso agonisar, suprema luta da vida com a morte, cujo fatal desfecho deu-se 5 horas depois, ás 2 da manhã de 27.

Accommettido violentamente por gravissimas molestias, não lhe valeram esforços da medicina, desvelos da familia que o idolatrava, dedicação extremosa de amigos que se lhe acercavam do leito. Tudo foi debalde. O mal no seu rapido e terrivel progredimento cada dia mais prostrava aquelle corpo de tão vigorosa formação, cada hora apresentava novos symptomas que augmentavam a consternação de seus parentes e amigos.

E assim em seis dias foi cortada existencia tão preciosa para as artes, tão util para sua familia.

Bellarmino de Mattos foi um grande artista.

Este nome de artista, que se baratea a esmo, elle mereceu com to-

dos os fulgores de sua pureza, e o conservou em todo a brilho até baixar á campa.

Prototypo do verdadeiro artista, artista pela cabeça, artista pelo coração, nunca tendo aviltado a arte por especulação, talvez se excedesse na dedicação com que a serviu.

Vegetava a arte typographica, como todas as outras, n'esta cidade, os seus productos eram a negação do progresso que por toda a parte este ramo da indústria ostentava. Nada promettia-lhe futuro melhor, até quando elle poz-se á frente da grande revolução que n'ella se operou. Foi elle quem lhe deu o forte impulso que a elevou á posição em que hoje se acha, tão adiantada como onde mais o estiver no paiz. Foram de suas mãos que primeiro saíram esses trabalhos da typographia maranhense que arrancaram um brado de admiração dos entendidos, esses livros que excediam a tudo que no mesmo genero se fazia nas typographias brazileiras, e que não receiavam a confrontação com os melhores impressos europeus.

Esta glória, que nunca se lhe negou em vida, ninguem lhe disputará depois de morto.

Mas quanto não lhe foi ella cara!

Tinha apenas 10 annos quando foi iniciado n'essa arte, de que depois havia de ser o mais brilhante ornamento, o mais esforçado propugnador.

Logo relevou-se no joven aprendiz o futuro mestre a quem estava reservado o primeiro lugar no templo: a assiduidade no trabalho, esforços para aperfeiçoar-se, e amor da classe foram qualidades que notavelmente se lhe manifestaram, e grangearam-lhe a amisade dos companheiros e a estima dos chefes.

Em poucos annos estas qualidades requintaram-se, e a officina, de que já era o director, tornou-se o centro dos melhores operarios. Todos queriam trabalhar n'ella, todos procuravam de preferencia sua casa, porque sabiam encontrar ali um companheiro de trabalho, um amigo dedicado, um mestre incansavel que lhes havia de transmittir os conhecimentos adquiridos pela mais perseverante prática dirigida por clarissima intelligencia, os segredos da arte que á fôrça de vontade havia só por si devassado.

E tambem era este o alvo de seus desejos. Dotado de felicissima penetração, não podia desconhecer que para a grande refórma da arte, em que constantemente meditava, era preciso reformar os ar-

tistas — fazer dos que então havia, ignorantes e imperfeitos, um corpo de operarios morigerados, trabalhadores e conhecedores da arte.

Custasse-lhe isto a tranquillidade do espirito, soffresse privações, arcasse com sacrificios, affrontasse mesmo ameaças e perseguições, tudo arrostaria para a transformação da classe esquecida e desprestigiada em uma classe respeitada e que honrasse a provincia.

Não nos sobra o tempo para acompanharmo-lo nas lutas que sustentou para realisar este nobilissimo intento, nem somos para isso o mais competente. Aquelle que n'esta grande obra foi-lhe principal conselheiro e auxiliar não deixará de traçar o quadro d'esse lidar em que o illustre artista, sem solicitar nem receber o minimo auxilio do govêrno, fez prodigios de dedicação e perseverança. Elle que sentia quasi como proprias as emoções d'aquelle espirito superior, ora contemplando, arrebatado da mais santa alegria quando via transposto algum passo difficil, ora sereno combatendo com indiscriptivel tenacidade os entraves que se lhe oppunham; elle, que lhe prestou a sua intelligencia, o seu nome e seu credito para empenha-lo na grande empreza, não deixará de tributar a homenagem que os verdadeiros filhos da imprensa não podem recusar áquelle a quem esta e as lettras mais devem na nossa provincia.

O illustre escriptor a quem nos referimos, todos o sabem, é o sr. dr. Antonio Henriques Leal.....

.....

O seu nome não podia ser esquecido n'este logar. Foi elle quem, tambem artista pelo brilhante talento, descobrindo em B. de Mattos os raros dotes necessarios para a regeneração da arte typographica, estendeu-lhe mão protectora e o habilitou para a grande reforma por tanto tempo meditada.

Desde então a mais intima e fraternal amisade ligou o protector e o protegido, o artista e o escriptor.

Firme n'este apoio, a que veiu unir-se o de um outro amigo não menos dedicado, enthusiasta intelligente do homem trabalhador, o nosso collaborador o sr. Joaquim Coelho Fragoso, B. de Mattos não teve mais hesitações, e como Colombo, sem contar os perigos, confiando em si, metteu hombros á ardua empreza.

Não lhe surprehenderam os dissabores que o assaltaram, pois elle sabia qual a sorte reservada aos iniciadores das grandes idéas.

Lutou muito, mas venceu.

Em breve conseguiu ver-se, formado por si mesmo, um editor notavel pela perfeição das obras, escolha de livros cuja publicação de motu proprio emprehendia, pela animação que dava ás letras.

Em breve a declaração em qualquer impresso, livro, jornal ou mera folha avulsa, que vinha de sua casa era uma garantia de nitidez, elegancia e correcção.

O seu nome, cercado da mais brilhante aureola, tornou-se conhecido dos melhores cultores da arte.

Esplendida compensação, digna de quem tanto havia trabalhado.

Satisfeito por ter conseguido formar um nucleo de optimos operarios, certo de que haveria quem o substituisse e que a arte typographica não mais desceria, amadurecia-lhe na mente, como a última demão á obra concluida, a idéa da creação de uma sociedade que fosse o amparo do artista que a molestia privasse do trabalho e a protectora dos que a intolerancia perseguisse. E assim o sempre louvavel sentimento de caridade e factos não mui remotos, que pelos proprios soffrimentos conhecia, erão o duplo incentivo para esta instituição.

Foi n'este interim que um presidente levantou mão ousada contra a imprensa. Então elle e outros que tinham o mesmo pensamento uniram-se e foi creada a associação typographica, a cuja benigna sombra muitos operarios feridos pelo infortunio se tem acolhido, bemdizendo os seus fundadores.

E quando havia adquirido esta invejavel posição artistica, quando a arte, que tudo lhe devia, ainda muito esperava d'elle, em plena fôrça da virilidade, sem haver, sequer, transposto os 40 annos, faltou-lhe o lume da vida.

Deu-lhe o destino curta existencia, em troca da extensa glória que lhe coube em partilha.

Debruçada sobre o seu tumulo chora desolada a familia de quem foi o chefe carinhoso, o amparo, o conselheiro e o guia:

Choram os seus irmãos de arte, que n'elle sempre encontraram um bom companheiro e desvelado mestre:

Choram os seus amigos, que sabiam quanto era rico de sentimentos nobres aquelle generosissimo coração, cujos impulsos muitas vezes o levaram aos mais penosos sacrificios.

Envôlta em crepe vem a imprensa depositar em sua campa uma

corôa de saudades, demonstração tão singela quanto é profunda a sua gratidão.

Homenagem á memoria de Bellarmino de Mattos.—Discurso recitado ao baixar o corpo á sepultura, pelo orador da associação typographica, o sr. João da Matta Mendes:

Senhores.—Com a maior facilidade confunde-se com o pó o rei da creação!... um só sopro do Omnipotente faz recolher-se ao templo do nada aquelle que ha pouco ostentára seu dominio ou estendendo seu poder na terra, ou elevado de sua intelligencia até aos ceus! Terrivel decepção, verdade espantosa que nos obriga a despertar do somno em que nos collocamos, e nos descerra o ouvido para melhor testemunharmos o horrivel som da realidade. Nasce o homem e com elle a esperança, vive o homem e com elle a sorte que, sinistra, o acompanha até precipita-lo no tumulo.

Não ha dia em que a morte com seu eloquente silencio não venha sellar o direito que adquiriu sobre a humanidade, nem ha dia em que um amigo, pai ou parente nos não venha fazer vibrar as cordas mais sensiveis de nossos corações!

Hoje vemos desenrolar-se diante de nós o quadro horrivel que demonstra esta verdade! Lamentamos a morte de um amigo e irmão de arte, a quem a Providencia preparou para traçar com mão vigorosa a linha do progresso. Oito dias de uma molestia rebelde foram bastantes para arrancar do theatro do mundo o artista distincto, que desde 1838 lançou-se na arena do trabalho; filho da arte, irmão do progresso, o sr. Bellarmino de Matos, humilde como o povo de quem era filho, levantou-se até á altura de formar para seu nome a mais invejavel reputação.

Ainda com 40 annos de idade, mas já cançado do luctar do trabalho, parece que Deus quiz premiar-lhe o muito que fez pela nobre arte que professou, chamando-o para junto de si.

Sim, a arte sente um golpe, um golpe profundo com a perda de um de seus filhos predilectos, e nós que o conhecemos, nós que debaixo de suas vistas exercemos a arte a que nos orgulhamos de pertencer, nós, que tão repetidas vezes tivemos occasião de apreciar suas virtudes, não podemos deixar de levantar a voz em nome da sociedade de que fazemos parte, para protestarmos nossa eterna lembrança e saudade.

O Deus, a quem adoramos, se compadeça de sua alma e em pre-

mio do muito que fez pela humanidade, lhe dê o descanço eterno, a recompensa do justo.

27 de fevereiro—1870.

JOÃO DA MATTA MENDES.

Artigos da imprensa.

Do *Publicador Maranhense.*

Passamento.—A arte typographica está coberta de luto. Ao amanhecer de hontem falleceu senão o primeiro, ao menos um dos seus primeiros cultores,—o habil e perito typographo Bellarmino de Mattos.

Os convites para o enterro bem como este foram feitos pelo conselho director da associação typographica. Era esta a vontade do fallecido. Foi numeroso o acompanhamento que conduziu o cadaver á sepultura.

Do *Vinte e oito de julho:*

Cheios do mais profundo sentimento, pranteamos a perda de um bom filho, excellente irmão e verdadeiro amigo.

A parca, sempre inexoravel, não pára no seu sangrento caminho de destruição; não escolhe sobre quem descarregar seus golpes tremendos!

— Bellarmino de Mattos, já não pertence ao numero dos vivos!

Victima de tenaz enfermidade, que foi rebelde a todos os recursos de que podia lançar mão a sciencia, em poucos dias foi seu nome occupar lugar no vasto e interminavel cathalogo dos mortos.

O gabinete maranhense de leitura 28 de julho, instituido a 28 de julho de 1869, acaba de perder no finado um dos mais prestimosos de seus socios protectores: lugar que, desde sua instalação, foi um dos primeiros a dignamente occupar.

Os consocios do finado, pungidos por inexprimivel sentimento, lamentam perda tão irreparavel e acompanham a sua desolada familia na justa dor que a opprime.

A redacção do *Vinte oito de Julho* abunda em taes sentimentos, enviando de sua parte—uma palavra de consolação e lenitivo áquelles a quem o illustre finado era tão charo por tantos titulos; bem como a seus dignos irmãos de arte.

A terra lhe seja leve!

Do *Monitor:*

Bellarmino de Mattos.—Ha realidades crueis para o humano entendimento: somos agora, infelizmente, testemunha de uma, que punge-nos a alma de dor acerba.

Ali está um tumulo recentemente fechado, encerrando os preciosos restos de um artista superior, de um d'esses privilegiados entes a quem todo elogio é parco.

Bellarmino de Mattos, o typographo modêlo, morreu, como de ordinario costumam morrer os grandes homens, sem fortuna, sem glória, sem tradições.

Porém, nos enganamos: teve a fortuna de ser bom cidadão, bom filho, bom amigo; a glória de regenerar a arte entre nós, e as tradições do seu nome serão eternas, porque os echos alem da campa são immortaes!

A terra lhe seja leve.

Sua honrada familia desfolhando saudosos goivos sobre a campa, receba tambem nossos pezames, repassados de dor e saudade!

Paiz, — 5 de março de 1870.—N.° 28.

Da *Nação*:

Fallecimento.—Acaba a provincia, talvez o Brazil, de experimentar uma grande perda.

Na manhã de 27 do mez findo rendeu alma ao Creador um dos mais benemeritos artistas maranhenses.

O incansavel typographo, Bellarmino de Mattos, já não existe.

Victima de um cruel padecimento, que só torturou-o por oito dias, morreu.

E com elle sumiu-se na valla do sepulchro um apostolo da arte, um obreiro infatigavel, um artista intelligente, um dos mais antigos e solidos proprietarios de typographia.

Á sua consternada familia nossos sentidos pezames.

Do *Constitucional:*

Fallecimento.—Acaba de fallecer Bellarmino de Mattos, proprietario do melhor estabelecimento typographico do Maranhão.

Bellarmino de Mattos, sem offensa de alguns habilitados e distinctos de sua classe, era um grande typographo e o mais apreciado por sua intelligencia e verdadeiro conhecimento de arte.

Morreu moço, morreu quando mais precisava viver.
A terra lhe seja leve.
A sua familia damos os pezames.

Do *Apreciavel:*

Rendeu alma ao seu Creador depois de poucos dias de atroz padecimento a 26 de fevereiro, tendo sepultura no cemiterio dos Passos na tarde de 27, o typographo Bellarmino de Mattos.

Perdeu a arte typographica um de seus ornamentos quer como typographo, quer como editor.

A sua ex.ma mãe e irmãos enviamos nossos pezames.

Da redacção do *Diario do Gram Pará:*

Falleceu tambem a 27 o sr. Bellarmino de Mattos, proprietario da officina typographica em que se imprime o *Paiz*. Sua morte causada por cruel enfermidade creou geral consternação. Perdeu a arte typographica uma das suas glorias, poisque todas as obras que sahiam de sua officina tinham o cunho da perfeição, pelo que seu nome era conhecido não só em todo o imperio como em algumas partes da Europa. Foi um dos instituidores da associação typographica Maranhense, que tão importantes serviços ha prestado aos seus associados.

Paiz, — 8 de março de 1870. — N.º 29.

Belem do Pará, 1 de abril de 1870.

O *Club Scientifico* acaba de soffrer uma dor pungente, uma cruciante magoa!

Mais um nome no catalogo dos que deixam esta vida de miserias, e menos um nome na lista dos dos nossos socios honorarios.

Bellarmino de Mattos já não pertence a este mundo!

Fatal e contristadora realidade!

Bellarmino de Mattos era um cidadão prestante: Maranhão orgulha-se de lhe ter dado o berço.

A morte, lançando por terra esse varão illustre, veio ainda mais um vez provar que nada somos n'este mundo.

Bellarmino de Mattos era socio honorario do *Club Scientifico,* que lhe é devedor de muitos obsequios.

Bellarmino de Mattos era um cidadão util á sua patria e incansavel lidador do progresso.

Sua dedicação, esforços e sacrificios; seu amor ao trabalho; sua perseverança em emprezas grandiosas, como sua alma, grangearam-lhe a estima e consideração de seus considadãos; porque ninguem no Brazil ignora que a elle, quasi exclusivamente, deve a provincia do Maranhão o estado de progressivo desenvolvimento em que se acha a arte typographica.

Cidadão util ao seu paiz e de intelligencia elevada, tanto que comprehendeu o que é a imprensa, é hoje chorado por todos aquelque lhe conheceram as virtudes domésticas e sociaes.

Nós tambem, pranteando a morte de um cidadão tão prestimoso e illustre pelo trabalho, e dando os pezames á sua ex.ma familia, fazemos votos ao supremo árbitro dos destinos da humanidade para que sua alma descance em paz, goze o premio de suas virtudes!

Do *Pharol* (de Caxias), n.º 4 de 2 de abril de 1870.

GLORIAS!

(Ao Maranhão)

> Eu amo a ilha verde como a esmeralda entre flócos de neve, ou como a esbelta palmeira perdida nas solidões do oceano.
>
> NUNO ALVARES—*Folhas sôltas.*

I

O mar é largo e verde: as ondas inquietas
brincando se entrechocam, e as lucidas palhetas,
que o sul batendo n'agua, faz d'ella resaltar,
do céo na face azul vam fulgidas brilhar.
Nos páramos infindos as nitidas espumas
se espalham, similhando as tão nevadas plumas
que a garça, quando vôa por cima de algum lago,
das azas cair deixa. Um canto puro e mago,
por sobre as ondas trêmulas se eleva, e corre e voa,
e aos pés de Deus mais puro e harmonico resoa.
No ceo de azul as nuvens, em grupos, em novellos

semelham dos cordeiros alvissimos os vellos
de lan, que pelos campos esparsos, pelos prados
no ar revoluteiam, do vento bafejados.
Tudo é deserto e vasto, ás vezes tão sómente
se avista de algum barco a véla transparente,
ou'aza de algum'ave marinha que atrevida
vae alem-mar, bem longe, buscar nova guarida.
Olhai ao Norte.

Além, na extrema enfumaçada
do mar, como a odalisca no manto rebuçada,
destaca-se uma sombra, uma encantada ilha,
do Oceano a mais formosa, a mais dilecta filha.
O Atlantico, que o corpo lhe cinge, cubiçoso
se roja ás suas plantas tremente, marulhoso,
e a cinta lhe apertando em amoroso enlace
de gosos e delícias em languidez desfaz-se.
Dir-se-hia linda moça a quem o terno amante
cercasse de caricias, e doido, palpitante,
o somno lhe guardasse, beijando-lhe os vestidos,
no seu amor sómente immersos os sentidos.

Os astros, as estrellas no céo, para melhor
olha-la, se debruçam e dizem: — Linda flor,
quem és, ilha de amores, terrestre paraiso
a quem a vaga implora a graça de um sorriso?
Quem és, que assim tão bella te mostras, tão formosa?
Accaso alguma concha nevada ou côr de rosa
que, pelo mar boiando, viesse aqui parar,
por não poder nos céos ir pura se encravar!

E a ilha, respondendo enamorada, diz: —
— «eu tenho um nome lindo, me chamam S. Luiz.—

Chegai mais perto d'ella. Que vêdes? a verdura
que como uma esmeralda reluz, brilha e fulgura;
do palmeiral contínuo os leques que brandeiam
ao sôpro dos favonios, que ali revoluteiam;
dois rios,—duas fitas azues, que deslaçadas

o corpo lhe ornamentam, gemendo apaixonadas,
—assim sobre o vestido que a joven feiticeira,
após o baile, esquece pousado na cadeira,
a fita dos enfeites, o atacador, ou o cinto
em lindos arabescos desenham um labyrinto.
Que vêdes mais? ao longe o continente verde
onde cançada a vista dilata-se e se perde.

Por cima d'isso tudo, em mar de azul e oiro,
nos ares se balança um esplendido thesouro,
uma coroa augusta, um magico diadema,
que em si contem a história de um povo e seu poema.
As nuvens que perpassam de longe estão a vel-a,
com medo que mareiem o brilho d'essa estrella.
De cima Deus sorri, e, vendo a maravilha,
se orgulha e diz aos astros:—«Aquella é minha filha.
A c'roa é toda de oiro e os rutilos brilhantes,
que estão cravados n'ella, scintilam coruscantes,
lançando tantas chispas que formam em deredor
uma divina aureola, um santo resplendor.
D'entre essas pedras todas explendidas formosas,
ha cinco que destacam-se maiores, magestosas,
ha cinco a quem o sol, de pejo, não encára,
ha cinco cuja luz ao infinito aclára.

II

Na primeira, que ostenta-se brilhante,
se encarna o vulto masculo e gigante
de inspirado cantor,
Poeta, foi buscar as harmonias
na harpa de David, e as melodias
na lyra do Senhor.

Homero, se escutasse os seus harpejos,
se de sua lyra os languidos adejos
ouvisse uma só vez,
ante a voz do poeta extasiado
sem dó nenhum teria espedaçado
a cythara a seus pés!

O calledonio Ossian, que cantava
nas montanhas da Escocia, e que entoava
o poema de Fingal,
pediria ao senhor que lhe mandasse
aos seus olhos a luz p'ra que avistasse
o cantor immortal.

E Luiz de Camões, o lusitano,
que esse poema altivo e sobrehumano
traçou com habil mão,
se o visse dir-lhe-hia:—«Irmão dilecto,
vem a meus braços, cinge-me este peito.
vem, tu és meu irmão».

Quem o escutasse a desferir as notas,
que das mansões ethereas ignotas,
desciam ao labio seu,
julgaria uma chuva ser de perolas,
—tal era o brilho d'essas vozes cerulas,
d'esse canto do céo!

Hoje descança. O leito mortuario
é o oceano, as vagas o sudario
do cantor immortal
A estrella de seu nome, diamantina,
da c'rôa em que se encrava inda illumina
a sua terra natal.

O seu nome... quem ha que o desconheça
e que, por um momento só, se esqueça
do rei das harmonias?
As florestas, os mares, as cascatas
o repetem chorando, e o indio e as mattas,
e elle é—*Gonçalves Dias!*

III

Vêde a segunda estrella. O nome respeitado,
que enxerga-se atravez do fóco illuminado,
do lindo diamante, rutila — *João Lisboa,* —
nome que encerra em si um sceptro e uma corôa,
Não c'rôa de monarcas, não sceptro de algum rei
que podem decaír, se o povo diz: — descei!
porem outra mais nobre, porem outro maior,
o sceptro e a corôa de poeta e prosador.

Vêde-lhe a face augusta, severa e pensativa,
aos gosos e prazeres parece que se esquiva,
e, todo entregue ao'studo do mundo se despega;
e vae buscar no céo a luz que Deus lhe entrega;
a luz da intelligencia, do genio, do talento,
a realeza unica que val'um monumento.

Elle era liberal. Sua magica palavra,
bem como o raio igneo que os cedros escalavra,
troava na tribuna, e o povo que o escutava
do democrata o vulto sorrindo abençoava
Abri o seu — *Timon* — e vêde a precisão
com que elle descrevia as chagas da nação,
e a critica mordaz, o inimitavel sal
com que zurzia os homens da luta eleitoral,
ao povo ignorante mostrando os seus defeitos,
aconselhando sempre das urnas os eleitos,
Sua penna manejada com arte, com primor,
fazia lembrar — Cicero — o válido orador.
Versado na moderna, na media, e antiga história,
sendo glória escreveu a vida de outra glória.

Das aguias é costume querer em campo aberto
as azas estender, fitar o sol de perto.
Da culta Europa os genios de longe lhe acenavam,
e as festas da sciencia os olhos lhe offuscavam,

e a sêde do saber, que os brios lhe accendia,
roubou-o da sua patria, levou-o á Europa fria.
Ali de sua familia ausente, elle morreu;
seu corpo hoje descança na terra onde nasceu,
e a estrella de seu nome, das glórias na corôa,
com letras de oiro e luz soletra—*João Lisboa!*—

IV

Fulge a terceira estrella.-Saudai-a, brisas languidas,
que vindes lá da Italia viver cá no Brazil;
a fronte desencrespa, oh! lindo mar Adriatico!
deixa que ella mire-se em tu'agua de anil.

Soltai vossos perfumes, oh! flores côr de purpura!
que em Mantua vegetaes, sorrindo ao céo azul:
formai lindas corôas e vinde bellas, candidas,
cingir o busto a um genio da America do Sul!

Poeta Mantuano, soergue-te do tumulo
e vem saudar de perto um vate, teu irmão,
que devassou-te o cofre d'essas bellezas fulgidas,
que em teu poema encontram-se com tanta profusão.

E vós, ilhas da Grecia, esparsas no archipelago,
vinde encarar tambem a ilha vossa irmã,
que espera ter nas folhas da história litteraria
uma formosa pagina, nevada, alva e louçã.

Quebrai as vossas campas, rompei vossos sudarios,
heroes da decantada Illiada immortal,
saudai a linda estrella a reluzir no ether,
e a rebrilhar do oceano nas agoas de chrystal.

o nome que soletra-se na estrella formosissima,
e que scintilla envolto em magico fulgor
é—*Odorico Mendes*—de Homero e de Virgilio
o interprete fiel, eximio traductor.

Poeta, soube unir com arte e gôsto e merito,
do verso ao pensamento belleza e expressão;
e tendo praticado té hoje o mais notorio
milagre, o mais sublime, de fôrça e concisão.

A morte repentina o roubou a sua patria,
e alem, por entre nevoas, repousa na Inglaterra,
e a estrella de seu nome—um raio sobre a Italia,
um outro sobre a Grecia—reluz na sua terra.

V

A quarta estrella brilha fulgurante,
e nem ha treva que lhe empane a face;
tal é o resplendor do genio ousado,
que n'ella se encarnou.

Surge, sombra de Newton, surge, abraça
d'essa creança o vulto magestoso,
que igual a ti seria se a existencia
tão breve não lhe fosse.

E tu, Blaise Pascal, que descobriste
com teu genio somente e tua vontade,
esses segredos que a sciencia esteril
dos numeros encerra.

Levanta-te da tumba em que te deitas,
dormindo o somno eterno, socegado,
vem a mão apertar (que não te abaixas)
ao moço maranhense.

Vinde vós todas, sombras respeitaveis
de Laplace, de Euclydes, de Pythagoras,
saudai a estrella que a fulgir nos ares
reluz—*Gomes de Sousa*-

Que fôrça de talento se aninhava
n'essa joven cabeça! Deus formando-a,
da propria obra admirou-se e disse:
— «É muito para o mundo».—

Vinte e um annos apenas, e já tinha
enthesourada na cabeça fervida
tanta sciencia, que seria insania
exigir-se ainda mais.

Era pequena a terra p'ra conte-lo,
A envergadura de suas azas largas
só podia encontrar no espaço infindo
diametro bastante.

Elle está lá e no infinito paira,
do sol fitando a luz incandescente,
mas de seu nome a estrella que scintilla
illumina sua patria.

VI

A quinta estrella finalmente surge.
Deixai que eu prenda n'um estreito élo
as glórias dos poetas á do artista,
a intelligencia ao prélo.

Nem desdoura que a par de tantos genios
um tambem se colloque de outra esphera;
o artista possue o seu reinado,
aonde o braço impera.

Já longe vai o tempo em que sómente
tinham valor dos nobres os brazões,
nobreza herdada, estulta que cobria-se
de sedas e galões.

Hoje a nobreza existe na ferrugem
que cobre a mão callosa do operario,
consiste no talento, e o poeta é nobre,
como é o estatuario.

Junto a Gonçalves Dias, João Lisboa
o alumno póde vir de Gutemberg.
Bellarmino de Mattos, d'essa campa,
em que descanças, te ergue.

Vem, ou vem, tu que tanto te esforçaste
Para honrar tua patria estremecida,
Tu que, em tua officina trabalhando
lhe déste tanta vida.

Vem, traze o teu emblema de typographo —
o rolo, o prelo, as chapas, as vinhetas —
e te encarna n'aquella estrella última,
ali entre os poetas.

Tu foste a providencia das escholas,
e da litteratura que tropeça
foste a columna forte, braço válido
que ajudava a cabeça.

Deixa pois que eu te preste o meu respeito,
a ti que não temeste entrar na luta;
a cabeça que pensa e ordena é nobre,
e o braço que executa.

A ti, oh minha patria! meu canto pobre e rude
perdoa se esta offerta vae marear teu brilho;
ella é de coração e tem uma virtude —
dictou-a um peito franco que te ama o que é teu filho —

7 de maio de 1870.

GELSO MAGALHÃES.

(*Paiz*, n.º 62 de 19 de maio de 1870.)

O CONSELHEIRO

FRANCISCO JOSÉ FURTADO

Nota F

Historia geral dos homens vivos e mortos no seculo 19.º, impressa em Genebra em 1860–1868—pag. 342

Senador; ex-ministro da justiça; ex-presidente do conselho de ministros; ex-presidente da camara dos deputados; ex-presidente da provincia do Amazonas; official da ordem da Rosa etc., etc.

«Nasceu Francisco José Furtado aos 3 de agosto de 1818 na cidade de Oeiras, antiga capital da provincia de Piauhy.

«Em 1839, depois de ter brilhantemente concluido os seus estudos na faculdade de direito de S. Paulo, recebeu o grau de bacharel em sciencias juridicas e sociaes. Encetou a sua carreira politica em 1840 como advogado na cidade de Caxias, provincia do Maranhão, onde residia sua familia, nomeado juiz municipal do mesmo termo, ahi exerceu interinamente a vara de juiz de direito até abril de 1841, quando pediu e obteve demissão por desintelligencias com o presidente da provincia.

«Abandonando a magistratura entregou-se á advocacia até que em 1846 foi de novo nomeado juiz municipal de Caxias, e logo em 1848 juiz de direito.

«Eleito deputado pela provincia do Maranhão em 1847, quando subia ao poder o partido conservador, partido hostil ás suas ideas

liberaes, foi Furtudo removido como juiz de direito para a capital do Pará, onde tambem exerceu os importantes cargos de juiz dos feitos da fazenda e auditor de guerra até 1856, quando foi removido a pedido para a vara de juizo especial do commercio da capital da provincia do Maranhão.

«Presidiu a provincia do Amazonas de 1857 a 1859. Reeleito em 1861 deputado pela provincia do Maranhão ahi organisou com o senador Dias Vieira a liga ou fusão dos liberaes com os conservadores moderados, idea que a camara dos deputados adoptou.

«Derrubado em maio de 1862 o ministerio de 2 de março pelos esforços d'este novo partido, o conselheiro Furtado fez parte, como ministro da justiça, do gabinete de 24 de maio organisado pelo senador Zacharias. Dissolvido poucos dias depois este ministerio pela opposição desordenada que lhe fizera o partido conservador, voltou Furtado ao Maranhão a exercer as funcções de magistrado; sendo logo reeleito deputado por quasi unanimidade para a cadeira que deixára vaga na camara dos deputados quando acceitára a nomeação de ministro de estado, segundo as leis do paiz.

«Dissolvida a camara dos deputados em 1863 pelo gabinete de 30 de maio, foi de novo reeleito o conselheiro Furtado, presidindo então a camara dos deputados de 3 de fevereiro a 30 de julho de 1864, quando foi escolhido senador do imperio. Furtado conservou-se sempre fiel aos principios liberaes, defendendo-os já na imprensa e já na tribuna.

«Chamado ao poder pela retirada do gabinete de 15 de janeiro, Furtado organisou o de 31 de agosto de 1864, exercendo as funcções de presidente do conselho e ministro da justiça.

«Este ministerio teve de luctar com os maiores e as mais imprevistas difficuldades; dez dias depois de sua organisação declarou-se a assustadora crise financeira de 10 de setembro; e teve principalmente que sustentar a guerra contra a republica do Uruguay e a do Paraguay, que por surpresa invadiu o imperio no mez de dezembro, não tendo então o Brazil marinha nem exercito.

«Em tão criticas circumstancias não hesitou o gabinete Furtado; reprimiu a crise financeira promulgando medidas energicas, e preparou-se para a guerra com grande actividade e energia. Confiando no patriotismo dos brazileiros, em vez de recorrer ao recrutamento, creou os corpos de voluntarios da patria, e por esse meio augmen-

tou consideravelmente o exercito; e fazendo ao mesmo tempo reparar os navios da esquadra, comprou outros e mandou construir novos.

«Em menos de seis mezes terminou a guerra com a republica do Uruguay; e quando a 8 de maio de 1865 largou o poder, o gabinete Furtado deixou em armas cerca de 40:000 homens e uma esquadra que em 11 de junho destroçou a do Paraguay em Riachuelo.

«Atarefado com os preparativos para a guerra, este ministerio não deu de mão os negocios internos; declarou livres os africanos introduzidos no imperio depois da abolição do tráfico, regularisou as questões hypothecarias, etc. etc.

«Perante a immensa opposição originada na ambição dos partidos, o gabinete Furtado preferiu renunciar o poder a prorogar ou dissolver as camaras, por isso que estando o paiz empenhado em uma grande guerra, qualquer d'essas medidas poderia pôr obstaculos á continuação da mesma guerra.

«Magistrado intelligente e integro, seu nome é um dos mais estimados e venerados no seu paiz, e a sua rara intelligencia dá-lhe grande aptidão para as funcções administrativas, e na tribuna como na imprensa a sua linguagem é sempre correcta e elegante, suas opiniões sinceras e emittidas com grande franqueza e simplicidade.

«O conselheiro Furtado distingue-se ainda mais e muito entre os seus contemporaneos politicos pela firmeza de principios, culto profundo que vota á verdade, e pelo amor com que serve a sua patria.» (Traduzido por Antonio Hennoch dos Reis.)

Nota G

... pela confissão espontanea e sincera dos proprios adversarios politicos!

pag. 344

O Diario do Rio de Janeiro, orgam do partido conservador, no seu numero de 24 de julho (1870) consagrou á memoria do senador conselheiro Francisco José Furtado este bello artigo editorial devido á pena do ex.mo sr. dr. Antonio Ferreira Vianna, então seu

redactor, e hoje vereador presidente da camara municipal da côrte, deputado geral e advogado do fôro da mesma côrte:

«Depois de lisongeiras esperanças, appareceu a mais triste decepção e a mais cruel realidade: succumbiu o conselheiro Francisco José Furtado, senador pela provincia do Maranhão!

«Ainda hontem era um dos ornamentos da camara vitalicia, e hoje um cadaver—pó!

«É justo que inclinemos respeitosos a fronte diante da sincera e legitima dor que punge o coração dos amigos e admiradores d'aquelle illustre brazileiro.

«Não tivemos a fortuna de conhecer pessoalmente o conselheiro Furtado; e se durante a sua vida não lhe negámos as devidas homenagens, como as recusariamos hoje á sua memoria?

«Raiou para elle o sol da verdade e da justiça! As paixões do mundo emmudecem á beira da sepultura.

«O finado junctava duas virtudes que quasi sempre andam separadas: a firmeza e a moderação. Dedicado a seu partido, amava tanto a justiça que jámais immolou-a ás exigencias de occasião ou aos interêsses de seus amigos.

«Quando o vimos fóra da magistratura, profundo foi o nosso pezar. O conselheiro Furtado tinha todas as qualidades superiores que se requerem para um grande juiz: estudos profundos, espirito indagador, severo sem crueldade, benevolo sem fraqueza, e inaccessivel ás seducções da amisade, ou ás tentações do despeito. Sempre acima das paixões que se agitavam em tôrno d'elle, todos admiravam aquella constancia imperturbavel, aquella impassibilidade sem estremecimentos.

«A magistratura perdeu tão bello modêlo, e a advocacia não teve tempo para recolher os edificantes exemplos de abnegação e de coragem com que teria de illustrar esta nobre profissão.

«Foi uma grande perda.

«Magistrado, deixa á sua familia e á patria uma reputação immaculada; contra ella o odio e a inveja não levantaram suspeita, e a aleivosia nem sequer cogitou em duvidar de sua pureza.

«Estadista, foi a imagem da abnegação! Desce á sepultura com a simplicidade da virtude. Emquanto todos se nobilitavam com honras e dignidades, elle se occultava para não ser lembrado! Os serviços relevantes que prestou durante a dura guerra contra o Para-

guay, não tiveram outra recompensa que o reconhecimento nacional e a satisfação, graça divina de ver subjugado o cruel inimigo da patria.

«Almas da têmpera d'aquella não se deixam attrahir por vaidosos ouropeis. O unico brasão que lhe competia, elle o deixava brilhante: — o de servidor da patria.

«O conselheiro Furtado não sendo orgulhoso era comtudo altivo; cedia á razão, mas não sabia transigir com caprichos. Tinha a coragem, hoje rara, de assumir toda a responsabilidade de seus actos; não se desculpava com influencias estranhas. Se pedia desculpa de seus erros, não os imputava a outrem.

«A sua illustre familia fica na mais digna pobreza. Se os thesouros da nação não se fecharam para suavisar as privações de tantos servidores da patria, esperâmos que o govêrno será prompto em abril-os para manter dignamente a familia do illustre finado, que, no ministerio de que foi presidente, concorreu com tanta actividade quanto patriotismo para armar o imperio em defeza de sua honra e integridade.

«Quanto á sua alma, nós rogâmos a Deus, que, pelo precioso sangue de Nosso Senhor Jesus Christo, a chame á bemaventurança eterna.»

Dizia tambem n'estes termos o *Jornal da Tarde* (conservador) do dia seguinte ao do fallecimento do conselheiro Furtado:

«Falleceu no dia 23 do corrente, ás duas horas e meia da tarde, e sepultou-se hontem o conselheiro Francisco José Furtado.

«É sempre motivo de pezar para a nação a morte de um estadista distincto e das elevadas qualidades do illustre morto, qualquer que seja o partido a que pertença.

«O conselheiro Francisco José Furtado collaborou na imprensa e elevou-se no parlamento desde a assembléa legislativa da sua provincia até o senado, tendo tido a honra de presidir a camara dos senhores deputados; honrou a magistratura, distinguiu-se na administração, e chamado primeiro ao cargo de ministro e secretario de estado, e depois ao de presidente de conselho de ministros, assignalou a sua entrada nos conselhos da corôa com a instituição dos voluntarios da patria, em que poucos confiavam, e sem a qual, no entretanto, não teriamos conquistado as glórias que conquistámos nos campos de Paraguay. Aos que duvidavam do êxito d'essa institui-

ção, respondia elle cheio de fé: «—Se a nação não acudir a este appêllo, quando se trata de vingar a sua honra ultrajada pelo estrangeiro, seria necessario confessar que estamos perdidos.—» Organisação eminentemente energica e patriotica, não podia elle duvidar da energia e patriotismo de seus patricios, que tão dignamente corresponderam á confiança n'elles depositada.

«Homem inteiramente dedicado ao seu partido, e que fazia recordar alguns dos grandes typos da opposição liberal do primeiro reinado, o conselheiro Francisco José Furtado sabia conciliar os deveres da politica com as relações pessoaes; tinha muitos amigos entre os seus adversarios, e por isso o seu tumulo é orvalhado pelo pranto da familia, a que elle legou honra e pobreza, dos co-religionarios, que perderam um dos seus mais importantes cheffes, e de todos os que conheceram de perto um brasileiro tão distincto.»

Quanto aos discursos dos ex.mos srs. marquez de Abaeté e Candido Mendes de Almeida, proferidos em uma e outra casa do parlamento, ficaram já apontados nas páginas 334 e 344 d'este tomo.

Na primeira columna da primeira pagina da *Reforma* de 26 de julho vinha a seguinte noticia:

Club da reforma

«Em sessão de hontem o—Club da Reforma, para significar os seus sentimentos pela morte do conselheiro Francisco José Furtado, consocio do Club e um dos mais eminentes cheffes do partido liberal, resolveu:

«1.º Que todos os membros tomassem lucto por sete dias.

«2.º Que uma commissão fosse dar os pezames á familia em nome do club.

«3.º Que a commissão administrativa mandasse celebrar missas pelo repouso eterno do illustre finado no mesmo dia e egreja, em que o fizesse a familia.»

Em seguida trazia este bem escripto artigo.

«Rio, 26 de julho de 1870.»

Funeral

«No dia 23 ao meio dia, baixou a sepultura o senador Francisco José Furtado.

«Ás onze horas da manhã o cortejo funebre estava postado desde a rua do Riachuelo até o alto de Santa Thereza, onde jazia o cadaver em meio da familia e de numerosos amigos.

«Era desolador o espectaculo que offerecia o interior d'aquella casa, situada n'uma das collinas da rua do Oriente, aonde fôra o illustre senador procurar allivio aos seus males e achou a morte inexoravel ás lágrimas de uma esposa e cinco filhos, inflexivel aos votos da amizade, rebelde aos esforços dos mais distinctos medicos, como os drs. Pertence e Moreira, que eram a sciencia devotada á cabeceira do enfermo.

«Não se póde descrever a scena luctuosa de uma familia que se desfaz em pranto sobre o corpo inanimado de seu cheffe, que fôra-lhe o arrimo, a esperança, a glória, e o resumo de todos os amores. Alli estavam a viuvez, a orphandade, a pobreza honrada, de joelhos ao pé de um ataúde, de mãos postas a invocar a misericordia divina entre os gemidos da mais acerba dor. Ao pranto da familia, que chorava o esposo exemplar, o pae estremecido, misturava-se o dos amigos e de muitos cidadãos, que comprehendiam a grande perda da sociedade brasileira.

«N'aquelle cadaver de um homem pobre, rodeado de tantas angustias, viam todos um servidor do estado, que o servira nos mais elevados cargos com rara abnegação, e deixára na magistratura, no parlamento e no estreito circulo dos nossos estadistas um vacuo difficil de preencher.

«O sentimento público sagrou-o benemerito da patria. Depois da morte de Theophilo Ottoni, não houve igual manifestação de dor n'esta cidade.

«Mais de duzentos carros espalharam-se em derredor da triste habitação até á base da montanha. Cidadãos de todas as classes affluiam em multidão, e o pezar estava no semblante de todos, sem distincção de partidos, digamo-lo em honra d'elles.

«Por parte de Sua Magestade o Imperador esteve presente o sr. conde de Iguassú; por parte de sua alteza o sr. conde d'Eu, o seu camarista dr. Martins Pinheiro. Compareceram muitos senadores, deputados, magistrados, e grande numero de pessoas do commércio.

«O grande Oriente e todas as officinas mandaram commissões.

«Ao sahir o feretro foi conduzido até o carro funebre pelos srs.

conselheiros Carneiro de Campos, J. Liberato Barroso e Pinto Lima, collegas do illustre finado no gabinete de 31 de agosto, pelos senadores Sousa Franco e Octaviano e pelo dezembargador Magalhães Castro.

«Ao entrar no cemiterio de S. João Baptista, levaram-no ao ultimo jazigo os srs. presidente do senado visconde de Abaeté, conde de Iguassú, dr. Martins Pinheiro, senadores Cansansão de Sinimbú, Pompeu e Nunes Gonçalves.

«Entre os adversarios politicos, que n'essa occasião solemne deram significativas demonstrações de verdadeira estima e aprêço ao senador Furtado, é-nos grato mencionar os nomes do sr. barão de Cotegipe, ministro da marinha, e dos srs. deputados Candido Mendes e Augusto O. Gomes de Castro.

«As manifestações do senado e da camara temporaria, os eloquentes artigos do *Diario do Rio* e do *Jornal da Tarde*, que publicámos, exprimiram fielmente o sentimento geral da população.

«Honra ao espirito nacional, que se mostra reconhecido aos serviços de um brasileiro digno de todas as homenagens.

«Na mudez de nossa dor, apenas podemos ajoelhar-nos junto á campa do nosso amigo, do nosso chefe, mestre e modêlo de grandes virtudes, e erguer os olhos ao ceo...» (*Reforma* n.º 165 de 26 de julho de 1870).

A respeito do conselheiro Furtado ha mais a seguinte obra:

O conselheiro Francisco José Furtado.—*Biographia e estudo da historia politica contemporanea*, pelo conselheiro Tito Franco de Almeida, Rio de Janeiro, 1867.— É um volume in-8.º de 482-VIII pag. e com o retrato do biographado no rosto. Foi commemorada a perda de tão illustre estadista em varios jornaes das provincias, quer de um e outro credo; mas baldados foram os nossos esforços para havel-os á mão, conseguindo de um amigo apenas o que fica transcripto.

INDICE

PAG

Advertencia..... IX
VI O brigadeiro Feliciano Antonio Falcão..... 1
VII O senador Joaquim Franco de Sá..... 31
VIII O senador conselheiro Joaquim Vieira da Silva e Sousa . 65
IX O senador conselheiro João Pedro Dias Vieira..... 91
X O dr. Joaquim Gomes de Sousa..... 107
XI Antonio Joaquim Franco de Sá..... 147
XII O conselheiro João Duarte Lisboa Serra..... 171
XIII Trajano Galvão de Carvalho..... 199
XIV Bellarmino de Mattos..... 223
XV O senador conselheiro Francisco José Furtado..... 265
Notas..... 347

FIM DO TOMO II

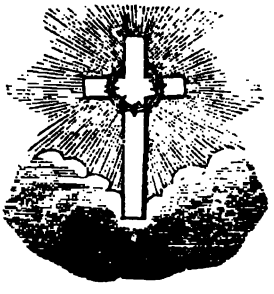
ERRATA

AO

TOMO PRIMEIRO DO PANTHEON MARANHENSE

PAG.	LIN.		ERROS		EMENDAS
6	10	em vez de	da d'ella.....	lea-se	d'ella
»	20	»	o monarcha.....	»	e o monarcha,
18	18	»	dobramente.....	»	dobradamente
21	1	»	o meritorio.....	»	com o meritorio
»	2	»	unimaram-n'o.....	»	por animaram-n'o
36	6	»	ás vicios.....	»	vícios
53	1	»	grande formato.....	»	grande, formato
76	28	»	Itamaracú.....	»	Itamaracá
128	20	»	n'ella.....	»	d'ella
133	28	»	supersticiosos.....	»	os supersticiosos
152	5	»	A Grecia.....	»	Da Grecia o genio
»	12	»	véo.....	»	vôo
»	32	»	laureada.....	»	honrada
194	7	»	Maria Carolina.....	»	Maria Cherubina
»	22	»	treze dias.....	»	treze mezes e treze dias
219	13	»	mi inseparaveis.....	»	inseparaveis
253	9	»	Francisca.....	»	Rosa Francisca
260	5	»	José Brito.....	»	José Bento
»	17	»	Brito.....	»	José Bento

Réctificação. — Por mal informado e fundado na práctica sempre seguida no nosso paiz, onde costuma o govêrno imperial remunerar os bons serviços dos juizes de direito que obteem aposentadoria, gratificando-os com as honras de dezembargador, fui induzido a dizer na nota da pag. 263 do 1.° tomo que o dr. Cassio fôra um d'elles; mas hoje sei que se não deu esse acto de toda justiça com o nosso probo, integro e distincto comprovinciano por ter contra si o peccado de suas opiniões politicas. Apresso-me tambem a declarar que testemunha quasi occular, por tel-o ouvido muitas vezes da propria bocca do barão de Pindaré, informa-me que o documento queimado na reunião da casa do senador Costa Ferreira e a que me refiro na pag. 260 (tomo I), não foi a resposta dirigida a Feijó; mas a carta em que este instava com o senador para que acceitasse a regencia. Ou por que não quizesse o padre *José Bento Leite Ferreira de Mello* (que é este o nome do senador por Minas, um dos assignatarios da proposta da maioridade e depois assassinado) que ficasse um documento e qual o liberal preferido por Feijó para substituil-o, ou porque contivesse queixas, censuras e apreciações dos homens e da situação politica, desfavoraveis ao partido e a alguns personagens, o certo é que o padre José Bento fel-o assim desapparecer.



Stanford University Libraries
3 6105 013 767 129

F
257
.H39
v.2
[redacted]
STACK

Stanford University Libraries
Stanford, California

Return this book on or before date due.